**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ELISÂNGELA SALES TEIXEIRA

**DIFERENTES OLHARES ACERCA DOS PROCESSOS DE PARTICIPAÇÃO
DOCENTE NA CONSTRUÇÃO DA POLÍTICA CURRICULAR EM ITATIBA
(2001 – 2012)**

**São Paulo
2015**

ELISÂNGELA SALES TEIXEIRA

**DIFERENTES OLHARES ACERCA DOS PROCESSOS DE PARTICIPAÇÃO
DOCENTE NA COSTRUÇÃO DA POLÍTICA CURRICULAR EM ITATIBA
(2001 – 2012)**

**Dissertação apresentada à Faculdade de
Educação da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Mestre em Educação**

**Área de concentração: Didática, Teorias de
Ensino e Práticas Escolares.**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rita de Cassia Gallego

São Paulo

2015

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

371.13 Teixeira, Elisângela Sales
T266d Diferentes olhares acerca dos processos de participação docente na construção da política curricular em Itatiba (2001-2012) / Elisângela Sales Teixeira; orientação Rita de Cassia Gallego. São Paulo: s. n., 2015.
272 p. ils.; tabs.; anexos

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação.
Área de Concentração: Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares) –
- Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Municipalização do ensino 2. Formação continuada do professor
3. Política educacional 4. Currículo de ensino fundamental 5. Saberes do docente I. Gallego, Rita de Cassia, orient.

Nome: TEIXEIRA, Elisângela Sales

Título: Diferentes Olhares Acerca dos Processos de Participação Docente na Construção da Política Curricular em Itatiba (2001 – 2012)

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Rita de Cassia Gallego

Julgamento:_____

Instituição: FEUSP

Assinatura:_____

Prof^a. Dr^a. Rosario Silvana Genta Lugli

Julgamento:_____

Instituição: UNIFESP

Assinatura:_____

Prof^a. Dr^a. Cláudia Valentina Assumpção Galian

Julgamento:_____

Instituição: FEUSP

Assinatura:_____

Ao Jeferson, à Jennifer e à Mel: minha família!

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a **Deus** pela vida e por me dar discernimento das coisas, nas horas que mais precisei.

Agradeço também a **Nossa Senhora** por me guiar, me proteger sempre, em todo o meu caminhar.

A meu marido **Jeferson**, por me acompanhar desde o início nesta empreitada, dando-me força, incentivo, amor e carinho, apesar de minha ausência.

À minha filha querida, **Jennifer**, peço perdão pela ausência e agradeço por fazer parte da minha vida. E não posso deixar de agradecer nossa cachorrinha **Mel**, por todos os dias ter ficado embaixo da cadeira, enquanto este trabalho era concebido.

À minha família meus pais **Jair** e **Zilda**, meus irmãos **Elaine** e **Daniel** que sempre me apoiaram e sei o quanto fiquei longo deles.

À Professora **Rita**, amiga querida, por me apoiar, orientar, enfim transformar este sonho em realidade.

Às professoras **Rosario Lugli** e **Claudia Galian** pela leitura atenta e por me fazer enxergar questões para melhorar este trabalho, durante o momento de qualificação.

Aos entrevistados o **Secretário de Educação** de 2001 a 2008, à **Secretária de Educação** de 2009 a 2012, às **Supervisoras Sabedoria** e **Encantada**, às **Diretoras Paixão** e **Consciente** e os **Professores: Escritora, Comprometida, Engajado** e **Realista**, por prontamente aceitaram ao convite para fazerem parte desta pesquisa.

Às várias pessoas que me incentivaram para persistir neste sonho, em especial, à **Lucilene**, à **Maria Inês** e **Bete** que me apoiaram, durante os meus momentos de tensão. À **Ana Paula** que prontamente me auxiliou no trabalho de formatação e à **Susana** pelo incentivo de sempre e ao final me auxiliou no Abstract.

Às amigas **Malú** e **Milena** pelos anos que passamos juntas, durante as disciplinas e pelo incentivo, amizade e carinho.

À **Secretaria de Educação de Itatiba**, por me apoiar fornecendo os dados e informações necessárias, para a construção deste trabalho.

À **Universidade de São Paulo** pela oportunidade que me foi concedida, tornando possível a realização deste grande sonho.

*“Não serão nossos gritos a fazer a diferença,
mas sim a força contida em nossas mais
delicadas e íntegras ações”.*

Gandhi

RESUMO

TEIXEIRA, E.S. **Diferentes Olhares acerca dos Processos de Participação Docente na Construção da Política Curricular em Itatiba (2001 – 2012)**. 2015. 272 f. dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

A presente dissertação é fruto da pesquisa que teve como objetivo investigar a participação docente, do Ensino Fundamental II, no processo de formação continuada e principalmente na construção da política curricular do município de Itatiba, o qual tem o ensino municipalizado do 1º ao 9º ano desde 1999. Vale ressaltar que o estudo discorreu entre a gestão municipal de 2001 a 2008 e a gestão de 2009 até 2012. A investigação se desenvolveu a partir das seguintes fontes: entrevista com o Secretário de Educação que atuou entre 2001 e 2008 e com a Secretária de 2009 a 2012; entrevista com duas supervisoras que participaram de todo o processo de 2001 a 2012; entrevista com duas diretoras que atuaram desde a municipalização até 2012; entrevista com quatro professores que se efetivaram após a municipalização (2001), atuam até hoje e participaram do processo de formação até 2012; documentos oficiais: Constituição Federal de 1988, LDB (9394/96), Diretrizes Curriculares Nacionais, FUNDEF (1997), FUNDEB (2007), Deliberação CEE nº73/2008, Lei da municipalização (3110/99), Lei do Sistema de Ensino do município de Itatiba (3485/2001), Projeto Político Pedagógico da SE de 2008, assim como os documentos curriculares do município: de 2001 a 2008 – Orientações Curriculares e de 2009 a 2012 – Currículo do Ensino Fundamental do 6º ao 9º de todas as disciplinas. É por meio de uma pesquisa qualitativa que esta dissertação se delineia. Desse modo, com entrevistas semiestruturadas bem como roteiros previamente elaborados, tivemos como critérios de escolha dos sujeitos: profissionais da educação que atuaram desde a municipalização até 2012, que participaram de todo o processo de formação continuada e da construção da política curricular. Nessa perspectiva, as entrevistas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas para o processo de análise. Dessa forma, o processo de análise consistiu na organização dos dados em categorias e subcategorias, estas estabelecidas pelo próprio conteúdo das entrevistas colhidas dos sujeitos, como também no entrecruzamento do conteúdo das entrevistas com os dados documentais das diferentes fontes utilizadas, que foram, por sua vez, analisados e discutidos à luz do referencial teórico que fundamentou a pesquisa. O estudo foi realizado com base em contribuições de autores que discutem o currículo (Veiga, Silva, Apple, Moreira, Sacristán), os saberes docentes (Tardif), a formação continuada de professores (Nóvoa, Hargreaves), a municipalização (Azanha, Arelaro). Os resultados do trabalho revelam, entre outras coisas, que a participação docente ocorreu no ponto de vista principalmente dos professores na gestão de 2009 a 2012, uma vez que esses se sentiram parte de todo o processo de discussão e construção.

Palavras-Chave: Municipalização, Formação Continuada, Política Curricular e Participação Docente.

ABSTRACT

TEIXEIRA, E.S. **Different Views about Processes of Teaching Participation in the Construction of Curricular Politics in the city of Itatiba (2001 - 2012)**. 2015. 272 f. thesis (Master's degree) - College of Education, São Paulo University, São Paulo, 2015.

This paper is the result of a research that had as main purpose to investigate the Elementary School teaching participation in the process of continued teacher training and mainly in the constitution of the curricular politics of the city of Itatiba, which has the education of 1º to 9º grades under direct responsibility of the city since 1999. It is important to emphasize that this study occurred during the municipal administration that governed the city between 2001 and 2008, and the also during the period of 2009 up to 2012, with the municipal administration that substituted the previous one. The research was developed from the following research sources: interviews with both Education Secretaries of the city, one who conducted the public education between 2001 and 2008 and another who managed it from 2009 to 2012; interviews with two Teaching Supervisors who participated in the whole process from 2001 to 2012; interviews with two Principals who worked since the municipalization until 2012; interviews with four Teachers that became permanent teachers after the municipalization (2001), that are working until today and that participated in the teacher training process until 2012. The official documents that are important part of this research are: *Constituição Federal de 1988*) The Federal Constitution of 1988, *Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB -9394/96* (law which establishes the guidelines and bases of national education), the *Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério - FUNDEF 1997* (national curricular guidelines, fund for supporting and developing elementary education and the development of the professionals involved in the education process); *Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB 2007* (national curricular guidelines, fund for supporting and developing basic education and the development of the professionals involved in the education process; *Deliberação CEE nº73/2008* (consideration of the State educational council); *Lei da Municipalização 3110/99* (law of the municipalization); *Lei do Sistema de Ensino do município de Itatiba 3485/2001* (education system law of the city of Itatiba; *Projeto Político Pedagógico da SE de 2008* (political pedagogical project of Itatiba's educational system of 2008), as well as curricular documents of the city: from 2001 to 2008 - *Orientações Curriculares de 2009 a 2012* (curricular guidelines contents from 2009 to 2012); along with the elementary curriculum of all school subjects, from 6º to 9º grades. This thesis is based on a qualitative research. It contains semi structured interviews, as well as research scripts previously elaborated, and we counted on the participation of professionals that have been working since the municipalization until 2012. They have participated of the all process regarding continued teaching training and the curricular politics construction. The interviews were recorded in audio and, later, transcribed in the analysis process. The analysis process consisted of the organization of the data in categories and subcategories established by the content of the interviews performed. We have also matched the content of the interviews to the sources that serve as the base for this research.

The study was carried out with the contribution of authors who discuss the educational curriculum (Veiga, Silva, Apple, Moreira, Sacristán), Teacher's knowledge (Tardif), the continued teacher training (Nóvoa, Hargreaves), the municipalization (Azanha, Arelaro). The results show, among other things, that the interest of the teachers in consolidating the process are very clear, especially during the period of consolidation of the curricular politics construction, that happened between 2009 to 2012.

Keywords: Municipalization, Continued Teacher Training, Educational Curricular Policy and Teaching Staff Participation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Mapa de Itatiba.....	36
Figura 2 Capa do Documento 14.....	69
Figura 3 Capa do Currículo do Ensino Fundamental de 2011	95
Figura 4 Capa do Currículo do Ensino Fundamental de 2012	98
Figura 5 Capa do Currículo do Ensino Fundamental - 6º ao 9º - 2012	103
Figura 6 Capa do Currículo do Ensino Fundamental (Artes) - 6º ao 9º - 2012.....	105
Figura 7 Capa do Currículo do Ensino Fundamental (Ciências) - 6º ao 9º - 2012.....	106
Figura 8 Capa do Currículo do Ensino Fundamental (Educação Física) - 6º ao 9º - 2012 ...	107
Figura 9 Capa do Currículo do Ensino Fundamental (Geografia) - 6º ao 9º - 2012	109
Figura 10 Capa do Currículo do Ensino Fundamental (História) - 6º ao 9º - 2012.....	110
Figura 11 Capa do Currículo do Ensino Fundamental (Inglês) - 6º ao 9º - 2012.....	111
Figura 12 Capa do Currículo do Ensino Fundamental (Língua Portuguesa) - 6º ao 9º - 2012	113
Figura 13 Capa do Currículo do Ensino Fundamental (Matemática) - 6º ao 9º - 2012.....	115

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Trabalhos que se aproximam desta pesquisa.....	25
Quadro 2 Perfil dos profissionais entrevistados.....	35
Quadro 3 Programa de Formação da FAFE/USP em Itatiba de 2001 a 2008.....	62
Quadro 4 Síntese das Formações de 2009 a 2012.....	86

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Recursos Humanos “Gestão 2001 a 2008”	58
Tabela 2 Rede do Ensino Fundamental 2012.....	78
Tabela 3 Recursos Humanos.....	78

LISTA DE SIGLAS

AMI	Avaliação Municipal de Itatiba
ATP	Assistente Técnica Pedagógica
CAEPI	Centro de Atenção Educacional Psicossocial e Inclusivo
CEE	Conselho Estadual de Educação
CF	Constituição Federal
CMEI	Conselho Municipal de Educação de Itatiba
EMEB	Escola Municipal de Educação Básica
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FATEC	Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo
FEUSP	Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
FUNDEB	Fundo de Manutenção da Educação Básica
FUNDEF	Fundo de Manutenção e desenvolvimento do Ensino Fundamental
HTPC	Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo
IDEB	Indicador da qualidade da Educação Básica no Brasil
IDESP	Índice de desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
NAPE	Núcleo de Apoio Psicossocial Educacional
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais
PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação
PEB I	Professor da Educação Básica I
PEBII	Professor da Educação Básica II
PPP	Projeto Político Pedagógico
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SE	Secretaria de Educação
SARESP	Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo
SEADE	Sistema Estadual de Análise de Dados
SEBRAE	Serviço Brasileiro de apoio às Micro e Pequenas Empresas
TIC's	Tecnologias de Informação e comunicação
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNINOVE	Universidade Nove de Julho
UNISAL	Centro Universitário Salesiano de São Paulo
USF	Universidade São Francisco

UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
A inserção do estudo no campo educacional e suas contribuições	24
CAPÍTULO 1. DOS MODOS DE PRODUÇÃO DA PESQUISA.....	29
1.1. Os sujeitos da pesquisa.....	32
1.2. Histórico do Município de Itatiba.....	36
1.3. A trajetória da Municipalização	38
1.4. A municipalização em Itatiba à luz dos diferentes atores educacionais: secretários, supervisores, diretores e professores	46
CAPÍTULO 2. GESTÃO MUNICIPAL DE 2001 A 2008: EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE MUNICIPAL	54
2.1. O contexto da formação continuada da Gestão 2001 a 2008	60
2.2. A política curricular na Gestão de 2001 a 2008 em Itatiba	67
2.3. A construção do Documento 14 - primeiros esforços de uma organização curricular e seus protagonistas	73
CAPÍTULO 3. GESTÃO MUNICIPAL DE 2009 A 2012: UMA REDE EM DESENVOLVIMENTO.....	77
3.1. O Percurso da Formação Continuada de 2009 a 2012.....	83
3.2. A construção do Currículo de 2009 a 2012: um estudo participativo	91
3.3. Documentos Curriculares da gestão de 2009 a 2012.....	95
3.3.1. Proposta Curricular do Ensino Fundamental do 6º ao 9º - 2011	95
3.3.2. Currículo do Ensino Fundamental 6º ao 9º - 2012	97
3.3.3. Currículos Publicados em outubro de 2012.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125
ANEXO A – QUADRO SÍNTESE DO LEVANTAMENTO DE PESQUISAS REALIZADAS NO PERÍODO DE 2003 A 2009.....	129
ANEXO B – QUADRO SÍNTESE DOS DOCUMENTOS ANALISADOS	138
ANEXO C – QUADRO SÍNTESE DOS DOCUMENTOS CURRICULARES DO MUNICÍPIO DE ITATIBA.....	141
ANEXO D – QUADRO CATEGORIAS DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	144
ANEXO E – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....	187
ANEXO F - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS.....	192

ANEXOS

ANEXO A – Quadro Síntese do levantamento de pesquisas realizadas no período de 2003 a 2009

ANEXO B – Quadro Síntese dos Documentos Analisados

ANEXO C – Quadro Síntese dos Documentos Curriculares do Município de Itatiba

ANEXO D – Quadro Categorias de Análise das Entrevistas

ANEXO E – Roteiro das Entrevistas

ANEXO F - Transcrições das Entrevistas

INTRODUÇÃO

Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou ontem que se pode melhorar a próxima prática.

(Paulo Freire, 1996, p.36)

Esta dissertação ora apresentada é fruto da pesquisa que teve como objetivo investigar a participação docente, do Ensino Fundamental II, no processo de formação continuada e, principalmente, na construção da política curricular do município de Itatiba, o qual tem o ensino municipalizado do 1º ao 9º ano desde 1999. Vale ressaltar que o estudo percorreu entre a gestão municipal de 2001 a 2008, e a gestão de 2009 até 2012.

A investigação foi desenvolvida a partir das seguintes fontes: entrevista com o Secretário de Educação que atuou entre 2001 e 2008 e com a Secretária de 2009 a 2012¹; entrevista com duas supervisoras que participaram de todo o processo de 2001 a 2012; entrevista com duas diretoras que atuaram desde a municipalização até 2012; entrevista com quatro professores que se efetivaram após a municipalização (2001), atuam até hoje e participaram do processo de formação até 2012; documentos oficiais: Constituição Federal de 1988, LDB (9394/96), Diretrizes Curriculares (Resolução, nº 4 de 13/12/2010), FUNDEF (1997), FUNDEB (2007), Deliberação CEE nº73/2008, Lei da municipalização (3110/99), Lei do Sistema de Ensino do município de Itatiba (3485/2001), Projeto Político Pedagógico da SE de 2008, assim como os documentos curriculares do município: de 2001 a 2008 – Orientações Curriculares (documento 14)² e de 2009 a 2012 – Currículo do Ensino Fundamental do 6º ao 9º de todas as disciplinas³.

A pesquisa teve como questões nucleares: Quais foram os processos de participação docente desde a municipalização em Itatiba entre duas gestões (2001 a 2008 e 2009 a 2012)? Como foi construída a política curricular do Sistema Municipal de ensino a partir da municipalização do Ensino Fundamental II nas duas gestões (2001 a 2008 e 2009 a 2012)? Como foi a implantação do currículo e a oferta de programas voltados à formação continuada de professores que atuam do 6º ao 9º de 2001 a 2012? Qual é a natureza da participação docente? Como os diferentes sujeitos da hierarquia no município percebem a participação docente no município nas duas gestões?

¹ Secretária de Educação de 2009 até os dias atuais, entretanto a pesquisa foi abordada até 2012.

² A descrição sobre este documento está no segundo capítulo desta pesquisa.

³ A descrição sobre este documento está no terceiro capítulo desta pesquisa.

Desse modo, é oportuno partir do conceito de participação, o qual para Hebermas (apud GUTIERREZ & CATANI, 1998), “participar significa que todos podem contribuir, com igualdade de oportunidades, nos processos de formação discursiva da vontade”, ou seja, “participar consiste em contribuir comunicativamente o consenso enquanto a um plano coletivo”. Para isso, torna-se necessária a construção de espaços de participação dentre eles, a formação continuada.

Nesse sentido, a formação docente tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores da área da educação, tendo passado por várias formas de abordagens ao longo do período que vai da década de 1960 até o momento. E, nesses últimos anos, foram muitas as investigações sobre como se ensina, como se aprende e, especialmente, como se propõe a formação continuada dos professores. Nessa perspectiva, Hargreaves (1995) salienta que tanto a formação individual quanto a continuada negligenciam o lugar que as metas e os objetivos do trabalho docente ocupam para os educadores. O autor aponta que, se o conhecimento daquilo que se ensina e de como se ensina são centrais para uma boa docência, não se pode deixar de lado a importância de conseguir dar sentido à docência, identificando os propósitos e as razões pelas quais a sociedade precisa de professores e os sentidos que esses atribuem ao ato de ensinar.

Uma boa formação do professor não passa apenas pela prática, segundo António Nóvoa “A Prática, por si só, não forma. O que forma é a reflexão sobre a experiência e a prática”. Sublinha, ainda, que conhecer bem aquilo que se ensina é fundamental para a formação do profissional da educação e define três instâncias essenciais para a formação: pessoa (professor) – formação inicial; coletivo (ambiente socializado) – indução profissional; e a escola (ambiente inovador) – formação continuada: “Educar não é uma atividade transmissora, mas de criatividade. Educação é uma espiral interminável. Não se conclui a formação, ela é contínua”. (Informação Verbal).⁴

Vindo ao encontro desta apresentação inicial sobre formação continuada, a qual traz a importância da atuação do professor em todo esse processo, é oportuno destacar o que Veiga salienta sobre currículo:

Currículo é uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive; a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito. (VEIGA, 2002, p.7)

⁴ Informação fornecida por António Nóvoa, no “3º Seminário Nacional do PIBID”, em Uberaba/2013.

Assim, o currículo representa o contexto de uma prática ao mesmo tempo em que é contextualizado por ela, isto é, caracteriza-se por desenvolver uma relação dialética e processual com o contexto que lhe dá origem e o representa por aquilo que é representado. Significa, pois, que o currículo não pode ser entendido à margem do contexto no qual se configura tampouco distante das condições em que se desenvolve.

Para Michel Apple (1982,p.10),

o currículo é o documento que sintetiza as discussões e as escolhas sobre as quais os conhecimentos escolares serão ensinados para os alunos. Ele é um documento muito mais complexo do que um simples roteiro de conteúdos, pois pretende demarcar as experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, em meio às relações sociais, e que contribuem para a construção das identidades dos alunos. Dessa forma, o currículo associa-se ao conjunto de esforços pedagógicos desenvolvidos, com intenções educativas.

Essas considerações de Apple são significativas para se compreender o objeto da pesquisa em questão, uma vez que se analisou como os professores participaram do processo de formação continuada e, principalmente, no que diz respeito em relação à participação deles na construção do Currículo do Ensino Fundamental II de Itatiba.

O estudo foi realizado com base em contribuições de autores que discutem o currículo (Veiga, Silva, Apple, Moreira, Sacristán), os saberes docentes (Tardif), a formação continuada de professores (Nóvoa, Hargreaves), a municipalização (Azanha, Arelaro), sendo essas desenvolvidas no decorrer da dissertação.

A escolha pela temática apresentada bem como a problemática desta pesquisa não é algo recente, mas sim teve origem em minha trajetória pessoal e profissional. Desde muito pequena brincava que era professora de meus dois irmãos, penso que desde aquela época sou uma apaixonada pela Educação. Nasci em Mococa-SP, mas fui criada em Itatiba - SP, onde cresci, fiz Magistério e depois Letras. Já no primeiro ano da faculdade, em 1995, comecei a lecionar. Foram momentos inesquecíveis de muito crescimento e aprendizado.

Em 2002, terminei a Pedagogia e, nesse momento, comecei adentrar em questões totalmente pedagógicas, pois, em 2003, fui convidada para assumir a coordenação pedagógica⁵ de uma escola municipal, onde fiquei por dois anos nessa função e um ano na direção. Foi uma experiência indescritível, pois trabalhar com os aspectos pedagógicos juntamente com os professores fez-me conhecer algo que, até então, não havia pensado – a

⁵ Coordenação Pedagógica: Fui afastada da sala de aula, na qual era professora de Língua Portuguesa, para assumir essa função. Vale destacar que até 2003 era professora contratada e a partir de 2004 me efetivei no cargo de Língua Portuguesa.

formação continuada acontecia no âmbito da escola. E justamente essa foi a grande “descoberta” - eu era a formadora dos professores...

Em 2006, terminei uma especialização em Psicopedagogia e, no final do mesmo ano, fui convidada para assumir a EJA (Educação de Jovens e Adultos) do município, como Assistente Pedagógica, na qual fui responsável pela formação continuada de professores, durante dois anos.

Em 2009, uma nova gestão assumiu a cidade e, conseqüentemente, a Secretaria Municipal de Educação. Nesse momento, fui convidada para ser responsável⁶ por todas as questões que envolviam o segmento do 6º ano 9º ano do Ensino Fundamental, inclusive pela formação continuada e pela construção da política curricular. Nessa mesma época, assumi a Presidência do Conselho Municipal de Educação, onde permaneci nessa função por quatro anos.

Nesse sentido, é oportuno ressaltar que por ter passado pelas várias funções: professora, coordenadora, diretora, Assistente Pedagógica da EJA e Diretora de Programas na SE, nasceu a vontade de realizar esta pesquisa, principalmente, pela última função, uma vez que tive a oportunidade de participar de todo o processo de 2001 a 2012 nas diferentes funções. Como é importante ter uma visão do micro (escola) e uma visão do macro (Secretaria de Educação), penso que é exatamente isso que me impulsionou na realização desta pesquisa, pensando principalmente como realmente se dá a participação docente nessas duas instâncias.

É por meio de uma pesquisa qualitativa que esta dissertação se delineia, pois se entende que na produção de conhecimentos sobre os fenômenos humanos e sociais, nos interessa muito mais compreender seus conteúdos do que descrevê-los, explicá-los. Minayo (1998) afirma que a pesquisa de caráter essencialmente qualitativo em educação busca compreender os diversos elementos dos fenômenos estudados. Dessa maneira, na abordagem qualitativa, deverá ser compreendida em sua complexidade histórica, política, social e cultural, para que tenhamos a garantia de produzir conhecimentos comprometidos com a educação crítica e transformadora. Portanto, buscamos trabalhar por meio da abordagem qualitativa justamente por seu caráter exploratório, uma vez que estimula o entrevistado a pensar e a se expressar livremente sobre o assunto em questão. Assim, segundo Minayo (1995, p.21-22):

⁶ Responsável pelo Ensino Fundamental II da Secretaria de Educação (SE): de 2009 a 2011 fui afastada da sala de aula, para exercer essa função. Em 2012, assumi a Diretoria de Programas e Eventos da SE, bem como no mesmo ano me efetivei no cargo de Diretora de Escola, do qual fiquei afastada por conta da Diretoria da SE.

a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Nessa mesma direção, Ludke e André (1986, p.11-13), citando Bogdan e Biklen (1982), discutem o conceito de pesquisa qualitativa, apresentando cinco características básicas que configuram esse tipo de estudo, tais como: a pesquisa qualitativa tem ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; os dados gerados foram predominantemente descritivos; a preocupação com o processo do estudo foi muito maior do que com o produto; o “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida foram focos de atenção especial do pesquisador; a análise dos dados tendeu a seguir um processo indutivo. E é dentro desta ótica que se desenvolveu esta pesquisa.

Desse modo, por meio de entrevistas semiestruturadas, com roteiros previamente elaborados, tivemos como critério de escolha dos sujeitos⁷: Profissionais que tenham participado de todo o processo de formação continuada e da construção da política curricular no período de 2001 a 2012 em Itatiba. A investigação sobre a percepção dos gestores da Secretaria Municipal de Educação (Secretários e Supervisores) se fez necessária, pois é do órgão central que partem as decisões que atingiram toda a rede, inclusive a decisão de construir um currículo municipal ao invés de se apostilar o ensino⁸, por exemplo, o que se constitui em uma tendência que vem ocorrendo em muitos municípios. Já a análise da percepção dos diretores de escola e professores foi importante, uma vez que são eles que desenvolvem o currículo nas escolas. Sendo a participação docente o principal foco das ações dos cursos de formação continuada e da construção da política curricular.

Para Triviños (1987, p. 146), a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador.

⁷ Vale destacar que a função de Coordenação Pedagógica não foi contemplada na entrevista, uma vez que não existe no município o cargo efetivo, sendo assim, há uma rotatividade de coordenação todos os anos nas escolas.

⁸ Apostilar o ensino - são sistemas apostilados (publicações didáticas) que muitas vezes são mais baratos e que têm o currículo já organizado, entretanto há uma resistência e críticas ao engessamento do ensino. Dessa forma, o ensino apostilado tende às políticas autoritárias e desenvolvimentistas, pois cuidam para que alunos e professores sejam controlados por esquemas rígidos de divisões de aula, concentradas única e exclusivamente em apostilas que sintetizam em um único aporte livros e cadernos. Por outro lado visa uma formação de treinamento, procurando habilitar o educando para passar em concursos vestibulares, o que remete ao ideal desenvolvimentista de formação profissional. Fonte: “Reflexões críticas sobre os sistemas apostilados de Ensino” – Ivair Fernandes de Amorim, 2008.

Complementa o autor, afirmando que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas. Um ponto semelhante, para ambos os autores, se refere à necessidade de perguntas básicas e principais para atingir o objetivo da pesquisa. Dessa forma, Manzini (2003) salienta que é possível um planejamento da coleta de informações por meio da elaboração de um roteiro com perguntas que atinjam os objetivos pretendidos. O roteiro serviria, então, além de coletar as informações básicas, como um meio para o pesquisador se organizar para o processo de interação com o informante.

Nessa perspectiva, as entrevistas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas para o processo de análise; a fim de resguardarmos a identidade dos sujeitos, conforme a Resolução nº 466/2012 das normas internas da FEUSP e do Conselho de Ética, a qual estabelece normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos, assim previamente combinado com os entrevistados, faremos referência aos profissionais envolvidos por meio de nomes fictícios.

O processo de análise consistiu na organização dos dados em categorias e subcategorias, estas estabelecidas pelo próprio conteúdo das entrevistas colhidas dos sujeitos, bem como no entrecruzamento do conteúdo das entrevistas com os dados documentais das diferentes fontes utilizadas, que foram, por sua vez, analisados e discutidos à luz do referencial teórico que fundamenta esta pesquisa.

Desse modo, pensando o quanto a questão do olhar desses sujeitos foi tão importante para a realização desta pesquisa e o quanto demonstraram durante as entrevistas que acreditam na Educação decidimos denominá-los por meio de adjetivos, os quais trazem características dos entrevistados. No caso dos Secretários será utilizada a designação do cargo/função acompanhado do período da gestão. Vale destacar que para a realização da entrevista foi combinado o horário e o local previamente, de acordo com as possibilidades dos entrevistados. Sublinho, ainda, que todos foram extremamente solícitos com a pesquisa. As dez entrevistas foram colhidas num período de quatro semanas, com duração aproximadamente de 1 hora para cada entrevista.

Após as entrevistas, fizemos a transcrição das falas respeitando a maneira de cada um expor as ideias, nesse sentido, segundo Bourdieu (1999),

uma transcrição não é só aquele ato mecânico de passar para o papel o discurso gravado do informante, pois de alguma forma o pesquisador tem que apresentar os silêncios, os gestos, os risos, a entonação de voz do informante durante a entrevista. O pesquisador tem o dever de ser fiel, ter fidelidade quando transcrever tudo o que o pesquisado falou e sentiu durante a entrevista.

O autor também considera como dever do pesquisador a legibilidade, ou seja, aliviar o texto de certas frases confusas de redundâncias verbais ou tiques de linguagem (né, bom, pois é etc.). Esse autor também considera como um dever do pesquisador tomar o cuidado de nunca trocar uma palavra por outra, nem mesmo mudar a ordem das perguntas. Portanto, considera-se ideal que o próprio pesquisador faça a transcrição da entrevista.

A seguir, serão apresentados os estudos já desenvolvidos que tiveram como temática: municipalização, formação continuada e construção da política curricular, os quais contribuíram com as discussões deste trabalho.

A inserção do estudo no campo educacional e suas contribuições

Com a crescente preocupação com a qualidade da escolarização oferecida às crianças e aos jovens, assim como o desenvolvimento profissional dos docentes, a formação continuada de professores e a construção de uma Política Curricular tornam-se cada vez mais destaque no cenário educacional. Diante das novas políticas educacionais, vários pesquisadores têm se preocupado com esse processo. Para tanto, fica uma pergunta: qual é a participação docente em tudo isso?

Foi realizado um levantamento bibliográfico acerca da temática nuclear desta pesquisa, entre os anos de 2003 a 2012, no qual aparecem: artigos, dissertações de Mestrado e teses de Doutorado que trazem um universo diversificado e que vem ao encontro do objeto desta dissertação. Vale destacar que há uma infinidade de trabalhos acadêmicos nessa perspectiva e que foram analisados por volta de cinquenta trabalhos, entretanto, dezoito⁹ desses, mais se aproximaram do trabalho ora apresentado, os quais seguem no quadro abaixo:

⁹ Esses trabalhos acadêmicos encontram-se organizados em um quadro que consta do Anexo A.

Quadro 1 Trabalhos que se aproximam desta pesquisa

Título	Local da Produção	Nível	Ano	Estado
O processo de Municipalização do Ensino Fundamental no município de Itatiba- SP: percepção dos atores	Unicamp	Mestrado	2003	Campinas
Materialização da Política de municipalização do ensino fundamental de Mato Grosso do Sul	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul	Mestrado	2004	Mato Grosso do Sul
Concepções de Formação Contínua de Professores: Revisitando a História	UNINOVE	Artigo	2005	São Paulo
Interdisciplinaridade: um estudo de possibilidades e obstáculos emergentes dos discursos de educadores do ciclo II do Ensino Fundamental	FE/USP	Doutorado	2007	São Paulo
Formação Continuada dos Professores e professoras do município de Barueri: compreendendo para poder atuar	FE/USP	Mestrado	2007	São Paulo
Universidade e Formação Continuada de Professores: entre as possibilidades e as ações propositivas	Universidade Federal Fluminense	Mestrado	2007	Rio de Janeiro
Relações de Gênero e trabalho docente: jornadas e ritmos no cotidiano de professoras e professores	FE/USP	Mestrado	2008	São Paulo
O processo de municipalização do primeiro segmento do Ensino Fundamental em municípios que fazem parte da jurisdição da Diretoria de Ensino de Ribeirão Preto: currículo e formação continuada de professores	Centro Universitário Moura Lacerda	Mestrado	2008	Ribeirão Preto/SP
Quando o professor se torna aluno: Tensões, desafios e potencialidades da formação em serviço.	FE/USP	Mestrado	2009	São Paulo
Reestruturação Curricular e autointensificação do trabalho docente	Universidade Federal de Pelotas	Artigo	2009	Rio Grande do Sul
Formação Continuada de Professores do Ensino Fundamental I: subsídios para uma proposta em análise	PUC/SP	Mestrado	2009	São Paulo
Municipalização do Ensino Fundamental e a qualidade do Ensino: Estudo de Caso do Município de Martinópolis	Universidade do Oeste Paulista	Mestrado	2010	Presidente Prudente/SP
O trabalho dos professores e o discurso sobre competências: questionando a qualificação, a empregabilidade e a formação	Universidade Federal de Santa Maria	Artigo	2011	Rio Grande do Sul
O impacto do Currículo Unificado na Diretoria de Ensino da Região de Miracatu	UNISAL	Mestrado	2011	Americana/SP
A formação profissional e continuada de professores da rede municipal de Niterói: reflexões acerca da primeira década do século XXI	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	Mestrado	2011	Rio de Janeiro
Políticas Públicas de Formação	Universidade Estácio	Mestrado	2012	Rio de Janeiro

Título	Local da Produção	Nível	Ano	Estado
Continuada de Professores: Experiências do Município de Itaguaí	de Sá			
Um professor (SEMPRE) a formar: o governo das subjetividades docentes: em programas especiais de formação	FE/USP	Artigo	2012	São Paulo
Gestão do Currículo para a diversidade cultural: discursos circulantes de professores e gestores	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Artigo	2012	Rio de Janeiro

Fonte: Teixeira, 2015

O quadro apresenta em ordem cronológica dezoito trabalhos cujas temáticas estão em torno da Municipalização, Formação Docente e Política Curricular. São quatro trabalhos sobre a Municipalização (2003/2004/2008/2010); sobre Formação Continuada são onze trabalhos (um de 2005/ três de 2007/um de 2008/dois de 2009/dois de 2011/dois de 2012) e sobre Política são três trabalhos (2009/ 2001/2012). Vale ressaltar que um trabalho produzido em 2008 traz juntamente as três temáticas, que foram abordadas na presente pesquisa. Na sequência seguem as ideias principais de seis trabalhos que mais se aproximaram deste estudo.

O primeiro, intitulado *O processo de Municipalização do Ensino Fundamental no município de Itatiba – SP: percepção dos atores* – Lazara Eliana Petroni de Assis - é uma dissertação de mestrado de 2003. O objetivo desse trabalho foi fazer uma apreciação do processo de municipalização do Ensino Fundamental no município de Itatiba, no Estado de São Paulo. Esse processo teve seu início em meados de 1996, mediante assinatura do Convênio de Parceria entre a Secretaria da Educação Estadual e o Município de Itatiba. Exatamente em agosto de 1996, foram municipalizadas as sete primeiras escolas de 1ª a 4ª série, que tinham sido reorganizadas no ano anterior, dentro do projeto da Secretaria Estadual de Educação que separou alunos de 1ª a 4ª série de alunos de 5ª a 8ª série. A autora investigou como se deu o processo, as razões que levaram as autoridades do município a decidirem pela municipalização; quais os reais objetivos, e principalmente, fez uma análise do que pensavam os professores, com ênfase em dois aspectos: pedagógico e de gestão. Esse trabalho se aproxima desta pesquisa, uma vez que o município investigado é Itatiba e conta o começo da municipalização, porém não contempla a temática da participação docente nos cursos de formação continuada e da construção da política curricular de Itatiba.

Já Elza de Lima Ferrari, em sua tese de doutorado de 2007, intitulada *Interdisciplinaridade: um estudo de possibilidades e obstáculos emergentes dos discursos de educadores do ciclo II do Ensino Fundamental*, realizou um estudo sobre os resultados de

exames nacionais e internacionais e de pesquisas na área de educação e linguagem, as quais sugerem que as práticas pedagógicas escolares não têm alcançado o objetivo básico de ensinar a ler e escrever com proficiência. Reverter esse quadro é uma das funções legítimas da escola e, nesse sentido, a opção por um currículo interdisciplinar apresenta-se como ideal, pois pressupõe que os profissionais das diversas áreas desenvolvam essas habilidades em seus alunos e não apenas o professor de Língua Portuguesa. Esse estudo, embora diferente do objeto de minha pesquisa, abordou uma preocupação quanto a um currículo estruturado.

Outro trabalho bastante significativo, na mesma perspectiva desta proposta, foi o artigo de Valéria Cordeiro Fernandes Belletati, cujo título é *Concepções de Formação Contínua de Professores: Revisitando a História* – de 2005. É um artigo que tem como base a dissertação de mestrado “O papel da diretoria de ensino da formação contínua de professores”, na qual se buscou analisar a formação em serviço de professores da escola estadual paulista. Esse trabalho se aproximou da temática desta pesquisa, principalmente no tocante da formação continuada em serviço.

Assim como a dissertação de Mestrado intitulada *Materialização da Política de Municipalização da Educação Fundamental de Mato Grosso do Sul nos anos de 1993 a 2002*, de Nadia Bigarella, produzida em 2004, também trouxe uma reflexão que se aproxima do objeto deste estudo. Teve como objetivo investigar a materialização da política de descentralização via municipalização da educação no Estado de Mato Grosso do Sul, cujo processo de municipalização teve início em 1993. Além de analisar documentos oficiais, a pesquisadora realizou entrevistas com representantes da sociedade política e sociedades civis.

Com a dissertação cujo título *Municipalização do Ensino Fundamental e Qualidade do Ensino: Estudo de Caso do Município de Martinópolis*, Ivone Cavalcante Espósito, em 2010, verificou se o processo de municipalização do ensino no município de Martinópolis contribuiu para a melhoria da qualidade da educação municipal. Buscou identificar as políticas e ações da Secretaria Municipal de Educação que visaram à melhoria da qualidade da educação nas duas últimas gestões do governo municipal e verificou se, ao longo do processo de consolidação da municipalização do sistema escolar, as escolas municipais de Martinópolis apresentaram melhoria significativa no seu desempenho nas avaliações externas. Este trabalho trouxe grande contribuição para esta pesquisa.

Destacamos mais uma dissertação de Mestrado com o título *O processo de municipalização do primeiro segmento do Ensino Fundamental em municípios, que fazem parte da jurisdição da Diretoria de Ensino de Ribeirão Preto: currículo e formação continuada de professores*, de Alessandra Rodrigues, produzida em 2008, a qual está inserida

no campo de currículo, estudou no processo de municipalização do Ensino Fundamental, as políticas curriculares e de formação continuada de professores do primeiro segmento do Ensino Fundamental, em 14 municípios que fazem parte da jurisdição da diretoria de Ribeirão Preto, interior do Estado de São Paulo. Este é o trabalho que mais se aproximou desta pesquisa, uma vez que a autora abordou as três temáticas.

Esses trabalhos aproximam-se desta pesquisa, pois, em síntese, demonstram a preocupação com a prática pedagógica do professor e como a formação continuada está ou não em sintonia com todo o processo. Porém, a pesquisa ora apresentada tem como destaque a participação docente em todo processo de formação e na construção da política curricular em Itatiba. As contribuições dos entrevistados foram valiosas, pois são profissionais que participaram de todo o processo de 2001 a 2012, período esse muito expressivo para a educação do município, uma vez que foi se criando uma identidade, ou seja, uma história.

A análise acerca da participação docente no processo de construção do currículo desde a municipalização do município de Itatiba está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo apresenta-se a metodologia utilizada, um breve histórico do Município de Itatiba desde a municipalização até a criação do Sistema de Ensino, bem como os sujeitos que fizeram parte da pesquisa. No segundo capítulo apresenta-se o contexto da gestão municipal de 2001 a 2008, na perspectiva de formação continuada e na construção da política curricular de Itatiba. No terceiro capítulo na mesma direção apresenta-se a gestão de 2009 a 2012.

A seguir, o capítulo I trará a metodologia utilizada, um breve histórico do Município de Itatiba desde a municipalização até a criação do Sistema de Ensino, bem como os sujeitos que fizeram parte da pesquisa.

CAPÍTULO 1. DOS MODOS DE PRODUÇÃO DA PESQUISA

Porque mudar o mundo é tão difícil, quanto possível. É a relação entre a dificuldade e a possibilidade de mudar o mundo que coloca a questão da importância do papel da consciência na história, a questão da decisão de opção, a questão da ética e da educação e de seus limites. (Paulo Freire, 1996, p.61)

Neste capítulo abordaremos os aspectos metodológicos utilizados para a realização desta pesquisa, a partir da problemática que deu origem a este trabalho. Conforme já apresentado, inicialmente fizemos um levantamento de trabalhos acadêmicos que têm por objeto de estudo a seguinte temática: municipalização, formação continuada e Política Curricular. Entretanto, delimitamos como período as produções do ano 2003 até 2012.

O estudo das produções científicas trouxe grande contribuição para esta pesquisa, com o qual tivemos a oportunidade de revisar os objetivos e a temática ora apresentada. Dessa forma, foi um longo processo de formular e reformular as questões de pesquisa para se chegar até este momento, ou seja, do projeto de pesquisa inicial até esta finalização, muito se modificou.

Buscou-se trazer à tona qual a participação docente no processo de formação continuada e principalmente na construção da política curricular do município de Itatiba. Para isso, foi preciso entender como se formou a Educação do município, a partir da municipalização em 1999. No entanto, fomos buscar informações sobre as gestões de 2001 a 2008 e 2009 a 2012 em documentos legais, bem como por meio de entrevistas, conforme já explicitado na introdução deste trabalho.

Quanto aos dados¹⁰, fontes e procedimentos, realizamos um estudo sobre os seguintes documentos:

- *Constituição Federal de 1998* – na qual buscamos dados sobre descentralização do ensino (Municipalização) e sobre sistema de ensino;
- *Diretrizes Curriculares Nacionais de 2010* – trouxe informações sobre sistema de ensino, Ensino Fundamental, formação e currículo;
- *Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996* – foram várias informações, mas principalmente, sobre municipalização, formação continuada e currículo;

¹⁰ Todos os dados foram organizados em um quadro, o qual se encontra no Anexo B.

- *FUNDEF (Fundo de Manutenção e desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério)* – buscamos dados sobre a descentralização, formação continuada e valorização docente;
- *FUNDEB (Fundo de Manutenção da Educação Básica)* – informações acerca da descentralização, formação continuada e valorização docente;
- *Lei de criação do Conselho Municipal de 1996* – no que se refere ao acompanhamento da Educação do município de Itatiba;
- *Estatuto do Magistério de 1997* – acerca da valorização docente;
- *Lei da Municipalização de 1999*- trata da municipalização, descentralização; formação continuada e currículo;
- *Lei de Sistema de Ensino de 2001*- informações do sistema de ensino de Itatiba, formação continuada e currículo;
- *Lei nº 4.063 de 2008* – Dispõe sobre o Centro Municipal de Formação de Liderança Educacional, local onde aconteciam as formações até 2008;
- *Deliberação CEE de 2008* – do Ensino Fundamental (ensino de 9 anos);
- *Projeto Político Pedagógico da Secretaria de Educação de 2008*- sobre a gestão de 2001 a 2008, formação continuada e currículo;
- *Referências para formação de professores Brasil de 1999* – acerca do sistema de ensino, formação continuada e currículo;
- *Documento 3 – Orientações Curriculares e Avaliação Diagnóstica de Língua Portuguesa de 2007 (Volume Único)*- informações sobre a organização curricular (expectativas de aprendizagem/ conteúdos por disciplinas/ avaliação Diagnóstica);
- *Documento 14 – Orientações Curriculares e Expectativas de Aprendizagem de 2008 (Volume Único)* – estudo da organização curricular (expectativas de aprendizagem e conteúdos das disciplinas);
- *Proposta Curricular do Ensino Fundamental do 6º ao 9º de 2011 (Volume Único)*- análise da estrutura curricular (expectativas de aprendizagem e conteúdos);
- *Currículo de Ensino Fundamental do 6º ao 9º do início de 2012(Volume Único)* – estudo da estrutura curricular (expectativas de aprendizagem/ conteúdos das disciplinas/ atividades e sequências didáticas);
- *Currículo do Ensino Fundamental do 6º ao 9º de outubro de 2012 (publicado)*- Volume Único; análise acerca da estrutura curricular

(expectativas de aprendizagem, quadro de conteúdos, conexões interdisciplinares, atividades/ sequência didática);

- *Currículo de Artes – Ensino Fundamental (1º ao 9º) de outubro de 2012 (publicado)*; estudo da estrutura curricular (expectativas de aprendizagem, quadro de conteúdos – divididos em quatro linguagens, conexões interdisciplinares, atividades/ sequência didática);
- *Currículo de Ciências – Ensino Fundamental (6º ao 9º) de outubro de 2012 (publicado)* – análise da estrutura curricular (Quadro Geral – traz temas/ conteúdos, expectativas de aprendizagem específicas e conexões interdisciplinares, Atividades / Sequências Didáticas);
- *Currículo de Educação Física – Ensino Fundamental (1º ao 9º) de outubro de 2012(publicado)*- informações acerca da estrutura curricular (expectativas de aprendizagem, quadro geral divisão por semestre/ano os temas/subtemas, procedimentos e conexões interdisciplinares);
- *Currículo de Geografia – Ensino Fundamental (6º ao 9º) de outubro de 2012 (publicado)* – estudo da estrutura curricular (Quadro Geral: conteúdos, expectativas de aprendizagem; quadro de conexões interdisciplinares; atividades/ sequências didáticas);
- *Currículo de História – Ensino Fundamental (6º ao 9º) de outubro de 2012 (publicado)*- análise da estrutura curricular (quadro conteúdos, expectativas de aprendizagem, conexões interdisciplinares; atividades/ sequências didáticas);
- *Currículo de Educação Inglês – Ensino Fundamental (4º ao 9º) de outubro de 2012 (publicado)*- informações da estrutura curricular (Quadro Geral: conteúdos, expectativas de aprendizagem específicas, conexões interdisciplinares; atividades/ sequências didáticas);
- *Currículo de Língua Portuguesa – Ensino Fundamental (6º ao 9º) de outubro de 2012(publicado)*- análise da estrutura curricular (expectativas de aprendizagem gerais; Quadro Geral: gênero textual, expectativas de aprendizagem específicas, prática de leitura, prática de produção e prática de análise linguística; conexões; atividades/ sequência didática);
- *Currículo de Matemática – Ensino Fundamental (6º ao 9º) de outubro de 2012 (publicado)* – estudo acerca da estrutura curricular (expectativas de

aprendizagem; Quadro Geral: divisão dos conteúdos por blocos e conexões interdisciplinares; atividades/ sequências didáticas).

Como já explicitado na introdução, os critérios de escolha dos sujeitos foram de suma importância, pois foi por meio da argumentação deles que obtivemos repostas para a problemática desta pesquisa. Dessa maneira, entrevistamos os Secretários de Educação de 2001 a 2008 e de 2009 a 2012, uma vez que para nos aproximar do objeto de nosso trabalho, buscamos conhecer a história dessas duas gestões, duas Supervisoras que fizeram parte desde a municipalização de 1999 até 2012, duas diretoras que também fizeram parte desse período de 1999 a 2012, bem como quatro professores que se efetivaram a partir de 2001 e que participaram desde esse período até 2012. No entanto, utilizamos nomes fictícios para a denominação dos sujeitos, ou seja, procuramos fazer uso de adjetivos para caracterizá-los, partindo do que falaram sobre a Educação e da impressão que a pesquisadora teve ao ouvi-los.

Vale retomar também que as entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente foram transcritas, as quais poderão ser encontradas na íntegra nos anexos deste trabalho, assim como um quadro síntese dividido em categorias: Municipalização, com as subcategorias: Vantagens e objetivos implementados; Formação Continuada, com a subcategoria: Valorização Docente; Política Curricular, com a subcategoria: Participação Docente.

1.1. Os sujeitos da pesquisa

Passamos, então, a apresentar os sujeitos entrevistados para a realização da pesquisa: os dois Secretários de 2001 a 2008 e 2009 a 2012, as supervisoras Sabedoria e Encantada, as diretoras Paixão e Consciente e os quatro professores: Escritora, Comprometida, Engajado e Realista. Cabe ressaltar que os depoimentos a seguir inspiraram a pesquisadora a definir os nomes dos sujeitos.

O Secretário de Educação de 2001 a 2008 tem 63 anos, natural de Itatiba, formado em Psicologia Escolar, Pedagogia, História e Ciências Sociais. Está há 40 anos no magistério e exerceu a função de Secretário de Educação na rede municipal de Itatiba por 10 anos. Trabalhou durante 30 anos como professor universitário e atualmente é efetivo como supervisor do Estado, entretanto está como Dirigente da Diretoria de Ensino em Bragança Paulista. Segue um relato do Secretário sobre o que é Educação em sua opinião:

E sempre acho que a Educação é uma área bastante desafiadora, pra gente. A gente faz muita coisa e sempre tem muito por fazer. Mas é uma coisa que me encanta, eu fico muito feliz, quando eu vejo que aqueles alunos aprendem. Militei muito na escola pública e milito ainda, e quando eu vejo que o professor avança, quando eu vejo a liderança de um diretor. E eu acredito que nesse espaço você tem que ter essa visão administrativa e na hora que você vai para a questão do suporte pedagógico. E eu acho que o que diferencia uma escola é a questão pedagógica. Essa é uma grande função da escola, enfim na vida de todos nós. (Secretário da Educação de 2001 a 2008)

A Secretária de Educação de 2009 a 2012 tem 52 anos, natural de Itatiba, formada em Matemática, Pedagogia, Mestrado em Psicologia Educacional e Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento. Está no magistério há 30 anos e na rede municipal há 7 anos exercendo a função de Secretária de Educação. Além disso, é professora e coordenadora do curso de Pedagogia na Universidade São Francisco (USF). “Eu fui uma criança criada em casa de pais professores, tios professores, sempre fui muito ligada à família e acho que sempre tive vocação por gostar do Magistério” (Secretária de Educação de 2009 a 2012).

A supervisora Sabedoria tem 53 anos, natural de Itatiba, formada no Magistério, é Pedagoga. Está no magistério há 35 anos e na rede municipal há 29 anos. Foi professora do Estado municipalizada, coordenadora, diretora e hoje é supervisora efetiva na Secretaria de Educação. Segue o relato da supervisora sobre seu olhar para com a Educação,

E eu tenho paixão pela Educação, eu adoro o que faço, pois adoro pessoas. Mais do que tudo em Educação você tem que gostar de gente, gostar de pessoas, principalmente quem trabalha com a escola pública. Você tem que acreditar na promoção do ser humano pela Educação. Esse é o meu lema! (Supervisora Sabedoria)

A supervisora Encantada tem 48 anos, natural de Itatiba, fez Magistério, Pedagogia, Supervisão e Especialização em Psicopedagogia. Está no magistério há 28 anos, bem como na rede municipal de Itatiba no mesmo período. Passou por várias funções no município: professora, vice-diretora, coordenadora e supervisora. Foi supervisora no período de 2002 a 2008 e hoje está em duas salas de aula, em uma da Educação Infantil e em um 1º ano do Ensino Fundamental. Tem dois cargos, um municipal e no outro é municipalizada. Segue o relato da supervisora sobre o magistério,

O magistério sempre me encantou, na verdade eu tinha uma tia que era professora de Letras, que era assim maravilhada pela profissão. Você sentia nela, nas palavras, quando ela contava, um amor por aquilo que ela fazia...isso foi me encantando...Desde pequena eu brincava de escolinha, eu reproduzia as questões da escola...era uma escola tradicional no centro da cidade, onde passava um servente que ficava na porta servindo

cafezinho...até isso eu punha nas minhas brincadeiras. E conforme foi passando...eu optei pelo Magistério. (Supervisora Encantada)

A diretora Paixão tem 57 anos, natural de Jundiaí, tem Magistério e Pedagogia, está no magistério há 37 anos e na rede de Itatiba há 15 anos. Exerceu no município as funções de professora municipalizada, diretora de escola por muitos anos e hoje é Orientadora Educacional efetiva do município. “Escolhi o magistério por paixão, desde pequena, desde menina, sempre sonhei ser professora. Fiz Magistério em Jundiaí, me casei e vim pra Itatiba [...]” (Diretora Paixão)

A diretora Consciente tem 52 anos, é natural de Minas Gerais, fez Magistério, Pedagogia e três especializações em Psicopedagogia, Inclusão e Gestão Escolar. Está no magistério há 35 anos e na rede municipal de Itatiba há 18 anos. Passou por várias funções no município: professora do 1º ao 5º municipal, coordenadora pedagógica, diretora designada e desde 2010 se efetivou como diretora. Segue o relato da diretora sobre seu trabalho,

[...] tenho exercido um trabalho bem consciente, focando realmente a parte da aprendizagem, valorização dos professores, valorização das crianças, respeito os pais, porque acho que no momento que você coloca seu filho na escola...o pai também tem que ser ouvido. Procuro fazer um trabalho com parceria com todos para que a gente consiga resolver a questão de todo mundo. (Diretora Consciente)

A professora Escritora tem 53 anos, natural de Itatiba, formada em Magistério, Língua Portuguesa e Especialização em Psicopedagogia. Está no magistério há 35 anos, na rede municipal de Itatiba há 15 anos e é professora efetiva na rede desde 2001. Segue o relato da professora sobre seu sonho,

[...] escolhi ser professor porque já era um sonho de criança, desde muito pequena eu sempre tive esse sonho de ser professora e escolhi exatamente a área de Língua Portuguesa, por conta da minha identificação com a escrita, eu gosto muito de escrever e ler. Eu sou uma leitora contumaz. Então, eu acho que escolhi isso porque está na minha maneira de ser. Eu não consigo me ver sem ler, sem escrever. Eu escrevo não só pela profissão, mas por gosto, eu gosto de escrever. Já tive algumas poesias e crônicas publicadas em alguns concursos e continuo escrevendo. (Professora Escritora)

A professora Comprometida tem 38 anos, natural de Itatiba, formada em Letras (Língua Portuguesa e Inglês). Está há 17 anos no magistério e na rede municipal há 15 anos. É professora efetiva em dois cargos, um em Língua Portuguesa e outro em Inglês desde 2001. Segue o relato da professora sobre a profissão:

[...] Voltando um pouquinho, sobre porque escolher essa profissão, quando eu era criança eu brincava com as minhas bonecas. Eu as colocava sentadas

e fingia que estava dando aula para elas. Então, o que eu aprendia na escola, eu queria ensinar pra minhas bonecas. Então, é algo que tá dentro de mim, já há muito tempo, essa vontade de ensinar. E eu acabava aprendendo com isso também, não só fingia que estava ensinando, mas estava aprendendo na verdade bastante. E é o que acaba acontecendo na sala de aula hoje em dia. A gente ensina, mas acaba aprendendo muito, com os alunos também. (Professora Comprometida)

O professor Engajado tem 38 anos, natural de Jales, formado em Matemática e Pedagogia. Está no magistério há 18 anos e na rede municipal há 15 anos como professor efetivo desde 2001. Segue o relato do professor:

[...] E minha experiência sempre foi com a área de Matemática, acumulo cargo com a Rede Estadual e também tenho algumas aulas na escola particular. Eu gosto do que faço, procuro fazer o melhor para meus alunos. (Professor Engajado)

O professor Realista tem 56 anos, natural de São Paulo, formado em Educação Física. Está no magistério há 15 anos e na rede municipal de Itatiba no mesmo período. É professor de Educação Física efetivo da rede desde 2001. “Não tenho outros cargos, trabalhei em um projeto por volta de 5 anos, o Projeto Mais que Esporte que tem até hoje, mas com um perfil um pouco diferente de quando começou...Hoje faz 15 anos que sou efetivo.” (Professor Realista)

O quadro a seguir traz uma síntese dos dados gerais dos profissionais entrevistados:

Quadro 2 Perfil dos profissionais entrevistados

Profissionais	Formação	Idade	Origem	Tempo no magistério	Tempo na Rede Municipal de Itatiba
Secretário de Educação de 2001 a 2008	Psicologia/ Pedagogia/ História/ Ciências Sociais	63 anos	Itatiba	40 anos	10 anos
Secretária de Educação de 2009 a 2012	Matemática/Pedagogia/Mestrado em Psicologia Educacional/ Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento	52 anos	Itatiba	30 anos	7 anos
Supervisora Sabedoria	Magistério/Pedagogia	53 anos	Itatiba	35 anos	29 anos
Supervisora Encantada	Magistério/ Pedagogia/ Supervisão/ Especialização em Psicopedagogia	48 anos	Itatiba	28 anos	28 anos
Diretora Paixão	Magistério/ Pedagogia	57 anos	Jundiaí	37 anos	15 anos
Diretora Consciente	Magistério/ Pedagogia/ Especializações em:	52 anos	Minas Gerais	35 anos	18 anos

Profissionais	Formação	Idade	Origem	Tempo no magistério	Tempo na Rede Municipal de Itatiba
	Psicopedagogia/ Inclusão/ Gestão Escolar				
Professora Escritora	Magistério/ Língua Portuguesa/ Especialização em Psicopedagogia	53 anos	Itatiba	33 anos	15 anos
Professora Comprometida	Língua Portuguesa e Inglês	38 anos	Itatiba	17 anos	15 anos
Professor Engajado	Matemática/Pedagogia	38 anos	Jales	18 anos	15 anos
Professor Realista	Educação Física	56 anos	São Paulo	15 anos	15 anos

Fonte: Teixeira, 2015

A seguir, apresenta-se um panorama da Educação do município de Itatiba.

1.2. Histórico do Município de Itatiba

Figura 1 Mapa de Itatiba

Fonte: Google Maps (2015)

Itatiba, essa é a cidade que fez parte da pesquisa realizada, pois é justamente nessa localidade que se estudou o processo de participação docente na formação continuada e na construção da política curricular, o qual é objeto de investigação ora relatado. Situada a 80

quilômetros de São Paulo, na Serra da Jurema, Itatiba - que em tupi-guarani significa muita pedra - é carinhosamente chamada por seus moradores de 'Princesa da Colina', título que conquistou por seu relevo acidentado. É considerada uma das melhores cidades do Estado em infraestrutura e qualidade de vida, segundo pesquisa encomendada pela Assembleia Legislativa à Fundação SEADE (2012). Conta atualmente com 111.620 habitantes¹¹.

De acordo com o documento Projeto Político Pedagógico (PPP)¹² da Secretaria de Educação, o município de Itatiba foi um dos primeiros a conquistar um grupo escolar no Estado de São Paulo, isto em 1896, porém o atendimento educacional era exclusivamente dedicado ao ensino primário. Nesse mesmo ano, Gabriel Prestes¹³ instalou o primeiro jardim de infância público na cidade de São Paulo. Somente em fevereiro de 1950 entrou em funcionamento o jardim de infância público em Itatiba.

A esfera estadual foi pioneira na implementação de um atendimento público à infância em Itatiba, porém sua restrita oferta impulsionou a estruturação de um progressivo atendimento municipal.

Entre os anos de 1965 a 1985, os registros de criação de salas municipais são exclusivamente pré-primárias, ou seja, eram salas onde a prioridade de atendimento recaía sobre crianças entre seis e sete anos de idade. A partir de 1986 esse atendimento foi ampliado e crianças menores de seis anos passaram a ser atendidas em salas denominadas de Educação Infantil. Em 1989, o município de Itatiba tinha em funcionamento 56 salas, sendo que 17 dessas eram para crianças menores de seis anos.

Ainda segundo o PPP da Secretaria de Educação, o qual traz uma reflexão que se analisarmos globalmente o atendimento à infância no município de Itatiba entre os anos de 1950 e início de 1997, nos deparamos com uma estruturação de políticas públicas para a infância inovadora. Isso porque mesmo antes da Lei Federal nº. 9.394/96 que instituiu as Diretrizes e Bases para a Educação Nacional – LDB -, Itatiba já contemplava um atendimento educacional público infantil mantido quase que exclusivamente pela esfera municipal, sendo que em muitas cidades do território nacional isto só aconteceu com a implementação da LDB de 1996. Um exemplo disso era a política de atendimento das crianças menores de 3 anos, que, já em 1995, eram atendidas exclusivamente em creches e as maiores de 4 anos tinham sua matrícula realizada na Educação Infantil. Todas as salas de Educação Infantil eram regidas por professores formados, inclusive, as salas de Maternal, para crianças de 3 anos.

¹¹ Dados sobre Itatiba extraídos do site da Prefeitura em www.itatiba.sp.gov.br

¹² O Projeto Político Pedagógico (PPP) é um documento que foi produzido entre 2007 e 2008, cujo objetivo foi de organizar o trabalho pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Itatiba.

¹³ Gabriel Prestes – Ícone da vida intelectual e política foi diretor da Escola Normal entre 1892 e 1897.

“Outro exemplo, e que está regulamentado na LDB de 1996 seria a competência municipal pela manutenção da Educação Infantil pública, Itatiba já estava adequada a essa regulamentação trinta e um anos antes de sua publicação¹⁴”.

A Secretaria da Educação do Município de Itatiba foi constituída em 01 de janeiro de 1993, a qual tinha como foco uma educação pública gratuita e de qualidade. Ao estabelecer os pressupostos, as metas e as ações para o ano letivo, isto é, ao organizar o trabalho administrativo-pedagógico da Secretaria da Educação e das escolas municipais, desde então, procurou-se compreender a realidade existente, com suas peculiaridades.

1.3. A trajetória da Municipalização

Segundo Azanha (1990), as ideias de Anísio Teixeira¹⁵ sobre a municipalização foram o grande marco, sendo essas apresentadas em um Congresso Nacional de Municipalidades em 1957:

- a) a municipalização abrangeria apenas o antigo ensino primário (na época, o ensino pré-primário era algo muito distante e irrealizável). Com relação ao ensino primário, o município teria as atribuições de organização, administração e execução. Apenas a supervisão ficaria a cargo do Estado;
- b) o desempenho das atribuições municipais de educação ficaria a cargo de um Conselho de Educação. Na ordenação do ensino municipal, o Conselho local atenderia às normas de uma lei orgânica do ensino elaborada por um Conselho Estadual de Educação em consonância com as diretrizes e bases da educação nacional, interpretadas por um Conselho Federal de Educação;
- c) ao Conselho Municipal de Educação caberia a determinação do custo do aluno nas escolas do município e a fixação da *cota municipal* de contribuição possível para fazer face a esse custo. A complementação desses recursos seria feita pela transferência ao município de uma *cota estadual* e de uma *cota federal*. Para administração desses recursos haveria, em cada esfera, os respectivos fundos de educação;
- d) a municipalização do ensino primário ofereceria vantagens de ordem administrativa, social e pedagógica. Quanto à primeira, as razões são óbvias. Quanto à segunda, as vantagens adviriam do fato do professor ser um elemento local ou pelo menos aí integrado e não mais um *cônsul* representante de um poder externo. Quanto à terceira, residiria principalmente na possibilidade do currículo escolar refletir a cultura local.

¹⁴ Fonte: Projeto Político Pedagógico da Secretária de Educação de 2008.

¹⁵ Anísio Spínola Teixeira nasceu em 12 de julho de 1900 em Caetité (BA). Considerado o principal idealizador das grandes mudanças que marcaram a educação brasileira no século 20, Anísio Teixeira foi pioneiro na implantação de escolas públicas de todos os níveis, que refletiam seu objetivo de oferecer educação gratuita para todos. Como teórico da educação, Anísio não se preocupava em defender apenas suas ideias. Muitas delas eram inspiradas na filosofia de John Dewey (1852-1952), de quem foi aluno ao fazer um curso de pós-graduação nos Estados Unidos.

Na mesma direção, Arelaro (1999) relata que o processo de municipalização do ensino no Estado de São Paulo foi quase exclusivamente fruto de iniciativas do governo, visando adequar o Estado aos novos modelos de racionalidade adotados pela Administração Pública, com consequente enxugamento do aparato estatal”, não tendo sido fruto, de “reivindicações da sociedade civil interessada em participar de forma mais ativa nas escolas e nos projetos pedagógicos que ali se desenvolviam”. (ARELARO, 1999, p. 65)

Assim, Arelaro (1999) considera que o processo de municipalização no Estado de São Paulo “iniciou-se no Governo Montoro, a partir de transferência de responsabilidades e de tarefas para os Municípios, sem necessariamente existir transferências de recursos financeiros proporcionais às novas responsabilidades propostas” (p.74).

Em 1997, a Secretaria de Estado de São Paulo estimulou os municípios a criarem seus próprios sistemas de ensino e incentivando-os a receberem recursos provenientes do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF)¹⁶. A partir da implantação desse Fundo, os municípios aumentaram as matrículas desse nível de ensino em 11,1% (SOUZA, 2007, p.182). Para Souza (2007) a municipalização do Ensino Fundamental no estado de São Paulo representa uma luta dos diferentes governos estaduais há algum tempo. Sem dúvida, os Governos Mário Covas e Geraldo Alckmin (1994 a 2002) têm obtido sucesso se analisada a evolução das matrículas nesses anos. (SOUZA, 2007, p.196)

Dessa forma, a educação do Ensino Fundamental em Itatiba foi municipalizada desde meados de 1996, mediante assinatura do Convênio de Parceria entre a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e o Município de Itatiba. Em agosto de 1996, foram municipalizadas as sete primeiras escolas de 1ª a 4ª série, que tinham sido reorganizadas no ano anterior, dentro do projeto da Secretaria Estadual de Educação que separou alunos de 1ª a 4ª série de alunos de 5ª a 8ª série. Em 1997, assume uma nova administração, e o que era para ser apenas um projeto piloto, passa então a ser um desencadeador de um processo de municipalização integral e total no município. Ou seja, em 1999 toda a rede de Ensino Fundamental foi municipalizada, totalizando vinte e seis escolas de 1ª a 8ª série (1º ao 9º), inclusive as escolas de zona rural. Segundo o Secretário da Educação, de 2001 a 2008,

Bom, a primeira coisa naquele momento era que as decisões sobre a Educação, elas estariam mais próximas se a Educação fosse municipalizada.

¹⁶ FUNDEF- foi instituído pela Emenda Constitucional n.º 14, de setembro de 1996, e regulamentado pela Lei n.º 9.424, de 24 de dezembro do mesmo ano, e pelo Decreto n.º 2.264, de junho de 1997.

O Estado tinha uma rede muito grande, muitos alunos, muitas escolas, muitos professores. Então, ao municipalizar acreditava-se que o poder de decisão, ele seria muito mais próximo e mais rápido. E que isso melhoraria a qualidade da Educação. Isto estava previsto também na Constituição de 88, então era uma questão que dependia de regulamentação e na proposta do governo do Estado naquele momento que era o Mario Covas, eles então, operacionalizaram essa legislação. (Secretário de Educação – 2001 a 2008)

O termo municipalização¹⁷ tem sido considerado sinônimo de descentralização, pois ocorre a transferência de gestão do ensino dos Estados, para os municípios, possibilitando-se assim, a criação de um Sistema Municipal de Ensino. De acordo com a Lei nº 3110/99¹⁸, do município de Itatiba, já em sua primeira cláusula podemos verificar essa questão:

O presente convênio tem por objeto a ação compartilhada entre a SECRETARIA e o MUNICÍPIO, visando assegurar a continuidade da implantação e o desenvolvimento do Programa de Ação de Parceria Educacional Estado - Município para o atendimento do Ensino Fundamental, mediante a transferência de alunos e de recursos materiais e o afastamento do pessoal docente, técnico e administrativo que implicará no repasse de recursos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização de Magistério (FUNDEF), correspondentes ao número de matrículas assumidas pelo Município.

Já na segunda cláusula encontramos os objetivos do convênio:

- I - estabelecer um processo de parceria técnico-administrativa entre o Estado e o Município para viabilizar a assunção integral ou parcial, pelo Município, dos serviços referentes à gestão do Ensino Fundamental;
- II - instituir um sistema de cooperação com os Municípios, envolvendo a transferência de recursos humanos, materiais e financeiros, para que estes assumam de forma integrada as responsabilidades pelo Ensino Fundamental;
- III - fortalecer a autonomia do Poder local na busca de uma escola pública de qualidade para todos;
- IV - garantir assistência técnica, pedagógica, administrativa e gerencial aos Municípios, para que estes desenvolvam o Ensino Fundamental em conformidade com as diretrizes constitucionais;
- V - colaborar com a capacitação das redes municipais de ensino, visando à manutenção de um padrão de qualidade de ensino para todas as escolas;
- VI - criar mecanismos de compensação que superem as desigualdades financeiras, administrativas e técnicas dos Municípios na implementação dos programas educacionais;
- VII - instituir uma sistemática de avaliação dos sistemas de ensino, visando ao seu aprimoramento.

¹⁷ Municipalização em Itatiba – Instituída pela Lei Municipal nº 2768, de 21 de maio de 1996.

¹⁸ Lei 3110 de 25 de fevereiro de 1999 – Termo de Convênio que entre si celebram o Estado de São Paulo, por intermédio da Secretaria da Educação, e o Município de Itatiba, objetivando assegurar a continuidade da implantação do Programa de Ação de Parceria Educacional Estado-Município para o atendimento do ensino fundamental.

E na terceira cláusula as obrigações da Secretaria da Educação:

I - quanto à Gestão do Sistema:

- a) orientar a gestão educacional quanto à observância das diretrizes constitucionais;
- b) co-responsabilizar-se pela capacitação dos servidores dos Quadros da SECRETARIA colocados à disposição do MUNICÍPIO;

II - quanto aos Recursos Humanos:

- a) afastar junto ao MUNICÍPIO, por ato da autoridade competente, sem prejuízo de vencimentos ou salários e das demais vantagens, pessoal docente, técnico e administrativo, observada a legislação específica, mediante expressa solicitação do Chefe do Poder Executivo do MUNICÍPIO;
- b) comprovar ao MUNICÍPIO, mensalmente, mediante a apresentação da planilha "Demonstrativo da Despesa Mensal decorrente do pagamento dos recursos humanos afastados", constatando o montante despendido com o pagamento de vencimentos ou salários e dos encargos relativos aos recursos humanos colocados à disposição e nela relacionados.

III - quanto aos Recursos Financeiros:

- a) promover, a partir da vigência deste Termo de Convênio, os atos necessários à transferência dos recursos financeiros ao MUNICÍPIO, de acordo com o número de alunos matriculados na rede municipalizada, e não computado como matrículas municipais no censo educacional realizado, anualmente, pelo Ministério da Educação e do Desporto, de acordo com o § 4º, do art. 2º, da Lei Federal n.º 9.424, de 24 de dezembro de 1996;

IV - quanto à Transferência de Bens Imóveis e Móveis:

- a) promover os atos necessários para a formalização da outorga de permissão de uso dos bens imóveis de propriedade do Estado, utilizados pelo MUNICÍPIO na prestação de serviços educacionais, sem prejuízo de posterior doação após a assunção integral dos serviços educacionais;
- b) promover os atos necessários para a cessão de uso dos bens móveis e materiais didáticos de propriedade do Estado, destinados estritamente à prestação dos serviços educacionais transferidos e que constituam patrimônio das escolas estaduais absorvidas pelo MUNICÍPIO, sem prejuízo de posterior doação;
- c) tomar providências junto à Procuradoria Geral do Estado/Procuradoria do Patrimônio Imobiliário e ao Conselho do Patrimônio Imobiliário, para o aperfeiçoamento dos atos a que se refere a alínea 'a' deste item IV;

V - quanto ao Acompanhamento e Avaliação:

- a) manter prerrogativa de autoridade normativa, de acompanhamento e de avaliação de execução do Plano de Trabalho integrante deste convênio, diretamente ou por meio de terceiros devidamente credenciados, objetivando as adequações que porventura se façam necessárias para a consecução dos objetivos propostos, especialmente no que se refere à regular aplicação dos recursos financeiros repassados ao MUNICÍPIO.

Vale uma reflexão e um questionamento: como ocorre o acompanhamento das regras postas pela Lei que rege o processo de municipalização em Itatiba? Como os gestores municipais trataram o item que concerne à formação continuada de professores e a construção de uma política curricular?

Com relação a esse questionamento, o Secretário de 2001 a 2008 destaca:

[...] Então o currículo ele não deve ser engessado, mas foi uma luta nossa de construir, uma outra questão que fico sempre falando, será que eu atingi aquele objetivo que era a formação continuada de professores que passou por tantos nome, reciclagem. Até que a gente conseguiu se encaixar e achar um grupo de “capacitadores”, que não viesse vender só, mas que vivesse o cotidiano da sala de aula [...] (Secretário de Educação)

E a Secretária de Educação de 2009 a 2012 sinaliza:

[...] Mas eu vejo como vantagem se tiver recursos financeiros, condições de fato do regime de colaboração acontecer de formar eficiente, eu vejo com bons olhos a municipalização, porque nós temos mais próximos do município, tanto a responsabilidade, quanto a autonomia, pra se poder trabalhar como a gente acredita. De uma forma mais descentralizada, mais independente, para que se possa adotar o livro que se quer utilizar, a formação, desenvolver os processos formativos do modo como o município quer fazer o acompanhamento, a supervisão, as visitas. Então, a descentralização, eu vejo como uma das vantagens é o investimento na qualificação do processo pedagógico. (Secretária de Educação)

Segundo Azanha (1991, p.63),

Municipalização do Ensino é apenas uma expressão abstrata e, nestas condições, nada indica que deva provocar reações de apoio ou desaprovação. É preciso – como fez Anísio Teixeira – que indiquemos claramente quais são os problemas que se pretende resolver com uma política municipalista em educação. Sem isso, a retórica pró-municipalista como também a retórica antimunicipalização são inteiramente vazias, não obstante o tecnicismo de que se revistam e eventualmente, podem até ensejar fortes prejuízos à causa educacional.

Nessa perspectiva, nos leva a pensar que o discurso oficial dos governos federal e estadual visa a incutir uma ideia de que o atendimento da educação pelos municípios proporciona fortalecimento do poder local, ou seja, autonomia municipal que se diz necessária ao processo de democracia. Nessa perspectiva, a supervisora Sabedoria salienta:

[...] Mas eu vejo que a municipalização ela é um caminho sem volta, ela é a gestão de uma lei que diz que nós temos que descentralizar os processos. A LDB é clara quando ela dá autonomia aos municípios, aos sistemas de ensino e também a escola na gestão financeira, na gestão pedagógica, na gestão dos recursos humanos. Então, eu sou a favor da municipalização, eu sou a favor de tudo que trabalhe com a realidade. O princípio da municipalização ele é muito válido, ele é muito importante e eu acredito nele. Só que quando você parte de uma lei, você parte de princípios e você vai coloca-los na prática. Na prática você se depara com diversas dificuldades. Vendo como supervisora, primeiro que nem todos estão preparados para esta autonomia, para esta gestão democrática que se pede. (Supervisora Sabedoria)

Segundo Arelaro (2000), a descentralização foi implantada em um contexto de “enxugar” a máquina estatal, o que é comprovado por meio dos dispositivos da Emenda Constitucional nº 19, de 04 de junho de 1988 e da Lei nº 101 de maio de 2000 (conhecida como Lei de Responsabilidade Fiscal) que limita gastos, por parte dos governos, com a folha de pagamento de pessoal dos serviços públicos, pois estes, segundo argumentava o governo federal, eram os responsáveis pelo sufoco vivido pelas economias locais.

Vale ressaltar que o passo decisivo para a descentralização do ensino se deu com a Constituição de 1988, uma vez que, em seu artigo primeiro, se reconhece o município como ente federativo e, no artigo 211, se autoriza o município a criar seu próprio sistema de ensino, determinando, no parágrafo segundo do mesmo artigo, que “os municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e pré-escola”. Abriu-se, assim, um caminho legal para que os Estados procurassem transferir esse encargo para os municípios.

Nessa direção, o Secretário de Educação de 2001 a 2008 argumenta:

[...] em minha opinião, na época, eu lutei muito, fui até muito não posso dizer perseguido, mas bastante discriminado, porque eu achava que deveria se municipalizar de 1ª a 4ª série, que hoje é do 1º ao 5º. E investir na Educação Infantil que nós sempre tivemos dificuldade de recursos financeiros. Mas muitas prefeituras e inclusive a de Itatiba ela fez a municipalização até o 9º ano e o que cada Prefeito pensava era no cifrão. Quanto que cairia de dinheiro na conta da Prefeitura, mais uma vez venceu a questão de mercado e não acredito que melhoramos a educação. Nós fragmentamos mais, porque o menino chega pra nós na 1ª série do Ensino Médio com uma defasagem ou no 6º ano com uma defasagem muito grande e nós temos ainda e isso vem lá da maneira como ocorreu a municipalização [...] (Secretário de Educação)

Nesse contexto, ao analisar todo o percurso da Educação do Brasil, Vieceli (2002) afirma que tivemos momentos:

- de transferência de responsabilidade com os jesuítas;
- de centralização com Pombal;
- de provincialização com o Ato Adicional à Constituição do Império de 1834;
- de estadualização com a Proclamação da República e a criação dos Estados Federados;
- de centralização dos recursos e decisões, assim como, de descentralização dos encargos, com a LDB 4.024/61;
- de intenções de municipalização do ensino com a LDB 5.692/71, que vão se tornar realidade na Constituição de 1988.

Em 13 de novembro de 2001, Itatiba reelaborou seu Sistema Municipal de Ensino¹⁹, tendo o município ficado incumbido de: instituir, organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais do seu sistema de ensino, integrando-os às políticas e planos educacionais da União e dos Estados; exercer ação redistributiva em relação às suas escolas; dispor sobre normas complementares para o aperfeiçoamento permanente de seu sistema de ensino. Um dos objetivos que podemos destacar é que com a municipalização, o município assumiu o ensino da Educação Infantil, o Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Dessa forma, em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 (LDB), o município deve garantir padrões mínimos de qualidade de ensino, definidos como variedade e quantidade mínima, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem. Além de manter cursos de capacitação continuada aos docentes da rede municipal de ensino.

Nesse sentido, a supervisora Encantada salienta:

Agora na questão pedagógica eu vejo grandes avanços, ainda se eu comparar com antes da municipalização, claro que para acontecer precisou de todo um trabalho de estruturação da rede municipal, inclusive com plano de carreira, que não existia, com Sistema Municipal de Educação, toda uma legislação que precisou existir, para que isso acontecesse. E dentro disso a SE do município, ela teve que se organizar [...] (Supervisora Encantada)

Em consonância, com que disse a Supervisora Encantada, a seguir, destacamos alguns pontos da Lei nº3. 485/01 no que concerne a capacitação de professores. No capítulo I, na parte dos princípios, no Artigo 3º O Ensino será ministrado com Base nos seguintes princípios:

- VII - valorização dos profissionais do ensino, garantindo na forma da Lei do Plano de Carreira para o Magistério Público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, assegurado regime jurídico único para todas as instituições mantidas pelo Município;
 - VIII - gestão democrática do ensino público, na forma da lei;
 - IX - garantia de padrão de qualidade.
 - X - valorização da experiência extraescolar;
- No capítulo II, no Artigo 4º - São objetivos do Sistema de Ensino:
- XI - manter cursos de capacitação continuada aos docentes da rede municipal de ensino;

¹⁹ Lei nº 3.485/01- de 13 de novembro de 2001 - "Dá nova redação à Lei nº 2.976, de 25 fevereiro de 1998, que 'Dispõe sobre a criação do Sistema Municipal de Ensino de Itatiba e estabelece normas gerais para a sua adequada implantação'."

No título V, na parte dos órgãos componentes do Sistema de Ensino e suas competências ou atribuições, no Capítulo I – Artigo 8º O Sistema de Ensino é composto dos seguintes órgãos:

I - a Secretaria da Educação do Município de Itatiba;

II - o Conselho Municipal de Educação;

III - as instituições de educação básica, mantidas pelo Poder Público Municipal;

IV - as instituições de educação infantil, criadas e mantidas pela iniciativa privada.

No título IX, na parte das Disposições Transitórias, no § 1º - O Poder Público Municipal deverá:

d) realizar programas de capacitação para todos os professores em exercício, utilizando também para isso os recursos da educação à distância.

Assim, a tomada de decisões para um sistema educacional implica na articulação de vários mecanismos tais como: O Estatuto do Magistério²⁰, instituído, estruturado e organizado pela Lei nº 2964, de 17 de dezembro de 1997, o Conselho Municipal de Educação de Itatiba, o qual foi criado em 20 de agosto de 1996, pela Lei n. 2792, os Conselhos de Escola, as Associações de Pais e Mestres e Grêmios Estudantis como espaços de elaboração de políticas educacionais, de decisão, de acompanhamento, avaliação e aperfeiçoamento do sistema.

Podemos constatar que a legislação do município de Itatiba apresenta o que é disposto pela Constituição Federal, bem como o que rege a LDB, no tocante da formação continuada de professores. Seguindo o mesmo foco os Referenciais para a formação de professores em seu artigo 67, pode-se verificar que:

Art.67- os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais de educação, assegurando-lhes: [...] aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico para esse fim; [...] período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho.

[...] a atualização, o aprofundamento dos conhecimentos profissionais e o desenvolvimento da capacidade de reflexão sobre o trabalho educativo deverão ser promovidos a partir de processos de formação continuada que se realizarão na escola onde cada professor trabalha e em ações realizadas pelas Secretarias de Educação e outras instituições formadoras, envolvendo e equipes de uma ou mais escolas. (Referenciais para a Formação de Professores - Brasil, 1999c, p.131).

Dessa forma, no Brasil a partir da Constituição Federal de 1988 (CF/88) os municípios passaram a ter autonomia para criar os seus próprios sistemas municipais, o que Gadotti

²⁰ O Estatuto do Magistério, instituído, estruturado e organizado pela Lei nº 2964, de 17 de dezembro de 1997, passa a vigor com a seguinte redação e os acréscimos referentes ao plano de carreira do magistério municipal de Itatiba. A carreira do Magistério Público Municipal tem como princípios básicos: I – a valorização do desempenho profissional, e II – a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

(2000, p.75), situa o município “como espaço real de poder [...] que não é mais tratado como novo executor de decisões tomadas em outras instâncias de poder”. Desta maneira, os municípios devem funcionar em regime de colaboração com o Estado e o Governo Federal.

Na sequência, apresentaremos a discussão acerca da municipalização em Itatiba com base na perspectiva dos sujeitos que fizeram parte da pesquisa.

1.4. A municipalização em Itatiba à luz dos diferentes atores educacionais: secretários, supervisores, diretores e professores

Analisa-se nesta parte o processo de municipalização, a vantagem e os objetivos implementados após esse ato, à luz das opiniões dos sujeitos que colaboraram com a pesquisa por meio das entrevistas. Para o Secretário da Educação de 2001 a 2008, os municípios não ficaram atentos que, ao assumirem a municipalização, eles seriam responsáveis pela manutenção, construção de prédios, compra de livros, salários dos professores... Ele comenta que a municipalização tem a questão da proximidade, mas se o gestor municipal e a sua equipe não tiver sensibilidade, não avança. Destaca em sua entrevista que:

Então, eu acho que a municipalização é um avanço parcial. Eu não consigo ver que a gente avançou. Tem decisões? Tem decisões, mas tem município que há ainda diretores que são indicados, supervisores de ensino são indicados. Que se coloca, tem um discurso muito bonito de autonomia, mas quem se coloca é perseguido [...] (Secretário da Educação)

Além disso, o Secretário destaca que ao municipalizar acreditava-se que o poder de decisão seria muito mais próximo, mais rápido e que isso melhoraria a qualidade da Educação. Lembra que essa posição estava prevista também na Constituição de 1988, era uma questão que dependia de regulamentação. No que diz respeito a esse aspecto, salienta que foi uma vantagem. Quanto aos objetivos implementados, ressaltou a luta para construir um currículo; a formação continuada; a criação de Portarias, Decretos, Conselhos, Concurso público. Desse modo, declara que todas essas ações estavam previstas pela municipalização.

A Secretária de Educação de 2009 a 2012 salienta que não participou da implementação da municipalização, mas que pela história e por registros, ela entende que esse processo é um Programa de integração do Estado e Município. Ou seja, o município, de certa forma, se responsabiliza técnico administrativo e pedagogicamente pela gestão do 1º ao 9º. Destaca, ainda, que:

Eu acredito que na época e até hoje a gente ouve falar que a municipalização trouxe desvantagem, porque os professores tinham um salário melhor e tinha

que dividir a fatia do bolo, com professores que agregaram no grupo. Então isso que em termos de prédio público, que por um período tiveram que conviver Estado e Município junto. (Secretária de Educação)

Entretanto, ela afirma que toda mudança é sempre bem-vinda, quando visa à qualidade da Educação. E que todo o processo de descentralização promove ganhos qualitativos. Nesse sentido, ela destaca:

Então, a descentralização, o que esperavam e eu acredito nisso, o que se esperava era um avanço em qualidade também. Uma descentralização e um investimento em qualidade. Uma vez que o município pode acompanhar com mais atenção, com mais foco e acompanhamento direto naquela modalidade de ensino que está sobre sua responsabilidade, mais diretamente. Ele pode atuar e acompanhar mais diretamente, avaliar mais diretamente, responder mais diretamente, por aquele segmento que é de sob sua responsabilidade. (Secretária de Educação)

A Secretária ressalta ainda que se tiver recursos financeiros, condições de fato do regime de colaboração acontecer realmente, ela vê vantagem na municipalização. Ela acredita em uma forma mais descentralizada, mais independente, para que se possa adotar o livro que se quer utilizar, desenvolver os processos formativos, fazer o acompanhamento, a supervisão, as visitas etc.

Vale destacar pontos comuns entre os dois Secretários, uma vez que sinalizaram sobre a questão da melhoria da qualidade do ensino, pois com a Municipalização todas as decisões quanto à Educação ficaram muito mais próximas, tanto em responsabilidade, quanto em autonomia, bem como ressaltaram sobre os professores estaduais e professores municipais trabalharem em um mesmo prédio.

Para a supervisora Sabedoria, a municipalização é um caminho sem volta, pois é a gestão de uma lei que prega a descentralização dos processos, ou seja, em seus princípios os municípios terão autonomia, para criarem seu Sistema de Ensino, para gerirem sua: gestão financeira, gestão pedagógica, gestão dos recursos humanos. Nesse sentido, ela ressalta:

Então, eu sou a favor da municipalização, eu sou a favor de tudo que trabalhe com a realidade, que esteja próximo da realidade. O princípio da municipalização ele é muito válido, ele é muito importante e eu acredito nele. Só que quando você parte de uma lei, você parte de princípios e você vai coloca-los na prática, você se depara com diversas dificuldades. Vendo como supervisora, primeiro que nem todos estão preparados para esta autonomia, ou seja, para esta gestão democrática que se pede. (Supervisora Sabedoria)

A supervisora afirma ainda, que há o problema da questão política, uma vez que tudo é muito próximo do governo municipal, no qual se confunde muito a escola pública como

propriedade. Outra coisa é a questão dos direitos e deveres, pois muitas soluções são dadas de forma caseira, sem ver a forma legal. Na opinião dela o grande risco da municipalização é virar um canteiro “minha escola... meu espaço...” “A municipalização é muito séria, ela é muito importante para a população e ela tem que dar conta dos problemas daquele setor onde a escola está daquele município, onde nós estamos.” (Supervisora Sabedoria)

Sabedoria salienta que, a princípio, houve um engano dos municípios em querer abraçar tudo e Itatiba correu esse risco municipalizando do 1º ao 9º. “Se fosse só do 1º ao 5º seria mais fácil, para nós estarmos com uma política pública educacional mais consolidada.” (Supervisora Sabedoria) Ela vê que o processo em Itatiba ocorreu muito depressa, o qual deveria ter sido um processo do 1º ao 5º aprofundado, bem enraizado, com diretrizes, com metas, com ações pontuais, com grupos fortalecidos no conhecimento, enfim para depois ir expandindo aos poucos.

A respeito da vantagem da municipalização, Sabedoria faz a seguinte colocação:

Nós estávamos muito esperançosos em relação ao 1º ao 5º ano, confesso a você que era por conta de uma verba que viria a mais, nós ganharíamos a mais, a diferença salarial na época seria um bom dinheiro e nós tínhamos a esperança de estar mais próximos ao governo do município. (Supervisora Sabedoria)

Quanto aos objetivos implementados após a municipalização, a supervisora Sabedoria, ressalta que a Gestão de 2001 a 2008 teve uma missão, pois nesse período foi estruturada toda a rede municipal por meio dos seguintes documentos legais: criaram leis; Plano de Carreira; O Sistema de Ensino; abriram concursos para professores, diretores e supervisores. O que se buscava era a melhoria da qualidade do ensino, para isso várias ações foram pensadas, a fim de que isso acontecesse. Nesse sentido, ela argumenta:

Eu vejo um primeiro momento de criação, depois um momento de apropriação, porque nós tivemos que colocar os professores que eram do Estado no município e eles vinham de um trabalho do Estado, com orientação no Estado, nós não tínhamos a princípio um grupo formador, nós só tínhamos Educação Infantil. Então, nós precisávamos fortalecer o município, para que acontecesse um trabalho. Eu vejo o primeiro momento legalizar, regularizar a rede. Segundo momento abertura de concurso público, a entrada de professores municipais e a necessidade de se pensar em trabalhar com essa formação do professor que veio de uma rede estadual [...] (Supervisora Sabedoria)

Sabedoria enfatiza também a importância dos estudos com a Universidade de São Paulo (USP), a qual trabalhou com diversos aspectos da formação continuada com professores, coordenadores, diretores e SE. Ela ressalta que foi necessária uma formação com

um grupo externo, uma vez que teriam um conhecimento de uma rede maior, de uma visão maior que a rede não dispunha. Quanto à questão da estruturação da rede, ela aponta:

Mas eu vejo que a rede ainda não se estruturou, porque a todo momento nós temos mudanças de direção, mudanças de coordenador, nós temos mudanças na base, não digo nem na SE. Eu vejo mudanças da base, muitas salas com professores afastados, com contratados que não tem vínculo com a escola, no outro ano eles mudam, coordenadores que mudam todo ano. É um processo de concurso ainda, ele não é concursado. Então, faz muita falta um coordenador que dê andamento a uma linha pedagógica. (Supervisora Sabedoria)

Para a supervisora Encantada, a municipalização trouxe algumas questões difíceis de serem trabalhadas, uma vez que naquele momento o professor era um profissional do Estado, mas não estava no Estado, estava no município e ele não era do município, mas ele estava no município como municipalizado. Agora na questão pedagógica ela ressalta que houve grandes avanços se comparada com antes da municipalização. Para isso ela destaca que foi preciso de todo um trabalho de estruturação da rede municipal, inclusive com Plano de Carreira que não existia, com Sistema Municipal de Educação, enfim toda uma legislação. Dessa forma, ela argumenta sobre a vantagem que a municipalização trouxe:

Tanto o governo do Estado, quanto o governo do município esperavam que com o acompanhamento mais próximo a qualidade do ensino melhoraria. As prefeituras estando próximas, porque o Estado é algo maior que era difícil estar gerenciando essa aprendizagem. (Supervisora Encantada)

Na questão dos objetivos implementados, a supervisora destaca que a Secretaria de Educação de 2001 a 2008 teve que se organizar quanto a ter um norte, uma linha mestra, para isso foram criados vários documentos, vários estudos para tentar normatizar essa rede. A SE fez uma opção por um curso de formação continuada com a USP, a qual primeiramente começou por um estudo do Projeto Político Pedagógico, para todas as escolas e inclusive para a própria SE. Ressalta ainda que a municipalização ajuda nisso, a SE está mais próxima da escola.

Tanto a supervisora Sabedoria, quanto a supervisora Encantada enfatizaram que a municipalização trouxe a proximidade da Gestão Municipal para com as escolas e que com isso esperava-se a melhoria da qualidade do ensino. Esse aspecto também foi destacado pelos dois Secretários de Educação. Além disso, as supervisoras ressaltaram que a gestão de 2001 a 2008 teve que estruturar a Secretaria de Educação, inclusive, criando lei, decretos, documentos legais, assim como proporcionou a formação continuada com a USP.

Já diretora Paixão aponta que a municipalização em Itatiba foi uma decisão política acertada entre o Prefeito da época, entre o Delegado de Ensino e o Governo do Estado e que os professores não foram ouvidos. Nesse sentido, ela ressalta:

Foi imposto isso para nós, várias reuniões foram feitas e na época eu era conselheira estadual da APEOESP. Fui uma das pessoas que lutou muito para que a municipalização não viesse. Primeiro as coisas não eram bem colocadas, nós não fomos consultados, o critério de ficar ou não ficar na municipalização, era um critério político, não avaliava a qualidade profissional de ninguém, era uma decisão extremamente política [...] (Diretora Paixão)

Paixão enfatiza que uma grande preocupação na época era a vida funcional dos professores, pois o cargo era do Estado, de onde vinha o salário e o município arcava com uma diferença salarial. Isso acontece até hoje, entretanto essa diferença nunca foi incorporada ao salário e com isso segundo ela, houve prejuízo na vida funcional, uma vez que se o professor tiver alguma licença, ele deixa de ganhar essa gratificação. Nesse aspecto, ela afirma:

Então eu acho assim, se os professores pudessem voltar atrás, se eles pudessem decidir, eles diriam não pela municipalização. Porque as administrações municipais as propostas pedagógicas passam e o professor tem o reflexo de uma vida inteira da questão salarial. Muita gente perdeu muita coisa ou deixou de ganhar [...] (Diretora Paixão)

Assim, segundo a diretora, para favorecer a municipalização os professores que eram municipalizados escolhiam aulas antes dos professores municipais e isso gerava um clima ruim. Além disso, a jornada de trabalho era diferenciada para o professor municipalizado. Então, ela destaca que nas escolas tinham professores do Estado, professores municipais, com jornadas diferentes, salários diferentes para um mesmo trabalho.

Para Paixão, o que houve de vantagem na municipalização foi que a gestão da Educação do município estando mais próxima, facilitaria o acompanhamento, a sistematização, a formação dos professores, a questão da manutenção dos prédios públicos, ou seja, a proposta era que tudo isso proporcionaria a melhoria da qualidade do ensino. Dessa maneira, ela afirma que houve um avanço na questão pedagógica.

Quanto aos objetivos implementados, a diretora destaca que de 2001 a 2008 teve avanço na questão de formação, a qual acontecia no horário de HTPC, ou em período contrário. Também afirma que foi se construindo a rede, retomou-se a questão do Construtivismo, bem como começou a surgir um documento com expectativas de aprendizagem, o qual segundo ela avançou muito hoje em dia.

Já a diretora Consciente ressalta que Itatiba foi uma das primeiras cidades do Estado de São Paulo a ser municipalizada do 1º ao 9º. Ela aponta que para aquele momento o mais importante seria a melhora da qualidade da Educação. Traz como vantagem da municipalização:

Eu achei que por um lado foi bom, porque pegou os professores do Estado igualou o salário. E tinha gratificação para o professor do Estado. Então conseguiu acolher os professores do Estado e esses professores municipalizados tinham sua sala de aula dentro do município, não precisava se deslocar, porque todos foram atendidos. (Diretora Consciente)

A diretora afirma ainda, que de 2001 a 2008, juntamente com os professores, foram estudando para se ter uma identidade própria. Nessa gestão tentaram-se várias maneiras de se criar um currículo e, nesse período, foi feita uma parceria com a USP, a qual desenvolveu a formação continuada com professores, coordenadores e diretores.

Entre as duas diretoras existem pontos divergentes, pois para Paixão houve muita perda para os professores com a municipalização. Já para a Consciente ela afirma que os professores que eram do Estado até elogiaram naquele momento a municipalização. Como aspecto comum, as duas falam sobre proximidade da gestão municipal, para com as escolas e sobre a melhoria da educação. Outro ponto que Paixão destaca e que os Secretários também ressaltaram é sobre os professores do Estado e os professores municipais estarem num mesmo prédio trabalhando e o quanto essa fase foi complicada.

Para a professora Escritora, a municipalização foi um período muito complicado e conturbado, no qual existiram várias reuniões na Câmara Municipal, inclusive, segundo a professora, havia um representante do Estado, mas o que se percebia que o processo já estava implantado, então na época isso ficou muito confuso para os professores. Além disso, ela destaca a questão da política que dependendo do gestor, dependendo do Prefeito, do Secretário se tem determinada influência, isso realmente aconteceu e acontece até hoje. Nesse sentido, ela destaca que

A princípio eu estava na rede Estadual e como professora estadual eu fiquei municipalizada, é o que se chamava na época. Passei a trabalhar no município, então no mesmo prédio que eu trabalhei 25 anos da minha vida, funcionava manhã e tarde o ensino fundamental e manhã e noite o ensino médio. Eu trabalhava nos dois, tanto municipalizada, quanto no Ensino Médio. E a princípio eu fiquei apreensiva, fiquei com muito medo da municipalização. Primeiro porque eu não conhecia o que era e segundo por causa da parte política. Eu não sabia se politicamente isso ia ser bom ou não para a Educação em si. (Professora Escritora)

A professora enfatiza que com a municipalização ficou muito mais próxima à questão da formação, pois se começou a procurar um caminho para saber qual era a “cara” da Educação de Itatiba e foi por meio desse processo que isso se concretizou. Então, a partir daquela época Itatiba começou a tomar um rumo de uma identidade para a Educação. Ela ressalta como vantagem a questão da proximidade entre a gestão municipal e o professor na sala de aula.

Para a professora Comprometida depois da municipalização tudo é feito na escola, dessa forma, tudo é levado diretamente para a Prefeitura. Com isso, existe uma relação bem mais próxima. Nesse sentido, ela ressalta: “Acredito que foi bem feita a municipalização... que acabou sendo boa. Penso que foi uma vantagem, pois tudo que temos que fazer está bem próximo.” (Professora Comprometida)

O professor Engajado, a princípio, achou muito ousado municipalizar do 1º ao 9º, porque a maioria dos municípios da região é do 1º ao 5º. Ele diz que Itatiba foi inovadora por absorver uma rede enorme e que quando o governo municipal se aproxima do 6º ao 9º é somente para trazer melhorias. Nesse sentido, ele afirma:

Eu acho que é inovador, ainda temos Prefeituras engatilhando, algumas devolvendo, como Jundiaí devolveu para o Estado. Campo Limpo Paulista entrou no processo de devolução. Quer devolver o 6º ao 9º. O 1º ao 5º é da rede municipal mesmo, não tem como fugir. Jundiaí eu sei que devolveu o 6º ao 9º. (Professor Engajado)

Engajado destaca ainda que quando tudo é mais próximo, os professores são do município, há uma preocupação realmente com os alunos e esse é o melhor retorno. O retorno é melhor para a família, para a comunidade, enfim, quem ganha são os alunos. Nessa direção ele diz: “Mas é diferente a preocupação ela é diferenciada, principalmente com o IDEB, com Fluxo, o conselho tutelar é mais próximo. Enfim, a comunidade escolar ganha com isso, eu acho bacana, diferente do Estado.” (Professor Engajado)

Para o professor Realista, a municipalização foi um processo benéfico, uma vez que o município acabou tendo um maior controle das escolas. Mas, em relação à parte profissional, ele ressalta que alguns professores que são municipalizados sentiram-se prejudicados por esse processo e que não tiveram opção ou aceitavam ou aceitavam. Nessa perspectiva, ele enfatiza:

Mas em termos de alunos e para os professores que entraram depois disso, eu acho fantástico, porque fica mais fácil, a gente tem contato mais direto com a Secretaria de Educação e a própria ação deles é mais dinâmica. Eu acho que foi benéfica a municipalização do Ensino Fundamental. (Professor Realista)

Os quatro professores enfatizaram o lado positivo da municipalização. Segundo eles, a proximidade da gestão municipal com as escolas foi um ganho para o município. Entretanto, a professora Escritora destacou que foi um período complicado devido à questões políticas e o professor Realista ressaltou que os professores municipalizados sentiram-se prejudicados financeiramente. Isso vem ao encontro com a fala da diretora Paixão, a qual enfatizou que a municipalização foi algo imposto politicamente. Um aspecto comum entre todos os entrevistados realmente foi a questão da proximidade entre a SE e as escolas, ou seja, todos apontaram como vantagem da municipalização. Dessa maneira, podemos inferir que para os entrevistados que fizeram ou fazem parte da SE, houve certo ganho com a municipalização. Embora na visão do Secretário de Educação de 2001 a 2008 e da Supervisora Sabedoria o município correu um grande risco de municipalizar do 1º ao 9º.

A seguir, apresenta-se o capítulo II, o qual traz o percurso da Gestão Municipal de 2001 a 2008, no que concerne sua estrutura, formação continuada e construção da política curricular.

CAPÍTULO 2. GESTÃO MUNICIPAL DE 2001 A 2008: EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE MUNICIPAL

A sociedade que idealizamos precisa ser justa, democrática, solidária, igualitária, resgatando a ética e a cidadania. Deve priorizar o respeito à diversidade, às diferenças e à liberdade de ação consciente. Cabe a nós assumirmos a escola como meio de construção desta sociedade. Para tanto ela precisa ser um local de oportunidade para dialogar, debater, aprender, compartilhar, refletir e argumentar além de seu 'muro'. Queremos uma escola viva, autônoma, com currículos integrados que não excluam, nem classifiquem o indivíduo. Assim, essa escola poderá participar na formação de um ser humano crítico e criativo; ético e solidário; participativo e responsável; feliz e realizado, que tenha sede de saber e desejo de transformação. Sejamos todos construtores de uma escola pública de qualidade!

Marco Referencial²¹, 2005

Como já discutido no capítulo anterior, o município de Itatiba é municipalizado do 1º ao 9º desde 1999, para tanto, ao assumir a Gestão Municipal em 2001, o Secretário de Educação teve que estruturar a Rede Municipal. Isso significou elaborar documentos legais: leis, decretos, portarias, resoluções; concurso público para professores já em 2001; reelaborar o Sistema de Ensino; instituir o momento do Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC); firmar muitos projetos, parcerias etc. Segundo o Secretário, naquele momento era preciso criar condições de trabalho, organizar, enfim criar uma identidade para a Educação do município, uma vez que assumira o ensino do 1º ao 9º ano. Ressalta ainda, que a prioridade de sua gestão era a formação continuada²². Dessa forma, ele destaca,

[...] fomos fazendo a nossa legislação, voltamos a construir escolas e tudo isso. Mas aí você já começa a ter um foco a mais para o município. Baixando portarias, decreto, agilizando o funcionamento dos Conselhos, que já tinha no papel, era uma questão difícil. A questão dos gastos, onde que a gente gasta, o que a gente pode fazer quanto vai ficar a nova escola, com que período, qual é a projeção do 1º ano, do 2º ano, nós fomos trabalhando por metas [...] (Secretário da Educação de 2001 a 2008)

A esse respeito, a supervisora Sabedoria complementa,

²¹ Marco Referencial – produzido em um encontro de diretores e coordenadores em 31 de janeiro de 2005.

²² Formação Continuada – será explicitada no decorrer deste capítulo.

Num primeiro momento, a Secretaria de Educação como um todo, ela teve que se organizar enquanto sistema, porque para ser municipalizado todo o município precisa de um sistema. Então, mexemos em documentos antigos, a gente se deparou com leis de 1998 e 1999. Foi quando o município foi obrigado a criar por conta da municipalização [...] (Supervisora Sabedoria)

Segundo o PPP da Gestão 2001 a 2008²³, a Secretaria da Educação (SE) tinha as seguintes atribuições:

- Formular políticas e definir as diretrizes da educação em Itatiba, planejar, orientar, coordenar, executar, supervisionar, avaliar e divulgar a ação governamental relativa à educação.
- Prestar assessoria técnica, pedagógica, administrativa, financeira e jurídica às escolas, zelar pelo cumprimento das leis municipais, estaduais e federais de Educação, instalar e manter instituições de ensino público e fiscalizar o funcionamento dos estabelecimentos de ensino público e particular.

Assim como as seguintes diretrizes pedagógicas²⁴:

- Atendimento e reorganização da educação básica;
- Qualidade do ensino da Educação Infantil e Ensino Fundamental;
- Reorganização da Educação de Jovens e Adultos;
- Ampliação e aprimoramento do atendimento da Educação Inclusiva;
- Aperfeiçoamento e aprofundamento da formação continuada dos educadores;
- Atendimento e preparo dos profissionais de apoio;
- Recuperação dos espaços escolares;
- Desenvolvimento da gestão democrática com a participação da comunidade;
- Utilização das tecnologias de informação e comunicação (TICs);
- Viabilização do acesso através do transporte e merenda escolar de qualidade.

Desse modo, a Secretaria contava com as seguintes metas ao final da gestão em 2008:

- 80% dos alunos da 8ª série com o desenvolvimento do raciocínio, transpondo a matemática escolar para o cotidiano;
- 90% dos alunos produzindo e interpretando textos coerentemente;
- 90% dos alunos alfabetizados ao final do ciclo I;
- 90% dos alunos da EJA alfabetizados ao final de um ano.

Tendo em vista as metas estabelecidas, a SE propunha os seguintes objetivos:

²³ Projeto Político Pedagógico da SE (PPP) – conforme já mencionado no capítulo anterior, é um documento que foi elaborado, a fim de organizar toda a estrutura da SE. Será explicado no decorrer deste capítulo.

²⁴ Fonte: Texto de abertura do documento 14, 2008.

- Rever as concepções de ensino e aprendizagem visando às mudanças metodológicas que atendam aos princípios norteadores da Secretaria de Educação;
- Aprimorar a leitura e escrita;
- Diminuir a evasão/retenção no Ensino Fundamental;
- Diminuir a evasão da EJA;
- Ampliar e realizar a inclusão social e das pessoas portadoras de necessidades especiais;
- Repensar a avaliação;
- Investir na formação do cidadão.

Nessa perspectiva, a SE estabeleceu como linha de trabalho o Construtivismo, a qual deveria ser seguida pelas unidades escolares em todos os segmentos (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos). Sob essa ótica, a proposta construtivista pauta-se que o conhecimento é construído através da ação mediadora do professor e dos alunos, sendo o aluno o sujeito da construção do seu conhecimento. Vale destacar que nessa gestão (2001 a 2009) eram seguidos como fundamentação teórica os estudos de: Piaget, Lerner, Solé, Vasconcellos, Azevedo, Luckesi etc. Nesse sentido, a supervisora Sabedoria ressalta:

A princípio nós vínhamos de uma linha, eu vou voltar lá no tempo, nós vínhamos de uma linha do Estado que nós tínhamos poucas formações e aí cada um trabalhava como achava certo. Essa é a verdade, não tinha definida uma linha. Depois nós trabalhamos muito a linha Construtivista, muito Piaget, muito estudo nessa linha, de construção do aluno. Mas eu tenho certeza que não foi bem apropriada pela rede. Acho que tivemos vários equívocos nessa tentativa de se colocar o Construtivismo na escola. Vi alguns casos que saia do 8 ao 80, esse radicalismo não pode, não é mais assim, tirou o conhecimento do professor, descaracterizou o que ele vinha fazendo e o Construtivismo não é isso, o próprio nome diz é uma construção tanto do aluno como do professor. É uma discussão, é uma troca, é uma interação. E a interação só se faz com diálogo [...] (Supervisora Sabedoria)

Diante do exposto, conforme salientado na documentação consultada, a Gestão de 2001 a 2008, assumia como ser um sistema de referência na prestação de serviços educacionais de qualidade, na oferta de ensino em suas diferentes modalidades (Educação Infantil, Ensino Fundamental Regular, Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial); e na qualidade de seu quadro de gestores, docentes e funcionários; interagindo com a comunidade, proporcionando o desenvolvimento integral do ser humano.

Para tanto, a SE, no início da gestão estava organizada em 24 escolas de Ensino Fundamental, em 2001, e no final de 2008 em 28 escolas, abrangendo entre 2001 a 2008²⁵ o seguinte número de profissionais e alunos:

Tabela 1 Rede do Ensino Fundamental de 2001 a 2008

Número de Pessoas	Total	
	2001	2008
Quantidade de alunos no Ensino Fundamental	12.219	11.772
Quantidade de alunos do 1º ao 5º	5738	5973
Quantidade de alunos do 6º ao 9º	6431	5799
Quantidade de Professores Municipais	369	387
Quantidade de Professores Municipalizados	176	127
Quantidade de Professores Contratados	294	354
Quantidade de Diretores (cargo de confiança) ²⁶	24	27
Quantidade de Vice-diretores (cargo de confiança) ^{*27}		12
Quantidade de Coordenadores (cargo de confiança) ^{*28}		28

Fonte: Secretaria de Educação do Município de Itatiba

O que se constata é que houve um aumento de 4 escolas de 2001 para 2008, mas que ocorreu uma queda do número de alunos do Ensino Fundamental I e II, assim como o número de professores municipais efetivos houve um aumento e dos municipalizados ocorreu uma queda, entretanto de professores contratados²⁹ ocorreu um aumento significativo. Para o cargo de diretores há um aumento de 2001 para 2008, embora fossem 28 escolas e 27 diretores, uma vez que uma dessas escolas, não comportava diretor, era uma coordenadora, pois funcionava apenas um projeto nesse espaço. Quanto à função de coordenação pedagógica nessa gestão cada unidade escolar possuía um coordenador para todos os segmentos (Ed. Infantil, Ensino Fundamental I e II, EJA). Além disso, a Secretaria contava com recursos financeiros: o FUNDEB³⁰ e verba própria bem como o seguinte quadro de recursos humanos³¹:

²⁵Fonte - Secretaria de Educação.

²⁶ Direção, Vice-direção e coordenação – eram professores afastados da sala de aula que exerciam essas funções. Em 2008 houve um concurso público para diretores, mas não ocorreu a efetivação nesse momento.

²⁷ Não obtivemos informações sobre o número de vice-diretores do ano 2001.

²⁸ Não obtivemos informação sobre o número de coordenadores do ano 2001.

²⁹ Professores Contratados – eram professores que possuíam um contrato temporário por um ano e vale destacar que participavam das formações normalmente. A necessidade de se contratar esses professores ocorria devido a professores que se afastavam para coordenação, vice-direção, direção, assistentes pedagógicos etc.

³⁰ FUNDEB - foi criado pela Emenda Constitucional nº 53/2006 e regulamentado pela Lei nº 11.494/2007 e pelo Decreto nº 6.253/2007, em substituição ao FUNDEF, que atendia apenas ao Ensino Fundamental. Já o FUNDEB passou a atender toda a Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio).

³¹ Recursos Humanos – fonte Secretaria de Educação

Tabela 2 Recursos Humanos “Gestão 2001 a 2008”

Funções	Quantidade
Secretário de Educação	01
Diretora de Departamento de Ensino	01
Diretor de Obras Escolares	01
Chefe do Setor Administrativo	01
Chefe do Setor da Educação Infantil	01
Chefe de Manutenção de Obras Escolares	01
Chefe de Estudos e Projetos Escolares	01
Engenheiros de Obras Escolares	02
Estagiários de Obras Escolares	02
Supervisores pedagógicos do Ensino Fundamental ³²	04
Supervisores pedagógicos de Educação Infantil	04
Supervisora de Projetos Educacionais	01
Assistentes de Projetos Educacionais	02
Nutricionista	01
Assistentes de Merenda	02
Assistentes Administrativos	20
Assessora Pedagógica	01
Assessor Jurídico	01
Coordenadora da Educação Inclusiva	01
Coordenadora do Núcleo de Formação	01
Assistentes Pedagógicas da Educação Infantil/Ensino Fundamental I e II/EJA	21
Assistentes Técnicas (psicólogas, assistentes sociais, fonoaudiólogas e fisioterapeuta)	08
Servidores para conservação de limpeza e cozinha (terceirizados) – na Secretaria de Educação, no Museu, na Biblioteca e na Estação Ciências e no Almojarifado.	08
Vigias (terceirizados)	02
Patrulheiros mirins (Secretaria de Educação, Museu e Almojarifado)	05
Bibliotecária	01
Assistentes de Biblioteca	04
Assistente da Estação Ciências	01
Assistentes do Museu	02
Assistente do Planetário	01
Professoras de Música	02

Fonte: Secretaria de Educação do Município de Itatiba

Dessa forma, os funcionários indicados na tabela acima eram distribuídos nos seguintes locais: uma parte no Prédio da Secretária da Educação, no Museu, na Biblioteca

³² Supervisores – eram professores e diretores afastados que assumiam essa função. Não havia supervisor efetivo, ou seja, eram designados. Em 2008, houve um concurso público para supervisão, entretanto não ocorreu a efetivação nesse momento.

Municipal, na Estação Ciências, no Planetário, no Almoxarifado, na Oficina Pedagógica e no Núcleo de Apoio Psicossocial Educacional.

Já em 2001, o Secretário da Educação organizou uma Oficina Pedagógica, em um espaço de uma escola, local esse onde acontecia a formação continuada para professores, equipe gestora e para a equipe da SE. Em 2008, a Oficina foi reorganizada passando a ser denominada Centro Municipal de Formação de Liderança Educacional³³, conforme a Lei nº 4063, de 17 de junho de 2008 – era um espaço atualizado com 21 profissionais das diversas áreas do conhecimento (denominadas como Assistentes Técnicas Pedagógicas (ATP's)), para atender todos os segmentos da educação do município (educação infantil, alfabetização, Educação Artística, Ed. Física, Inglês, Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências, Formação para Coordenadores Pedagógicos, EJA – Educação de Jovens e Adultos, Educação Inclusiva) e Projetos Educacionais (Sexualidade/ Construindo Caminhos/ Meio Ambiente etc.), assim como, uma Coordenadora do Centro de Formação. Eram profissionais que trabalhavam no respectivo Centro, mas que pertenciam a SE, conforme demonstra a tabela 2.

O Centro de Formação Continuada tinha os seguintes desafios:

- Conduzir os profissionais da Educação a uma reflexão socioeducativa constante de sua prática;
- Colaborar para o aprimoramento profissional e crescimento pessoal dos professores, aprofundando as reflexões sobre noções e conceitos (ideais e reais) essenciais na Educação. Para formar pessoas críticas é necessário ter uma visão pública e construtivista;
- Propiciar momentos de formação humana, para que além da ressignificação da prática.

Nesse contexto, a Supervisora Encantada ressalta:

“E eu cuidava também da Oficina Pedagógica que nós tínhamos aqui no município, que era o lugar onde aconteciam as formações. Nela nós tínhamos profissionais da rede afastados para exercer papel de formadores, tínhamos formadores da 1ª a 4ª (1º ao 5º) e também das disciplinas específicas da 5ª a 8ª (6º ao 9º).” (Supervisora Encantada)

³³ Lei N.º 4.063, de 17 de junho de 2008 - "Dispõe sobre a denominação do Centro Municipal de Formação de Liderança Educacional." Art. 1º. O Centro Municipal de Formação de Liderança Educacional, localizado no Centro Educacional e Cultural de Itatiba "Prof.ª Marina Araújo Pires", subordinado à Secretaria da Educação, passa a denominar-se "Núcleo de Formação Continuada Profª Maria Isabel Assis Nader Bello".

De acordo com o seu PPP, a Secretaria da Educação ressaltava a necessidade do engajamento e empenho de todos os membros que compunham as escolas (direção, coordenação, professores, profissionais de apoio, pais e alunos) para que juntamente com a Supervisão e o Centro de Formação Continuada pudessem garantir uma escola pública de qualidade para todos. Vale ressaltar também que nessa gestão existia o Núcleo de Apoio Psicossocial Educacional (NAPE) “Prof.^a Albertina Marques”, criado pela lei nº 4068 em 23 de junho de 2008. Nesse local ficavam as assistentes técnicas (psicólogas, assistentes sociais, fonoaudiólogas e fisioterapeuta) e a coordenadora da Educação Inclusiva, ou seja, eram profissionais que trabalhavam nesse núcleo, mas que pertenciam ao quadro de funcionários da SE, conforme descrito na tabela 2.

Após essa contextualização sobre a Gestão de 2001 a 2008, passamos a apresentar a prioridade dessa administração – a formação continuada.

2.1. O contexto da formação continuada da Gestão 2001 a 2008

A fim de compreender o processo de formação continuada de Itatiba, foi necessário buscar informações sobre o contexto histórico, pois, desde meados dos anos 2000, o município investe em formações para todos os segmentos, para as diversas áreas, bem como para a equipe gestora. Conforme já explicitado a prioridade dessa gestão era a formação continuada, segundo o Secretário de Educação,

[...] a formação continuada do professor, você tem um X do dinheiro para fazer formação continuada. E fizemos, custa dinheiro, é difícil achar uma instituição, procuramos outra instituição e achamos a Universidade de São Paulo/ USP. Eu pessoalmente gostei muito de trabalhar com esse grupo, porque eles tinham uma qualidade, eles nos ouviam, lógico, acadêmicos, pesquisadores, pessoas sérias que vêm com uma proposta e que muitas vezes em cima do que a gente tinha escrito. Mas quando precisou mudar o rumo em alguns momentos em que eu pontuava, eu acompanhava todos, eles também tinham essa capacidade. Isso me deixou assim, uma pena que eu perdi o contato, mas me deixou muito feliz de poder trabalhar com essas pessoas. Pessoas gabaritadas, que nos ajudaram realmente naquilo que eu aprendi [...] (Secretário da Educação 2001 a 2008)

Desse modo de 2001 a 2008, o trabalho de formação era desenvolvido pela USP, a qual apresentou três grandes eixos para desenvolver o trabalho em Itatiba, conforme aponta o Secretário de Educação:

[...] o primeiro era uma formação geral, era para todos os professores... Discutir educação e aí vieram vários grupos. Grupos grandes, pessoas adequadas outras não, mas essa era a concepção do papel da escola, do Projeto Político Pedagógico. Eram encontros para todos de uma maneira reflexiva. No segundo momento era então, por áreas: ciclo I, Língua Portuguesa, Matemática, todas, Ciências, História, Geografia [...] E o terceiro módulo era que as escolas levantassem temas específicos que elas sentiam necessidade e aí esse grupo da USP se dividiu e foi às escolas trabalhar os temas que elas quiseram. Nesse momento nós tivemos que fazer alguns acertos, algumas pessoas vieram muito teoricamente e as escolas reagiam de muita queixa. Eu sempre fui falando com a Coordenadora da capacitação e nesse ponto que eu gostei também da USP, porque eles foram se adequando, se aprimorando para fazer esse trabalho. Então foram três grandes eixos [...] (Secretário de Educação de 2001 a 2008)

Quanto ao estudo sobre o Projeto Político Pedagógico é importante neste momento explicitar as considerações da supervisora Encantada:

Partiu-se primeiro de um Projeto Político Pedagógico, todas as escolas na verdade sempre tiveram que fazer, que a gente chama até hoje de PPP da escola, mas a SE tinha que ter um norte também. Então, a SE teve que elaborar o seu, que enquanto SE pensava para as escolas, pensava-se para o município. Inclusive a definição de que linha nós íamos seguir, o que era importante, o que a SE desejava alcançar, a missão da SE foi um período que foi elaborado tudo isso, para que a gente pudesse estar passando tudo isso pra escola. Porque se você não tem, como você vai querer que uma escola faça. Então foi um trabalho grande. Tinha tudo definido, as diretrizes, o que se esperava isso de 2001 a 2008. Existia a definição ao final do 9º ano, o que os alunos deveriam estar sabendo. No final do 5º, porque era aquela questão do 1º ao 4º. Quanto que a gente esperava de aprovação. Qual era a meta de aprovação? Que ações que teriam que ser feitas o que precisaria para o trabalho? (Supervisora Encantada)

A esse respeito, a professora Escritora enfatizou sobre o quanto esse momento de construção do PPP (na rede) foi importante:

[...] nós tivemos várias formações também, que eram do PPP (Projeto Político Pedagógico), então nós estudávamos o que era um PPP. Algumas reuniões na própria escola, mas a maioria no Núcleo de Formação, que se chamava Oficina Pedagógica. Foi interessante também, nós não sabíamos o que era um PPP, formato, como fazer e trabalhava em todas as instâncias...tanto os professores, quantos os envolvidos nesse processo, os pais, os funcionários, os gestores...isso foi bastante interessante. E aí eu acho que a cidade começou a ter uma cara na Educação [...] (Professora Escritora)

Na entrevista, ao ser questionado sobre quem direcionava o que era tratado nas formações, o Secretário da Educação explicou que:

[...] o primeiro eixo a USP nos apresentou e nós acatamos. Ela veio com a reflexão da Educação, Projeto Político e Pedagógico. O segundo, aí já era uma questão do currículo. Então, ao chamar algumas pessoas, a gente foi vendo essa questão da Matemática, da Língua Portuguesa, de Ciências, cada

disciplina tinha um especialista, de Inglês, Educação Física, que era um grande problema é um problema a Educação Física a mudança da formação do professor. Então daí, esses especialistas pessoas que tinham livros publicados, específicos das diversas disciplinas eles nos apresentaram e nós batemos o martelo. E o terceiro eixo a escola levantou. Então, foi a USP e em alguns foi a gente que solicitou e outros foram as escolas. (Secretário da Educação de 2001 a 2008)

Para a supervisora Sabedoria:

Acho que foi o momento mais rico da rede. Esse momento de conhecimento. Depois desse momento inicial, que eu acho que se plantaram as sementes e começou a mexer a terra e nós começamos a perceber isso serve pra nós e isso não serve pra nós. E lembro-me de vários embates de professores com os formadores e a rede começou a crescer e a querer alguma coisa própria. Então não servia mais um formador, alguém externo só trazendo alguma coisa. Então num segundo momento o formador da USP trazia para o formador da rede esse formador da rede passava para os professores. (Supervisora Sabedoria)

Na opinião do professor Engajado,

[...] o curso da USP tinha vários temas e a gente escolhia, que tema a gente se dedicava para fazer, eu me lembro também que por escola os professores escolhiam de acordo com a realidade. Parava-se um dia de aula com a USP para estudar, era muito legal, bacana, o Dr. da USP ia até a escola. Tivemos palestras maravilhosas. (Professor Engajado)

Abaixo segue uma compilação dos dados³⁴ (ano/fases/temas abordados/participantes/total de envolvidos) de todo o Programa de Formação desenvolvido pela Universidade de São Paulo no período de 2001 a 2008 em Itatiba.

Quadro 3 Programa de Formação da FAFE/USP em Itatiba de 2001 a 2008

Anos	Fases	Temas	Participantes	Total de envolvidos
2001	1	“A Construção do Projeto Político Pedagógico” – estudo de aspectos teóricos embasados no PPP (Foram 8 encontros)	Assessores da USP Professores ³⁵ / Diretores/ Coordenadores Equipe da SE ³⁶	864
2002	2	“Cooperações Técnicas e Específicas das diferentes disciplinas do Ensino Fundamental” (Foram 8 encontros)	Assessores da USP PEBI/ Professores II – das diferentes disciplinas/ Equipe Gestora Equipe da SE	601

³⁴ Dados compilados de um relatório “Programas e Projetos” da Secretaria de Educação, datado no ano de 2008.

³⁵ Professores - participavam das formações de 2001 a 2008 professores efetivos, municipalizados e contratados.

³⁶ Equipe da SE – faziam parte o Secretário da Educação, as Chefes, os supervisores etc.

Anos	Fases	Temas	Participantes	Total de envolvidos
2003	3	“Temas diferenciados, de acordo com a realidade e necessidade de cada Unidade Escolar” (Foram 8 encontros)	Assessores da USP Todas as Unidades Escolares Equipe da SE	665
2004	4	“Retomada e Implementação de propostas do Projeto Político Pedagógico” (Foram 4 encontros)	Assessores da USP Todas as Unidades Escolares Equipe da SE	682
		Fórum Permanente de Educação Inclusiva	Assessores da USP Profissionais da Ed. Inclusiva	65
2005	5	“Metodologia nas diferentes disciplinas” (foram 8 encontros)	Assessores da USP Professores II – das diferentes disciplinas	313
		Educação Inclusiva	Assessores da USP Coordenadores/ Professores	95
		Avaliação: institucional e do processo de ensino e aprendizagem (Foram 4 encontros)	Assessores da USP Equipe gestora Equipe da SE	68
2006	6	Assessoria para Especialistas do Núcleo de Formação Continuada (Foram 8 encontros)	Assessores da USP ATP’S Equipe da SE	35
		Ed. Inclusiva	Assessores da USP Profissionais da Ed. Inclusiva	122
2007	7	Assessoria para Especialistas do Núcleo de Formação Continuada (Foram 8 encontros)	Assessores da USP ATP’S Equipe da SE	35
		“Práticas escolares e Constituição do Sujeito” (quinzenalmente de fevereiro a setembro)	Assessores da USP Equipe Gestora Equipe da SE	68
2008	8	Assessoria para Especialistas do Núcleo de Formação Continuada (Foram 4 encontros)	Assessores da USP ATP’S Equipe da SE	35
		“Projeto Cinema e Cultura” (Foram 6 encontros)	Assessores da USP Diretores e Coordenadores Equipe da SE	68

Fonte: Relatório Programas e Projetos da SE/2008

De acordo com o relatório sobre Programas e Eventos da SE, em 2008, além do Programa descrito acima, as ATP’S das diversas áreas realizaram quatro encontros de formação distribuídos por bimestres, com duração de 4 horas. Realizaram no respectivo ano 364 visitas de acompanhamento de professores nas escolas. Vale ressaltar, que as assistentes eram professoras afastadas da sala de aula, para exercer essa função. Trabalhavam na Oficina Pedagógica, a fim de realizarem as formações com os professores, sendo elas um elo com o(a)

Professor(a) Doutor(a) da USP (para as disciplinas História, Geografia, Língua Portuguesa, Ciências, Artes e Inglês eram assessoras (todas mulheres) que ministravam a formação; e para Educação Física e Matemática eram assessores (homens)).

Vale ressaltar, as ATP'S tinham reuniões com os assessores da USP sistematicamente, a fim de tratarem sobre os assuntos das pautas de formação dos professores. Conforme mencionado no quadro acima, até 2005 os assessores da USP trabalhavam diretamente com a rede, após esse momento, passaram a tratar somente com as assistentes pedagógicas. Diante do exposto, a Supervisora Encantada enfatiza:

[...] E num último momento a formação passou para o Núcleo de formação continuada. Então, as Assistentes Pedagógicas recebiam essa formação para poder estar passando para os professores. Então, qual era o foco nesse momento... Nesse momento era a avaliação, eram as estratégias de formação e definindo índices, para que a gente pudesse identificar o desempenho. Onde tudo isso estava levando. Essa foi a última fase dentro das formações. (Supervisora Encantada)

É oportuno destacar o que salientou o Secretário de Educação acerca das formações. Ele informa que no início das formações os professores eram remunerados para participarem da capacitação, mas que depois, no decorrer do processo, foi cortada a remuneração, pois, segundo ele, o professor não valorizava isso. Ele destaca que em sua gestão procurou valorizar as condições de trabalho, que financeiramente, ele não conseguiu. Era uma política que se tinha outras prioridades, tais como: construir escolas, repassar dinheiro para as escolas, reformar etc. Nessa ótica, o Secretário salienta:

Nós tivemos outra prioridade, mandar material para as escolas, essas coisas. Então, financeiramente, eu não consegui. Agora, eu acredito, não sei se eu consegui, que na hora que você capacita esse professor e ele vê esse menino aprendendo, você está dando uma contribuição [...] Então, eu acredito que a valorização era na verdade nosso tempo de dar essas condições para o professor. (Secretário de Educação)

Além disso, o Secretário tratou de uma preocupação que para ele era um grande desafio: o acompanhamento das escolas. Enfatiza ainda que uma das coisas que falta no processo de formação continuada é o monitoramento. Ressalta que é por isso que não dão certo as políticas públicas e que cada um quer inventar uma coisa. Nesse sentido, ele destaca:

[...] E os professores que não mudaram foram os que mais criticaram e continuam criticando, porque pra eles nem aquele estava bom...nem esse está bom...nem o próximo estará bom. E vejo com certa tristeza, muita gente querendo sair da sala de aula. Então se ele puder agradar politicamente e isso é outra perversidade da municipalização e ter um cargo é tudo que ele quer. (Secretário da Educação de 2001 a 2008)

Por outro lado, a supervisora Encantada argumenta que sem o professor nada acontece, ela ressalta ainda que não adianta você ter um currículo estruturado, ter uma SE com formadores, um projeto de formação excelente, se não tem um professor envolvido em tudo isso. Segundo Encantada,

Então o professor nesse momento de Brasil, ele é muito desvalorizado na verdade, ele é desvalorizado pelos pais, pela escola, ele é desvalorizado por todo mundo. E a partir do momento que a gente conseguir que esse professor acredite nele, que ele faz a diferença na vida do aluno, aí sim, nós vamos ter um professor realmente, envolvido, empenhado e realmente satisfeito com aquilo que ele faz. (Supervisora Encantada)

Vindo ao encontro dessa discussão é pertinente o que aponta Tardif (2002, p.220),

a ação pedagógica dos professores é balizada por saberes de diferentes naturezas, portanto a necessidade de analisar as representações dos professores sobre os seus modos de trabalho, ou melhor, o desenvolvimento de conteúdos de diferentes áreas do Ensino Fundamental, mediante a consideração da complexidade do ofício dos professores.

Ainda segundo Tardif (2002, p.228), os professores de profissão possuem saberes específicos que são mobilizados, utilizados e produzidos por eles no âmbito de suas tarefas cotidianas. O professor, dadas às circunstâncias e os contextos de e para o seu exercício profissional, interage constantemente com os elementos ou atores principais e contextos envolvidos no processo ensino e aprendizagem. Essas experiências possibilitam-lhes construir conjuntos de saberes sobre cada um, os quais orientam suas práticas. É necessário, entretanto, lembrar que esses saberes que têm por fonte sua experiência são influenciados pela organização institucional e que essa, ocasionalmente, contribui, por suas ações e normas (currículos, programas, planos etc.), para o distanciamento entre os saberes da própria experiência, enquanto professores e os saberes obtidos em sua formação inicial ou continuada.

Nesse aspecto, a professora Escritora ressaltou que:

Essas formações mudaram muito a minha prática de sala de aula, eu penso que sempre está se reciclando, se modificando e eu percebo isso e o aluno percebe essa diferença e ele gosta dessa diferença. (Professora Escritora)

Dessa forma, de acordo com a documentação pesquisada, foi por meio do investimento da formação continuada³⁷ das equipes gestoras (diretores, vice-diretores e

³⁷ Havia certificação das formações da USP, inclusive os certificados valiam para a evolução funcional do professor.

coordenadores³⁸), dos professores e demais profissionais que atuam na área da educação, que a Secretaria almejava:

- Padrões de aprendizagem elevados para todos os alunos, da creche às oitavas séries;
- Aprendizado profundo, o qual, além de simples memorização ao conteúdo enfatiza o entendimento conceitual, a resolução de problemas e a do conhecimento, os quais são essenciais na participação social atual;
- Alfabetização real e verdadeira, assim como conhecimentos e compreensão da matemática, os quais são necessários para se atingir padrões de aprendizagem significativamente mais elevados;
- Planejamento das atividades educativas, o qual proporcionaria aos professores condições de selecionarem conteúdos e metodologias adequadas possibilitando a análise dos avanços e dificuldades dos alunos;
- Avaliações formativas, relacionadas aos padrões de aprendizagem de cada unidade, item ou atividade realizada, garantindo a valorização de padrões reais de aprendizagem para todos os alunos;
- Trabalho coletivo inspirado no Projeto Político Pedagógico da escola, visando romper o individualismo da profissão e optando por um novo modelo de união dos membros das escolas na busca de um bem maior e no resgate da nossa profissão.

Desse modo, da diretora Paixão ressalta:

Acho que a ação efetiva foram as formações para os professores e para os coordenadores. O que exatamente é a função do coordenador, de assistir aula de acompanhar, de orientar, de verificar se aquilo que eram tratados nas formações se de fato ocorriam na sala de aula. Foi o momento que começaram as avaliações diagnósticas, começaram as avaliações externas³⁹ [...] (Diretora Paixão)

³⁸ Além das formações com a USP, existia formação específica para coordenadores, a qual tratava sobre sua função. O grande desafio era a rotatividade da coordenação, pois era função e não cargo efetivo.

³⁹ Foi nessa Gestão que começaram as Avaliações Externas: Prova Brasil (é uma avaliação censitária que engloba os alunos do 5º e 9º ano do Ensino Fundamental das escolas públicas das redes municipais, estaduais e federal, com o objetivo de avaliar a qualidade do ensino. Fonte: www.qedu.org.br); SARESP (Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo. Avalia anualmente todas as escolas da rede estadual de ensino regular que oferecem Educação Básica e as escolas municipais, técnicas e particulares que manifestam interesse em participar da avaliação estadual. Visa melhorar a qualidade da aprendizagem dos alunos e da gestão escolar. Fonte: www.educacao.sp.gov.br) e Prova Itatiba (foi uma prova elaborada pelos assessores da USP em 2008)

Nesse sentido, António Nóvoa (2013) sublinha que: “O aprender se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente”. Assim, o autor prioriza a qualificação profissional e o aprender contínuo do professor como motores de melhoria de ensino. Para ele, o desafio dos profissionais da área escolar é manter-se atualizado sobre as novas metodologias de ensino e desenvolver práticas pedagógicas eficientes. A busca isolada pela atualização é difícil e, por isso, é aconselhável um vínculo com uma instituição. Mas o mais importante é entender que o local de trabalho é o espaço ideal para a formação continuada. Ele quebra a ideia de que para ensinar bem é preciso ter vocação sacerdotal. Destaca ainda que: “Deve haver um reconhecimento de que a formação é tão importante, quanto seu exercício”.

Para tanto, a professora Escritora enfatiza:

Eu acho que o nível das formações que nós tivemos até 2008, desse pessoal que veio com uma proposta de fora, o pessoal da USP, foi um ganho sim, foi muito positivo. Porque nós vislumbramos assim, uma forma diferente, agradável de trabalhar com a Educação e de trabalhar dentro das disciplinas, isso foi efetivo, foi um ganho efetivo que nós tivemos [...] (Professora Escritora)

E foi por meio desse processo de formação continuada que no encerramento da gestão municipal, em 2008, finalizou-se um documento curricular para todas as disciplinas do 6º ao 9º, denominado pela Secretaria Municipal de Educação de documento 14⁴⁰. O referido documento foi realizado pelos Assessores da USP de cada disciplina, pela Equipe do Centro de Formação Continuada e, em alguns momentos, com a participação dos professores da Rede Municipal. A seguir, trataremos sobre a política curricular de 2001 a 2008.

2.2. A política curricular na Gestão de 2001 a 2008 em Itatiba

Para a gestão municipal de 2001 a 2008, de acordo com o PPP da SE:

o currículo extrapola o “fazer” pedagógico abrangendo elementos como grade curricular, disciplinas, conteúdos e conhecimento. É necessário resgatar os saberes que o indivíduo traz de seu cotidiano. Elencado o objeto do conhecimento, este não deve ser trabalhado de forma superficial e desvinculado da realidade. Está enraizada, em nossa ação pedagógica diária, uma metodologia tradicional que entende o conhecimento como um produto pronto para apenas ser repassado, considerando somente a interação unilateral entre professor e aluno. Todavia, é preciso que o objeto do

⁴⁰ Documento 14- Orientações Curriculares de Itatiba (2008) – será apresentado no item sobre currículo, ainda neste capítulo.

conhecimento seja tratado por meio de um processo que considere a interação/ mediação entre educador educando como uma via de “mão dupla” em que as relações de ensino-aprendizagem ocorram dialeticamente.

Buscando pressupostos legais do currículo, verifica-se que, no caso das escolas municipais, sua elaboração deve corresponder às exigências estabelecidas na LDB e nas Diretrizes Curriculares Nacionais, Resolução nº4 de 13 de julho de 2010, para a Educação Básica nos seus diferentes níveis de ensino.

Assim, currículo é o documento que sintetiza as discussões e as escolhas sobre as quais os conhecimentos escolares serão ensinados para os alunos. Ele é um documento muito mais complexo do que um simples roteiro de conteúdos, pois pretende demarcar as experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, em meio às relações sociais, e que contribuem para a construção das identidades dos alunos. Desse modo, currículo associa-se ao conjunto de esforços pedagógicos desenvolvidos, com intenções educativas.⁴¹

Nesse sentido, o currículo não diz respeito apenas a uma relação de conteúdos, mas envolve também:

questões de poder, tanto nas relações professor/aluno e administrador/professor, quanto em todas as relações que permeiam o cotidiano da escola e fora dela, ou seja, envolve relações de classes sociais (classe dominante/classe dominada) e questões raciais, étnicas e de gênero, não se restringindo a uma questão de conteúdos. (HORNBERG e SILVA, 2007, p.1)

Sendo assim, o professor é o elemento fundamental na concretização desse processo. Esse desempenhará o papel de realização plena do currículo, consciente de seu papel na execução e desenvolvimento de práticas que tornarão o currículo eficaz. Nesse contexto, Sacristán (2000, p. 185) ressalta que:

O professor transforma o conteúdo do currículo de acordo com suas próprias concepções epistemológicas e também o elabora em ‘conhecimento pedagogicamente elaborado’ de algum tipo e nível de formalização enquanto a formação estritamente pedagógica lhe faça organizar e acondicionar os conteúdos da matéria, adequando-os para os alunos.

Nessa gestão foram elaboradas as Orientações Curriculares para o 6º ao 9º, denominado Documento 14⁴², o qual tinha como foco a qualidade de ensino e a necessidade

⁴¹ Informações extraídas do curso Gestão para Aprendizagem da Fundação Lemann, sobre os estudos de Moreira, 2009.

⁴² Fonte: texto de abertura do próprio documento 14.

de garantir o acesso e a permanência de todos na escola, por meio de expectativas de aprendizagem acrescentando paralelamente os conteúdos necessários e os procedimentos do professor e do aluno.

Figura 2 Capa do Documento 14

Fonte: Secretaria de Educação do Município de Itatiba

Esse documento foi organizado como um livreto, em volume único, encadernado em espiral, tem capa plastificada, com capa de papel sulfite identificado cada disciplina. Possui 319 páginas, onde se apresentam as seguintes disciplinas: Ciências Naturais, Educação Artística, Educação Física, Geografia, História, Língua Inglesa, Língua Portuguesa e Matemática. Na capa apresenta-se nome da Prefeitura do Município de Itatiba e a Secretaria de Educação, bem como traz o brasão do município, o número do documento (14), o nome “*Orientações Curriculares e Expectativas de Aprendizagem*”. Foi entregue a todas as escolas em uma versão impressa e cada professor (de acordo com a área de cada um) recebeu uma versão em CD em dezembro de 2008. Vale destacar que nessa versão não se apresenta mais a Avaliação Diagnóstica de Língua Portuguesa.

Logo na página 11, desse documento, tem um texto de apresentação do Prefeito e do Secretário de Educação, o qual segue a transcrição:

A Prefeitura do Município de Itatiba, através da Secretaria da Educação de Itatiba, preocupada com a qualidade de ensino e com a necessidade de garantir o acesso e a permanência de todos na escola, analisou e desenvolveu

os conteúdos curriculares baseados em expectativas de aprendizagem e encaminha as orientações necessárias, as diretrizes e as ações, para que o grupo gestor aprimore o processo de ensino e aprendizagem. A equipe do Núcleo de Formação Continuada, juntamente com os assessores da Universidade de São Paulo de cada disciplina e com a participação dos professores da Rede Municipal, durante as formações continuadas, fizeram a revisão das expectativas de aprendizagem apresentadas no Documento 3 do ano de 2007. Essa revisão permitiu reelaborar as expectativas de aprendizagem acrescentando paralelamente os conteúdos necessários e os procedimentos do professor e do aluno. No lugar das “Reflexões sobre a Prática Pedagógica”, foi elaborado o texto: “Orientações Metodológicas”. O objetivo principal destas orientações é possibilitar ao professor um repensar sobre sua prática e o planejamento de procedimentos que o faça atingir as expectativas de aprendizagem levando em conta as necessidades reais dos alunos, pensando não apenas no final do ano, mas replanejando a cada bimestre. A proposta presente neste documento só será atingida se todos os membros da Secretaria da Educação e das Unidades Escolares trabalharem juntos, acreditando que tais ações são instrumentos que auxiliam a concretização de uma educação de qualidade para o nosso município. Para que esse trabalho se concretize, contamos com o empenho, dedicação e trabalho dos educadores de Itatiba, sem os quais jamais conseguiremos reverter o quadro da educação, não só o local como o nacional.

Da mesma forma, nas páginas 20 e 21 apresenta-se uma explicação sobre expectativas de aprendizagem:

As expectativas de aprendizagem para cada série do Ensino Fundamental foram elaboradas com o objetivo de tornar o planejamento um instrumento real e dinâmico, pautado na realidade prática. O trabalho que será desenvolvido ao longo do ano letivo é o ponto estrutural para atingir as expectativas de aprendizagem propostas, isto é: o processo que deverá resultar positivo em relação às expectativas elencadas. Esse trabalho deve pautar-se principalmente nos procedimentos que serão utilizados. Bem mais do que os ‘conteúdos’ propriamente ditos, hoje eles se figuram como fundamentais. Isto significa que muito mais importante que o que ensinar é o como ensinar: trata-se das ações desenvolvidas por professores e alunos para se atingir as expectativas de aprendizagem propostas. [...]

Na sequência inicia-se a disciplina de Ciências, a qual traz uma reflexão sobre: Por que estudar Ciências? Como ensinar Ciências? Que conteúdos são importantes no ensino de Ciências? Apresenta uma lista de expectativas gerais a serem atingidas ao longo de cada ano (do 6º ao 9º); depois segue uma lista de expectativas mais específicas divididas em quatro bimestres; depois uma lista de conteúdos por bimestre (com temas geradores) e por último uma lista de procedimentos por bimestre.

A partir da página 55 inicia-se a disciplina de Educação Artística, a qual traz uma reflexão sobre: o objeto de estudo na disciplina; concepção da relação do aluno com o objeto de estudo da disciplina; os desafios específicos dos alunos do nosso tempo em Arte; concepção do modo de apreensão do objeto de estudo; materiais que devem ser privilegiados

para melhor apreensão do objeto de estudo na disciplina; procedimentos metodológicos que são mais condizentes com as concepções implicadas a disciplina; propostas de práticas artísticas para aprender arte; oficinas de percurso de criação do aluno (leitura e escrita de textos sobre arte); procedimentos metodológicos especialmente menos recomendáveis dadas as concepções implicadas na disciplina, métodos para a avaliação mais condizente para a melhor apreensão do objeto de estudo na disciplina e referência bibliográfica. Após, apresenta-se uma lista de expectativas gerais e específicas a serem atingidas ao longo de cada ano (do 1º ao 9º); depois traz uma lista de conteúdos e procedimentos divididos por bimestres.

A disciplina de Educação Física, a partir da página 95, traz uma reflexão sobre: o ensino de Educação Física na perspectiva cultural, a organização curricular, procedimentos metodológicos, organização das atividades de ensino, desenvolvimento das atividades de ensino – vivência e ressignificação, aprofundamento e ampliação dos conhecimentos, avaliação do processo pedagógico e referência bibliográfica. Na sequência apresenta uma lista de expectativas a serem atingidas ao longo do ano do 1º ao 9º, depois uma lista de conteúdos dividida por bimestres, bem como uma lista de procedimentos também dividida em bimestres.

A supervisora Sabedoria enfatiza que:

Depois desse momento de formação inicial que vinha pela FAFE/USP, mas quem decidia eram os formadores externos que passavam para os nossos formadores internos da rede. Mas o professor ele não tinha uma voz ativa, aí eu quero formação... disso...disso...daquilo...Ao contrário nós tivemos algumas disciplinas com discussões homéricas, porque eles traziam uma prática que os professores não aceitavam. Posso citar o caso de Educação Física que nós tivemos problemas muito grandes, porque eles vinham de uma concepção e a FAFE/USP trouxe outra concepção de Educação Física e não era aceito, nós tivemos embate muito grande [...] (Supervisora Sabedoria)

Já a disciplina de Geografia, a partir da página 149, começa por uma reflexão sobre: a pertinência da Geografia escolar, concepção da relação do aluno com o objeto da Geografia, concepção do modo de apreensão do objeto de estudo, materiais didáticos que auxiliam a ação docente, procedimentos metodológicos – leitura e imagens e mapas, jogos, o uso de diferentes gêneros textuais, avaliação e referências bibliográficas. Na sequência apresenta-se uma lista de expectativas gerais a serem atingidas ao longo do ano de cada série/na, depois traz uma lista de expectativas a serem atingidas preferencialmente por bimestre, após vem uma lista de conteúdos e procedimentos a serem atingidos em cada bimestre.

A disciplina de História, a partir da página 181, aborda os seguintes questionamentos: Para que serve a História? Por que estudar História? Para que se conhecer o que já passou?

Após apresenta-se uma lista de expectativas gerais a serem alcançadas ao longo do ano, por série/ano; na sequência traz uma lista de conteúdos e procedimentos divididos por bimestre para cada série/ano.

Já a partir da página 2009, a disciplina de Língua Inglesa faz uma reflexão sobre o contexto educacional que esta área do conhecimento deve ser concebida em uma perspectiva plurilíngue, ou seja, todo indivíduo constrói sua “Competência Comunicativa”, dessa forma, segundo que está descrito no documento, ao longo de sua vida, cada indivíduo estabelece relações, mediadas pela linguagem, com diferentes grupos sociais, e são essas experiências que definem a sua identidade linguística e cultural. Na sequência traz uma reflexão sobre: os “Fundamentos do Currículo”; as “Abordagens Metodológicas”; “Procedimentos Metodológicos Recomendados” e “Avaliação”. Após apresenta uma lista de expectativas gerais para serem atingidas ao longo do ano, para cada série/ano, bem como apresenta uma lista de conteúdos e procedimentos divididos por bimestres, para serem abordados em cada série/ano.

A partir da página 243 inicia-se a disciplina de Língua Portuguesa, a qual traz uma reflexão de como esse currículo pretende auxiliar o professor a se localizar no meio da tensão entre as exigências culturais e a expressão da singularidade e a fortalecer o lugar enunciativo do professor. Além disso, traz um quadro dividido por série/ano de tipos de atividades a serem desenvolvidas: atividades linguísticas; atividades epilinguísticas e atividades metalinguísticas. Após segue uma lista de expectativas a serem atingidas ao longo de cada ano divididas em: Falar, Ler, Escrever e Analisar. E na sequência é apresentada uma lista de expectativas específicas divididas nos eixos já mencionados, divididas por bimestres, assim como uma lista de conteúdos e procedimentos para cada série/ano, também divididos por bimestres.

A disciplina de Matemática, a partir da página 281, defende que o trabalho com essa disciplina na escola deve cumprir uma finalidade formativa específica que articula dois objetivos essenciais: o desenvolvimento de capacidades relacionadas ao pensamento, ao raciocínio lógico-matemático e a de aquisição de capacidades relacionadas à leitura, interpretação, compreensão de situações cotidianas em que a Matemática esteja presente. Na sequência traz uma reflexão sobre: A Matemática e seu objeto de estudo; A Matemática e seu ensino; A relação do aluno com a Matemática e a aprendizagem; Procedimentos Metodológicos e Avaliação. Após apresenta-se uma lista de expectativas gerais a serem atingidas ao longo do ano, bem como uma lista de expectativas específicas, uma de conteúdos e procedimentos divididos por bimestres, para cada série/ano.

Vale destacar, que ao final de cada disciplina apresentam-se referências bibliográficas específicas de cada área do conhecimento.

Nesse contexto, o objetivo principal desse documento era possibilitar ao professor um repensar sobre a sua prática e o planejamento de procedimentos que fizessem atingir as expectativas de aprendizagem, levando em conta as necessidades reais dos alunos, pensando não apenas no final do ano, mas replanejando a cada bimestre. Nesse aspecto, o professor Engajado salienta:

[...] Depois disso tudo, já no final do mandato surgiu o documento 14, a gente participou indiretamente da construção desse documento, não foi uma coisa tão próxima. Era sempre proposto um estudo, a gente se reunia uma vez por bimestre, onde foi vendo a necessidade da rede e construindo um princípio de um currículo, algumas ideias norteadoras que todo mundo tinha que seguir, que eu lembro era isso. (Professor Engajado)

Vindo ao encontro do exposto acima, a supervisora Sabedoria enfatiza que o Documento 14 foi importante, uma vez que a partir dele tornou-se possível refletir: “Somos nós?” “É a nossa cara?” “Essa é a nossa rede?” Entretanto, os professores não se enxergaram nele, ou seja, eles não se apropriaram do documento. Ela salienta que, na verdade, eles participaram das formações que alguém pensou, dessa maneira ela conclui que não foi um currículo pensado por eles, portanto foi um currículo colocado para eles.

Na sequência será abordado sobre quem participou da construção do referido documento.

2.3. A construção do Documento 14 - primeiros esforços de uma organização curricular e seus protagonistas

O Documento 14 foi reelaborado em 2008, fala-se “reelaborado” uma vez que, em 2007, era definido pela Secretaria de Educação como Documento nº3⁴³ “*Orientações Curriculares e Avaliação Diagnóstica de Língua Portuguesa*”. E a parte da Avaliação Diagnóstica passou a ser o Documento 13. Na capa pode-se observar que o ensino era de oito anos, ainda seguia a denominação de série, ou seja, da 5ª a 8ª série. E no documento 14 já consta a menção ao Ensino Fundamental de nove anos, em ciclo III e IV, conforme a deliberação CEE nº 73/2008, a qual Regulamenta a implantação do Ensino Fundamental de 9 Anos, no âmbito do Sistema Estadual de Ensino, conforme o disposto na Emenda

⁴³ Documento 3/ 2007 – Orientações Curriculares e Avaliação Diagnóstica de Língua Portuguesa – Ensino de 8 anos/ 5ª a 8ª série.

Constitucional nº 53 e na Lei nº 9.394/96, com as alterações procedidas pela Lei nº 11.274/06. Em Itatiba foi implantado ensino de 9 anos já em 2008.

No que diz respeito à política curricular, quando questionado sobre a participação docente nesse processo, o Secretário afirma que o Documento 14 foi entregue às escolas bem no final de sua gestão. Ressalta que as grandes coordenadoras foram as ATP'S das disciplinas e os assessores da USP ajudaram na sistematização. Ele salienta:

[...] eu não sei hoje, fico te devendo se houve uma grande participação, porque você conhece os professores, né. Eles estão sempre prontos pra criticar. É assim mesmo, somos professores também [...] Eu entendo que naquele momento foi pra escola, se não está errada a minha memória e um grupo de professores veio até as ATP's ajudar nessa sistematização, eu acho que foi esse o processo, mas eu fico te devendo uma resposta mais completa [...] Então, a participação docente nesse processo ficou a cargo desse subgrupo de professores [...] Então eu vejo assim, naquele momento...eu acho que a gente atingiu uma parcela...eu nunca achei que atingia todo mundo.(Secretário de Educação)

O Secretário ressalta que é contra o apostilamento do ensino, pois apostilar é querer fazer de uma escola pública, uma escola particular, ele reforça que não dá certo. Ele sabe que dá muito mais trabalho construir um currículo, revisar um currículo, implantar, implementar e a monitorar. Além disso, ele reforça:

Então eu pessoalmente, quando cheguei à rede, eu valorizei muito o currículo. Porque eu vi muitas críticas, mas eu não sou um adepto de apostilas. Talvez seja uma visão limitada, mas eu prefiro construir o currículo. (Secretário de Educação)

Ainda sobre a participação docente, a professora Escritora ressalta:

Até 2008, nós não participávamos da elaboração desse material. Nós tínhamos só a discussão como deveria aplicar, mas foi o pessoal da USP que trouxe isso eu me lembro bem. Tenho várias apostilas daquela época. Tem sugestões muito interessantes, tem algumas coisas que são agradáveis, mas que nós fizemos, não! (Professora Escritora)

Para tanto, a supervisora Sabedoria salienta:

Volto a falar da Educação Física que eles não se enxergavam, dentro do que tinha sido feito. O documento impresso chegou às escolas como um documento da SE, mas não foi feito um estudo entre os diretores, nem entre os supervisores, foi um documento. Não vimos significado [...] (Supervisora Sabedoria)

Para a supervisora Encantada o documento 14 sistematizava as expectativas de aprendizagem, os conteúdos, para todas as disciplinas e que foi um início de um currículo estruturado. Ela afirma que precisava de ajustes, mas que as coisas não podem ser ajustadas a todo momento. Dessa forma, de 2001 a 2008 as pessoas que estavam diretamente ligadas com as formações e o currículo, segundo a supervisora eram os supervisores, as ATP's, o próprio Secretário, os diretores, os chefes, sendo os quais ao realizarem visitas nas escolas, das conversas, dos questionamentos, daquilo que os professores traziam nos horários de formação, levantava-se as questões que deveriam ser trabalhadas com a rede. Ela coloca que era um grupo que decidia, mas que era baseado naquilo que se via no que se observava. Nesse sentido, a supervisora ressalva,

[...] do documento (2001 a 2008) 14, participavam todas as pessoas da SE, participavam todas as pessoas do Núcleo de formação, tínhamos essas assessorias externas, trabalhávamos na maioria das vezes com comissões de professores. Então não todos os professores. (Supervisora Encantada)

A supervisora Encantada destaca ainda sobre a questão de apostilar o ensino que isso não aconteceu no município por conta de todo o processo de formação, de construção. Enfatiza que o material apostilado é um pacote pronto que não cabe para todas as escolas da mesma forma e que seria uma ruptura de um processo.

Para a professora Escritora, de 2001 a 2008 as coisas já estavam prontas, tinha um currículo que apresentaram, lógico que se discutia, mas meio que pronto, segundo ela. Depois no processo das formações abriam e perguntavam o que os professores achavam, mas, na maioria das vezes, já se apresentava pronto. Nesse sentido, ela afirma:

[...] Então eu não considero que de 2001 a 2008 foi imposto, uma coisa negativa, não, foi negativo. Pelo contrário traziam-se as correntes pedagógicas que estavam em voga e nós só conhecemos por conta dessas formações. Então eu acho que foi muito produtivo sim. É que até 2008 nós não tínhamos assim, vou dizer uma competência para falar se isso é produtivo ou isso não é, porque nós não conhecíamos essas linhas todas. E foram trazidas nessa época de 2001 a 2008. (Professora Escritora)

Tendo em vista as discussões neste capítulo sobre o processo de formação continuada e a participação docente na construção da política curricular, podemos inferir que essa gestão priorizou a formação não somente aos docentes, mas também para a equipe gestora e para a equipe da SE. Entretanto, no que diz respeito à participação docente na construção da política curricular, os entrevistados afirmaram que não houve efetivamente uma participação de todos,

mas uma representatividade foi um começo desse processo. Vale ressaltar a importância da assessoria da USP, a qual enriqueceu e contribuiu com o crescimento da Educação do município.

Na sequência, segue o Capítulo 3, o qual se estrutura a Gestão de 2009 a 2012, no âmbito do processo de formação continuada e da participação da construção política curricular.

CAPÍTULO 3. GESTÃO MUNICIPAL DE 2009 A 2012: UMA REDE EM DESENVOLVIMENTO

“...o êxito de uma organização social depende da mobilização da ação construtiva conjunta de seus componentes, pelo trabalho associado, mediante reciprocidade que cria um ‘todo’ orientado por uma vontade coletiva. Esta, aliás, é condição fundamental para que a educação se processe de forma efetiva no interior da escola, tendo em vista a complexidade e a importância de seus objetivos e processos”.(Heloisa Lück, 2006, p.16)

Em 2009, uma nova gestão assumiu o município e, a Secretaria de Educação, a qual, conforme divulgado no site da Prefeitura⁴⁴, buscou dar atendimento democrático e de qualidade às questões relacionadas à educação escolar no município. Assim, conforme consta do site, democracia na educação significa, especialmente, incluir todos no Ensino Fundamental e o máximo possível na Educação Infantil para, desse modo, atingir a universalização do ensino. Nesse contexto, a Secretária da Educação salienta:

Nós assumimos um processo já em franco desenvolvimento, com uma história, com um documento curricular construído sim, com assessoria de profissionais que deram formação a professores multiplicadores. Nós temos uma história de formação, uma história de desenvolvimento, uma série de coisas. Mas nós sentimos a necessidade de ouvir os professores, os gestores e fazer uma análise da situação do ponto de vista das pessoas que fazem a educação na escola, para ir entendendo o ponto de vista deles [...] Então o nosso foco em termos pedagógicos foi no investimento curricular, no processo de formação e da avaliação da aprendizagem. [...] (Secretária de Educação)

Quanto à estrutura da SE, a Secretaria contava com 28 escolas de Ensino Fundamental no período de 2009 a 2012. Conforme já explicitado no capítulo anterior, a Rede de ensino oferecia diversas modalidades de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental Regular, Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial. Considerando o contexto do Ensino Fundamental, a rede municipal abrangia, de 2009 a 2012⁴⁵, o seguinte número de profissionais e alunos nas unidades escolares:

⁴⁴ Fonte: www.itatiba.sp.gov.br

⁴⁵ Fonte: Secretaria da Educação

Tabela 1 Rede do Ensino Fundamental de 2009 a 2012

Pessoas	Total	
	2009	2012
Quantidade de alunos no Ensino Fundamental	12.186	11.576
Quantidade de alunos do 1º ao 5º	6414	5888
Quantidade de alunos do 6º ao 9º	5772	5688
Quantidade de Professores Municipais (Efetivos)	421	547
Quantidade de Professores Municipalizados	127	100
Quantidade de Professores Contratados	323	267
Quantidade de Diretores	28 (de confiança)	28(efetivos)
Quantidade de Vice-diretores (cargo de confiança)	22	22
Quantidade de Coordenadores (cargo de confiança)	28	38
Quantidade de Supervisoras do Ensino Fundamental	05 (de confiança)	06(Efetivas)

Fonte: Secretaria da Educação do Município de Itatiba

Ao analisamos a tabela acima podemos constatar que ocorreu uma diminuição do número de alunos de 2009, para 2012. Que o número de professores efetivos aumentou consideravelmente e diminuiu o número de professores municipalizados e contratados⁴⁶. Vale informar que em 2010 ocorreu a efetivação dos diretores, cujo concurso havia acontecido em 2008. Assim aconteceu também com os supervisores, entretanto a efetivação se concretizou somente em 2012. Nessa gestão aumentou o número de coordenadores, de acordo com o módulo de alunos, ou seja, tinha escola que para cada segmento existia um coordenador, tudo dependia do número de alunos.

Quanto à estrutura administrativa e pedagógica⁴⁷ até 2012, a SE contava com o seguinte número de profissionais:

Tabela 2 Recursos Humanos

Estrutura Administrativa	Quantidade
Secretária de Educação	01
Assessora da Secretária	01
Auxiliar Administrativa	01
Escriturária	01

⁴⁶ Professores Contratados - são professores que possuíam um contrato temporário por um ano e vale destacar que participaram das formações normalmente. A necessidade de se contratar esses professores ocorria devido a professores que se afastavam para coordenação, vice-direção, formadores na SE etc.

⁴⁷ Fonte: Secretaria da Educação

Estrutura Administrativa	Quantidade
Chefe da Seção de Administração Escolar	01
Escriturárias da Administração Escolar	03
Auxiliares da Administração Escolar	02
Chefe do Setor de Alimentação Escolar	01
Auxiliar Administrativo – Merenda Escolar	01
Nutricionista – Merenda Escolar	01
Auxiliar Administrativo– Compras Escolares	01
Responsável pelo Setor de Transporte	01
Assessor – Transporte Escolar	01
Auxiliar Administrativo – Transporte Escolar	01
Departamento de Obras Escolares	
Arquiteto	01
Assessores	02
Engenheiro	01
Estrutura Técnica Pedagógica	
Diretor do Departamento de Ensino	01
Diretora do Dep. de Eventos e Programas Educacionais	01
Professores Formadores do 6º ao 9º	09
Professoras Formadoras do 1º ao 5º	06
Supervisoras do Ensino Fundamental	06
Supervisoras da Educação Infantil	04
Chefe da Seção de Educação Infantil – Creche	01
Chefe da Seção de Ed. Infantil – Pré-Escola	01
Chefe do Ensino Fundamental	01
Chefe da Educação de Jovens e Adultos	01
Chefe da Educação Inclusiva	01
Psicólogos	02
Psicopedagogas	05
Assistentes Sociais	04
Fonoaudiólogas	02
Coordenador da Educação Ambiental	01
Professores Coordenadores Teatro/ Rádio	02

Fonte: Secretaria de Educação do Município de Itatiba

Vale ressaltar que os profissionais descritos na tabela acima eram distribuídos nos seguintes locais: uma parte no Prédio da Secretaria da Educação, na Estação Ciências e no, até então, Núcleo de Apoio Psicossocial Educacional. Nessa gestão se extinguiu o Centro de Formação da gestão anterior e os formadores (que até 2008 eram chamados de ATP's) ficavam na própria Secretaria. Dessa maneira, as formações aconteciam no início na própria SE e, posteriormente, em uma escola. Outra mudança foi o espaço da equipe da Educação Inclusiva, deixou de utilizar o NAPE, conforme apresentado no capítulo II, e, em 23 de maio de 2012, foi criado o Centro de Atenção Educacional, Psicossocial e Inclusivo “*José Celega*”, o CAEPI⁴⁸, a fim de atender a complexa diversidade humana existente no contexto escolar. Com vistas a propiciar um ambiente adequado de aprendizagem aos alunos com deficiência, a equipe técnica - pedagógica e multidisciplinar do CAEPI oferece suporte técnico, orientações e assessorias aos diferentes segmentos das unidades escolares e às famílias nas especialidades de fonoaudiologia, fisioterapia, psicologia, serviço social e psicopedagogia, conforme salienta o site do município.

É nesse cenário que a Secretária de Educação, juntamente com a equipe apresentada acima, elaborou suas diretrizes, que desde o início de sua gestão, considerou o Plano de governo municipal⁴⁹, no que diz respeito à pasta da educação e o Plano de Desenvolvimento da Educação⁵⁰ (PDE), com suas 28 diretrizes estabelecidas no “Compromisso Todos pela Educação” em um trabalho sistemático.

Nessa perspectiva, a Secretária tinha para o Ensino Fundamental, especificamente, as seguintes metas para o município⁵¹:

- Elevar o IDEB;
- Implementação da Proposta Pedagógica para o Ensino Fundamental;
- Consolidar o Ensino Fundamental de 9 anos;
- Elaboração de uma Avaliação Diagnóstica de Matemática;
- Alfabetizar os alunos até os 8 anos;
- Integrar, cada vez mais, todas áreas do conhecimento;

⁴⁸ Fonte: www.itatiba.sp.gov.br.

⁴⁹ Plano do governo municipal – é o plano que o Prefeito apresentou no início de sua gestão, o qual norteou todo o seu trabalho no período de 2009 a 2012. Vale destacar que ele foi reeleito para o período de 2013 a 2016.

⁵⁰ O Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) é um conjunto de programas que visam a melhorar a Educação no Brasil, em todas as suas etapas em um prazo de quinze anos a contar de seu lançamento, em 2007. Pode-se dizer que nele estão fundamentadas todas as ações do Ministério da Educação (MEC). A prioridade do plano é a Educação Básica, que compreende a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Decreto Lei nº 6094 em 24 de abril de 2007. Por meio do Plano de Metas, a União, os estados, o Distrito Federal e os municípios, em regime de colaboração, buscam unir esforços para superar a desigualdade de oportunidades nas diversas regiões do país. Fonte: www.portal.mec.gov.br.

⁵¹ Fonte: Secretaria de Educação.

- Implantar o Material Ler e Escrever;
- Buscar parcerias;
- Informatizar o acesso de comunicação com as escolas.

Quanto às metas descritas, podemos destacar a meta “Consolidar o Ensino Fundamental de 9 anos”, uma vez que já no início em 2009 foi reestruturado o Ensino de 9 anos em Itatiba, de acordo com a Deliberação CEE nº 73/2008⁵², a qual já citada no capítulo II. Vale destacar um excerto da referida deliberação:

O CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO, no uso de suas atribuições, com fundamento no inciso I do Artigo 2º da Lei nº 10.403, de 6 de julho de 1971 e na Indicação CEE nº 73/2008

DELIBERA:

Art. 1º - A presente Deliberação regulamenta a implementação do Ensino Fundamental de 9 Anos, no Sistema Estadual de Ensino e, observado o regime de colaboração, nos sistemas municipais de ensino do Estado de São Paulo.

Parágrafo único - Excetua-se do *caput* o Município de São Paulo, que terá normas específicas como resultado dos estudos que vêm sendo realizados conjuntamente pelos sistemas municipal e estadual de ensino.

Art. 2º - O Ensino Fundamental é direito público subjetivo e a ele tem acesso todas as crianças a partir dos 6 anos de idade, completados até 30 de Junho do ano do ingresso.

§ 1º - Nos anos letivos de 2009 e 2010, a Secretaria Estadual de Educação poderá alterar o limite estabelecido no *caput* para até o dia 31 de dezembro, com o intuito de evitar prejuízos aos alunos e às redes de ensino durante o período de transição.

§ 2º - A Secretaria Estadual de Educação disporá em ato próprio, até 31 de julho de 2008, sobre o recenseamento e cadastramento de matrícula dos alunos a serem atendidos nas redes públicas de ensino no ano letivo de 2009.

§ 3º - A implantação da matrícula de crianças de 6 anos no 1º Ano do Ensino Fundamental, nas redes municipais de ensino, respeitará as disposições de cada município de forma articulada com as disposições desta Deliberação.

Art. 3º - Na implementação do Ensino Fundamental de 9 Anos no Estado de São Paulo, observar-se-á a correspondência indicada no Anexo que integra a presente Deliberação, preservando-se a identidade pedagógica da Educação Infantil.

Parágrafo único - No ano letivo de 2009, em caráter excepcional, os limites definidos no Anexo poderão ser flexibilizados, conforme os seguintes referenciais:

1. na 1ª fase da Pré-Escola para 4 anos a completar até 30/06/09;
2. na 2ª fase da Pré-Escola para 5 anos a completar até 31/12/09;
3. no 1º ano do Ensino Fundamental para 6 anos a completar até 31/12/09.

Com base nessas diretrizes gerais, a Secretaria da Educação, reestruturou o ensino com duração de nove anos, implantado em 2008, nas escolas da rede municipal Itatiba. O

⁵² Deliberação CEE nº73/2008 de 08 de abril de 2008 – Regulamenta o Ensino de 9 anos. Em Itatiba houve a implantação logo em 2008.

objetivo foi evitar prejuízo aos alunos no ingresso e nos anos finais do Ensino Fundamental, buscando corrigir problemas na diversidade de idade e escolaridade dos alunos matriculados nas séries iniciais no ano passado e a adequação das demais séries/anos de acordo com a Legislação Estadual.

Quando o ensino de nove anos foi implantado em Itatiba, no ano de 2008, os alunos eram matriculados no 1º ano com idade de seis anos e completavam sete no mesmo ano. Esses alunos cursariam o 9º ano com 15 anos, idade com a qual já deveriam estar no Ensino Médio. A partir da reestruturação, os alunos que cursaram o 1º ano em 2008 passaram a cursar em 2009 o 3º ano, cujo conteúdo correspondia ao da 2ª série do ensino de oito anos. Esses alunos não tiveram prejuízo na aprendizagem porque a mudança estava apenas na nomenclatura.

Também no início de 2009 foi necessário reorganizar a Matriz Curricular do Ensino Fundamental Regular de 9 anos das Escolas Municipais de ensino. Para tanto, o Conselho Municipal de Educação de Itatiba, criado pela Lei Municipal nº 2792, de 20 de agosto de 1996, no uso de suas atribuições, por unanimidade de votos favoráveis, de acordo com a legislação⁵³, fixou as normas para a reorganização da Matriz Curricular. Segue o excerto da deliberação CMEI nº 02, de 08 de janeiro de 2009:

Capítulo I – da Inclusão de aulas

Art.1º - Inclui-se na Matriz Curricular e do ensino fundamental regular diurno, a organização das aulas e projetos a seguir relacionados:

No ensino de 9 anos:

Uma aula de História no 6º ano e 8º anos;

Uma aula de Geografia no 7º ano e 9º anos;

Duas aulas de Projeto “Profissional do Futuro” do 6º ao 9º;

Duas aulas do “Projeto Leitura” do 6º ao 9º;

Duas aulas de Educação Musical, optativas no contra turno, para o aluno do 1º ao 9º.

Capítulo II – Da implantação e dos objetivos

Art. 2º - São atividades a serem implantadas na matriz curricular do ensino fundamental regular diurno, em todas as EMEB's⁵⁴ do Município de Itatiba, visando ao aprimoramento na formação do aluno, tendo em vista suas necessidades e expectativas, a formação da cidadania e a orientação para o trabalho.

Em suma, até aqui foi apresentada a organização da gestão de 2009 a 2012, na sequência veremos como se deu o processo de formação continuada.

⁵³ Considerando o disposto nos artigo 11, inciso III, artigos 22, 26/27, incisos I, II e III da Lei Federal nº 9304/96 (LDB); Resolução CNE/CEB nº 02/98. Artigo 3º incisos IV, alínea “a” e VI; considerando ainda o Parecer da CNE/CEB 04/98, alínea “c”, a lei nº 3485/01, sessão II, artigo 10, inciso III, a Deliberação CEE nº 73/08, o “Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação” do MEC.

⁵⁴ EMEB's – Escolas Municipais de Educação Básica.

3.1. O Percurso da Formação Continuada de 2009 a 2012

No início de 2009, a equipe da Secretaria de Educação elaborou uma avaliação a fim de verificar a opinião dos professores sobre o que pensavam quanto à formação continuada e quanto à organização do Documento 14. Desse modo, a SE, por meio das avaliações teve um ponto de partida de como poderia organizar seu programa de formação continuada. Muitos professores indicaram que a formação deveria ocorrer diretamente com os professores doutores da Universidade, uma vez que, na gestão anterior, quem tinha acesso a esse assessor eram as ATP's, sendo elas que repassavam a discussão aos professores de cada área. Outro fator a ser modificado foram as orientações curriculares, pois alguns pontos não estavam adequados⁵⁵, segundo o olhar dos professores. Outro aspecto indicado foi a intenção de participarem efetivamente da construção do currículo. Algo também destacado é o fato de que as formações aconteciam apenas uma vez por bimestre (na gestão anterior), com isso tornava a comunicação ineficiente e, dessa maneira, a discussão sobre currículo ficava prejudicada.

Em um primeiro momento, pensou-se em não perder o que já havia de construído no município, no âmbito das orientações curriculares e de formação continuada. No que concerne ao 6º ao 9º, foi resgatado o referido documento 14 e solicitado a todas as unidades de ensino que socializassem com os professores das diversas áreas os conteúdos e expectativas de aprendizagem, a fim de que todos seguissem o mesmo caminho. Foi necessária essa ação, uma vez que o documento 14 chegou às escolas em dezembro de 2008 e os professores não o conheciam na íntegra. Quando os docentes começaram a colocá-lo em prática, foram aparecendo lacunas, por exemplo: em Educação Física faltavam algumas expectativas de aprendizagem; em Matemática havia conteúdos que não foram discutidos em formação; em Língua Portuguesa não estava de acordo com a nova perspectiva do trabalho com Gêneros textuais; enfim, foram vários fatores que motivaram a nova gestão a implementar um novo formato de formação continuada, bem como repensar a política curricular. Nesse contexto, a Secretária de Educação enfatiza:

[...] avaliamos, identificamos o que os professores queriam. O que eles enxergavam? Que necessidades eles sentiam? E nós fomos buscar em nomes, em especialistas, em pessoas que tinham um trabalho reconhecido. E algumas vezes profissionais indicados pelos próprios professores. (Secretária de Educação de 2009 a 2012)

⁵⁵ Ainda neste capítulo na parte de Política Curricular teremos o que foi pontuado pelos professores.

Nesse sentido, no segundo semestre de 2009, começaram as formações⁵⁶ para as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, diretamente com assessoras externas, nessa gestão pertencentes à Universidade São Francisco, nas quais trataram sobre a discussão do documento 14. E, em 2010, estendeu-se para todas as disciplinas o mesmo formato de formação, sendo realizada uma vez por mês com encontros de três horas. Para as disciplinas de Educação Física e Ciências eram assessores externos da Unicamp; para Geografia era um autor de livros de uma determinada Editora; para História e Inglês eram assessores externos também da Universidade São Francisco (USF); para Artes era uma assessora da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

A cada final de semestre era realizada uma avaliação das formações, a fim de dar voz e vez aos professores e, no final de 2010, os mesmos solicitaram que as formações acontecessem com professores-formadores da própria rede, uma vez que esses conheciam a realidade local e que o tempo que estava ocorrendo a formação era pouco. Nesse sentido, a Professora Comprometida ressalta:

[...]Agora de 2009 a 2012 nós fazíamos uma avaliação da formação...então levavam muito em consideração o que o professor pensava. Dessa forma, começou a aparecer o que a gente sentia falta...e isso foi incorporado...era colocado nas formações. Os professores eram ouvidos de 2009 a 2012 [...] (Professora Comprometida)

Assim, a partir de 2011, as formações foram reorganizadas, passaram a ocorrer em encontros quinzenais e com professores-formadores da própria rede, pessoas que tiveram um destaque na participação das formações em 2009 e 2010 bem como tinham uma formação acadêmica considerada adequada para o exercício dessa função. Já em 2012, após avaliação dos professores, houve uma nova reorganização e as formações passaram a cada vinte e um dias, pois também necessitavam de um espaço durante o HTPC nas escolas – uma vez que as formações oferecidas pela Secretaria Municipal Educação aconteciam nesse horário. Nessa mesma direção, o professor Engajado enfatiza: “É uma rede (2009 a 2012) que se preocupou com a opinião do professor... eu penso dessa forma. A opinião e o trabalho do professor... e acompanhou dando subsídios.” (Professor Engajado) Nesse sentido, a supervisora Sabedoria ressalta:

De 2009 para cá, eu vejo uma linha mais Sociointeracionista, uma linha que você vai buscar o social, que vai discutir a contextualizar [...] Preocupação

⁵⁶ Em 2009 e 2010 as formações aconteciam no salão da Secretária de Educação e a partir de 2011 passaram acontecer em uma escola no período das 18h30 às 20h00. Vale destacar que nessa gestão deixou-se de utilizar o Centro de Formação Continuada “Maria Isabel Assis Nader Bello”.

com o espaço, com o aluno, com a realidade do aluno [...] Então volto a falar mesmo os professores não é a construção de cada um, mas a construção entre os pares. Essa relação passa para os alunos também, as propostas em trabalho em grupos, nos seminários, nas propostas que o próprio currículo contempla, nas trocas entre os pares, entre os pares de alunos, entre professor e aluno. Então eu vejo esta linha Sociointeracionista. Mas volto a falar que é uma concepção que precisa ser estudada, precisa ser aprofundada. (Supervisora Sabedoria)

Durante o período de 2009 a 2012, as formações discutiram efetivamente com os professores de todas as áreas, inicialmente uma proposta curricular, cujo foco era a leitura e a escrita em todas as áreas. Vale destacar que estudavam alguns autores tais como: Zabala, Solé, Perrenoud, Catani e Gallego, Freire, entre outros. Nesse aspecto, a Secretária de Educação ressalta:

Nós definimos sim a leitura e a escrita como linha mestra de todas as áreas do conhecimento, mas para cada área tinham especialistas e professores nossos daqui da rede como líderes, para multiplicar esse conhecimento e chegamos a construir sequências didáticas com os professores, planos de aulas, para que eles pudessem desenvolver e se desdobrar o currículo em ações para o dia a dia da sala de aula. (Secretária de Educação)

No final de 2012, concluiu-se o *Currículo do Ensino Fundamental de Itatiba* para todas as disciplinas. Vale ressaltar que nas formações, além do currículo, eram tratados os seguintes assuntos: Avaliações Externas (discutiam sobre questões da Prova Brasil (IDEB⁵⁷) do SARESP (IDESP⁵⁸)); Avaliação Municipal de Itatiba⁵⁹; Interdisciplinaridade, tanto que no Currículo aparecem as Conexões Interdisciplinares; sequências didáticas etc. Nesse sentido, a Secretária de Educação ressalta:

[...] Então o trabalho com a interdisciplinaridade foi muito interessante em 2011, foi um ano intenso de discussões de reuniões quinzenais com professores do 6º ao 9º de todas as áreas do conhecimento, a fim de buscar sentido para aqueles conteúdos do 6º ao 9º, buscando a interdisciplinaridade [...] (Secretária da Educação 2009 a 2012)

Ainda sobre esse aspecto, a supervisora Sabedoria ressalta que na gestão de 2009 houve uma sistematização dos conhecimentos, produzindo documentos, pautas, produzindo orientações do papel de cada um. Ela enfatiza que antes (2001 a 2008) foi um momento de construção e depois (2009 a 2012) como um momento de consolidação. Então, a partir de

⁵⁷ IDEB – Indicador da qualidade da Educação Básica no Brasil. É o cálculo com base no aprendizado dos alunos em Português e Matemática (Prova Brasil) e no fluxo escolar (taxa de aprovação). Fonte: www.qedu.org.br.

⁵⁸ IDESP – Índice de desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo. É um indicador de qualidade dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e Médio. Fonte: www.educacao.sp.gov.br.

⁵⁹ A partir de 2011 foi instituída no município uma Avaliação Municipal de Itatiba (AMI) em Língua Portuguesa e Matemática assim como a sistematização dos dados das avaliações.

2009 foi um momento de sistematizar, de ter um olhar mais profissional. Porque em Itatiba começou-se a fazer as avaliações externas, a partir de 2005, mas não eram discutidos os resultados nem de IDEB, nem de IDESP. Assim, segundo ela, em 2009, começou-se a olhar para os resultados, a perceber a escola, a produção dos alunos, ou seja, começou um movimento de profissionalização dos dados.

De modo geral, os encontros de formação abordaram o currículo e a sala de aula, a leitura e a escrita: um compromisso de todas as áreas e a prática docente. É oportuno ressaltar que em todos esses anos de formação os professores receberam certificação, mesmo sendo em horário de trabalho. Em 2012, houve um diferencial, pois os professores tiveram três trabalhos pessoais, sendo que os dois primeiros tiveram que escolher uma atividade discutida no encontro de formação e aplicar em uma sala de sua escolha. E o terceiro trabalho foi um relato de sua participação nos quatro anos formação de 2009 a 2012.

Desse modo, a Secretaria de Educação procurou oportunizar um espaço de formação, em que houvesse interlocução constante para análise e reflexão da própria prática, assim como acompanhamentos nas Unidades Escolares para atuar, especificamente, no processo de ensino e aprendizagem buscando, dessa maneira, integrar as áreas do conhecimento. É importante destacar a presença constante da responsável pelo 6º ao 9º da SE (de 2009 a 2012), da supervisão, dos diretores e coordenadores durante os momentos de formação a partir de 2011. Vale destacar que desde o referido ano as formações eram intercaladas com o HTPC da escola, assim, quando tinha formação todos participavam: professores, equipe gestora⁶⁰ e supervisores. Além disso, em 2011, a Secretaria de Educação oportunizou, gratuitamente, aos diretores do Ensino Fundamental uma Pós-Graduação em um curso de Gestão para o sucesso escolar, tendo como carga horária 390 horas, fruto de uma parceria com a Fundação Lemann.⁶¹

Na sequência, apresenta-se um quadro síntese das formações de 2009 a 2012:

Quadro 4 Síntese das Formações de 2009 a 2012

Ano	Disciplina	Tema	Total de encontros	Participantes
2009	Língua Portuguesa	- Análise do Documento 14 - Discussão sobre os Gêneros	7 Quinzenais	Assessoria Externa Responsável da SE

⁶⁰ Equipe Gestora: Diretor, Vice- diretor e Coordenador.

⁶¹ Fundada em 2002 pelo empresário Jorge Paulo Lemann, a Fundação Lemann é uma organização familiar sem fins lucrativos. Desenvolve e apoia projetos inovadores em educação, realiza pesquisas para embasar políticas públicas no setor, oferece formação para profissionais da educação e para o aprimoramento de lideranças em diversas áreas.

Ano	Disciplina	Tema	Total de encontros	Participantes
2º semestre		Textuais - Escolha dos Gêneros para serem trabalhados no 1º semestre de 2010	2 horas cada	Professores de Língua Portuguesa
	Matemática	- Análise do Documento 14 - Elaboração de um documento curricular preliminar	7 Quinzenais 2 horas cada	Assessoria Externa Responsável da SE Professores de Matemática
Ao longo do ano 2010	Artes	- Análise do Documento 14 - Elaboração de um documento curricular preliminar	8 Mensais 3 horas cada	Assessoria Externa Responsável da SE Professores de Artes
	Ciências	- Análise do Documento 14 - Elaboração de um documento curricular preliminar	8 Mensais 3 horas cada	Assessoria Externa Responsável da SE Professores de Ciências
	Educação Física	- Análise do Documento 14 - Elaboração de um documento curricular preliminar	8 Mensais 3 horas cada	Assessoria Externa Responsável da SE Professores de Educação Física
	Geografia	- Análise do Documento 14 - Elaboração de um documento curricular preliminar	8 Mensais 3 horas cada	Assessoria Externa Responsável da SE Professores de Geografia
Ao longo do ano 2010	História	- Análise do Documento 14 - Elaboração de um documento curricular preliminar	8 Mensais 3 horas cada	Assessoria Externa Responsável da SE Professores de História
	Inglês	- Análise do Documento 14 - Elaboração de um documento curricular preliminar	8 Mensais 3 horas cada	Assessoria Externa Responsável da SE Professores de Inglês
	Língua Portuguesa	-Continuação com a proposta dos Gêneros Textuais - Planejamento de Sequências Didáticas - Definição da Proposta Curricular: conteúdos gramaticais/ gêneros textuais ao longo dos anos e dos bimestres	8 Mensais 3 horas cada	Assessoria Externa Responsável da SE Professores de Língua Portuguesa
	Matemática	- Retomada da proposta curricular -Discussão sobre os blocos, questões de ordem metodológicas e didáticas	8 Mensais 3 horas cada	Assessoria Externa Responsável da SE Professores de Matemática
2011	Todas as disciplinas	- Continuação sobre a discussão do Currículo em todas as áreas, com foco na leitura e escrita. - Assuntos específicos de cada disciplina -Elaboração de Sequências	13 Quinzenalmente 1h30 cada	Responsável da SE Assistente Pedagógico Professores de todas as áreas Supervisores

Ano	Disciplina	Tema	Total de encontros	Participantes
		Didáticas		Equipe Gestoras
2012	Todas as disciplinas	- Implantação do Currículo versão 2012 - Foco da leitura e escrita em todas as áreas - Estudos sobre Interdisciplinaridade (conexões) Fechamento das discussões sobre o Currículo – Publicação outubro de 2012	14 A cada vinte e um dias 1h30 cada	Responsável da SE Assistente Pedagógico Professores ⁶² de todas as áreas Supervisores Equipe Gestoras

Fonte: Secretaria da Educação do Município de Itatiba

Vale ressaltar que, além das formações com os professores, existiam também formações para os coordenadores pedagógicos, nas quais eram tratados assuntos relativos à sua função, ou seja, o seu dia a dia na escola. Entretanto, todo ano era sempre um recomeço, uma vez que no município o coordenador não era efetivo. Nesse aspecto, a supervisora Sabedoria salienta:

Não posso me esquecer de dizer também da construção da prática do olhar do coordenador, do trabalho dentro da escola, foram feitas várias reuniões para dar significado ao papel. A princípio, nós não tínhamos definido o papel do coordenador. Quando fui coordenadora eu não tinha uma definição do que era realmente o meu papel [...] (Supervisora Sabedoria)

E ainda ressalta:

[...] Mas eu vejo que a rede ainda não se estruturou, porque a todo o momento nós temos mudanças de direção, mudanças de coordenador, nós temos mudanças na base, não digo nem na SE, eu vejo mudanças da base, muitas salas com professores afastados, com contratados que não tem vínculo com a escola, no outro ano eles mudam, coordenadores que mudam todo ano, é um processo de concurso ainda, ele não é concursado. Então, faz muita falta um coordenador que dê andamento a uma linha pedagógica. Foi um ganho muito grande os diretores estarem efetivos, mas também trouxe um grupo muito diferente, com visões diferentes [...] (Supervisora Sabedoria)

Para Hargreaves (1995), cabe à formação continuada desenvolver essa reflexão crítica para que as redes de ensino contem com professores com um maior e melhor conhecimento acerca de cinco aspectos tidos como fundamentais: as microconfigurações políticas da escola em que se atua, ganhando consciência das relações de poder nela presente; a necessidade de fortalecer pares; a importância de retirar as famílias dos alunos do papel passivo que a escola

⁶² Professores - participavam das formações de 2009 a 2012 professores efetivos, municipalizados e contratados.

tende a lhes atribuir e envolvê-las nos assuntos escolares; a inutilidade de evitar conflitos; os efeitos sociais e políticos de longo prazo decorrentes do trabalho desenvolvido em sala de aula, assumindo uma postura em que preconceitos cedem lugar à convicção de que todos os alunos podem aprender se receberem auxílio para tanto. Sendo assim, para o referido autor, a formação continuada permite que se viva, na profissão, uma experiência prazerosa, valorizada por permitir tanto desvendar novas formas de ser, pensar e sentir como construção de projetos coletivos éticos para o mundo em que se vive.

No que diz respeito a tais aspectos, a diretora Paixão aponta:

O que marcou para mim a partir de 2009 foi a mudança de postura muito grande do professor de Educação Física. Aquilo que era trabalhado na Educação Física de 2001 até 2008 mudou completamente a Educação Física, depois de 2009. O foco da Educação Física que era ir para a quadra e dar uma bola e deixar a criança. Mudou muito, muito, muito, com a questão de espaço, questão lúdica, mudou muito a prática do professor. (Diretora Paixão)

Na mesma direção, o professor Realista ressalta:

As formações eu acho que elas são importantes a partir do momento que você começa a direcionar o trabalho realizado. Eu falo isso na minha área Educação Física a gente brinca a gente fala que tem uns professores que eram os “rola bola”. Então chegam à aula não preparam nada, não sabe o que vai fazer, então simplesmente joga a bola para a molecada, é futebol de manhã, à tarde, à noite e de madrugada. Tá tudo certo. Não tem uma supervisão, vamos dizer assim, mais direta e ninguém sabe o que está acontecendo [...] (Professor Realista)

E continua:

[...]e o município tem muitos professores ... Como é que sabem se o que está sendo feito, o dinheiro que foi gasto com formador, com material para formação, para distribuição de currículo para professor, está sendo realmente útil? Está sendo realmente empregado? A gente conhece profissionais que entregam, mas será que todos fazem isso. Então, eu acho que precisa ter um pouco mais de acompanhamento de todo esse trabalho feito. A gente tá falando aqui de 10 anos, mais de 10 anos de trabalho, de formação. Então, alguma coisa os professores evoluíram. (Professor Realista).

Já na opinião da diretora Paixão, ela ressalta que a partir de 2009 a presença dos formadores nas escolas foi outro ponto marcante, pois sentavam com o professor, acompanhavam, segundo ela, esse momento foi um avanço pedagógico para a rede. Salienta que o município teve profissionais bastante capacitados, capazes, envolvidos com as questões pedagógicas, entretanto ela enfatiza:

Quanto à valorização dos professores acho que temos muito a caminhar, muito, muito, muito. Acho que só o pedagógico, a estrutura pedagógica, o currículo, só isso sem a valorização profissional, salarial, a formação, não

caminha sozinha. Ainda temos um longo caminho a percorrer. (Diretora Paixão)

Tendo em vista as discussões acima, a professora Escritora salienta que em 2012 foi um ganho, pois os professores foram ouvidos nas formações, nesse sentido ela ressalta:

Então eu penso que a questão da valorização de ouvir o profissional, eu acho que nós temos certa abertura, de forma geral no município. Agora valorizar o profissional em sala de aula, eu não vejo essa valorização tão crescente assim, não é tão diferente de uma gestão para outra, não vejo [...]

Eu percebo na administração mais recente, certo endurecimento em relação à valorização do professor, eu não acho que o professor é valorizado como deveria. E isso eu também considero que é a questão política. Acho que a política pública ela não valoriza o profissional...e isso é no Brasil inteiro e em Itatiba não é diferente [...] (Professora Escritora)

Engajado também enfatiza que de 2009 a 2012 destravou muita coisa. Dessa forma, ele argumenta que nessa gestão o trabalho foi mais fechado, ele pensa que sem querer continuou o trabalho da gestão de 2001 a 2008, uma vez que nessa gestão tiveram que colocar a rede em ordem. Mas que de 2009 a 2012 deixaram bem claro, bem definido o trabalho, tanto que já estão colhendo frutos, segundo ele.

É nesse contexto que Sabedoria ressalta a valorização como reconhecimento pelo trabalho, é ter alguém que faça acompanhamento do trabalho, é ser percebido enquanto profissional. Desse modo, ela destaca:

[...] além, lógico das condições materiais, das condições físicas que você tem que ter, os recursos que você tem quer ter para você poder desenvolver uma boa aula. Mas ser valorizado, também é você ter condições de estudar, você ter espaço de estudo, você ser agraciado mesmo com cursos que possam fazer parte de seu crescimento, enquanto profissional. Eu vejo vários movimentos nesse sentido. Acho que não está acabado precisamos mais, precisamos voltar a ter mais encontros de discussão, de formação, trazer agora, talvez mais pessoas de fora, trazendo mesmo as novidades das universidades das grandes pesquisas, porque isso alimenta a nossa prática, ela dá sentido à prática. (Supervisora Sabedoria)

Nessa perspectiva, Imbernón (2010) afirma que a formação contínua deve considerar a identidade docente sendo que esta envolve a dimensão pessoal e profissional, pois, segundo o autor, a identidade docente é uma união de representações, sentimentos, experiências biográficas, influências, valores, sendo que esta é mutável, ou seja, se transforma de acordo com os contextos da atuação e vivência social e histórica. Diante do exposto, é imprescindível uma formação onde os professores são os sujeitos, os protagonistas de seu desenvolvimento profissional.

3.2. A construção do Currículo de 2009 a 2012: um estudo participativo

Conforme salientado, no início dessa gestão houve uma grande preocupação de não se perder o que a rede já havia produzido em termos de política curricular em anos anteriores. Assim, a primeira iniciativa foi ouvir o que os professores tinham a dizer sobre o documento curricular 14, o qual estava em vigor na rede municipal de ensino. Dessa forma, no trabalho com os professores e assessores, a partir do segundo semestre de 2009, com professores de Matemática e Língua Portuguesa e 2010 também com as outras disciplinas, foi solicitado a todos uma análise, por escrito, do documento 14 a partir da experiência que estavam tendo com a execução dele em sala de aula. Vale ressaltar que o documento havia sido concluído em dezembro de 2008 e encaminhado para as escolas nesse mesmo período, como já explicitado anteriormente.

Foi, então, apontado, por exemplo, pelos professores de Matemática que havia uma repetição de conteúdos propostos, ao longo dos bimestres, ou seja, um mesmo conteúdo se fazia presente em mais de um bimestre, sem indicar que se tratava de um aprofundamento do que havia sido feito anteriormente. Os professores relataram também que o documento, tal como estava, não havia passado pela aprovação deles, ou seja, o texto no qual eles haviam trabalhado sofrera modificações substanciais e não refletia o movimento realizado. Declaram ter participado de discussões, mas sempre de forma fragmentada, sem que tivessem acesso ao documento como um todo. Disseram que foi necessário realizar uma adaptação nas escolas, no sentido de organizar melhor o documento.

Em Língua Portuguesa, conforme exposto anteriormente, a avaliação apontou a ausência da perspectiva de gêneros textuais, a falta de conexão entre as listas de expectativas de aprendizagem, conteúdos e procedimentos. Dessa forma, o grupo de professores decidiu focalizar o lugar do gênero como objeto de ensino dos eixos da língua materna em leitura e produção de textos, o lugar do texto (oral/escrito) como materialização de um gênero (unidade de trabalho) e, portanto, suporte de aprendizagem de suas propriedades.

Em História, os professores não apontaram críticas, porém, de uma maneira dialogada com o assessor, deram as seguintes sugestões: adequar com a proposta com o Estado, pois todas as avaliações externas são cobradas de acordo com a proposta estadual; para o 6º ano poderia ter um menor número de conteúdos deixando para trabalhar os indígenas no 7º ano junto com o descobrimento da América; realizar um ajuste quanto à importância do estudo no mundo atual; valorizar o conhecimento produtivo; reforçar conceitos de identidade, vivências;

dar mais importância à linha histórica dos fatos, para os alunos poderem se situar no tempo e espaço da realidade histórica.

Em Educação Física, a proposta apresentava a perspectiva da cultura corporal, que valoriza a diversidade de atividades, porém, o discurso do documento não avança além do plano das ideias, o documento parece um processo inacabado. Contendo as ideias iniciais do que pode vir a ser uma proposta pedagógica. A lista de expectativas ao longo dos anos do Ensino Fundamental, se excluída a palavra “corporal”, pode ser usada para qualquer disciplina. A lista de conteúdos é extremamente repetitiva, sem apontar nenhuma questão motora envolvida, como se a atividade física não fosse o meio para atingir as expectativas proposta.

Dessa forma, todas as disciplinas fizeram a leitura do documento 14 bem como foram analisando o que precisaria ser modificado. No entanto, a Secretaria de Educação considerou que um pequeno avanço seria o fato de esse documento não ser imposto, pronto e acabado ao grupo de professores, ou seja, ele não viria do “alto”. Ao tentar tomar como ponto de partida as práticas curriculares das escolas, os professores puderam compreender que:

o saber escolar não é neutro, não obedece à lógica científica, é sim, selecionado e organizado intencionalmente. É compreender que há conhecimentos válidos e outros não válidos, tanto na sociedade como escola. Inovar a escola e o currículo é desvelar os critérios de seleção e organização do conhecimento escolar. (ARROYO, 1999, p. 142).

Nesse sentido, Sacristán (2000, p. 165) salienta que:

O currículo é uma prática desenvolvida através de múltiplos processos e na qual se entrecruzam diversos subsistemas ou práticas diferentes, é óbvio que, na atividade pedagógica relacionada com o currículo, o professor é um elemento de primeira ordem na concretização desse processo. Ao reconhecer o currículo como algo que configura uma prática, e é por sua vez, configurado no processo de seu desenvolvimento, nos vemos obrigados a analisar os agentes ativos no processo. Este é o caso dos professores; o currículo molda os docentes, mas é traduzido na prática por eles mesmos – a influência é recíproca.

Sobre esse aspecto, a supervisora Sabedoria ressalta que o currículo não é um estudo de um tempo, ele é o produto de uma reflexão que começou bem antes, ou seja, ela enfatiza que a rede tem professores que se efetivaram desde 2001 e quando o currículo se deu em 2012, esse professor participou de formações desde 2001, com o conhecimento que adquiriu, não foi o momento que nasceu o currículo. Desse modo, ela salienta que o currículo é um grande momento de reflexão da rede.

Ainda quanto ao processo de construção do currículo, nos encontros de formação os professores foram organizados em grupos, a fim de realizarem uma seleção de conteúdos a ser trabalhados. Diante disso, em comum acordo com o grupo, foi decidido que o documento curricular seria elaborado coletivamente pelos professores, com mediação da SE, cuja intenção era de mediar e problematizar as práticas desses professores, diante daquilo que explicitavam sobre a forma de como trabalhavam determinados conteúdos. Pretendia-se que os professores tivessem voz e fossem ouvidos. Nessa perspectiva, a Supervisora Sabedoria aponta:

[...] quando nós colocamos os professores da mesma disciplina dialogando e depois levando para a escola o diálogo das formações. Então, como eu disse, quando você coloca professores da mesma disciplina você fala a mesma linguagem, você consegue traçar em termos de rede, um currículo, uma linha, um trabalho a seguir e nessa troca um aprende com o outro. (Supervisora Sabedoria)

Desse modo, com esse movimento foram identificados dois elementos centrais aos processos de constituição profissional: momentos de reflexões coletivas e compartilhadas sobre o currículo e a probabilidade de troca de experiências. Segundo Silva (2000), na elaboração de um currículo fazemos escolhas e essas constituem relações de poder, ou seja, o conhecimento, a cultura e o currículo são produzidos no contexto das relações sociais e de poder. Nesse sentido, Gomes (2006, p.31-2) destaca que o currículo não está envolvido em um simples processo de transmissão de conhecimentos e conteúdos. Possui um caráter político e histórico, como também constitui uma relação social, no sentido de que a produção de conhecimento nele envolvida se realiza por meio de uma relação entre pessoas. Para tanto, a Secretária de Educação enfatiza:

Então, nesse movimento de diálogo com os professores, com os especialistas, com a literatura, é como se fosse um currículo nosso de formação. Uma troca de saberes e de experiência, construindo o nosso fazer pedagógico e registrando em documento orientador. Para que o professor na sua prática do dia a dia pudesse garantir essa unidade, os direitos de aprendizagem, que nós chamamos em nosso documento de expectativas de aprendizagem, com conteúdos definidos, tempos mais ou menos definidos ao longo do ano, divididos por bimestres. Com clareza do que se espera para cada disciplina. (Secretária de Educação)

Dessa maneira, o currículo é uma parte importante da organização escolar e integra o Projeto Político-Pedagógico de cada escola. Por isso, ele deve ser pensado e refletido pelos sujeitos em interação “que têm um mesmo objetivo e a opção por um referencial teórico que o sustente” (VEIGA, 2002, p.7). Por isso, os sujeitos que constituem a escola devem participar

da elaboração do currículo, apontar necessidades e metas, favorecendo a construção da sua identidade. Nos estudos de Veiga, entende-se que currículo é uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive; a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito. (VEIGA, 2002, p.7)

Nessa ótica, a supervisora Sabedoria afirma que a partir de 2009 os professores fizeram parte, se apropriaram da construção da política curricular. Ela destaca que:

Com certeza houve a participação docente 2009 a 2012. Eu tenho de vários professores, não só desde momento último, mas que participaram da rede como um todo e eu posso citar o caso de uma professora de Língua Portuguesa, ela participou de todos os momentos e ela é uma das pessoas que defende muito o currículo, o que está posto, o currículo que está formalizado na rede. E ela se apropriou do currículo, é uma pessoa que vive o currículo e ela dá um retorno muito bom para o currículo. É uma das pessoas que mais defende o currículo que se enxerga dentro do currículo. (Supervisora Sabedoria)

Entretanto, a supervisora argumenta que hoje a rede pede um sistema de ensino (apostilamento), muitos gestores apontam que seria muito mais fácil para o acompanhamento, principalmente do coordenador que tem todos os segmentos, desse modo, com o sistema seria mais fácil de enxergar até onde ir. Mas, ela deixa um questionamento: “Nós adaptamos o currículo ao sistema ou sistema de ensino é o nosso currículo”? “Vale a pena?”

Nesse sentido, a Secretária ressalta que já recebeu várias empresas que vendem materiais de apostilamento, porém há uma preocupação para não se perder a construção do currículo, uma vez que é difícil de encontrar um que venha ao encontro do documento construído. Ela argumenta que os processos licitatórios são uma caixa de surpresa, pois ganha o mais barato, dessa forma, nunca fica sabendo, qual será comprado. Ela destaca que:

Então, ficamos com receio, mas nós vimos sim alguns sistemas que vem ao encontro do trabalho que nós realizamos sem ferir toda essa construção que eu acho maravilhosa, que é importante, que é grandiosa [...] Então, nós não adotamos por enquanto por essas questões. Não sei algum dia a gente vai ter uma orientação para poder adquirir aquele material específico, aí a gente pode até conversar. (Secretária de Educação de 2009 a 2012)

Nesse contexto, a Secretária enfatiza que a construção da Política Curricular valoriza, ou seja, é um reflexo da valorização do professor, é um reconhecimento que ele é um

profissional importante, que tem potencial, que pode fazer coisas diferentes. Na sequência passamos a apresentar o processo de construção do currículo de 2009 a 2012.

3.3. Documentos Curriculares da gestão de 2009 a 2012

3.3.1. Proposta Curricular do Ensino Fundamental do 6º ao 9º - 2011

Após os estudos de 2009 e 2010 de todas as disciplinas, e principalmente durante a revisão do documento 14, a equipe de formadores da Secretaria de Educação juntamente com os professores concluiu uma “*Proposta Curricular do Ensino Fundamental do 6º ao 9º*”, a qual passou a ser utilizada por todos os docentes no início de 2011. Era um documento em formato de apostila, em espiral, o qual trazia por disciplina o que deveria ser trabalhado por bimestre em cada série/ano. Cada professor recebeu o específico de sua área e a escola um volume único contendo todas as disciplinas. Nesse volume as disciplinas são divididas por uma capa plástica dura, com uma capa em folha A4 identificando a referida disciplina.

Figura 3 Capa do Currículo do Ensino Fundamental de 2011

Fonte: Secretaria de Educação do Município de Itatiba

Após a capa vem uma apresentação, conforme segue:

Caro professor,
É com grande satisfação que entregamos a você este documento. Ele é resultado de um trabalho coletivo realizado, em 2010, pelos professores e

assessores pedagógicos e traz orientações curriculares de sua disciplina. Nele você encontrará as expectativas para o Ensino Fundamental, além do conteúdo específico que deverá ser aplicado durante o ano letivo. Cabe a você, professor e protagonista deste processo, utilizá-lo como ferramenta indispensável para as suas aulas.

Sabendo da importância da formação continuada de professores para o sucesso deste trabalho em 2011, continuaremos as nossas formações. Elas terão como objetivo principal, elaborar metodologias para atingir as expectativas propostas e orientar o professor durante seu trabalho em sala de aula.

Esperamos com isso contribuir para o fortalecimento de toda a rede municipal levando às nossas escolas uma educação sólida, coerente e inovadora.

Secretaria Municipal de Educação

A disciplina de Matemática traz um texto sobre a reflexão da Matemática no Ciclo III/IV (6º ao 9º) e apresenta o documento, tendo por base os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em quatro grandes blocos: Numeração, Espaço/Forma, Grandezas/Medidas e Tratamento da Informação. Traz, ainda, uma lista de expectativas gerais de aprendizagem para os quatro anos finais do Ensino Fundamental. Na sequência apresenta-se para cada série/ano expectativas específicas divididas por bimestres e conteúdos divididos nos blocos, já citados, por bimestre e para cada série/ano.

Na disciplina de História inicialmente apresenta um objetivo geral, depois em cada série/ano (6º ao 9º) traz um tema, além disso, as expectativas específicas a serem atingidas ao longo de cada ano, e ainda seus conteúdos divididos por bimestre. No final do documento traz orientações para elaboração de planos de aulas.

Já a disciplina de Educação Física as expectativa de aprendizagem são interdependentes, não podendo ser trabalhadas isoladamente por bimestre. O que varia em cada bimestre são os temas, focando aspectos conceituais, procedimentais e atitudinais. Apresenta uma lista de expectativas gerais para cada série/ano (do 1º ao 9º), depois por bimestre são apresentados temas para cada série/ano, dentro dos quais estão os conteúdos. Traz também algumas sugestões de jogos.

Em Língua Portuguesa, durante o ano de 2010, os professores e assessores pedagógicos concluíram que o documento deveria ser construído a partir do estudo de gêneros textuais, conforme assinalado anteriormente. Esses foram selecionados visando às necessidades de cada ano/ciclo (6º ao 9º), o material pedagógico disponível nas escolas e às expectativas do curso. Traz também, aspectos da língua: leitura (compreensão e interpretação); produção de texto (oral e escrito) e análise linguística. As expectativas gerais foram traçadas seguindo os PCN's. Já as específicas para cada ano foram construídas durante

as formações de 2011, assim como a metodologia para o trabalho com os gêneros e demais alterações necessárias. Na sequência apresenta um quadro com os conteúdos específicos divididos em: ano, bimestre, gênero textual, tópico gramatical – texto, tópico gramatical – sintaxe, tópico gramatical morfologia e tópico gramatical fonologia e semântica.

A disciplina de Ciências está dividida por temas geradores, conforme segue: Transformações terrestres, interações mútuas, integração nas diversas escalas espaço-temporais e equilíbrio dinâmico planetário; Indissociabilidade dos ambientes natural e social; Ciência como atividade humana. Traz uma lista de conteúdos e expectativas específicas divididas por bimestre e por ano (6º ao 9º).

Na disciplina de Artes foram contempladas as quatro linguagens das artes (dança, música, teatro e artes visuais). Dessa forma as expectativas de aprendizagem e os conteúdos foram organizados de acordo com essas linguagens: Linguagem Visual, Linguagem Teatral, Linguagem Musical e Linguagem Corporal, divididos por bimestre e ano/série (do 1º ao 9º)

Na disciplina de Língua Inglesa foram confrontados os conteúdos linguísticos e gramaticais, bem como se apresenta uma lista de expectativa de aprendizagem por ano/série. Os conteúdos foram organizados em duas colunas: *Functions and Notions e Grammar/Vocabulary*, divididos por bimestres e por ano/série (do 4º ao 9º).

Já a disciplina de Geografia tem um texto reflexivo sobre a Geografia no século XXI e sobre o ensino/ aprendizagem em Geografia do 6º ao 9º. Apresenta inicialmente uma lista de expectativas de aprendizagem divididas em 6º e 7º e 8º e 9º. Na sequência traz um quadro que é dividido por: Conteúdos Conceituais (conceito chave) e Procedimentos, distribuídos por bimestres.

Esta foi a Política Curricular pensada pelos professores e formadores até 2010, chamou-se de proposta, uma vez que, em 2011, continuaram os estudos, pois os professores aplicavam em sala o documento curricular, entretanto nas formações se discutia e se modificava o que era necessário. Podemos destacar alguns pontos: para todas as disciplinas foram pensadas expectativas de aprendizagem, as quais deveriam ser atingidas ao longo do ano letivo; foram definidos conteúdos específicos para cada área, divididos por bimestre. Abaixo será apresentado o currículo concluído no final de 2011.

3.3.2. Currículo do Ensino Fundamental 6º ao 9º - 2012

Figura 4 Capa do Currículo do Ensino Fundamental de 2012

Fonte: Secretaria de Educação do Município de Itatiba

Após os estudos da Proposta Curricular de 2011, a equipe de formadores da Secretaria de Educação juntamente com os professores compilou todos os dados, os quais foram condensados nesse documento. Tem a versão em volume único, em espiral, a qual foi encaminhada para as escolas no início de 2012, assim como uma versão específica para cada disciplina, a qual foi entregue para cada professor das diversas áreas.

No volume único as disciplinas são divididas por uma capa plástica e com uma capa em folha A4 identificando a referida disciplina. Nessa versão não consta um texto de apresentação geral da Secretaria de Educação. Ele começa por Artes, a qual traz logo no início um texto de apresentação da disciplina:

Este documento de Artes é o resultado do trabalho conjunto dos professores que participaram das reuniões de formação ao longo do ano de 2011. Reflete o nosso modo de ver e vivenciar o ensino e aprendizagem em Artes em nosso município. É um material valioso, pois é o fruto das nossas discussões, reflexões, anseios e avaliações.

Considerando a necessidade de que a organização curricular contemple as quatro linguagens das artes (dança, música, teatro e artes visuais) vamos trabalhar em conjunto, com base neste documento, para mediar e incentivar o contato do educando com várias formas de produções artísticas [...]

Na sequência segue uma lista de expectativas de aprendizagem divididas entre as linguagens: Visual, Musical, teatral, Corporal e em todas as linguagens ao mesmo tempo, para todos os anos/série (do 1º ao 9º). Depois traz um quadro dividido de acordo com as quatro

linguagens, mas distribuindo os conteúdos da disciplina. Já indicando sugestões dos possíveis artistas, obras, músicas, brincadeiras, filmes, enfim que podem ser abordados. Além disso, o documento traz em anexo sugestões de atividades/ sequências didáticas e planos de aula a serem aplicados durante o ano letivo.

Já a disciplina de Ciências começa com a seguinte apresentação

O currículo de Ciências apresentado neste documento é resultado do trabalho coletivo dos professores de Ciências durante as formações no período de 2010 e 2011. O objetivo de tais encontros foi discutir a proposta curricular de Ciências do município de Itatiba contida no documento 14, reformulá-la ou desenvolver uma nova proposta de acordo com as reflexões realizadas. Foram tomadas como base para a reflexão sobre o currículo de Ciências as concepções de Ciência, Ambiente, Educação e as respectivas relações com a Sociedade. [...]

Durante o ano de 2011 foi proposto um trabalho coletivo em que os professores puderam discutir a proposta curricular, expondo as dificuldades da aplicação da Proposta Curricular 2010, bem como os pontos positivos atrelados a ele. [...]

Pode-se afirmar que o atual currículo de Ciências teve a total participação dos professores que estiveram nas formações e, portanto, trata-se de um trabalho coletivo em que cada um teve a oportunidade de opinar. [...]

O documento tem um quadro dividido em: Conteúdos (por temas), Expectativas de Aprendizagem e Sugestões de Atividades, por bimestres, assim como por série/ano (6º ao 9º). Além disso, traz nos anexos sugestões de sequências didáticas e planos de aula a serem aplicados no decorrer do ano letivo.

A disciplina de Educação Física traz a seguinte apresentação:

O Currículo de Educação Física foi elaborado pelo grupo de professores participantes das reuniões de formação realizadas no ano de 2011. Este trabalho vem sendo desenvolvido desde o ano de 2010, sob a orientação de assessores pedagógicos. É um material valioso, que deverá ser seguido por todos os docentes da Rede Municipal de Ensino de Itatiba, pois contém o resultado das nossas discussões, reflexões e avaliações sobre os conteúdos (temas, subtemas e conexões). [...]

O documento segue com uma lista de expectativas de aprendizagem gerais do 1º ao 5º, 6º, 7º 8º e 9º, para serem atingidas ao longo do ano letivo. Depois traz um quadro que tem como divisão: semestre/ciclos, Temas Centrais (ex: Ginástica, Dança...etc), Subtemas (ex; Ginástica: acrobática, rítmica, aeróbica, artística, ginástica para todos e dança...etc.) Procedimentos e Conexões⁶³ sobre os Temas e Subtemas. Também no final constam

⁶³ Conexões: São assuntos extras para serem trabalhados durante a execução dos temas e subtemas. Por exemplo: Saúde e nutrição; Benefícios da atividade física na prevenção de doenças etc.

sugestões de atividades/sequências didáticas e planos de aula a serem aplicados ao decorrer do ano letivo, para cada série/ano.

Na disciplina de Geografia começa com a seguinte apresentação:

Tendo em vista o quanto o mundo é dinâmico e passível de transformações, consideramos a Geografia uma área de conhecimento comprometida a torná-lo compreensível aos alunos. Tendo esse objetivo em vista, durante o ano de 2011 reescrevemos o Currículo de Geografia num trabalho conjunto realizado durante as Formações, que resultou neste documento que agora está disponível em suas mãos. [...]

Dessa forma, esperamos valorizar a importância de se perceberem como atores na construção de paisagens e lugares; entendendo que essas paisagens e lugares resultam de múltiplas interações entre a sociedade, a cultura e a natureza, e que estão plenos de significados simbólicos e temporais. [...]

Na sequência apresenta-se um quadro, o qual é dividido em: conteúdos (grandes temas), conteúdos conceituais, Expectativas específicas e por bimestres. No final, nos anexos há sugestões de atividades/ sequência didática e planos de aula a serem aplicados no decorrer do ano letivo pra cada série/ ano (6º ao 9º).

No currículo de História inicia-se com a seguinte apresentação:

O Currículo de História aqui apresentado é o resultado do trabalho coletivo dos professores da rede que vem sendo discutido e adaptado, com o objetivo de servir de referência para o trabalho em classe, tanto no que se refere ao recorte dos conteúdos, quanto no estabelecimento de expectativas mínimas de aprendizagem.

Quatro temas gerais orientam a distribuição dos conteúdos, quais sejam: identidade, no 6º ano; trabalho, para o 7º ano; nação e nacionalidade, no 8º ano e cidadania, no 9º ano. Manteve-se, entretanto, a perspectiva cronológica para o desenvolvimento da proposta, que evolui do surgimento de grupos primatas aos acontecimentos contemporâneos, mesclando História do Brasil e História Geral.

Afinado com as orientações e legislação recente das “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira e Africana” o currículo valoriza, em momentos diversos, nos vários anos, a história da África e a cultura africana, na construção da história brasileira. Vale lembrar que essa orientação teve início com a Lei 10.639/2003, substituída pela lei 11.645/2008, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. [...]

A seguir apresenta o objetivo geral da disciplina, logo após traz por série/ ano (6º ao 9º) expectativas de aprendizagem a serem atingidas ao longo do ano. Essas estão distribuídas por meio de temas. Após são apresentados os conteúdos distribuídos por bimestres, para cada série/ano. Além disso, há orientações para elaboração de planos de aulas, bem como sugestões de atividades/ sequência didática a serem aplicadas no decorrer do ano letivo.

Na disciplina de Língua Inglesa inicialmente traz a seguinte apresentação:

Percorremos um longo caminho no estudo e construção do Currículo de Inglês. Eis aí nossa obra orientadora, que reflete a realidade para o ensino de Inglês no município de Itatiba e permite ao professor a adequação mediante a realidade da escola.

Um dos aspectos importantes com relação à abordagem comunicativa que vale a pena ser destacado nesta curta introdução é o uso de tarefas comunicativas. [...]

Dessa maneira, oportunizar a exposição do aluno a: leitura de textos originais, escrita sempre com propósito social, fala em situações reais do dia a dia e audição de filmes, músicas, textos etc. No contexto do uso da Língua Inglesa é um fator que ajuda e muito na aprendizagem de vários aspectos que vão além da gramática. [...]

O documento segue com um quadro dividido em colunas: por bimestre, Gramática/Vocabulário, Expectativas de Aprendizagem específicas, para cada série/ ano (do 4º ao 9º). Além disso, traz sugestões de sequências didáticas a serem aplicada no decorrer do ano letivo.

Em Língua Portuguesa inicia-se com a seguinte apresentação:

Este currículo de Língua Portuguesa começou a ser elaborado no ano de 2010, após a revisão do Documento 14. Nesse ano, os professores e assessores pedagógicos analisaram o documento e, baseando-se nos estudos de Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz, concluíram que o Currículo deveria ser elaborado a partir dos gêneros textuais. Deste trabalho, surgiu a Proposta Curricular de 2011, utilizada pelos professores nesse mesmo ano letivo. Também em 2011, os professores puderam revisar a Proposta, agora já implantada, e analisa-la observando sua adequação à prática, às expectativas do curso, às necessidades de cada ano/ciclo e ao material pedagógico disponível nas escolas.

As expectativas para a disciplina foram traçadas seguindo os Parâmetros Curriculares Nacionais. As específicas para cada ano, elaboradas durante as formações de 2011. A metodologia para o trabalho também foi estudada nas formações e terá continuidade no ano de 2012. [...]

Na sequência apresenta as expectativas gerais para o estudo de Língua Portuguesa nos ciclos III e IV nos seguintes aspectos: na Leitura, na Produção e na Análise Linguística. Além disso, traz um quadro, o qual é dividido em: série/ano (6º ao 9º), expectativas específicas, Gênero textual, aspectos discursivos e composicionais – texto, aspetos linguísticos – sintaxe, aspectos linguísticos morfologia e aspectos linguísticos fonologia e semântica, divididos por bimestres. Em cada série/ano são tratados gêneros diferentes. Traz também sugestões de atividades/ sequência didática e planos de aula a serem aplicados no decorrer do ano letivo.

A Matemática inicia-se com a seguinte apresentação:

Este Currículo de Matemática começou a ser elaborado no ano de 2009, após a revisão do Documento 14 que era utilizado nesse mesmo ano. Juntos, professores e a assessora pedagógica analisaram e decidiram que os conteúdos deveriam ser distribuídos por blocos tais como: numeração, álgebra, espaço e forma, grandezas e medidas, tratamento da informação e a criação das conexões, com a finalidade de trabalhar os conteúdos dos blocos de maneira interligada.

Nos anos de 2010 e 2011, a Proposta Curricular foi colocada em prática e, durante as formações, foi analisada e discutida a cada bimestre, com o objetivo de adequá-la à prática e às necessidades de cada ano/ciclo. [...]

Apresenta, ainda, um texto reflexivo sobre a Matemática nos ciclos III e IV, após traz um quadro, o qual é dividido nos seguintes blocos: numeração, conteúdos e expectativas de aprendizagem específicas; espaço e forma, conteúdos e expectativas de aprendizagem específicas; Grandezas e Medidas, conteúdos e expectativas de aprendizagem específicas; tratamento da informação, conteúdos e expectativas de aprendizagem específicas; conexões interligadas aos quatro blocos – para todos os anos/série, divididos por bimestres. Além disso, traz sugestões de atividades/ sequências didáticas e planos de aula a serem aplicados no decorrer do ano letivo.

Esta versão também foi pensada pelos professores e formadores, a qual foi discutida e elaborada durante os momentos de formação. Para todas as disciplinas encontramos expectativas específicas para serem atingidas ao longo do ano letivo; todas apresentam conteúdos específicos distribuídos por bimestres; no final de cada disciplina podemos encontrar sequências didáticas/ atividades para serem aplicadas em sala. Em Artes os conteúdos estão divididos de acordo com as quatro linguagens (Visual, Teatral, Musical e Corporal); em Ciências são abordados em temas geradores; na Educação Física os conteúdos estão divididos por temas e subtemas; em Geografia os conteúdos se apresentam na seguinte divisão: Conteúdos Conceituais, Procedimentais e Atitudinais; em História os conteúdos estão divididos por eixos temáticos, já em Inglês apresenta os conteúdos divididos em função da língua e gramática; em Língua Portuguesa os conteúdos estão divididos por gêneros textuais em: leitura, análise linguística e produção de texto; na Matemática os conteúdos estão divididos em 4 blocos: numeração, espaço e forma, grandezas e medidas e tratamento da informação.

A principal diferença entre a Proposta Curricular de 2011 para o Currículo de 2012 é que no segundo foram elaboradas atividades, sequências didáticas, planos de aulas para que os professores pudessem utilizar em suas aulas. Abaixo seguem os currículos de cada disciplina concluídos após os estudos no final de outubro de 2012.

3.3.3. Currículos Publicados em outubro de 2012⁶⁴

Figura 5 Capa do Currículo do Ensino Fundamental - 6º ao 9º - 2012

Fonte: Secretaria de Educação do Município de Itatiba

Durante o ano letivo de 2012, a equipe de formadores da Secretaria de Educação juntamente com os professores, continuou os estudos dos currículos e acabaram concluindo no final de outubro uma última versão. São nove documentos publicados, sendo um volume único que reúne todas as disciplinas e oito volumes um para cada disciplina. Todos foram devidamente registrados com números de *International Standard Book Number* (ISBN). Possuem capa plástica (frente e verso), em espiral, com capa dura especificando cada currículo, um saquinho plástico/ envelope, trazem um texto de apresentação da Secretaria de Educação, um sumário, para introduzir cada disciplina traz citações de alunos sobre a referida disciplina. Vale destacar que na ficha catalográfica aparecem os nomes das pessoas que fizeram parte da administração de 2009 a 2012 e os nomes de quem fez parte de todo o processo: Secretária, Diretora de Departamento, formadores, professores, supervisores, diretores e coordenadores que participaram das formações de 2009 a 2012. Também aparece registrada a apreciação do Conselho Municipal de Educação em 13 de agosto de 2012.

⁶⁴ Currículos Publicados – estão disponíveis no site da Prefeitura www.itatiba.gov.br.

O volume único possui 506 páginas, em sua capa está denominado como “*Currículo – Ensino Fundamental 6º ao 9º - Itatiba –SP*”. Logo após a ficha catalográfica, traz uma citação de Antonio Flavio Barbosa Moreira

O currículo é [...], o coração da escola, o espaço central em que todos atuamos, o que nos torna, nos diferentes níveis do processo educacional, responsáveis por sua elaboração. O papel do educador no processo curricular é, assim, fundamental. Ele é dos grandes artífices, queira ou não, da construção dos currículos que se materializam nas escolas e nas salas de aula.⁶⁵

Na sequência, segue um excerto da apresentação:

O presente documento reflete a construção de um trabalho coletivo realizado pela Secretaria de Educação de Itatiba, com a colaboração dos professores da rede municipal de ensino e pesquisadores convidados que, unidos, estudaram, debateram e se dedicaram para definir uma política de educação que garanta a qualidade do trabalho pedagógico a todos os educandos e, ao mesmo tempo, permita o avanço no processo de profissionalização docente.

Unidos por esse ideal, trabalhamos incansavelmente nos últimos anos, a fim de propor currículos municipais para todos os níveis de ensino e áreas do conhecimento, de modo a propiciar continuidade e articulação na formação integral dos nossos educandos. [...]

Das leituras e discussões destacamos que, na Educação, o currículo representa um compêndio dos conhecimentos e valores que identificam o processo social expresso pelo trabalho pedagógico presente no ambiente escolar. O currículo visa, portanto, a articular experiências e saberes dos educandos com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico, de modo a promover a aprendizagem e o desenvolvimento integral dos educandos ao longo de sua escolarização. [...]

Nesse sentido, a Secretaria Municipal de Educação buscou, desde 2009, realizar um trabalho mais sistemático, inicialmente com formações de Matemática e Língua Portuguesa e, em 2010, para todas as áreas. Foi por meio de resultados de avaliações externas e internas realizadas em 2009/2010 que, a partir de 2011, a Secretaria de Educação reestruturou as formações, definindo como tema norteador para todas as disciplinas “leitura e escrita – compromisso de todas as áreas”. [...]

Nesses últimos anos, o novo formato da formação continuada possibilitou aos professores, além de retomadas constantes ao currículo, a produção de planos de aula, sequências didáticas elaboradas entre pares, com vistas a repensar a sua prática. Assim, acreditamos que o conhecimento, as concepções de educação, as relações sociais, as trocas de experiências, o cotidiano, formaram um conjunto de fatores que permitiram definir um currículo escolar, para o município de Itatiba, que buscou integrar a vida escolar à vida social. [...]

⁶⁵ MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. CANDAU, Vera Maria. Indagações sobre o currículo: currículo, conhecimento e cultura. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria da Educação Básica, 2007.

Figura 6 Capa do Currículo do Ensino Fundamental (Artes) - 6º ao 9º - 2012

Fonte: Secretaria de Educação do Município de Itatiba

Após segue o sumário, começa a disciplina de Artes, por meio de três depoimentos de alunos, os quais falam sobre a referida disciplina. Na versão volume específico o documento tem 75 páginas, tem o formato conforme já descrito acima.

Segue um excerto do texto de apresentação:

Este currículo de Artes é resultado do trabalho conjunto dos professores que participaram das formações ao longo do ano de 2011. Ele reflete o nosso modo de ver e vivenciar o ensino e a aprendizagem de Artes em nosso município. É um material valioso, pois é o resultado de nossas discussões, reflexões, anseios e avaliações sobre os conteúdos que se distribuem ao longo do currículo do 1º ao 9º ano.

Considerando a necessidade de que a organização curricular contemple as quatro linguagens das artes (dança, música, teatro e artes visuais) trabalharemos, com base neste documento, para mediar e incentivar o contato do educando com as várias formas de produções artísticas. Para facilitar a compreensão e a utilização das informações deste currículo, apresentamos os conteúdos organizados por ano, por bimestres e também por linguagem artística; depois dos conteúdos estão listadas as expectativas de aprendizagem, também organizadas por ano e por linguagem. Nos anexos apresentamos os planos de aula e sequências didáticas que foram desenvolvidos coletivamente pelos professores da área e organizadas pela formadora. Lembrando que os conteúdos e expectativas se relacionam, também estão presentes sugestões de conexões interdisciplinares. [...]

Na sequência traz um quadro, o qual dispõe das quatro linguagens (visual, musical, teatral e corporal), com os respectivos conteúdos, divididos por bimestres, para cada ano. Além disso, o que diferencia essa versão da anterior é o fato trazer conexões

interdisciplinares⁶⁶, após segue uma lista de expectativas de aprendizagem distribuídas entre as linguagens. Nos anexos apresentam-se sequências didáticas que foram desenvolvidas coletivamente nos encontros de formação; atividades que contemplam os conteúdos presentes neste currículo e sugestões de obras, vídeos e músicas. No final seguem as referências bibliográficas.

Figura 7 Capa do Currículo do Ensino Fundamental (Ciências) - 6º ao 9º - 2012

Fonte: Secretaria de Educação do Município de Itatiba

A disciplina de Ciências também inicia com depoimentos de alunos, tem 73 páginas, com o mesmo formato já citado. Segue o texto de apresentação

O currículo de Ciências apresentado neste documento é resultado do trabalho coletivo dos professores de Ciências durante as formações no período de 2010 e 2011.

O trabalho teve início em 2010 com as reflexões teóricas acerca do tema currículo. O objetivo de tais encontros foi discutir a proposta curricular de Ciências do município de Itatiba, reformulá-la e desenvolver uma nova proposta de acordo com as reflexões realizadas.

Foram tomadas como bases para a reflexão sobre o currículo de Ciências as concepções de Ciência, Ambiente, Educação e as respectivas relações com a Sociedade.

Ao final de 2010 concluiu-se que seria realizada uma reformulação do atual currículo, mantendo em princípio, as atuais listagens de conteúdos nos diversos anos, modificando-se o enfoque e a abordagem dos mesmos e

⁶⁶ Conexões Interdisciplinares – em determinados conteúdos aparecem indicados assuntos e com quais disciplinas podem se relacionar.

inserindo as ideias de “*Transformações terrestres, interações e integração no espaço e no tempo*”, porém, dando margem às mudanças progressivas a curto, médio e longo prazo, de acordo com as concepções de cada professor. [...]

Considerou-se a reelaboração do currículo já existente desenvolvido pelos professores e que atendesse às demandas do cotidiano escolar. Dessa forma, buscou-se aliá-lo às experiências de cada professor, construindo um “instrumento” capaz de nortear efetivamente o trabalho pedagógico, sem desconsiderar as reflexões anteriormente desencadeadas desde 2010. [...]

Na sequência há um quadro, o qual está dividido por bimestre da seguinte maneira: temas/ conteúdos, expectativas de aprendizagem específicas e possíveis conexões com outras áreas/ sugestões de atividades. Após traz uma série de sugestões de atividades/ sequências didáticas que foram desenvolvidas e/ou planejadas durante as formações. No final encontram-se as referências bibliográficas. O que diferencia essa versão da anterior são as possíveis conexões com outras áreas e as sugestões de atividades.

Figura 8 Capa do Currículo do Ensino Fundamental (Educação Física) - 6º ao 9º - 2012

Fonte: Secretaria de Educação do Município de Itatiba

A Educação Física também tem início com depoimentos de alunos, em sua versão específica o documento tem 33 páginas e o formato conforme já descrito. Segue o texto de apresentação

O Currículo de Educação Física é um documento referencial de sistematização e organização de eixos temáticos, conteúdos e habilidades. Foi elaborado pelo grupo de professores da Rede Municipal de Ensino de Itatiba, juntamente com assessores pedagógicos em formações, desde o ano

de 2010. Sendo um material valioso, deverá ser seguido por todos os docentes da Rede, pois contém o resultado das discussões, reflexões e avaliações dos conteúdos (temas, subtemas e conexões) abordados e aplicados durante esses anos.

A organização em eixos temáticos significa que os conteúdos e habilidades que fazem parte do currículo devem ser articulados a temas sociais, políticos, culturais, econômicos, estéticos e éticos. Os eixos temáticos sustentam e direcionam a abordagem conceitual e metodológica dos conteúdos a serem ensinados.

O conteúdo é entendido como conhecimento, saber que provém tanto da cultura popular quanto da cultura elaborada. A cultura é a fonte que dá origem e sentido aos saberes da Educação Física. Todos os elementos da cultura corporal, tais como o jogo, a dança, as lutas, a ginástica, o esporte, constituem-se como obras culturais criadas pelo ser humano. [...]

Há uma lista de expectativas de aprendizagem gerais divididas em 1º ao 5º, 6º, 7º 8º e 9º. Após apresenta um quadro, o qual está organizado em: Semestre/ ciclos, Temas centrais, Subtema, procedimentos e conexões interdisciplinares. Depois seguem atividades/ sequências didáticas que foram desenvolvidas pelos professores durante as formações. No final seguem as referências bibliográficas. Nesse aspecto da estrutura a supervisora Sabedoria destaca:

Sobre a estrutura do currículo, ele é dividido por bimestre que é bem claro. Vou falar do currículo da Educação Física, tem conteúdos divididos por semestres, mas não é o conteúdo só pelo conteúdo, ele tem várias conexões, várias sugestões. Então trabalha a interdisciplinaridade, então trabalha outras questões do corpo, que não estão ali como conteúdos, mas como complementação desses conteúdos, os links que foram abertos, aliás, você abre um leque de opções para se trabalhar com o aluno [...] (Supervisora Sabedoria)

E o professor Realista ressalta que ficou mais leve o trabalho do professor, foi um documento testado, pois era levado para a sala de aula e depois discutido em formação. Ele salienta que:

[...] hoje está sendo mais direcionada, a gente já construiu um currículo, já atualizou esse currículo, em cima do currículo a gente tenta montar as unidades didáticas. Então você tem as suas unidades independente do tempo, do trabalho de cada área, mas contemplando o currículo que você tem. Então eu acho que tudo isso veio a facilitar o trabalho do professor [...] (Professor Realista)

Destaca ainda que:

Não adianta você implantar um currículo, vamos fazer dança, como? Se eu não sei dançar como eu vou ensinar o meu aluno a dançar? Se eu não sei uma parada de três apoios ou uma parada ou uma parada de mão, como eu vou ensinar o meu aluno a fazer? Alguém tem mostrar para ele para ter uma

ideia pelo menos, para ele ver o que está fazendo de errado ou não. Então por isso que eu acho que hoje em dia tá mais específico, mesmo a gente tendo parte de teoria dentro das formações, mas não é uma área tão grande, a gente acaba indo mais para a parte prática mesmo, foi uma montagem de unidade didática, como trabalhar, o povo não está acostumado com isso. (Professor Realista)

A disciplina de Geografia também tem início com depoimentos de alunos, em sua versão específica o documento tem 43 páginas e o formato conforme já descrito. Segue o texto de apresentação

Sabemos o quanto o mundo é dinâmico e sujeito a transformações. Dessa forma, precisamos considerar a Geografia uma área de conhecimento comprometida a torná-lo compreensível e mais acessível aos alunos. Entendemos que o estudo do espaço geográfico deve estar baseado na construção de conceitos que permitam a compreensão das paisagens e dos lugares, das transformações pelas quais passam a natureza e a sociedade em tempos diferentes evidenciando, assim, o dinamismo do mundo em que vivemos.

Sendo assim, durante o ano de 2011, pautados nas discussões que vinham sendo realizadas desde 2009, organizamos um novo Currículo de Geografia num trabalho conjunto realizado durante as Formações de Professores, que resultou neste documento que agora está disponível em suas mãos. Em sua elaboração, procuramos nos basear nos preceitos estabelecidos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. [...]

Figura 9 Capa do Currículo do Ensino Fundamental (Geografia) - 6º ao 9º - 2012

Fonte: Secretaria de Educação do Município de Itatiba

O documento está dividido em duas partes. A primeira contém um panorama geral do Currículo de 6º a 9º ano, organizando cada conteúdo curricular, com base em suas expectativas de aprendizagem. Em seguida, traz para cada ano e cada bimestre, uma série de possíveis correlações que podem ser feitas com outras disciplinas, além de indicar livros, sites, vídeos e atividades que podem ser feitas para complementar o que foi visto em sala e isso diferencia essa versão da anterior. Já a segunda parte contém uma série de anexos de atividades e sequências didáticas produzidas pelo grupo de professores ou retiradas de fontes da Internet, que podem dar suporte ao trabalho docente. E no final seguem as referências bibliográficas.

Figura 10 Capa do Currículo do Ensino Fundamental (História) - 6º ao 9º - 2012

Fonte: Secretaria de Educação do Município de Itatiba

Na disciplina de História também tem início com depoimentos de alunos, em sua versão específica o documento tem 74 páginas e o formato conforme já descrito. Segue o texto de apresentação

Ao longo dos últimos anos, os docentes da Rede Municipal de Itatiba puderam discutir conteúdos e elaborar sequências didáticas, planos de aula e atividades, nos encontros de formação promovidos pela Secretaria da Educação. O currículo de História aqui apresentado é resultado desse trabalho, do qual todos os professores puderam participar.[...]

A proposta visa promover um ensino que valorize o **saber histórico**, sem se esquecer que os alunos devem ser **sujeitos ativos** no processo de aprendizagem. Assim, são valorizados os momentos de levantamento de

conhecimentos prévios, mobilização, problematização, sistematização e outros tantos procedimentos metodológicos que valorizam e consideram os saberes e vivências dos alunos. [...]

Os conteúdos de História do Brasil e História Geral são apresentados de maneira integrada e, cabe ao professor, promover uma ampliação - sempre que possível - dessa integração. [...]

O professor pode partir dessas expectativas ao definir as habilidades a serem trabalhadas com seus alunos, ao longo do ano, valendo-se ainda das sugestões de planos de aula, atividades e sequências didáticas, encaminhadas como anexos. [...]

Há um quadro dividido por bimestre, por ano/série, o qual tem a seguinte divisão: Conteúdos, Expectativas de aprendizagem por conteúdos, Conexões Interdisciplinares, sugestões de atividades e indicação de materiais e é justamente essa parte que diferencia a presente versão da anterior. Após nos anexos traz várias atividades e sequências didáticas que podem ser aplicadas no decorrer do ano letivo.

Figura 11 Capa do Currículo do Ensino Fundamental (Inglês) - 6º ao 9º - 2012

Fonte: Secretaria de Educação do Município de Itatiba

A disciplina de Inglês também tem início com depoimentos de alunos, em sua versão específica o documento tem 34 páginas e o formato conforme já descrito. Segue um excerto do texto de apresentação

[...] As orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais para Língua Estrangeira, no contexto específico de ensino e aprendizagem de Língua Estrangeira, definem tarefas como experiências de aprendizagem relacionadas a uma meta ou atividades específicas realizadas pelo uso da linguagem, com algum tipo de relação com o mundo fora da escola ou com alguma atividade de significado real na sala de aula. Esse uso da linguagem pode se dar tanto em relação à produção, quanto à compreensão, em níveis variados do conhecimento sistêmico e da profundidade da compreensão exigidos. [...]

Um dos aspectos importantes com relação à abordagem comunicativa que vale a pena ser destacado nesta breve introdução é o uso de tarefas comunicativas. [...]

Dessa maneira, oportunizar ao aluno a leitura de textos originais, escrita sempre com propósito social, fala em situações reais do dia a dia e audição de filmes, músicas, textos etc. no contexto do uso da Língua Inglesa é um fator que ajuda e muito na aprendizagem de vários aspectos que vão além da gramática. [...]

Para finalizar essa breve apresentação é importante destacarmos que as conexões interdisciplinares sugeridas de 6º. ao 9º. ano tem o objetivo de propiciar movimento entre as disciplinas e sobre tudo oportunizar aos alunos com níveis de aprendizagem variados, experiências e produções diversas com a Língua Inglesa.

Na sequência apresenta um quadro com conteúdos (Gramática e Vocabulário) e Expectativas de aprendizagem do 4º ao 9º ano, dividido por bimestres. Além disso, do 6º ao 9º apresenta uma coluna sobre conexões interdisciplinares e sugestões de projetos o que diferencia essa versão da anterior. Nos anexos seguem várias atividades/ sequências didáticas e as referências bibliográficas. A esse respeito, a professora Comprometida salienta:

No de Inglês até 2008 a gente se baseava muito nos livros e a partir de 2012, nós passamos a opinar mais e deixamos sem vínculo com livro didático, nós criamos um Currículo próprio. Nós recebemos um a versão impressa, cada professor tem a sua, foi publicado, é muito diferente do documento 14 [...] Tem algumas sugestões de trabalho interdisciplinar, atividades que a gente pode usar com outra disciplina [...] é dividido por bimestre, com seus respectivos conteúdos [...] (Professora Comprometida)

Já o currículo de Língua Portuguesa também tem início com depoimentos de alunos, em sua versão específica o documento tem 55 páginas e o formato conforme já descrito. Segue o texto de apresentação

[...] este currículo começou a ser elaborado coletivamente, no ano de 2010, após a revisão do Documento nº 14. Nesse ano, os professores e assessores pedagógicos analisaram o documento e, baseando-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa e nos estudos de *Bernanrd Schneuwly e Joaquim Dolz (2004)* concluíram que o Currículo deveria ser

elaborado a partir dos gêneros textuais. Deste trabalho, nasceu a Proposta Curricular 2011, utilizada pelos professores neste mesmo ano letivo. Também em 2011, os professores puderam revisar a Proposta, agora já implantada, e analisá-la observando sua adequação à prática, às expectativas do curso, às necessidades de cada ano/ciclo e ao material pedagógico disponível nas escolas.

As expectativas para a disciplina foram traçadas seguindo os Parâmetros Curriculares Nacionais. As específicas, elaboradas durante as formações de 2011, foram revistas e aprimoradas para melhor atender às habilidades necessárias em cada ano.

A metodologia para a execução do Currículo foi discutida e construída durante a Formação Continuada dos Professores da Rede Municipal de Itatiba, nos anos de 2011 e 2012, visando ao estudo aprofundado dos gêneros propostos, através das sequências didáticas, abordando a leitura, a produção de textos (orais e escritos) e os estudos gramaticais. [...]

Figura 12 Capa do Currículo do Ensino Fundamental (Língua Portuguesa) - 6º ao 9º - 2012

Fonte: Secretaria de Educação do Município de Itatiba

Na sequência há um quadro, o qual apresenta uma divisão por: bimestres, anos/série, gêneros, expectativas específicas, prática de leitura, prática de produção e prática de análise linguística. As possíveis conexões interdisciplinares estão indicadas logo abaixo do quadro, de acordo com gêneros trabalhados. Após traz um texto sobre o que são gêneros textuais; um quadro sobre os gêneros textuais – aspectos tipológicos; o que contempla uma sequência didática; prática de leitura; um quadro com critérios para correção de produção de texto; o

vídeo em sala de aula. No final seguem as referências bibliográficas. Para tanto, a professora Escritora ressalta:

A implantação do currículo dá pra gente mais segurança, porque você sabe até onde você pode ir, que coisas você pode explorar dentro do gênero, que o outro gênero que está na frente depende desse. Essa visão do todo com a implantação do currículo, foi muito válido [...] (Professora Escritora)

Já a Professora Comprometida afirma que do documento 14 para o Currículo de 2012 houve muita mudança, por conta dos gêneros textuais em Língua Portuguesa. Nesse aspecto, a Professora destaca:

E a partir de 2009 nós participamos da construção do currículo, eu me sinto parte, nós discutimos cada item que iria sendo colocado. A formadora perguntava se a gente devia manter ou tirar ou colocar no lugar, quanto aos conteúdos. O que era mais importante [...] Foi uma participação docente foi efetiva, diferente que até 2008 não era dessa forma. (Professora Comprometida)

O de Matemática também tem início com depoimentos de alunos, em sua versão específica o documento tem 69 páginas e o formato conforme já descrito. Segue o texto de apresentação:

[...] Baseando-se nessa concepção de Educação Matemática, propomos na rede municipal de ensino de Itatiba uma revisão curricular que contou com a participação coletiva de diversas vozes: professores da rede, coordenadores pedagógicos, gestores, e professores pesquisadores na área da Educação Matemática, a qual nos permitiu reforçar a compreensão de que a tecedura de um currículo precisa ser realizada por diversas mãos, de forma colaborativa e democrática. [...]

[...] Desse modo, optou-se pela distribuição em blocos, os quais respeitam a organização e sistematização sugerida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Matemática, ou seja, os conteúdos foram distribuídos em: Numeração/Álgebra; Espaço e Forma; Grandezas e Medidas e Tratamento da informação.

Confiemos por fim, que este documento consiste em um referencial de apoio ao trabalho do professor e serve como ferramenta para um aprimoramento da qualidade do ensino, e que conduz a aprendizagem dos alunos a um saber significativo e pleno de sentido. [...]

Figura 13 Capa do Currículo do Ensino Fundamental (Matemática) - 6º ao 9º - 2012

Fonte: Secretaria de Educação do Município de Itatiba

Na sequência segue um texto, o qual fala sobre a Matemática nos ciclos III e IV do Ensino Fundamental, assim como uma lista de expectativas de aprendizagem gerais para esses ciclos. Após apresenta um quadro que é dividido por ano/série e bimestres da seguinte forma: nos blocos – Numeração, Espaço e Forma, Grandezas e Medidas e tratamento da informação e seus respectivos conteúdos, assim como as expectativas de aprendizagem específicas. Além disso, traz conexões entre os blocos e conexões interdisciplinares o que diferencia da versão anterior. Nos anexos aparecem atividades/ sequências didáticas, jogos que podem ser aplicados ao longo do ano letivo. No final seguem as referências bibliográficas e sugestões de sites para consulta de professores. Nesse sentido, o Professor Engajado salienta:

Quanto ao currículo de 2012, nós sentamos no ano de 2009 inteiro, a gente se reunia quase todas as terças-feiras, eu me lembro de que era no prédio antigo da Secretaria de Educação, nós começamos por montar o 1º bimestre e aplicamos na sala de aula. Depois durante as formações nós discutíamos que tinha dado certo, o que não tinha, registramos. Depois montamos o 2º bimestre e aplicamos em sala de aula deu certo isso, isso e isso. Então, cada bimestre a gente ia montando e aí no final do ano, o que deu certo e o que não deu certo. E a gente foi finalizando esse documento. Nos anos de 2010 a 2012 nós continuamos esse trabalho e fomos testando [...] (Professor Engajado)

Ressalta, ainda, que de 2009 a 2012 a gestão municipal deixou bem claro, bem definido o trabalho, tanto que já está colhendo frutos, segundo ele. Quanto à participação Engajado destaca:

Na segunda gestão (2009 a 2012) eu destaco a participação, nós participamos mesmo da formação do currículo. No caso nós decidimos que era bimestralmente, quais assuntos, quais situações eram pertinentes, quais habilidades seriam desenvolvidas [...] (Professor Engajado)

Diante de todo esse contexto, a Supervisora Encantada salienta:

[...] E o professor estar participando da construção desse currículo de 2009 a 2012, isso fez com que ele incorpora-se aquilo melhor. Ele se sente coautor, porque ele tem agora os instrumentos que ele precisava ter para poder estar participando mais ativamente e aí ele já consegue discernir se aquilo é necessário, ele consegue avaliar melhor. Isso foi um ponto positivo. Acho que isso levou a um crescimento da rede. (Supervisora Encantada)

Na mesma direção, a diretora Consciente enfatiza:

Agora a partir de 2009 foi quando construiu o novo currículo, foram feitos momentos diferentes, onde os professores foram lá e fizeram sua formação, foram construindo e até que surgiu em 2012 o documento que chegou para todas as escolas. Nele mostra o que trabalhar, como trabalhar e garantiu um trabalho mais unificado. Porque antes um aluno saía de uma escola e ia para outra, os conteúdos não batiam. Então, também foi uma contribuição muito grande. Então, eu acho que começou lá (2001 a 2008) e chegou até aqui (2009 a 2012) com o currículo construído. Acho que tudo foi válido, tudo foi se construindo [...] (Diretora Consciente)

A diretora Paixão aponta que em 2012, quando o currículo ficou pronto, norteou o trabalho da rede e que graças a esse movimento o professor sabe o que fazer na sala de aula. Ela afirma que na rede existe uma parcela de professores bastante envolvida, preocupada e dedicada com a questão da Educação. Nesse sentido, ela destaca:

Então eu acho com toda essa formação, com toda essa cobrança que se tem de fato por melhor que possa ser a formação as coisas acontecem dentro da sala de aula e nem sempre acontecem. É assim surpreendente que só estando na sala de aula, acompanhando, que de fato você vê se está acontecendo ou não. Porque às vezes o papel aceita qualquer coisa, o professor pode escrever que ele está fazendo, mas esse acompanhamento sistemático dentro da sala de aula é que te mostra à realidade. (Diretora Paixão)

Nesse contexto o professor Engajado afirma que de 2009 a 2012, o trabalho foi bem diferente, o qual os professores sentaram e discutiram o currículo cada um em sua área. Dessa forma, ele salienta que ficou um documento formidável, pois é claro e as diretrizes são claras.

Ressalta ainda, que antes o aluno mudava de escola e os conteúdos de uma escola para outra não batiam e agora não, o aluno chega e é só continuar a matéria, segundo ele, é um espetáculo. Engajado salienta que:

Eu senti muita mudança em minha prática, foi fantástico, uma delas é seguir uma linha, dentro do bimestre temos as expectativas de aprendizagem, a gente sabe o que tem que alcançar com os alunos. Eu acho que essa forma de sistematizar, de organizar, a gente fazia no nosso semanário, mas talvez valorizava mais uma coisa, do que outra, agora não, a gente consegue valorizar tudo, é um sistema espiral [...] (Professor Engajado)

E o professor Realista reforça que de 2010 em diante por conta da publicação do currículo ele diz que se sente parte, porque era discutido com os professores e que esses decidiam era o que seria feito. Ele ressalta que isso aconteceu não só na Educação Física, em todos os componentes curriculares. Realista enfatiza que:

Quanto ao nível de satisfação eu aprendi uma coisa no Projeto, que a gente nunca termina o documento, a gente está sempre atualizando, porque a gente está sempre estudando e evoluindo. Então eu acho que o documento é importante, acho que ele é um norte para os professores, para os professores que estão começando se pegar o currículo ele já sabe o que tem que fazer, como deve proceder nas aulas. Então, eu acho que é uma coisa boa. (Professor Realista)

De modo geral, o que diferencia os documentos é que na versão final de 2012 houve um aprimoramento das diferentes versões, pois além da estrutura padrão de conteúdos e expectativas, apresentam-se conexões interdisciplinares em todas as disciplinas, assim como diferentes sequências didáticas. É uma versão colorida, com depoimentos de alunos, registrada e está disponível para consulta no site da Prefeitura.

Podemos destacar dessa gestão o trabalho da construção da Política Curricular, principalmente a preocupação com a participação docente em todo o processo e isso pudemos constatar durante as entrevistas. A seguir, traremos as considerações finais, as quais apontarão os principais resultados da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há tantos olhares diferentes! Há olhar de desprezo, de admiração, de ternura, de ódio, de vergonha, de alegria... A mãe encosta o filhinho na parede e, a um metro de distância, lhe estende os braços e diz sorrindo: 'Vem'. Encorajada pelo olhar, a criança, que ainda não sabe andar, dá seus primeiros passos. Há olhares que dão coragem. (Rubens Alves, 2004)⁶⁷

A pesquisa desenvolvida que culminou nesta dissertação investigou como se deu a participação docente, do Ensino Fundamental II, no processo de formação continuada e principalmente na construção da política curricular do município de Itatiba, o qual tem seu ensino municipalizado do 1º ao 9º, desde 1999. Entretanto, o estudo que se conclui percorreu no período de 2001 a 2012, tendo como foco as duas gestões municipais de 2001 a 2008 e de 2009 a 2012 mediante os olhares dos diferentes sujeitos que fizeram parte desse processo.

Nesse sentido, ao estudarmos a história da Educação do Município de Itatiba, nos deparamos com um processo que foi sendo constituído desde a municipalização de todo o Ensino Fundamental e, a partir de 2001, houve uma preocupação em se criar uma identidade da Educação do município. Foi um processo intenso de formação continuada, o qual podemos afirmar, por meio das entrevistas e documentos citados no decorrer desta dissertação, que foi estruturante para a construção da Política Curricular do município.

A partir do entrecruzamento dos dados documentais e das entrevistas realizadas com os Secretários, as supervisoras, as diretoras e os professores foi possível compreender o processo de participação docente nas formações e na construção da política curricular no período de 2001 a 2012.

E é nesse contexto que destacamos, nestas considerações finais, algumas impressões e algumas respostas aos nossos questionamentos, acerca da problemática que norteou a pesquisa. Os resultados mostram que, segundo os entrevistados, a municipalização trouxe a proximidade da gestão municipal com as escolas e isso, na opinião deles, foi um ganho para o município. Apesar de a diretora Paixão trazer a questão da perda salarial para os professores que foram municipalizados, pois a gratificação que o município paga, nunca foi incorporada ao salário. Conforme já salientado, vale ressaltar que tanto o Secretário de Educação de 2001 a 2008, quanto à supervisora Sabedoria destacaram que o município correu um grande risco

⁶⁷ Fonte: O excerto faz parte do texto “Rubem Alves: Sobre ciência e sapiência”, publicado no jornal Folha de São Paulo em 28 de setembro de 2004.

de municipalizar o ensino do 1º ao 9º, uma vez que a maioria dos municípios somente aderiu do 1º ao 5º.

Ao analisar as entrevistas da Gestão Municipal de 2001 a 2012 (Secretários e supervisoras) podemos inferir que os quatro entrevistados ressaltaram de forma positiva o movimento de formação, entre as duas gestões, pois ambas contribuíram no sentido de criar uma identidade para a Educação do Município. Dessa forma, fica evidente, à luz das entrevistas e conforme documentos já apresentados no decorrer desta pesquisa, que de 2001 a 2008, foi o momento da construção e de 2009 a 2012 foi o da consolidação. Os Secretários destacaram que a condição de trabalho e a formação continuada do professor é uma forma de valorização. Entretanto, o Secretário de 2001 a 2008 ressalta que financeiramente ele não conseguiu em sua gestão. Já a Secretária de 2009 a 2012 ressalta que valorizou também financeiramente. Nesse aspecto, os dois Secretários trouxeram que mesmo valorizando no sentido da formação, financeiramente, o professor ainda se sente desvalorizado, sempre está insatisfeito. Desse modo, nas duas gestões os professores tiveram uma história de formação, que foi se construindo ao longo do tempo. Nesse contexto, o Secretário trouxe uma grande preocupação, que segundo ele é a falta de acompanhamento nas escolas, pois ele se pergunta: “o que é feito de tudo aquilo que foi tratado em formação?”. No entanto, a Secretária destaca sua preocupação com a rotatividade do coordenador pedagógico, pois o trabalho da formação na escola acaba ficando sempre “truncado” e conseqüentemente sem acompanhamento.

Nesse sentido, as supervisoras também destacaram sobre a valorização do professor, não somente em questão de formação, mas também financeiramente. Sabedoria ressalta que a valorização é o reconhecimento do trabalho e Encantada enfatiza que sempre se buscou a valorização. Além disso, também trouxeram pontos comuns entre as falas dos Secretários, sobre a questão da falta de acompanhamento nas escolas e a rotatividade do coordenador.

Ainda quanto à questão da valorização, o professor Engajado afirma que entre as duas gestões ele destaca como valorização o espaço de formação dentro do horário de trabalho. Salienta que a jornada de trabalho (2009 a 2012) ficou um pouco melhor, tem horário de formação, mas segundo ele poderia ser melhor. Quanto à questão de valorização, Engajado diz que na gestão de 2001 a 2008 o professor era valorizado financeiramente, que sempre teve aumento, as gratificações, mas que não teve uma preocupação com o plano de carreira.

Em consonância com que apontou o Secretário de 2001 a 2008, o professor Realista ressalta que não adianta fazer formação e não ter um acompanhamento. Ele diz “como garantem que estou colocando em prática isso?”.

Tendo em vista toda a discussão podemos ressaltar que todos destacaram de certa forma a mudança na prática do professor a partir das formações. Além disso, a diretora Paixão enfatiza o acompanhamento dos formadores a partir de 2009, como algo muito produtivo. Quanto à valorização, ressalva que não basta apenas formação e currículo, isso não é suficiente. Segundo ela, tem que haver valorização financeira. Nesse sentido, a professora Escritora, também destaca que os professores foram ouvidos a partir de 2009 e isso é uma forma de valorização. Entretanto, ela não vê a valorização na sala de aula, tanto em uma gestão, quanto em outra e salienta que na gestão de 2009 houve um endurecimento maior quanto à valorização do professor. Já o pensamento da professora Comprometida contradiz a outra professora, uma vez que para ela houve uma maior valorização do professor a partir de 2009. Além disso, ela argumenta que o documento 14 era solto, pois quando o aluno mudava de escola, não tinha uma sequência do estudo. Nesse ponto, o professor Engajado ressaltava que a partir de 2009 o currículo foi mais fechado, pois foi discutido em formação. Argumenta que de 2001 a 2008 ele se sentiu mais valorizado financeiramente e isso contraria o pensamento do Secretário da referida gestão. Destaca que entre as duas gestões garantiram um espaço de formação. Já a Secretária de Educação de 2009 a 2012 considera que o foco de sua gestão foi o investimento curricular, o processo de formação e a avaliação municipal. Ela ressalva que em 2009 foi identificado que por mais que tivesse uma história, tivesse o documento 14, percebia-se que os alunos que saíam de uma escola e ia para outra, parecia que tinham vindo de outra cidade, não tinha uma unidade que representasse uma rede. Então, ela reforça que o trabalho foi pensado em desenvolver uma identidade, um sentido, uma unidade. Tal forma, que se tivesse clareza do que o município esperava por ano de matrícula do aluno e por disciplina.

A Secretária salienta ainda, que sentiu a necessidade de ouvir os professores, os gestores, assim como fizeram uma análise da situação do ponto de vista das pessoas que atuam na educação da escola, para ir entendendo o ponto de vista deles. Ela afirma que quem fez parte de todo o processo de construção da política curricular foram: a equipe da SE, capitaneados pela Diretora de Programas e Eventos, os professores formadores, todos os professores das diversas áreas, inicialmente com os especialistas, pois aos poucos foram transferindo a formação, segurança e uma série de coisas para o município, ou seja, que os formadores e os professores se sentissem protagonistas, “donos” desse currículo, para que uma vez apropriados, ninguém tirasse deles. Ressalta ainda, que a Política Curricular é uma forma de valorizar o professor, por sua participação, é um reconhecimento. A Secretária enfatiza:

Nós fomos com a cara e com a coragem construindo esse documento e o melhor junto com as pessoas que fazem a educação na sala. Agora, que a gente tem decepções, a gente tem, nem sempre acontece aquilo que a gente imaginava que acontecesse, mas faz parte do processo educativo. O importante é que a gente vá e veja o que está acontecendo e procure novos investimentos pra promover novos avanços. (Secretária de Educação)

Quanto à participação docente, ficou evidente na fala do Secretário que o professor participou das formações, mas quem produziu o currículo foram a equipe de Assistentes Pedagógicas, os Assessores da USP, a equipe da SE e um grupo de professores, ou seja, não houve participação de todos os professores. Para a Supervisora Sabedoria o currículo é um momento de reflexão, ele não é um produto de um tempo, mas de toda uma história. Ela destaca que os professores não se enxergaram no documento 14, uma vez que não participaram da construção. Entretanto, ela enfatiza que a partir de 2009, houve a participação docente em todo o processo. Já a supervisora Encantada argumenta que o documento 14 era um início de um currículo estruturado. Ressalta quem participou da construção: supervisores, Assistentes Pedagógicas, o próprio Secretário, os diretores, os chefes e houve uma comissão de professores.

Paixão declara que de 2001 a 2008 que as coisas eram meio que impostas pela SE, até porque estava se construindo esse espaço. Segundo ela, alguém tinha que ter essa iniciativa. Dessa forma, ela ressalta que de 2009 a 2012, quando se construiu o currículo o professor teve a oportunidade de opinar, de sugerir, de criticar, ela conclui que o professor passou a ter um espaço realmente de formação. Ela enfatiza: “Acho que se tem um currículo hoje... foi um trabalho muito sério, de dedicação. Nem é da SE, mas de algumas pessoas. Isso ficou muito claro, algumas pessoas deram o sangue para sair esse currículo”.

A diretora Consciente destaca que o trabalho com currículo começou em 2001, mas que em 2009 aconteceram momentos diferentes de formação para os professores, pois concluíram o documento. Com isso contribuiu para um trabalho mais unificado, uma vez que antes um aluno saía de uma escola e ia para outra, os conteúdos não batiam. Ela ressalta que:

Agora tem o documento pra seguir, o que eu percebi que alguns professores seguiam o currículo direitinho, todo trabalho que era feito na formação eles me mostravam, falavam “apliquei na sala e deu certo”. “Nossa que bacana”. Então, eu vi um lado e vi o outro. Só que às vezes você se decepciona com o outro lado, porque são pessoas que não eram para estar fazendo esse tipo de papel. Mas acredito que o currículo trouxe muita contribuição. Ninguém pode falar que não existe uma linha, existe, você segue se você quiser. (Diretora Consciente)

A diretora salienta que de 2001 a 2008 o currículo foi elaborado pelas formadoras, com os professores também, mas de 2009 a 2012 a participação deles foi maior. Em 2001, ouviam os professores, mas não participando e em 2009 houve uma participação efetiva deles.

Para a professora Escritora de 2001 a 2008 as coisas já estavam prontas, tinha um currículo que apresentaram, lógico que se discutia, mas meio que pronto. Depois dentro do processo das formações abriam e perguntavam, o que os professores achavam, mas na maioria das vezes já vinha pronto.

A professora destaca que foi um ganho a implantação do currículo de 2009 a 2012, da escolha dos gêneros em Língua Portuguesa, a mudança da prática do professor de Educação Física, que antes o aluno ficava com a bola na quadra e hoje tem um currículo. Tudo isso, segundo ela foi um ganho, uma ação efetiva na sala de aula. Ela afirma que se sente parte de todo esse processo, a todo o momento procurou participar, diz que tem que conhecer antes, não adianta criticar.

O professor Engajado enfatiza que o nível de satisfação, quanto ao documento curricular de 2012, principalmente no caso dele o da Matemática, todos os professores estão satisfeitos, porque estão todos trabalhando juntos. Agora em outras áreas, os professores das Humanas nunca se entendem, segundo Engajado. Em Língua Portuguesa e Ciências trabalham bem, mas História e Geografia, segundo ele, o sucesso não ainda não chegou, pois são um pouco teimosos. Ele ressalta que em Língua Portuguesa, Matemática e Ciências estão “rodando certinho”, dessa forma argumenta:

O nível de satisfação é muito gratificante, você aplicar uma coisa que você participou. Você obter aquele retorno do aluno, pensando que você planejou aquilo. Você fez parte daquilo, o sucesso vem, é claro que a cada um há seu tempo. Cada um tem a sua maneira de aprender, mas é gratificante. Eu me sinto realizado em 2009 a 2012, não que na primeira gestão isso não ocorra, mas no segundo período foi mais gratificante. (Professor Engajado)

Na visão da diretora Paixão o currículo de 2009 norteou o trabalho da rede, além disso, destaca também que precisa haver um acompanhamento, pois no papel se aceita tudo. Ressalta que de 2001 a 2008, havia imposição, ou seja, o documento 14 já estava pronto, apenas se apresentou aos professores. Já em 2009, o professor fez parte de todo o processo de construção da política curricular. Na mesma direção, a diretora Consciente ressalta que o trabalho de 2009 ficou mais unificado e que os professores participaram efetivamente. Entretanto, destaca que de 2001 a 2008, o documento 14 foi produzido pelos formadores e professores também. A professora Escritora enfatiza que de 2001 a 2008 as coisas eram prontas, apenas discutiam. Ela destaca que a partir de 2009, foi um ganho a implantação do

currículo, pois sua ação foi efetiva na sala de aula. Além disso, ressalta a mudança em sua prática e a participação do professor na construção do documento. Todavia, Escritora valoriza as formações de 2001 a 2008, salienta que foram importantes para o crescimento da rede. Na mesma linha, a professora Comprometida valoriza o documento de 2012, pois pode participar de sua construção desde o início, que ficou muito diferente do documento 14, pois em Língua Portuguesa houve a implantação dos gêneros textuais. O professor Engajado ressalta que os professores participaram indiretamente da construção do documento 14, pois o próprio período que aconteciam as formações era muito esporádico, ou seja, a cada bimestre. Já o de 2009 em diante, houve a participação constante desde o início do processo de construção. Ele se sente satisfeito com o currículo, pois proporcionou uma mudança em sua prática, destaca que todos os professores estão juntos, questão de unidade. O professor Realista salienta que o documento de 2012, o de Educação Física, foi testado a todo instante, pois era aplicado em sala de aula e depois era discutido em formação. Destaca que houve participação diretamente dos professores.

Perante todo o exposto é oportuno ressaltar que a partir da municipalização do ensino, o município teve que se estruturar, enquanto Sistema de acordo com a Lei 3110/99. Desse modo, a Gestão de 2001 a 2008 organizou a rede municipal, no que diz respeito a documentos legais, tais como: leis, decretos, portarias, resoluções, concurso público para professores, reelaboração do Sistema de Ensino, cuja Lei 3485/01, a qual destaca a importância da capacitação de professores, a valorização docente e a criação de um currículo próprio, a fim de visar uma qualidade de ensino para todas as escolas. No que diz respeito à política curricular, a referida gestão elaborou o documento “*Orientações Curriculares*”, cuja denominação ficou conhecida no município como documento 14. Após a análise dos documentos e entrevistas, podemos concluir que houve participação docente durante as formações de 2001 a 2008, mas que os assuntos já eram apresentados de forma pronta, dessa forma, podemos afirmar que apenas um grupo de professores participou da elaboração desse documento. Portanto, ele foi elaborado principalmente pelas Assistentes Pedagógicas e sistematizado pelos Assessores da USP.

Já a gestão de 2009 a 2012, a qual assumiu uma Educação em franco desenvolvimento, procurou ouvir os professores e gestores, onde foi necessário redirecionar o processo de formação continuada e consequentemente a política curricular. Podemos afirmar que, de acordo com os documentos e entrevistas, houve a participação docente em todo o processo de formação e principalmente na construção da política curricular. Embora a supervisora Sabedoria tenha destacado que na gestão de 2001 a 2008 a ênfase foi na

construção e na gestão de 2009 a 2012 era o momento de consolidação. Nessa perspectiva, a professora Escritora ressaltou que foi muito importante o processo de formação de 2001 a 2008, uma vez que tiveram a oportunidade de aprofundar em questões teóricas que desconheciam, obtendo, dessa forma, o conhecimento necessário para que pudessem ter condições de participar da construção da política curricular de 2009 a 2012.

Nesse contexto, Gimeno Sacristán (1998), por exemplo, vê no currículo uma forma de se ter acesso ao conhecimento e que, por isso, não se pode esgotar seu significado em algo estático, mas por meio das condições em que se realiza e se converte numa maneira particular de entrar em contato com a cultura. O referido autor salienta que:

as funções que o currículo cumpre como expressão do projeto de cultura e socialização são realizadas através de seus conteúdos, de seu formato e das práticas que cria em torno de si. Tudo isso se produz ao mesmo tempo: conteúdos (culturais e intelectuais e formativos), códigos pedagógicos e ações práticas através dos quais se expressam e modelam conteúdos e formas (GIMENO SACRISTÁN, 1998, p. 16).

Além disso, o currículo expressa também o equilíbrio de interesses e forças que gravitam sobre o sistema educativo em determinada circunstância/ocasião e, por meio dele, realizam-se os fins da educação no ensino escolarizado.

Para tanto, o currículo não é estático, pelo contrário, ele foi e continua sendo construído. A reflexão sobre isso é importante porque, conforme Veiga (2002, p. 7) afirma, “a análise e a compreensão do processo de produção do conhecimento escolar ampliam a compreensão sobre as questões curriculares”.

Desse modo, o estudo revela que a participação docente ocorreu no ponto de vista, principalmente dos professores, na gestão de 2009 a 2012, uma vez que esses se sentiram parte de todo o processo de discussão e construção. Embora, como destacam as diretoras Paixão, Consciente e o professor Realista, muitas vezes o que está registrado não é o que acontece na realidade em sala de aula. Por isso, a questão do acompanhamento apareceu em várias falas dos entrevistados. Portanto, participar de todo o processo de construção é uma situação e por em prática é outra questão.

Assim, as considerações finais que identificam algumas conclusões da pesquisa desenvolvida no âmbito de Mestrado não se esgotam, ao contrário, sugerem questões a serem aprofundadas, principalmente: como está ocorrendo o acompanhamento sistemático nas unidades escolares após a publicação e implantação dos Currículos de todas as disciplinas em Itatiba?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, I. Formação contínua como instrumento de profissionalização docente. In: Veiga, I.P.A. (org.). **Caminhos da profissionalização do magistério**. Campinas, Papirus, 1998, p.99-122.

APPLE, Michael W. **Ideologia e Currículo**, São Paulo, Brasiliense, 1982, p.10.

ARELARO, Lisete R.G. **Municipalização do ensino no Estado de São Paulo**. In: OLIVEIRA, Cleiton. **Municipalização do Ensino no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. P.61-89.

ARROYO, Miguel G. Experiências de inovação educativa: o currículo na prática da escola. In: MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa (org.). **Currículo: políticas e práticas**. Campinas, SP: Papirus, 1999, p. 131 -164.

ALMEIDA, M. I. Os professores diante das reformas educacionais. In: BICUDO, M.A. e SILVA JR., C. A. **Formação do educador e avaliação educacional: Organização da escola e do trabalho pedagógico**. São Paulo, Ed. UNESP, 1999b, v.3. p. 249-261.

AZANHA, José Mário Pires **A formação do professor e outros escritos**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental: Matemática. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Lei nº. 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em <www.planalto.gov.br>.

BOGDAN, R. e BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Editora, 1982.

BOURDIEU, Pierre (org.). **Ao leitor e o Espaço dos pontos de vista**. In: _____A miséria do mundo. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 9-13.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 2a edição. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares. 3a edição. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRUNER, J.. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1997.

_____. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

CATANI, D. B., VICENTINI, P.P. **Formação e Autoformação – Saberes e práticas nas experiências dos professores**. São Paulo: escrituras, 2006.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1998

DELIBERAÇÃO CEE Nº73,2008

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da Educação**. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000.

GRANVILLE, M. A. (org.). **Teorias e Práticas na Formação de Professores**. Campinas: Papirus

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade cultura, currículo e questão racial. Desafios para a prática pedagógica**. In: ABRAMOWICZ, Anete, BARBOSA, Maria de Assunção e SILVÉRIO, Valter Roberto (Orgs). Educação como prática da diferença. Campinas: Armazém do Ipê, 2006, p.21-40.

HARGREAVES, Andy. **Professores em tempos de mudança**. Espanha: Mc Graw-Hill, 1998.

_____. **O ensino da sociedade do conhecimento: educação na era da insegurança**/ Andy Hargreaves; trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HERBERMAS, Lurgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública: Investigações quanto uma categoria da sociedade burguesa**. Trad. Flávio R. Rethe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

HORNBURG, Nice. SILVA, Rubia da. **Teorias sobre currículo: uma análise para compreensão e mudança**. Vol. 3n 10 jan. e jun./2007. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/520266/TEORIAS-SOBRE-CURRICULO>

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Lisboa: Porto Alegre: Artmed, 2010. _____. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LEI MUNICIPAL Nº 2768, de 21/05/1996. “Dispõe sobre a Municipalização de Itatiba”.

LEI MUNICIPAL Nº 2792, de 20/08/1996. “Dispõe sobre a criação do Conselho Municipal de Educação de Itatiba”.

LEI MUNICIPAL Nº2964, de 17/12/1997. Dispõe sobre o Estatuto do Magistério de Itatiba”.

LEI MUNICIPAL Nº 3.485, de 13/11/2001. Dá nova redação à Lei nº 2976, de 25 de fevereiro de 1998, que “Dispõe sobre a criação do Sistema Municipal de Ensino e estabelece normas gerais para a sua adequada implantação”. Itatiba, 2001.

LEI MUNICIPAL Nº3110/99, de 25/02/1999. Termo de Convênio que entre si celebram o Estado de São Paulo, por intermédio da Secretaria da Educação, e o Município de Itatiba, objetivando assegurar a continuidade da implantação do Programa de Ação de Parceria Educacional Estado-Município para o atendimento do ensino fundamental.

LUDKE, M. & André, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Ed. Pedagógica e Universitária, 1986.

LUKJANENKO, M.F.S. P, TEIXEIRA, E.S., (orgs.). **Currículo do Ensino Fundamental – 6º ao 9º**. Itatiba, SP: Secretaria de Educação de Itatiba, 2012.

LUKJANENKO, M.F.S.P., TEIXEIRA, E.S., BONINI, E.S. (orgs.). **Currículo de Artes do Ensino Fundamental**. Itatiba, SP: Secretaria de Educação de Itatiba, 2012.

LUKJANENKO, M.F.S.P., TEIXEIRA, E.S., RELA, L.B. (orgs.). **Currículo de Ciências do Ensino Fundamental**. Itatiba, SP: Secretaria de Educação de Itatiba, 2012.

LUKJANENKO, M.F.S.P., TEIXEIRA, E.S., FRANCISCONI, R.A.F. (orgs.). **Currículo de Educação Física do Ensino Fundamental**. Itatiba, SP: Secretaria de Educação de Itatiba, 2012.

LUKJANENKO, M.F.S.P., TEIXEIRA, E.S., PEREIRA, D.R. (orgs.). **Currículo de História do Ensino Fundamental**. Itatiba, SP: Secretaria de Educação de Itatiba, 2012.

LUKJANENKO, M.F.S.P., TEIXEIRA, E.S., BREDARIOL, M.A. (orgs.). **Currículo de Geografia do Ensino Fundamental**. Itatiba, SP: Secretaria de Educação de Itatiba, 2012.

LUKJANENKO, M.F.S.P., TEIXEIRA, E.S., Vinhas, S.(orgs.). **Currículo de Inglês do Ensino Fundamental**. Itatiba, SP: Secretaria de Educação de Itatiba, 2012.

LUKJANENKO, M.F.S.P., TEIXEIRA, E.S., ROSSI, M.P. (orgs.). **Currículo de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental**. Itatiba, SP: Secretaria de Educação de Itatiba, 2012.

LUKJANENKO, M.F.S.P., TEIXEIRA, E.S., FURLAN, J. (orgs.). **Currículo de Matemática do Ensino Fundamental**. Itatiba, SP: Secretaria de Educação de Itatiba, 2012.

MANZINI, E.J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada**. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina:eduel, 2003. p.11-25.

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo – Rio de Janeiro, Hucite – Abrasco, 1992.

MOREIRA, Antônio Flávio B. **Currículos e programas no Brasil**. 13ª Ed. Papirus. Campinas/SP

NÓVOA, A. (org.). **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1991.

_____. (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora. 1992^a

_____. (coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992b.

NÓVOA, A. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. In: **Educação & Pesquisa**, São Paulo, FEUSP, v.25, 1999, p. 11-20.

SACRISTANI, J.GIMENO. **O currículo, uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA –SEB. **Referenciais para Formação de Professores**. Brasil, 1999.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DE ITATIBA. **Orientações Metodológicas e Expectativas da Aprendizagem – Documento 14**. Itatiba, SP: Prefeitura Municipal de Itatiba/ SE,2008.

SCHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In: Nóvoa, A. (org.) **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 77-92.

SILVA, TOMAZ TADEU DA. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOUZA, R. F. **História da Organização do Trabalho Escolar e do Currículo no Século XX**(Ensino Primário e Secundário no Brasil). São Paulo: Cortez, 2008.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências com relação à formação do magistério. **Revista Brasileira de Educação**, jan-mar/2000, nº 13, p. 5-24.

_____. **Saberes docentes e formação e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VEIGA, A.N. **De Geometrias, Currículo e Diferenças** IN: Educação e Sociedade, Dossiê Diferenças-2002.

VIECELI, E.C. **Municipalização do Ensino Fundamental: dos benefícios proclamados aos resultados alcançados**. 2002. Dissertação (Mestrado) Universidade do Contestado, Caçador, SC, 2002.

ANEXO A – Quadro Síntese do Levantamento de Pesquisas Realizadas no Período de 2003 a 2009

Nº	Ano	Autor	Título	Local da Produção/Nível	Resumo
1	2003	Lazara Eliana Petroni de Assis	O processo de Municipalização do Ensino Fundamental no município de Itatiba- SP: percepção dos atores	UNICAMP MESTRADO	O objetivo desse trabalho foi fazer uma apreciação do processo de municipalização do Ensino Fundamental no município de Itatiba, no Estado de São Paulo. Esse processo teve seu início em meados de 1996, mediante assinatura do Convênio de Parceria entre a Secretaria da Educação Estadual e o Município de Itatiba. Exatamente em agosto de 1996, foram municipalizadas as sete primeiras escolas de 1ª a 4ª série, que tinham sido reorganizadas no ano anterior, dentro do projeto da Secretaria Estadual de Educação que separou alunos de 1ª a 4ª série de alunos de 5ª a 8ª série. A autora investigou como se deu o processo, as razões que levaram as autoridades do município a decidirem pela municipalização; quais os reais objetivos, e principalmente, fez uma análise do que pensavam os professores, com ênfase em dois aspectos: pedagógico e de gestão.
2	2004	Nadia Bigarella	Materialização da Política de municipalização do ensino fundamental de Mato Grosso do Sul	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul MESTRADO	O objeto de investigação é a materialização da política de descentralização, via municipalização da educação no Estado de Mato Grosso do Sul, no entretempo 1993 a 2002, cujo processo de municipalização iniciou-se em 1993 no governo de Pedro Pedrossian (1991/1994), através Lei nº 1.331, de 11 de dezembro de 1992, que efetivou a parceria entre o Estado e os Municípios, conforme o artigo 1º, que instituiu o Programa de Descentralização e Fortalecimento do Ensino de 1º Grau (hoje ensino fundamental). A municipalização é um componente essencial das políticas de descentralização, compreendida como a transferência da responsabilidade de decisão e de execução dos serviços do ensino, do governo estadual para os municípios e está subordinada ao movimento de negociação entre o Estado e grupos organizados. A elaboração desta pesquisa justifica-

Nº	Ano	Autor	Título	Local da Produção/Nível	Resumo
					se em razão da curiosidade de professora pesquisadora em aliar a teoria à prática e da necessidade de estudos sobre a Municipalização da Educação no Estado de Mato Grosso do Sul, tema com poucas publicações oficiais.
3	2005	Valéria Cordeiro Fernandes Belletati	Concepções de Formação Contínua de Professores: Revisitando a História	UNINOVE ARTIGO	É um artigo que tem como base a dissertação de mestrado “O papel da diretoria de ensino da formação contínua de professores”, na qual se buscou analisar a formação em serviço de professores da escola estadual paulista. Esse trabalho se aproximou da temática desta pesquisa, principalmente no tocante da formação continuada em serviço.
4	2007	Elza de Lima Ferrari	Interdisciplinaridade: um estudo de possibilidades e obstáculos emergentes dos discursos de educadores do ciclo II do Ensino Fundamental	FE/USP DOUTORADO	A presente pesquisa analisa a formação continuada dos professores em todos os níveis e modalidades de ensino em Itaguaí, no Rio de Janeiro, a fim de observar de que forma o município implementou as políticas públicas elaboradas pela União e instituídas pelo Plano Nacional de Educação de 2001-2010. A pesquisa é qualitativa, interpretativa e foi desenvolvida por meio de estudo de caso. O corpo do trabalho retoma uma breve retrospectiva histórica da formação dos professores no Brasil, aborda as políticas contemporâneas de formação continuada executadas na última década, apresenta os conceitos de formação continuada e algumas abordagens atuais, analisando as tensões apresentadas por vários autores da área.
5	2007	Régis Luiz Lima de Souza	Formação Continuada dos Professores e professoras do município de Barueri: compreendendo para poder atuar	FE/USP MESTRADO	Esta pesquisa de cunho qualitativo se propõe a responder à seguinte questão: quais as transformações percebidas pelos professores em sua prática docente, frente aos cursos de formação continuada? Para isso construímos um referencial teórico fundamentando os elementos básicos a formação continuada, o professor do século XXI e a Etnomatemática. Nessa perspectiva, descrevemos o processo de desenvolvimento de um curso de formação continuada realizado no município de Barueri São Paulo. Ao longo de

Nº	Ano	Autor	Título	Local da Produção/Nível	Resumo
					três anos a pesquisa se constituiu com o acompanhamento dos cursos de formação oferecidos pelo referido município, bem como por meio de entrevistas com 8 professores que participam desse cursos há pelo menos três anos. Objetiva organizar um panorama em termos acadêmicos sobre a Formação Continuada de Professores, tendo por base algumas tendências contemporâneas.
6	2007	DIEGO JORGE FERREIRA	Universidade e Formação Continuada de Professores: entre as possibilidades e as ações propositivas	UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS MESTRADO	Este estudo discute a dinâmica da formação continuada dos professores em sua relação com a universidade, a partir de três eixos: os convênios e a institucionalização dos projetos de formação, os programas de formação como caminho à afirmação e solidificação das características da profissionalidade docente e a construção de sua autonomia e as alternativas possíveis às universidades, no desenvolvimento de um diálogo social para a difusão de sociedades formadas para a aprendizagem permanente. As universidades reúnem, “supostamente”, uma larga experiência em projetos de formação continuada advinda da articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Segundo alguns pesquisadores, citados neste estudo, a universidade por produzir e divulgar conhecimento através da pesquisa, constitui-se como locus privilegiado para a formação continuada de professores
7	2008	Carolina Faria Alvarenga	Relações de Gênero e trabalho docente: jornadas e ritmos no cotidiano de professoras e professores	FE/USP MESTRADO	Este trabalho analisa a pertinência e a intensidade da interferência das relações de gênero nas jornadas e nos ritmos definidos do trabalho docente. Situado entre os estudos da Sociologia da Educação, do Trabalho e da Família, inicia a reflexão sobre o conceito de gênero, articulado pelas teóricas feministas Joan Scott e Linda Nicholson; de visão sexual do trabalho e suas consequências na vida de homens e mulheres, definidos por Helena Hirata, Daniela Kergoat, Elizabeth Souza Lobo, Joan Scott, Cristina Bruschini, Bila Soy, dentre outros; e da noção de tempo, desenvolvida por Norbert Elias e Alberto

Nº	Ano	Autor	Título	Local da Produção/Nível	Resumo
					Melucci. Em seguida, baseado em levantamento sobre a produção acadêmica acerca do trabalho docente sob a ótica das relações de gênero, constata as lacunas dessa produção sobre os tempos de trabalho, analisa a trajetória da constituição do trabalho docente e mostra os significados femininos e masculinos que o perpassam. A pesquisa empírica de caráter qualitativo foi desenvolvida com professores e professoras de Ensino Fundamental II de uma escola municipal da Zona Sul de São Paulo, durante os anos de 2006 e 2007.
8	2008	Alessandra Rodrigues	O processo de municipalização do primeiro segmento do Ensino Fundamental em municípios que fazem parte da jurisdição da Diretoria de Ensino de Ribeirão Preto: currículo e formação continuada de professores	Centro Universitário Moura Lacerda MESTRADO	Esta pesquisa, inserida no campo de currículo, estuda, no processo de municipalização do Ensino Fundamental, as políticas curriculares e de formação continuada de professores do primeiro segmento do Ensino Fundamental, em 14 municípios que fazem parte da jurisdição da Diretoria de Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo. Apoiando-se em teóricos críticos, buscou-se compreender as questões: Como foi construída a política curricular do sistema municipal de ensino a partir da municipalização do Ensino Fundamental? Como tem sido a implantação dos currículos e a oferta de programas voltados para formação continuada de professores do primeiro segmento do Ensino Fundamental? Quais as estratégias? Para isso, foram realizadas entrevistas com os dirigentes de educação da rede municipal de ensino de 10 municípios que fazem parte da jurisdição da Diretoria de Ensino de Ribeirão Preto. Focalizou-se especialmente o processo de municipalização de um dos referidos municípios que absorveu todas as matrículas do Ensino Fundamental de 1ª a 8ª séries, no período compreendido entre os anos de 1999 e 2007.
9	2009	Adolfo Samuel de Oliveira	Quando o professor se torna aluno: Tensões, desafios e potencialidades da formação em	USP MESTRADO	O trabalho teve por objetivo investigar processos formativos inerentes à condição de aluno do professor, em um programa de educação em serviço, da perspectiva do

Nº	Ano	Autor	Título	Local da Produção/Nível	Resumo
			serviço.		processo de socialização/ educação familiar e escolar. Busca analisar as relações entre os ofícios discente e docente quando exercidos de forma simultânea, examinando em que medida viver tal situação favorece processos de formação docente mais significativa, e verificar as implicações dessa formação no trabalho do professor na escola. A pesquisa é de natureza qualitativa. O trabalho etnográfico envolveu observações em contatos de ensino on-line e off-line durante 18 meses. O referencial empírico foi o PEC Formação Universitária – Município de São Paulo (2003 a 2004), caracterizado como “um curso presencial com forte apoio de mídias interativas”, que teve por finalidade oferecer a licenciatura plena aos docentes, que tinha apenas a formação para o magistério em nível médio. Os dados da investigação constituíram-se de documentos oficiais, notas de campo, entrevistas, além de um conjunto de memória produzida pelos professores. O referencial teórico fundamenta-se na teoria do habitus de Bourdieu, problematizado por alguns de seus críticos contemporâneos.
10	2009	Álvaro Moreira Hypolito Jarbas Santos Vieira Laura Cristina Vieira Pizzi	Reestruturação Curricular e autointensificação do trabalho docente	Universidade Federal de Pelotas ARTIGO	Neste artigo discutimos os impactos dos processos de reestruturação educacional e curricular propostos pelas atuais políticas neoliberais, que tem afetado a fabricação das identidades docentes e, principalmente, intensificado o trabalho de professores e professoras. Esses processos trazem modificações para o trabalho educativo em termos de maior ou menor controle pedagógico, maior ou menor autonomia do professorado sobre o seu fazer e pensar e, junto a isso, um aumento da intensificação do trabalho. Isso faz com que os efeitos sobre o trabalho docente tenham repercussão direta sobre as práticas curriculares.
11	2009	Regiane Mantovanini	Formação Continuada de Professores do Ensino Fundamental I: subsídios para	PUC/SP MESTRADO	O tema título desta dissertação: Formação Continuada de Professores do Ensino Fundamental I: subsídios para uma proposta em análise nasceu de inquietações que despertam

Nº	Ano	Autor	Título	Local da Produção/Nível	Resumo
			uma proposta em análise		ao longo da experiência de vida escolar e profissional da pesquisadora. Por meio de sua formação continuada, a autora observava a transformação do seu olhar, do seu repertório prático e teórico. Percebeu o quanto tal repertório enriquece o seu fazer profissional. Entretanto, os investimentos formativos oferecidos eram insuficientes para todos os docentes. A autora passou a questionar os moldes das formações continuadas que os professores vêm recebendo e os subsídios que essas formações oferecem para a prática. Assim nasceu o problema que move esta pesquisa: Em que medida os modelos vivenciados e aqui analisados auxiliam ou não o professor a apropriar-se de um “novo” fazer pedagógico, oferecendo pistas para a realização de uma formação continuada que faça sentido tanto para o grupo de professores, quanto para a transformação da prática.
12	2010	Ione Cavalcante Espósito	Municipalização do Ensino Fundamental e a qualidade do Ensino: Estudo de Caso do Município de Martinópolis	Universidade do Oeste Paulista MESTRADO	O propósito desta pesquisa foi verificar se o processo de municipalização de ensino no município de Martinópolis contribuiu para a melhoria da qualidade da Educação municipal. Para tal propósito, esta pesquisa buscou identificar as políticas e ações da Secretaria Municipal de Educação de Martinópolis que visam à melhoria da qualidade da Educação do município nas duas últimas gestões do governo municipal; analisar os impactos dessa política e ações sobre a atuação das escolas do município, segundo a perspectiva das Secretarias da Educação das duas gestões municipais, supervisores, coordenadores, e dos gestores das escolas, e finalmente verificar se ao longo do processo de consolidação do município, da situação das escolas, se as escolas apontam melhorias e seu desempenho nas avaliações externas “Prova Brasil e SARESP”.
13	2011	Liliana Soares Ferreira	O trabalho dos professores e o discurso sobre competências:	Universidade Federal de Santa	Considerando a necessidade de desvelar a concepção de competência aplicada ao trabalho dos professores,

Nº	Ano	Autor	Título	Local da Produção/Nível	Resumo
			questionando a qualificação, a empregabilidade e a formação	Maria – UFSM ARTIGO	proponho, nesse artigo, argumentos que visam a retomar o conceito de competência em suas relações com qualificação, empregabilidade e formação continuada. Para tanto, retomo estudos realizados, inventariando essas concepções em obras bastante conhecidas, buscando relacionar esses conceitos em sua lógica e evidenciando o quanto são ideologicamente elaborados e aplicados. Como base, reitero a necessidade de os professores serem vistos como trabalhadores e seu trabalho como uma ação em relação a outros sujeitos, na perspectiva da produção do conhecimento.
14	2011	Maria de Fátima Soares Casseb	O impacto do Currículo Unificado na Diretoria de Ensino da Região de Miracatu	Inisal Americana MESTRADO	Esta dissertação objetiva discutir a eficácia do Currículo Oficial do Estado de São Paulo, na aprendizagem dos alunos das escolas, sob a jurisdição da Diretoria de Ensino da Região de Miracatu, Vale do Ribeira-SP, a partir dos resultados do SARESP (Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo) levando em consideração os resultados dos anos: 2007, 2008, 2009, de uma série específica – 8ª Série – que são comparados com as Avaliações Nacionais que são o SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) e Prova Brasil. A dificuldade dos educadores na interpretação dos resultados do SARESP, para a utilização desse diagnóstico no desempenho dos alunos, prejudica o entendimento e as ações futuras a serem desenvolvidas pelos educadores, para melhorar o processo ensino e aprendizagem.
15	2011	Fernanda Cariello Gomes Coutinho	A formação profissional e continuada de professores da rede municipal de Niterói: reflexões acerca da primeira década do século XXI	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro MESTRADO	Este estudo situa-se no campo das políticas públicas de formação continuada de professores, no âmbito da Fundação Municipal de Educação de Niterói, no período da implantação da organização escolar no sistema de ciclos. A escola em ciclos demanda maiores investimentos do poder público, principalmente, no que se refere à formação continuada e profissional dos professores. A pesquisa tem

Nº	Ano	Autor	Título	Local da Produção/Nível	Resumo
					<p>por objetivo mapear estas ações, estabelecidas nas diferentes gestões políticas que administraram a FME, questionando se tais estratégias de formação continuada foram significativas para a formação dos seus educadores, a partir dos relatos dos professores da rede, procurando responder, ainda, se a formação continuada que recebem corrobora com o trabalho pedagógico realizado com os ciclos de formação. Para tanto, foram realizadas entrevistas com três gestores que estiveram à frente das ações de formação continuada de professores, nos diferentes períodos, e ajudaram a compreender o contexto político daquelas gestões. A pesquisa contou ainda com o depoimento das seis educadoras que atuam no 1º ciclo (quatro professoras do 1º ano, uma do 2º ano e uma outra professora do 3º ano de escolaridade), nas escolas localizadas nos diferentes polos administrativos da cidade. Esta investigação constituiu-se como um estudo de caso e conta com uma abordagem qualitativa na interpretação dos dados – as entrevistas narrativas e a técnica do discurso do sujeito coletivo permitiram produzir e analisar qualitativamente os dados desta investigação</p>
16	2012	Simone Chaves Dias	Políticas Públicas de Formação Continuada de Professores: Experiências do Município de Itaguaí	Universidade Estácio de Sá MESTRADO	<p>A presente pesquisa analisa a formação continuada dos professores em todos os níveis e modalidades de ensino em Itaguaí, no Rio de Janeiro, a fim de observar de que forma o município implementou as políticas públicas elaboradas pela União e instituídas pelo Plano Nacional de Educação de 2001-2010. A pesquisa é qualitativa, interpretativa e foi desenvolvida por meio de estudo de caso. O corpo do trabalho retoma uma breve retrospectiva histórica da formação dos professores no Brasil, aborda as políticas contemporâneas de formação continuada executadas na última década, apresenta os conceitos de formação continuada e algumas abordagens atuais, analisando as tensões apresentadas por vários autores da área.</p>

Nº	Ano	Autor	Título	Local da Produção/Nível	Resumo
17	2012	André Bocchetti Belmira Oliveira Bueno	Um professor (SEMPRE) a formar: o governo das subjetividades docentes: em programas especiais de formação	USP ARTIGO	O artigo apresenta resultados da análise de estratégias de governo das subjetividades dos professores participantes de um programa de formação em serviço – o PROFORMAÇÃO. Sob uma perspectiva pós-estruturalista de análise, evidencia dinâmicas e instrumentos que terminaram por constituir relações pautadas pelo olhar cotidiano sobre a ação do outro e sobre si mesmo. Incitações ditas “reflexivas”, aliadas à ação de profissionais focados no acompanhamento das atividades realizadas pelos participantes, foram capazes de constituir um conjunto de racionalidades legitimadoras dos saberes difundidos pela proposta, valorizando junto aos professores cursistas uma certa maneira de avaliar o programa e de se reconhecer nele inseridos.
18	2012	Ana Canen Giseli Pereli de Moura Xavier	Gestão do Currículo para a diversidade cultural: discursos circulantes de professores e gestores	Universidade Federal do Rio de Janeiro ARTIGO	O presente artigo argumenta que a formação continuada de professores para a diversidade cultural é um caminho possível para a transformação da escola, promovendo a sensibilização de profissionais da educação para a valorização da pluralidade e o preparo para sua incorporação no currículo em ação. Busca contribuir com este campo de estudos, analisando o caso de uma experiência multiculturalmente orientada no contexto do desenvolvimento da disciplina Gestão do Currículo, oferecida em um curso à distância de especialização voltado a professores de uma rede estadual brasileira, fruto de parceria daquela Secretaria com uma universidade pública.

ANEXO B – Quadro Síntese dos Documentos analisados

Documento	Conteúdos referentes a temas tratados na pesquisa
Constituição Federal de 1988	DESCENTRALIZAÇÃO - Em seu artigo primeiro, se reconhece o município como ente federativo e, no artigo 211, se autoriza o município a criar seu próprio sistema de ensino, determinando, no parágrafo segundo do mesmo artigo, que “os municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e pré-escola”. Abriu-se assim, um caminho legal para que os Estados procurassem transferir esse encargo para os municípios.
Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (Resolução nº4, de 13 de julho de 2010)	SISTEMA/ ENSINO FUNDAMENTAL/FORMAÇÃO/CURRÍCULO As diretrizes visam estabelecer bases comuns nacionais para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental, e o Ensino Médio, bem como para as modalidades com que podem se apresentar, a partir das quais os sistemas federal, estaduais, distrital e municipais, por suas competências próprias e complementares, formularão as suas orientações assegurando a integração curricular das três etapas seguintes desse nível da escolarização, essencialmente para compor um todo orgânico.
Lei Federal nº. 9.394/96 que instituiu as Diretrizes e Bases para a Educação Nacional – LDB	FORMAÇÃO CONTINUADA/CURRÍCULO O município deve garantir padrões mínimos de qualidade de ensino, definidos como variedade e quantidade mínima, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem. Além de manter cursos de capacitação continuada aos docentes da rede municipal de ensino.
Referenciais para formação de Professores – Brasil/MEC/ SEF, 1999. Decreto nº 5622, de 19 de dezembro de 2005	VALORIZAÇÃO DOS PROFESSORES/ FORMAÇÃO CONTINUADA Entender que a formação continuada de professores é um processo permanente de desenvolvimento profissional que deve: favorecer a atualização e o aprofundamento de temas educacionais e a reflexão sobre a prática pedagógica, levando ao seu aprimoramento.
FUNDEF - O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF) foi instituído pela Emenda Constitucional n.º 14, de setembro de 1996, e regulamentado pela Lei n.º 9.424, de 24 de dezembro do mesmo ano, e pelo Decreto nº 2.264, de junho de 1997.	DESCENTRALIZAÇÃO/FORMAÇÃO CONTINUADA São os recursos financeiros que os municípios recebem do governo federal.

Documento	Conteúdos referentes a temas tratados na pesquisa
Lei nº 2792 de 20 de agosto de 1996 – Criação do Conselho Municipal	EDUCAÇÃO Fica criado o Conselho Municipal de Educação, órgão colegiado, normativo, consultivo, deliberativo, propositivo, mobilizador, fiscalizador e de controle social responsável pela formulação e acompanhamento da Política de Ensino no Município.
Lei nº 2964 de 17 de dezembro de 1997 - Estatuto do Magistério	Valorização Docente O Estatuto do Magistério, instituído, estruturado e organizado pela Lei nº 2964, de 17 de dezembro de 1997, passa a vigor com a seguinte redação e os acréscimos referentes ao plano de carreira do magistério municipal de ITATIBA. A carreira do Magistério Público Municipal tem como princípios básicos: I – a valorização do desempenho profissional, e II – a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.
FUNDEB - foi criado pela Emenda Constitucional nº 53/2006 e regulamentado pela Lei nº 11.494/2007 e pelo Decreto nº 6.253/2007, em substituição ao FUNDEF, que atendia apenas ao Ensino Fundamental. Já o FUNDEB passou a atender toda a Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio).	DESCENTRALIZAÇÃO/FORMAÇÃO CONTINUADA São os recursos financeiros que os municípios recebem do governo federal.
Lei nº 2768, 21/05/1996 – Dispõe sobre a Municipalização no Município de Itatiba. Lei nº 3110, 25/02/1999 – “Autoriza o Poder Executivo Municipal a celebrar convênio com o Estado de São Paulo, por intermédio da Secretaria da Educação, objetivando a implantação e o desenvolvimento de programas na área da Educação, na forma e condições que especifica”	MUNICIPALIZAÇÃO/ DESCENTRALIZAÇÃO/FORMAÇÃO CONTINUADA/ CURRÍCULO O presente convênio tem por objeto a ação compartilhada entre a SECRETARIA e o MUNICÍPIO, visando assegurar a continuidade da implantação e o desenvolvimento do Programa de Ação de Parceria Educacional Estado - Município para o atendimento do Ensino Fundamental, mediante a transferência de alunos e de recursos materiais e o afastamento do pessoal docente, técnico e administrativo que implicará no repasse de recursos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização de Magistério (FUNDEF), correspondentes ao número de matrículas assumidas pelo Município.
LEI N.º 3.485, DE 13 DE NOVEMBRO DE 2001	Formação Continuada/Currículo/Sistema de Ensino Tendo o município ficado incumbido de: instituir, organizar, manter e desenvolver os órgãos e

Documento	Conteúdos referentes a temas tratados na pesquisa
"Dá nova redação à Lei nº 2.976, de 25 fevereiro de 1998, que 'Dispõe sobre a criação do Sistema Municipal de Ensino e estabelece normas gerais para a sua adequada implantação'."	instituições oficiais do seu sistema de ensino, integrando-os às políticas e planos educacionais da União e dos Estados; exercer ação redistributiva em relação às suas escolas; dispor sobre normas complementares para o aperfeiçoamento permanente de seu sistema de ensino.
Lei N.º 4.063, de 17 de junho de 2008	Formação Continuada – "Dispõe sobre a denominação do Centro Municipal de Formação de Liderança Educacional."Art. 1º. O Centro Municipal de Formação de Liderança Educacional, localizado no Centro Educacional e Cultural de Itatiba "Prof.ª Marina Araújo Pires", subordinado à Secretaria da Educação, passa a denominar-se "Núcleo de Formação Continuada Profª Maria Isabel Assis Nader Bello".
Deliberação CEE nº73, 08/04/2008	Ensino Fundamental Regulamenta a implantação do Ensino Fundamental de 9 Anos, no âmbito do Sistema Estadual de Ensino, conforme o disposto na Emenda Constitucional nº 53 e na Lei nº 9.394/96, com as alterações procedidas pela Lei nº 11.274/06
Projeto Político Pedagógico 2008 – da Secretaria de Educação	Formação Continuada/Currículo O presente Projeto Político Pedagógico é fruto de uma ação conjunta, visando atingir aos objetivos educacionais, em função das novas demandas de uma sociedade global e emergente onde o futuro sempre reserva surpresas, exigindo criatividade e muita dedicação no fazer. Portanto, deve ser entendido como a organização do trabalho pedagógico desta Secretaria, inserida na sua realidade, com suas peculiaridades, onde a resposta de sua ação é claramente identificada, analisada e avaliada constantemente.
PDE – Plano de Desenvolvimento, 2007	Diretrizes para a Educação São as 28 metas Todos pela Educação.

ANEXO C – Quadro Síntese dos Documentos Curriculares do Município de Itatiba

Documentos Curriculares do Município de Itatiba	Conteúdos
Documento 3 – Orientações Curriculares e Avaliação Diagnóstica de Língua Portuguesa – Ensino Fundamental de 8 anos – 5ª a 8ª série - Ano de 2007 (volume único)	<p>Expectativas de Aprendizagem – para cada disciplina o documento apresenta diferentes expectativas de aprendizagem específicas, relacionadas aos conteúdos.</p> <p>Conteúdos das disciplinas – cada disciplina traz os conteúdos que devem ser aplicados ao longo do ano letivo.</p> <p>Avaliação Diagnóstica de Língua Portuguesa – o documento apresenta propostas de avaliação diagnóstica para todas as séries.</p>
Documento 14 – Orientações Curriculares e Expectativas de Aprendizagem – Ensino Fundamental de 9 anos – Ciclos III e IV – Ano de 2008 (volume único)	<p>Expectativas de Aprendizagem – para cada disciplina o documento apresenta diferentes expectativas de aprendizagem específicas, relacionadas aos conteúdos.</p> <p>Conteúdos das disciplinas – cada disciplina traz os conteúdos que devem ser aplicados ao longo do ano letivo, bem com uma lista de procedimentos.</p>
Proposta Curricular do Ensino Fundamental do 6º ao 9º - 2011	<p>Expectativas de Aprendizagem – para cada disciplina o documento apresenta diferentes expectativas de aprendizagem específicas, relacionadas aos conteúdos.</p> <p>Conteúdos das Disciplinas – cada disciplina traz os conteúdos específicos, distribuídos por bimestres e cada disciplina tem uma distribuição específica.</p>
Currículo do Ensino Fundamental do 6º ao 9º - início de 2012 (volume único)	<p>Expectativas de Aprendizagem – para cada disciplina o documento apresenta diferentes expectativas de aprendizagem específicas, relacionadas aos conteúdos.</p> <p>Conteúdos das disciplinas - cada disciplina traz os conteúdos específicos, distribuídos por bimestres e cada disciplina tem uma distribuição específica.</p> <p>Atividades/ Sequências Didáticas: ao final de cada disciplina apresentam-se diversas atividades referentes aos conteúdos.</p>
Currículo do Ensino Fundamental do 6º ao 9º - outubro de 2012 (volume único) – Publicado	<p>Expectativas de Aprendizagem – para cada disciplina o documento apresenta diferentes expectativas de aprendizagem específicas, relacionadas aos conteúdos.</p>

Documentos Curriculares do Município de Itatiba	Conteúdos
	<p>Conteúdos das disciplinas - cada disciplina traz os conteúdos específicos, distribuídos por bimestres e cada disciplina tem uma distribuição específica.</p> <p>Conexões Interdisciplinares – cada disciplina apresenta conexões de determinados conteúdos que podem se relacionar com outra disciplina do currículo.</p> <p>Atividades/ Sequências Didáticas: ao final de cada disciplina apresentam-se diversas atividades referentes aos conteúdos.</p>
<p>Currículo Artes – Ensino Fundamental (1º ao 9º) – outubro de 2012 (Publicado)</p>	<p>Expectativas de Aprendizagem – traz uma lista de expectativas por ano/série que devem ser atingidas ao longo do ano letivo.</p> <p>Quadro de Conteúdos – divididos em 4 linguagens por bimestre e com a Conexão Interdisciplinar.</p> <p>Atividades/ Sequências Didáticas: ao final de cada disciplina apresentam-se diversas atividades referentes aos conteúdos.</p>
<p>Currículo Ciências – Ensino Fundamental (6º ao 9º) – outubro de 2012 (Publicado)</p>	<p>Quadro Geral – traz os temas/conteúdos, expectativas de aprendizagem específicas e conexões interdisciplinares. Divididos por bimestres.</p> <p>Atividades/ Sequências Didáticas: ao final de cada disciplina apresentam-se diversas atividades referentes aos conteúdos.</p>
<p>Currículo Educação Física – Ensino Fundamental (1º ao 9º) – outubro de 2012 (Publicado)</p>	<p>Expectativas de Aprendizagem – traz uma lista de expectativas por ano/série que devem ser atingidas ao longo do ano letivo.</p> <p>Quadro Geral – divisão por semestre/ano, temas/subtemas, procedimentos e conexões interdisciplinares.</p> <p>Atividades/ Sequências Didáticas: ao final de cada disciplina apresentam-se diversas atividades referentes aos conteúdos.</p>
<p>Currículo Geografia – Ensino Fundamental (6º ao 9º) – outubro de 2012 (Publicado)</p>	<p>Quadro Geral – conteúdos, conteúdos conceituais, expectativas específicas e divisão de bimestres.</p> <p>Quadro Conexões Interdisciplinares – dividido por bimestres.</p> <p>Atividades/ Sequências Didáticas: ao final de cada disciplina apresentam-se diversas atividades referentes aos conteúdos.</p>
<p>Currículo História – Ensino Fundamental (6º ao 9º) –</p>	<p>Quadro Geral – conteúdos, expectativas de aprendizagem por conteúdos, conexões</p>

Documentos Curriculares do Município de Itatiba	Conteúdos
outubro de 2012 (Publicado)	interdisciplinares e a divisão por bimestres. Atividades/ Sequências Didáticas: ao final de cada disciplina apresentam-se diversas atividades referentes aos conteúdos.
Currículo Inglês – Ensino Fundamental (4º ao 9º) – outubro de 2012 (Publicado)	Quadro Geral – conteúdos, expectativas de aprendizagem específicas, conexões interdisciplinares e a divisão por bimestres. Atividades/ Sequências Didáticas: ao final de cada disciplina apresentam-se diversas atividades referentes aos conteúdos.
Currículo Língua Portuguesa – Ensino Fundamental (6º ao 9º) – outubro de 2012 (Publicado)	Expectativas de Aprendizagem – traz uma lista de expectativas gerais por ano/série que devem ser atingidas ao longo do ano letivo. Quadro Geral – divisão por bimestres, gênero textual, expectativas de aprendizagem específicas, prática de leitura, prática de produção e prática de análise linguística. As conexões interdisciplinares estão logo abaixo ao quadro. Atividades/ Sequências Didáticas: ao final de cada disciplina apresentam-se diversas atividades referentes aos conteúdos.
Currículo Matemática – Ensino Fundamental (6º ao 9º) – outubro de 2012 (Publicado)	Expectativas de Aprendizagem – traz uma lista de expectativas gerais por ano/série que devem ser atingidas ao longo do ano letivo. Quadro Geral – divisão dos conteúdos por blocos: numeração, espaço e forma, grandezas e medidas, tratamento da informação; expectativas específicas; conexões entre os blocos e conexões interdisciplinares. Divididos por bimestres. Atividades/ Sequências Didáticas: ao final de cada disciplina apresentam-se diversas atividades referentes aos conteúdos.

ANEXO D – Quadro Categorias de Análise das Entrevistas

Sujeitos	Categorias	Subcategorias
Secretário de Educação 2001 a 2008	Municipalização <p>“Mas eu acho que os municípios não ficaram atentos que ao assumirem a municipalização... eles também seriam responsáveis pela manutenção, construção de prédios, compra de livros para as bibliotecas das escolas, salários dos professores, devolutiva para o Estado do dinheiro investido naqueles professores e com o decorrer do tempo tudo isso aconteceu e eu particularmente [...]”.</p> <p>“Então, eu acho que a municipalização é um avanço parcial... Eu não consigo ver que a gente avançou...Tem decisões? Tem decisões...mas tem município que há ainda diretores que são indicados, supervisores de ensino são indicados...Quem se coloca...tem um discurso muito bonito de autonomia...mas quem se coloca é perseguido [...]”</p> <p>“Então a municipalização ela tem essa questão da proximidade, mas se nós não tivermos a sensibilidade do gestor municipal e da sua equipe...a gente não avança”</p> <p>“a primeira vez que eu fui Secretário de Diretoria que se transformou em Secretaria e nós tínhamos a Educação Infantil...poucas creches e algumas pré-escolas... Nós tínhamos que baixar leis...eu até estranhei...Pois como funcionário do Estado a legislação sai em Diário Oficial e nós tínhamos que bolar: remoção de professores, abertura de classes, fechamento de</p>	Vantagens <p>“Bom, a primeira coisa naquele momento era que as decisões sobre a Educação...elas estariam mais próximas se a Educação fosse municipalizada. O Estado tinha uma rede muito grande, muitos alunos, muitas escolas, muitos professores...Então, ao municipalizar acreditava-se que o poder de decisão...ele seria muito mais próximo e mais rápido. E que isso melhoraria a qualidade da Educação. Isto estava previsto também na Constituição de 88, então era uma questão que dependia de regulamentação e na proposta do governo do Estado naquele momento que era o Mario Covas...eles então, operacionalizaram essa legislação.”</p>
		Objetivos Implementados <p>“a luta para construir um currículo...”</p> <p>“será que eu atingi aquele objetivo que era a formação continuada de professores que passou por tantos nomes...reciclagem...Até que a gente conseguiu se encaixar e achar um grupo de “capacitadores”, que não viesse vender só, mas que vivesse o cotidiano da sala de aula.”</p> <p>“Fizemos a reestruturação...já tínhamos tido e tinha acabado...da Oficina Pedagógica, com as Assistente Pedagógicas de cada disciplina, de Educação Especial, de EJA.”</p> <p>“Uma outra coisa que eu vejo hoje, que eu acho que a gente tinha avançado, mas não posso te dar esses dados concretamente...nós</p>

Sujeitos	Categorias	Subcategorias
	<p>classes...Você tem que solicitar licitações para os setores competentes...”</p> <p>“Quando eu chego a gente deu um aprimoramento nessa legislação...Fomos criando as nossas leis próprias...já começa a ter um distanciamento do Estado...A gestão antes de nós ela manteve uma distância um grande conflito...Escolas imbricadas, isto é, escolas que funcionavam salas do Estado e do município num mesmo espaço”</p> <p>“Porque como se municipalizou todas escolas...o transporte da zona rural...tudo isso é muito complicado...era uma outra prioridade do FUNDEB”</p>	<p>investimos tanto na Educação Especial, quanto na EJA...A EJA me encantava...A Educação Especial tentamos, mas eu vejo que a gente tem um grande problema na Educação Inclusiva nesse país. É difícil, muito bonita a fala...é difícil montar uma equipe técnica...que consegui via saúde... isso pra mim foi uma vitória... sempre pedi uma assistente social, um psicólogo que não pode ser contratado...então veio pela saúde prestar serviços pra gente. Então essas ações, elas foram ações que estavam previstas pela municipalização.”</p> <p>“Mas ai você já começa a ter um foco a mais para o município. Baixando portarias...decretos...agilizando o funcionamento dos Conselhos...que já tinha no papel...era uma questão difícil...A questão dos gastos: onde que a gente gasta...o que a gente pode fazer...quanto vai ficar uma nova escola...com que período...qual é a projeção do 1º ano...do 2º ano...nós fomos trabalhando por metas...”</p> <p>“Então criar algumas coisas específicas - o Dinheiro na Escola, além do PDDE do governo federal, repassávamos um dinheiro para as escolas, para elas poderem fazer a manutenção. Essas coisas todas me deixam com muita esperança de uma qualidade melhor do ensino.”</p> <p>“A gente fez um ou dois concursos de professores...”</p>
	Municipalização	<p>Vantagens</p> <p>“Mas vejo que mudanças sempre são bem-vindas, quando se visa à</p>

Sujeitos	Categorias	Subcategorias
Secretária da Educação 2009 a 2012	<p>“Então eu não participei desse movimento da Municipalização, mas a gente sabe pela história e por documentos que é um processo, um regime de colaboração, de integração, um programa de integração do Estado e Município, para que o município assumia a gestão da educação do Ensino Fundamental. De certa forma se responsabilizando técnico administrativo e pedagogicamente pela gestão do 1º ao 9º. Que mudanças eram esperadas...eu imagino que o Estado esperava que o município assumisse tudo!”</p> <p>“Eu acredito que na época ...e até hoje a gente ouve falar...que houve desvantagem...porque os professores tinham um salário melhor e tinha que dividir a fatia do bolo...com professores que agregaram no grupo. Então isso que em termos de prédio público...que por um período tiveram que conviver Estado e Município junto”</p>	<p>qualidade da Educação. Todo processo eu entendo assim, todo processo de descentralização ele promove ganhos qualitativos.”</p> <p>“Então a descentralização, o que esperavam e eu acredito nisso, o que se esperava um avanço em qualidade também. Uma descentralização é um investimento em qualidade. Uma vez que o município pode acompanhar com mais atenção, com mais foco e acompanhamento direto naquela modalidade de ensino que está sobre sua responsabilidade, mais diretamente. Ele pode atuar e acompanhar mais diretamente, avaliar mais diretamente...responder mais diretamente...por aquele segmento que é de sob sua responsabilidade.”</p> <p>“Mas eu vejo como vantagem se tiver recursos financeiros...condições de fato do regime de colaboração acontecer de formar eficiente ...eu vejo com bons olhos a municipalização...porque nós temos mais próximos do município, tanto a responsabilidade, quanto a autonomia...pra se poder trabalhar como a gente acredita. De uma forma mais descentralizada...mais independente, para que se possa adotar o livro que ser quer...utilizar a formação...desenvolver os processos formativos do modo como o município quer... fazer o acompanhamento, a supervisão...as visitas...Então a descentralização...eu vejo como uma das vantagens é...o investimento na qualificação do processo pedagógico.”</p>
		<p>Objetivos Implementados</p> <p>“a criação do Sistema de Ensino.”</p>
	Municipalização	Vantagens

Sujeitos	Categorias	Subcategorias
Supervisora Sabedoria	<p>“Mas eu vejo que a municipalização ela é um caminho sem volta...ela é a gestão de uma lei que diz que nós temos que descentralizar os processos. Ela faz parte da descentralização... a LDB ela é clara quando ela dá autonomia aos municípios, aos sistemas de ensino e também a escola na gestão financeira...na gestão pedagógica, na gestão dos recursos humanos. Então, eu sou a favor da municipalização...eu sou a favor de tudo que trabalhe com a realidade, que esteja próximo da realidade. O princípio da municipalização ele é muito válido...ele é muito importante e eu acredito nele. Só que quando você parte de uma lei, você parte de princípios e você vai coloca-los na prática. Na prática você se depara com diversas dificuldades. Vendo como supervisora...primeiro que nem todos estão preparados para esta autonomia ...pra esta gestão democrática que se pede.”</p> <p>“Além de tudo...nos municípios nós temos o problema da questão política... Então é muito próximo do governo municipal...se confunde muito a escola pública como propriedade pública...muitas vezes privada...é meu...é minha...Não, é do povo é pública. E confunde-se também muitos direitos de deveres...muitas soluções são dadas como de forma caseira...sem se prestar muito pelo legal. O grande risco da municipalização é virar um canteiro...minha escola...meu espaço... não é isso! A municipalização é muito séria...ela é muito importante para a população e ela tem que dar conta dos problemas daquele setor onde a escola está, daquele município, onde nós estamos. De 1º ao 9º eu vejo um complicador muito grande, eu acho que em Itatiba nós municipalizamos muito depressa...Nós deveríamos ter tido uma</p>	<p>“Nós estávamos muito esperançosos em relação ao 1º ao 5º ano, confesso a você que era por conta de uma verba que viria a mais...nós ganharíamos a mais...a diferença salarial na época seria um bom dinheiro e nós tínhamos a esperança de estar mais próximos ano governo do município.”</p> <p>Objetivos Implementados</p> <p>“Num primeiro momento a Secretaria de Educação como um todo...ela teve que se organizar enquanto sistema...porque para ser municipalizado todo o município precisa de um sistema. Então, nós vamos mexer em documentos antigos...a gente vai deparar com leis de 1998 e 1999. Foi quando o município foi obrigado a criar por conta da municipalização. Eu vejo um primeiro momento de criação, depois um momento de apropriação...porque nós tivemos que colocar os professores que eram do Estado no município e eles vinham de um trabalho do Estado, com orientação no Estado...nós não tínhamos a princípio um grupo formador...nós só tínhamos Educação Infantil...Então nós precisávamos fortalecer o município, para que acontecesse um trabalho...Eu vejo o primeiro momento legalizar...regularizar a rede. Segundo momento abertura de concurso público...a entrada de professores municipais e a necessidade de se pensar em trabalhar com essa formação do professor que veio de uma rede estadual ...”</p> <p>“E eu vi num primeiro momento uma busca muito grande...eu participei como professora, enquanto coordenadora, enquanto diretora dos grupos</p>

Sujeitos	Categorias	Subcategorias
	<p>municipalização do 1º ao 5º aprofundada...bem enraizada...com diretrizes...com metas...com ações pontuais...com grupos fortalecidos no conhecimento. Para depois ir expandindo ao poucos...”</p> <p>“Então eu acho que a princípio houve um engano dos municípios em querer abraçar tudo. Itatiba correu esse risco e ainda corre um risco muito grande...tentando abraçar de 6º ao 9º. Se fosse só do 1º ao 5º seria mais fácil, para nós estarmos com uma política pública educacional mais consolidada.”</p> <p>“de uma linha de trabalho diferente...com o professor que estava entrando na nossa rede municipal...e os dois trabalhando juntos na mesma escola.”</p> <p>“Então, eu acho que a municipalização também trouxe esse lado...de estar confundindo um pouco... a questão da autoridade...a questão de direitos e deveres...”</p>	<p>de estudos da FAFE/ USP. Nós trabalhávamos com o Projeto Político Pedagógico...eles vieram até Itatiba...nós participamos de capacitações, de formações...Nós trouxemos formações também de grupos externos...até para que nós tivéssemos um conhecimento de uma rede maior...de uma visão maior de conhecimentos que a rede não dispunha.”</p> <p>“Então foi o momento da rede e se estruturar.”</p> <p>“Mas eu vejo que a rede ainda não se estruturou, porque a todo momento nós temos mudanças de direção, mudanças de coordenador, nós temos mudanças na base...não digo nem na SE...eu vejo mudanças da base...muitas salas com professores afastados...com contratados que não tem vínculo com a escola, no outro ano eles mudam...coordenadores que mudam todo ano...é um processo de concurso ainda... ele não é concursado...Então faz muita falta um coordenador que dê andamento a uma linha pedagógica.”</p> <p>“O concurso de diretores foi em 2008 e assumimos em 2010 e da supervisão foi só a partir de 2012.”</p> <p>“Foi um ganho muito grande os diretores estarem efetivos, mas também trouxe um grupo de diretores muito diferentes ..com visões diferentes...com municípios diferentes que não participaram do processo de implantação da rede...então eles precisaram ser capacitados e agora num último momento nós estamos com um grupo de supervisão diferente. Então é um grupo que também está se apropriando.”</p>

Sujeitos	Categorias	Subcategorias
		<p>“A Gestão de 2001 a 2008 ela tinha uma missão... vamos dizer assim...a municipalização ela ocorreu a partir de 1996 e até 1999..Nesse período foi estruturada toda a rede, então a questão de legislação, o plano de carreira...o sistema de ensino...tudo isso foi implementado em documentos legais. Qual era o desafio agora? Era realmente melhorar a qualidade de ensino...Para isso então, várias ações foram pensadas para que isso acontecesse. Mas num primeiro momento era necessário que a parte teórica ficasse bem forte dentro da rede. O que a rede buscava, qual era o nosso objetivo? O que a rede municipal de Educação de Itatiba, enquanto Sistema de Educação, o que ela buscava em seus alunos...o que ela gostaria de formar.”</p>
<p>Supervisora Encantada</p>	<p>Municipalização</p> <p>“A primeira ideia da municipalização lá em 1996, ela começou com a 1ª a 4ª série...e quais escolas foram municipalizadas? As escolas que ofereciam um ensino de 1ª a 4ª série , porque na época existia uma divisão das escolas...umas atendiam da 1ª a 4ª...outras de 5ª a 8ª série...era uma questão do Estado. E teve início com seis escolas...que seriam escolas piloto...em agosto de 1996 foram municipalizadas essas seis escolas”</p> <p>“Então iniciaram com essas seis para ver se isso realmente acontecia...No ano seguinte já aumentaram para mais escolas e depois de um tempo começou a 5ª a 8ª série também.”</p>	<p>Vantagens</p> <p>“Tanto o governo do Estado, quanto o governo do município...esperavam que com o acompanhamento mais próximo a qualidade do ensino melhoraria. As prefeituras estando próximas...porque o Estado é algo maior que era difícil estar gerenciando essa aprendizagem.”</p> <p>“Quando você traz essa supervisão da aprendizagem mais próxima...você consegue trabalhar com isso e a oferecer aos professores aquilo que sua região...que sua realidade necessita.”</p> <p>“Agora na questão pedagógica eu vejo grandes avanços...ainda se eu comparar com antes da municipalização...claro que para acontecer precisou de todo um trabalho de estruturação da rede</p>

Sujeitos	Categorias	Subcategorias
	<p>“Com essa municipalização o que aconteceu os funcionários...professores do Estado foram cedidos para o município e isso trouxe alguns...não diria problemas...mas trazem algumas questões que ficam difíceis de serem trabalhadas...o professor nesse momento...eu me incluo nisso...ele é um profissional do Estado...mas ele não está no Estado...ele está no município e ele não é do município, mas ele está no município.”</p> <p>“a municipalização ajuda nisso ...porque você está próximo da escola...”</p>	<p>municipal...inclusive com plano de carreira....que não existia...com Sistema Municipal de Educação...toda uma legislação que precisou existir...para que isso acontecesse.”</p> <p>Objetivos Implementados</p> <p>“E ai quando começou da 5ª a 8ª também o município começou a gerenciar um sistema muito maior...E ai ele teve eu se estruturar para isso.”</p> <p>“Então, a partir dai que foram traçadas as ações e ai que começa a surgir a questão da formação de professores...”</p> <p>“que os professores possam ser capacitados para lidar com a aprendizagem dentro da escola. Eu acredito que o esperado era exatamente isso. Vejo que isso aconteceu...eu acredito que sim...Se nós avaliarmos a questão de antes de 1996 e depois de 1996...a gente consegue trazer uma formação para o professor mais próxima...você consegue ouvir o professor...é mais próxima esta troca.”</p> <p>“E dentro disso a SE do município...ela teve que se organizar...A partir do momento que você vai gerenciando tudo isso...você tem que ter um norte, uma linha mestra que você tem que nortear as pessoas. Então foram criados vários documentos, vários estudos para tentar normatizar essa rede.”</p> <p>“A SE fez uma opção por um curso de formação, inclusive foi a USP que</p>

Sujeitos	Categorias	Subcategorias
		<p>deu essa formação para os professores... Era feito direto para os professores...com profissionais da USP.”</p> <p>“Partiu-se primeiro de um Projeto Político Pedagógico...todas as escolas na verdade sempre tiveram que fazer...que a gente chama até hoje de PPP da escola...mas a SE tinha que ter um norte também...Então a SE ter que elaborar o seu...que enquanto SE pensava para as escolas...pensava-se para o município. Inclusive a definição de que linha nós íamos estar seguindo...o que era importante...o que a SE desejava alcançar ...a missão da SE foi um período que foi elaborado tudo isso para que a gente poder estar passando tudo isso pra escola.”</p> <p>“Tinha tudo definido...as diretrizes...o que esperava-se...isso de 2001 a 2008...Existia a definição”</p>
Diretora Paixão	<p>Municipalização</p> <p>“Na época da municipalização os professores não foram ouvidos...A municipalização foi uma decisão política acertada entre o Prefeito da época, entre o delegado de ensino e o governo do Estado. Foi imposto isso para nós...várias reuniões foram feitas e na época eu era conselheira estadual da APEOESP e eu fui uma das pessoas que lutou muito para que a municipalização não viesse. Primeiro as coisas não eram bem colocadas, nós não fomos consultados, o critério de ficar ou não ficar na municipalização...era um critério político...não avaliava a qualidade</p>	<p>Vantagens</p> <p>“O que era proposto era que o município estando mais próximo, facilitaria o acompanhamento, a sistematização, a formação dos professores, a questão da manutenção dos prédios públicos, como vinha via Secretaria do Estado...esperava-se anos para isso...A proposta era que isso proporcionaria a melhoria”</p> <p>“Quanto com a questão pedagógica considero que com o passar dos anos houve um avanço. Porque as formações do Estado eram bastante esporádicas , a nível de Diretoria de Ensino...nem sempre acontecia</p>

Sujeitos	Categorias	Subcategorias
	<p>profissional de ninguém...era uma decisão extremamente política. Tanto é que com o passar do tempo algumas pessoas foram excluídas da municipalização. E até hoje não conseguiram retornar para Itatiba e estão em cidades vizinhas.”</p> <p>“nos preocupava muito a questão da vida funcional dos professores. Porque você ficava com o seu cargo, enquanto professor com seu salário do Estado e a Prefeitura arcava com a diferença salarial do Estado para o município. Então nesse momento cada município o professor tinha um salário...porque os município onde ocorreu a municipalização a Prefeitura pagava o salário dos professores. Então com a municipalização algumas cidades recebiam uma quantia alta inicialmente e outras recebiam pequenas. Só que tudo isso que nós recebemos nunca foi incorporado no nosso salário...na nossa vida. Então nós tivemos um prejuízo de vida funcional muito grande. O Estado pagava um salário e a Prefeitura pagava a diferença...nessa diferença, qualquer licença que você tivesse você deixava de ganhar essa gratificação.”</p> <p>“quando assinou o convênio eu e mais uma outra colega fomos proibidas de assinar o convênio por uma questão política. Porque a gente reclamou muito do processo, do questionamento e houve uma investigação entre aspas, feita por parte da Diretoria de Ensino vasculhando a nossa vida. Na tentativa de encontrar qualquer reclamação, qualquer queixa, qualquer processo, qualquer denúncia...que esse seria um motivo de você não ficar na municipalização.”</p> <p>“E as clausulas da municipalização não permite por exemplo que na mudança de prefeito que tenha outra leitura...”</p>	<p>aqui.”</p> <p>Objetivos Implantados</p> <p>“E na hora que foi para o município começou um processo bacana em relação a isso. Ai se ajeitava em questão de HTPC...de horários de formação e começaram essas e com o passar do tempo houve um avanço.”</p> <p>“De 2001 a 2008 eu senti esse avanço na questão de formação. As formações aconteciam no horário de HTPC, ou no período contrário...eu acho que houve um momento de reflexão muito boa da rede sobre as propostas. Então naquele momento houve vários cursos, várias ideias, várias formações e todo mundo se alinhou a uma proposta de trabalho da Secretaria de Educação....que até então não tinha...o município tomava com da Educação Infantil...que era a pré-escola e algumas escolas rurais.”</p> <p>“foi se construindo...se retomou muito a questão do Construtivismo, mas nesse momento que se começou a surgir um documento das expectativas de aprendizagem...foi o início disso...E isso se estendeu...acho que isso avançou muito hoje...”</p>

Sujeitos	Categorias	Subcategorias
	<p>“quando coloquei que os professores não foram ouvidos...qual era o impasse que a gente vivia enquanto diretor de uma escola, onde você tinha um grupo de professores que era municipalizado e grupo de professores que era municipal...Para favorecer a municipalização os professores que eram municipalizados escolhiam aulas antes dos municipais. Isso já gerava um clima ruim...a própria jornada de trabalho era diferente...então era bastante complicado você exigir...cobrar...ou programar...ou fazer um planejamento de trabalho...por exemplo da 1ª a 4ª série da sua escola um dos profissionais fazia o mesmo trabalho com salários diferentes.”</p> <p>“Então eu acho assim...se o professores pudessem voltar atrás...se eles pudessem decidir...eles diriam não pela municipalização. Porque as administrações municipais as propostas pedagógicas passam e o professor tem o reflexo de uma vida inteira da questão salarial. Muita gente perdeu muita coisa ou deixou de ganhar...Acho que esse é um lado do professor...ele pensa na sua vida, na sua aposentadoria...no seu plano de saúde...o que você perde ...eu acho que ele diria não...Mas aqueles que conseguem...aquela parte comprometida...preocupada...aquele que não é professor...aquele que é educador ...faz toda a diferença entre ser professor e ser educador...Esse consegue ver na municipalização e na atuação dos profissionais da SE um grande avanço. É assim que eu vejo.”</p>	
Diretora	<p>Municipalização</p> <p>“Eu penso que os municípios tomariam conta das escolas e se melhoraria a</p>	<p>Vantagens</p> <p>“Eu achei que por um lado foi bom...porque pegou os professores do Estado...igualou o salário...tinha gratificação para o professor do</p>

Sujeitos	Categorias	Subcategorias
<p>Consciente</p>	<p>questão de agilidade mesmo dos problemas do município e ficaria uma coisa mais direcionada. Então os problemas daquele município seriam resolvidos com a gestão do município. Não teria que ser uma coisa que demorasse mais, porque o Estado pensa uma coisa maior...o município seria para os problemas que tem ali...na comunidade sua...o que são as necessidades do município.”</p> <p>“Foi uma das primeiras cidades do Estado de São Paulo que municipalizou todo o seu Ensino Fundamental.”</p>	<p>Estado... então conseguiu acolher os professores do Estado...e esses professores municipalizados tinham sua sala de aula dentro do município... não precisava se deslocar...porque todos foram atendidos. Eu acho que foi uma questão...para aquele momento seria para melhorar a educação...a intenção era essa melhorar a educação do município. Eu acredito que em certa parte foi bom...Muitos professores do Estado que trabalhavam em outro município estavam elogiando naquele momento a municipalização.”</p> <p>Objetivos Implantados</p> <p>“Era previsto ao meu ver...ter um currículo próprio...um documento próprio para aquele município...De 2001 a 2008 então junto com os professores foram estudando para se ter uma identidade própria ...nessa gestão foi tentada várias maneiras de se criar um currículo para aquele momento ali...eu acredito que foi conseguido...entendeu...fez muito estudo...Foram trazidas pessoas de outros municípios...algumas ideias foram trazidas de outras cidades que tinham municipalizado.”</p> <p>“Na época foi feita uma parceria com a USP...para poder trazer as formações para os professores e aí essas formações estariam trabalhando primeiro com alguns formadores...tirados das salas de aula e foram capacitados esses formadores...para que eles fossem multiplicadores do professores, dos diretores, dos coordenadores...”</p>
<p>Professora</p>	<p>Municipalização</p>	<p>Vantagens</p> <p>“com o decorrer dos anos...eu fui percebendo que parecia uma coisa boa.</p>

Sujeitos	Categorias	Subcategorias
Escritora	<p>“A princípio eu estava na rede Estadual e como professora estadual eu fiquei municipalizada...é o que se chamava na época. Passei a trabalhar no município...então no mesmo prédio que eu trabalhei 25 anos da minha vida...funcionava manhã e tarde o ensino fundamental e manhã e noite o ensino médio. E eu trabalhava nos dois, tanto municipalizada, quanto no Ensino Médio. E a princípio eu fiquei apreensiva, fiquei com muito medo da municipalização. Primeiro porque eu não conhecia o que era e segundo por causa da parte política...eu não sabia se politicamente isso ia ser bom ou não para a Educação em si.”</p> <p>“Foi um período muito complicado, conturbado...Existiram algumas reuniões...eu me lembro que eu participei de duas ou três na Câmara Municipal de Itatiba, veio um representante do Estado, representantes da cidade e todos os professores da rede para explicar o que seria a municipalização. Mas nós percebemos que já era uma coisa implantada...então isso ficou muito complicado na nossa cabeça na época.”</p> <p>“Ai tem a questão política que realmente eu sabia que dependendo do gestor...dependendo do Prefeito, do Secretário nós teríamos ai uma influência política e isso realmente aconteceu...e acontece até hoje. Eu acho que isso acontece em qualquer lugar e tem essa intervenção direta da própria cidade.”</p>	<p>Uma coisa interessante que se agiria diretamente...não teria toda aquela distancia entre o professor na sala de aula e o Estado de São Paulo....com os Secretários enfim...O que encurtaria esse caminho e que as verbas seriam colocadas diretamente na cidade. Ficou tudo mais próximo...”</p> <p>“Com a municipalização ficou muito mais próximo essa questão de formação. E ai começou-se a procurar um caminho para saber qual era a cara da Educação de Itatiba...que nunca se pensou nisso. Se pensava na Educação no Estado, mas na cidade de Itatiba...qual era a cara da Educação...Então isso começou a partir da municipalização...eu acho que isso foi um ganho.”</p> <p>“Então a gente percebeu que Itatiba começou a tomar um rumo...de uma identidade de Educação. Isso eu achei que foi positivo.”</p> <p>Objetivos Implantados</p> <p>“Enfim, no decorrer do próximo ano começaram as formações...”</p> <p>“ai entraram os PCN’s ...em ação que nós participamos...tinha muita coisa interessante.”</p>
Professora Comprometida	<p>Municipalização</p> <p>“Eu vejo assim, antes como era o Estado que controlava, era mais distante tudo o que a gente tinha que fazer...o poder estava mais longe...digamos</p>	<p>Vantagens</p> <p>“E a Prefeitura tomando conta das escolas...eu acho que ficou bem mais próximo...uma relação bem mais próxima...”</p>

Sujeitos	Categorias	Subcategorias
	<p>assim. Agora, depois da municipalização tudo que era feito na escola assim...nós tínhamos que responder diretamente para a Prefeitura.”</p>	<p>“Acredito que foi bem feita a municipalização...que acabou sendo boa. Penso que foi uma vantagem pois tudo que temos que fazer está bem próximo.”</p> <p>Objetivos Implementados</p>
<p>Professor Engajado</p>	<p>Municipalização</p> <p>“A principio eu achei muito ousado, porque a maioria dos municípios da região são de 1º ao 5º..Itatiba foi inovadora de absorver uma rede enorme de mais de 20 escolas...Mas assim, eu acredito de que quando o governo municipal...se aproxima do 6º ao 9º é somente para trazer melhorias...”</p> <p>“Eu acho que é inovador...ainda temos Prefeituras engatilhando...algumas devolvendo...como Jundiaí devolveu para o Estado... Campo Limpo Paulista entrou no processo de devolução...devolve o 6º ao 9º. O 1º ao 5º é da rede municipal mesmo...não tem como fugir...Jundiaí eu sei que devolveu...o 6º ao 9º.”</p>	<p>Vantagens</p> <p>“No caso a Prefeitura assumindo uma rede do 6º ao 9º...eu acho que só tende a trazer melhorias para a população. Diferente de uma rede Estadual, Federal que tudo é longe...no municipal não...tudo é muito próximo...os professores são do município...há uma preocupação realmente com os alunos...eu penso só nos alunos...Eu acho que essa preocupação o retorno é melhor. O retorno é melhor para a família, para a comunidade...quem ganha com isso são os alunos.”</p> <p>“Mas é diferente...a preocupação ela é diferenciada...principalmente com IDEB...com Fluxo...o conselho tutelar é mais próximo...enfim...a comunidade escolar ganha com isso...eu acho bacana...diferente do Estado.”</p> <p>Objetivos Implementados</p>
<p>Professor Realista</p>	<p>Municipalização</p> <p>“Eu acho particularmente que foi benéfica municipalização, porque o município acaba tendo um maior controle em cima da escolas. Agora com relação a parte profissional é que não sei...a gente escuta alguns professores que são municipalizados tal...que se sentiam prejudicados por essa</p>	<p>Vantagens</p> <p>“Mas em termos de alunos e para os professores que entraram depois disso...eu acho fantástico...porque fica mais fácil...a gente tem contato mais direto com a Secretaria de Educação e a própria ação deles é mais dinâmica. Eu acho que foi benéfica a municipalização do Ensino Fundamental.”</p>

Sujeitos	Categorias	Subcategorias
	municipalização...não sei parece que não tiveram muita opção...ou aceitava ou aceitava.”	Objetivos Implementados

Sujeitos	Categoria	Subcategoria
Secretário de Educação 2001 a 2008	<p>Formação Continuada “Lógico que em alguns momentos tínhamos que dar o embasamento teórico e depois tentamos ajudar em algumas necessidades específicas e se dispensava as aulas para capacitar os professores. E aqui hoje, passado algum tempo...olhando a distância eu fico pensando...o que foi aplicado de tudo aquilo? Esse é o grande problema da formação continuada...”</p> <p>“[...] a formação continuada do professor...você tem um X do dinheiro para fazer formação continuada. E fizemos, custa dinheiro, é difícil achar uma instituição...procuramos uma outra instituição e achamos a Universidade de São Paulo/ USP. Eu pessoalmente gostei muito de trabalhar com esse grupo, porque eles tinham uma qualidade...eles nos ouviam...lógico acadêmicos...pesquisadores...pessoas séries que vêm com uma proposta e que muitas vezes em cima do que a gente tinha escrito...Mas quando precisou mudar o rumo em alguns momentos em que eu pontuava...eu acompanhava todos...eles também tinham essa capacidade. Isso me deixou assim...uma pena que eu perdi o contato...mas me deixou muito feliz de poder trabalhar com essas pessoas. Pessoas gabaritadas...que nos ajudaram realmente naquilo que eu aprendi...”</p> <p>“A nossa formação continuada era constante...uma concepção totalmente mudada...de realmente fazer o acompanhamento...tarefas...leituras, né...Então, uma das prioridades foi essa do FUNDEB...”</p> <p>“Mas eu me lembro que logo que eu cheguei...o Prefeito me falou...a nossa prioridade é a formação continuada. Já que municipalizamos nós temos que dar conta...”</p>	<p>Valorização dos Profissionais “Uma outra coisa que nós fizemos foi valorizar o professor que capacitava para a série...então eu me lembro que o PROFA...as professoras faziam o PROFA de 180 horas, para as vantagens de carreira, mas não queriam pegar a 1ª série... então, baixamos várias leis...” “Segundo era realmente manter a folha de pagamento...isso é uma coisa que você tem que ter compromisso com as pessoas...Porque o dinheiro vem, mas se você não souber gastar direito...ele acaba!”</p> <p>“E nesse momento nós pagávamos...eles eram remunerados para ir para a capacitação, mas cortamos isso no decorrer do processo. Porque a gente percebeu que o professor não valorizava isso.”</p> <p>“Olha o retorno...eu vi em muitos professores...coisas boas...Então eu vi que para muitos professores a formação continuada ajudou...Outros camuflaram...e outros não mudaram uma vírgula...”</p> <p>“E esses que não mudaram foram os que mais criticaram e continuam criticando...porque pra eles nem aquele estava bom...nem esse está bom...nem o próximo estará bom...E vejo com uma certa tristeza...muita gente querendo sair da sala de aula. Então se ele puder agradar politicamente...e isso é uma outra perversidade da municipalização...e ter um cargo...é tudo que ele quer...”</p> <p>“[...]o que que a gente tinha para valorizar ...dar condições de trabalho...não conseguimos financeiramente...Era uma política, da qual</p>

	<p>“a capacitação...ela tinha três eixos: o primeiro era uma formação geral ...era para todos os professores...discutir educação...e aí vieram vários grupos...Grupos grandes...pessoas adequadas outras não...mas essa era a concepção do papel da escola, do Projeto Político Pedagógico ...de reflexão...Eram encontros para todos de uma maneira reflexiva. No segundo momento era então, por áreas: ciclo I, Língua Portuguesa, Matemática...todas ...Ciências, História, Geografia...”</p> <p>“E o terceiro módulo era que as escolas levantassem temas específicos que elas sentiam necessidade e aí...esse grupo se dividiu da USP e foi às escolas trabalhar os temas que elas quiseram.”</p> <p>“Então foram três grandes eixos...e aí tivemos alguns...criamos um da Educação Especial...um Fórum da Educação Especial refletimos e trouxemos pessoas...encontros... foi muito bom...Trouxemos um para diretores de escolas e eram módulos...eu me lembro que no último módulo da nossa gestão era análise de filmes e uma reflexão...Trouxemos para toda a equipe da SE, tanto para supervisores, quanto para assistentes pedagógicos, orientações de como fazer esse trabalho de observação de sala de aula...Como dar devolutivas...e até hoje nós no Estado temos uma resistência e eu aprendi muito com a Assessora que veio...Então foi esse o boneco da capacitação que a gente deu.”</p> <p>“Olha o primeiro eixo a USP nos apresentou e nós acatamos...Ela veio com a reflexão da Educação...Projeto Político e Pedagógico. O segundo aí já era uma questão do currículo...então, ao chamar algumas pessoas a gente foi vendo essa questão da Matemática, da Língua Portuguesa, de Ciências...cada disciplina tinha um especialista...de Inglês, Educação Física...que era um grande problema...é um problema a Educação Física a mudança da formação do professor ...Então daí, esses especialistas pessoas que tinham livros publicados, específicos das diversas disciplinas eles nos apresentaram e nós batemos o martelo. E o terceiro a escola levantou...Então, foi a USP...e alguns foi a gente que solicitou e outros foram as escolas.”</p> <p>“Um grande desafio era ir até as escolas...uma das coisas que eu sinto na formação continuada é a falta de monitoramento...de acompanhamento...Por isso que não dão certo as políticas públicas e cada um quer inventar uma coisa...”</p>	<p>eu fazia parte que se tinha outras prioridades...Construir escolas, repassar dinheiro, reformar...”</p> <p>“Nós tivemos outra prioridade...mandar material para as escolas...essas coisas...Então, financeiramente...eu não consegui. Agora, eu acredito...não sei se eu consegui...que na hora que você capacita esse professor e ele vê esse menino aprendendo...você está dando uma contribuição.”</p> <p>“Na hora que você tem um projeto piloto numa escola... fizemos depois com a Fundação Ayrton Senna, Ana Moser...e você tem o parceiro...mas você tem que por uma parte do dinheiro...você está dando condições para aquelas crianças aprenderem...”</p> <p>“Quando você implanta a retomada da Educação Artística...da Educação Física no ciclo I...e Inglês...é sinal que você está ajudando.”</p> <p>“Então, eu acredito que a valorização era na verdade no nosso tempo de dar essas condições para o professor.”</p>
--	--	---

	“E esse era o desafio nosso...do monitoramento.”	
Secretária de Educação 2009 a 2012	<p>Formação Continuada</p> <p>“Nós assumimos um processo já em franco desenvolvimento , com história, com um documento curricular construído sim, com assessoria de profissionais que deram formação a professores multiplicadores. Nós temos uma história de formação...uma história de desenvolvimento...uma série de coisas...”</p> <p>“Olha o processo formativo que partiu do diagnóstico tanto da aprendizagem do aluno, quanto como do diagnóstico da situação do professor. Colocando essas duas situações em diálogo promoveu momentos de formação...pontos formativos...cursos...oferta de atividades...Enfim, atividades que possibilitassem ao professor...um crescimento pessoal e profissional...de modo que ele aproveitasse esse enriquecimento para sua ação direta na sala de aula.”</p> <p>“[...] avaliamos, identificamos o que os professores queriam... O que eles enxergavam? Que necessidades eles sentiam? E nós fomos buscar em nomes...em especialistas...em pessoas que tinham um trabalho reconhecido...E algumas das vezes profissionais indicados pelos próprios professores.”</p> <p>“Nós definimos sim a leitura e a escrita como linha mestra de todas áreas do conhecimento, mas para cada área tinham especialistas e professores nossos daqui da rede como líderes...para multiplicar esse conhecimento...acompanhar...fazer visitas em loco...formações constantes a cada quinze dias...isso é muito importante de se falar...foi um processo intenso e chegamos a construir...sequências didáticas com os professores...planos de aula...para que eles pudessem desenvolver e se desdobrar o currículo em ações para o dia a dia da sala de aula.”</p> <p>“Mas fundamentalmente partindo da percepção que nós tínhamos do que os professores sentiam daquilo que viviam na prática da formação e da realidade de sala de aula.”</p>	<p>Valorização dos Profissionais</p> <p>“Em termos de valorização do magistério nós trabalhamos bastante em questão da participação dos professores também, sempre numa abordagem dialogada, democrática, por mais que os professores reclamem...façam que o processo não foi democrático...ele foi...nós temos depoimentos...atas que mostram a participação efetiva de representante das categorias de vários representantes da sociedade itatibense. Então nós fizemos a construção do novo plano de carreira.”</p> <p>“Porque o avanço pedagógico também depende do reconhecimento social e financeiro do trabalho do professor...das condições...carga horária...condições de estudo...de locomoção...Enfim, todas as condições de valorização financeira, do reconhecimento do seu trabalho e a parte pedagógica.”</p> <p>“[...] o FUNDEB hoje, nesses últimos anos ele tem sido usado exclusivamente, para a folha de pagamento. Porque nós investimos bastante na valorização do magistério...desde a Creche até o 9º ano.”</p> <p>“A construção da Política Curricular valoriza...é um reflexo da valorização do professor...reconhecimento que ele é um profissional importante...que tem potencial... que pode fazer coisas diferentes.”</p> <p>“[...]Jeu acredito que foi grande a valorização...se a gente pegar o salário o quanto que era... as formações...os eventos...mas ainda o professor é insatisfeito...Então, a gente fica sempre, sem um retorno da satisfação do professor...o professor vai ser um eterno insatisfeito. Tem muita gente que vem...que agradece...que fala que agora tem um terço...que tem gratificação por mérito...tem a licença prêmio em pecúnia...têm vários benefícios que não tinham, que agora têm...Agora têm uns que se calam...uns que continuam reclamando...mas você pode dar o mundo e fundo...e vai ter gente descontente.”</p>

	<p>“Então o trabalho com a interdisciplinaridade foi muito interessante em 2011...foi um ano intenso de discussões de reuniões quinzenais com os professores do 6º ao 9º de todas as áreas do conhecimento, a fim de buscar sentido para aqueles conteúdos do 6º ao 9º buscando a interdisciplinaridade.”</p> <p>“como já falado inicialmente a rede já tinha um histórico de formação...teve formações filosóficas, sociológicas...políticas...Mas nós percebemos a necessidade grande do professor de querer discutir sobre o que fazer na sala de aula...o seu “metie”, o seu dar aula. O que vai trabalhar.”</p> <p>“[...] aqui infelizmente a equipe de coordenadoras é rotativa...e todo ano a gente começa do zero, com formações para coordenadoras e eles têm que se inteirar de todas as propostas, de todas as formações pra poder acompanhar o trabalho dos formadores...esse é o trabalho...é um desafio...é um problema que nós temos que encarar”</p>	
Supervisora Sabedoria	<p>Formação Continuada</p> <p>“E o grupo da FAFE/ USP eu me lembro bem de ter participado enquanto coordenadora em 2001, 2002, até 2008 nós tínhamos esse grupo de formação...não só para professores, mas para gestores. Eles iam pra escola e cada escola discutia uma temática que achava importante. Após as formações com a USP nós voltamos o nosso olhar para a escola. E cada diretor com seu grupo elegeu um tema...eu me lembro de temas transversais, de valores, gestão democrática...E eu me lembro muito bem, quando a formadora trouxe a fala do Profº Vitor Paro – das dificuldades internas e externas de uma gestão democrática.”</p> <p>“Acho que foi o momento mais rico da rede...Esse momento de conhecimento...Depois desse momento inicial...que eu acho que plantaram-se as sementes e ai começou a mexer a terra e ai nós começamos a perceber isso serve pra nós e isso não serve pra nós. E lembro de vários embates de professores com os formadores e ai a rede começou a crescer e a querer alguma coisa própria. Então não servia mais um formador...alguém externo só trazendo alguma coisa...Então num segundo momento o formador da USP trazia para o</p>	<p>Valorização dos Profissionais</p> <p>“[...] como municipalizou...na municipalização você trata de vários sujeitos...têm algumas pessoas que consideram a valorização somente na questão do dinheiro ...então eu vou ganhar mais...então sou valorizado...”</p> <p>“Para mim, eu penso que valorização é você conseguir colocar as suas opiniões as suas ideias...É você ter o reconhecimento do seu trabalho...Você ter alguém que vê o que você faz...Isso pra mim é valorizar...Você ser percebido...”</p> <p>“[...] além...lógico das condições materiais, das condições físicas que você tem que ter, os recursos que você tem quer ter para você poder desenvolver uma boa aula. Mas ser valorizado, também é você ter condições de estudar, você ter espaço de estudo, você ser agraciado mesmo com cursos que possam fazer parte de seu crescimento...enquanto profissional. Eu vejo vários movimentos nesse sentido...Acho que não está acabado precisamos mais ainda...de voltar a ter mais encontros de</p>

	<p>formador da rede esse formador da rede passava para os professores.”</p> <p>“[...] a começar pelo HTPC que foi um pedido da rede...dar um novo significado para o HTPC como um horário de estudo, com horário de formação.”</p> <p>“Não posso esquecer de dizer também da construção da prática do olhar do coordenador ...do trabalho dentro da escola...foram feitas várias reuniões para dar significado ao papel. A princípio nós não tínhamos definido o papel do coordenador...Quando fui coordenadora eu não tinha uma definição do que era realmente o meu papel.”</p> <p>“Eu acho que começou na gestão anterior...vejo no trabalho enquanto supervisora eu acompanhava as pautas dos coordenadores...eu acompanhava os registros de HTPC's já tinha um movimento de formação dos próprios formadores, com o coordenador...passando a formação dos professores...orientando na forma como eles tinham que acompanhar a escola e dar as devolutivas.”</p> <p>“E na gestão de 2009 a 2012 foi mais sistematizada....vejo que depois de 2009 nós tivemos uma sistematização dos conhecimentos...produzindo documentos...pautas...produzindo orientações do papel de cada um...antes momento de construção e depois como um momento de consolidação. Poderíamos dizer que hoje nós estaríamos num momento de avaliação e de reorganização. É um movimento contínuo...você vai, volta e reorganiza...está faltando esse movimento agora.”</p> <p>“[...]quando nós colocamos os professores da mesma disciplina dialogando e depois levando para a escola o diálogo das formações. Então como eu já disse...quando você coloca professores da mesma disciplina você fala a mesma linguagem...você consegue traçar em termos de rede...um currículo...uma linha...um trabalho a seguir e nessa troca um aprende com o outro.”</p> <p>“Volto a falar que o fato da rede não ter um coordenador que dê continuidade e na escola não ter alguém que fique vários anos...ele quebra essa corrente. Porque até um outro coordenador chegar e fazer esse alinhamento vai demorando.”</p> <p>“Então, a partir de 2009...foi um momento de sistematizar, de ter um olhar mais</p>	<p>discussão...de formação...trazer agora, talvez mais pessoas de fora...trazendo mesmo as novidades das universidades...das grandes pesquisas, porque isso alimenta a nossa prática...ela dá sentido à prática.”</p>
--	--	---

	<p>profissional...porque nós começamos a fazer a partir de 2005 e nós não discutíamos resultados nem de IDEB...nem de IDESP...Então a partir de 2009 de olhar os resultados de perceber a nossa escola...a produção de nossos alunos...ai nós começamos um movimento de profissionalização dos dados até...”</p> <p>“Depois nós trabalhamos muito a linha Construtivista...muito Piaget...muito estudo nessa linha...de construção do aluno...Mas eu tenho certeza que não foi bem apropriada pela rede...Acho que tivemos vários equívocos nessa tentativa de se colocar o Construtivismo na escola de 2001 a 2008...”</p> <p>“De 2009 para cá...eu vejo uma linha mais Sociointeracionista uma linha que você vai buscar o social...que vai discutir...a contextualizar...Preocupação com o espaço...com o aluno...com a realidade do aluno...com esse propiciar momentos de trocas. Mas volto a falar que é uma concepção que precisa ser estudada...precisa ser aprofundado...”</p>	
Supervisora Encantada	<p>Formação Continuada</p> <p>“E eu cuidava também da Oficina Pedagógica que nós tínhamos aqui no município...que era o lugar onde aconteciam as formações. Nela nós tínhamos profissionais da rede afastados para exercer papel de formadores...tínhamos formadores da 1ª a 4ª (1º ao 5º) e também das disciplinas específicas da 5ª a 8ª (6º ao 9º).”</p> <p>“[...]a Universidade de São Paulo que apresentou um plano de trabalho que veio ao encontro do que a rede esperava. Então foi feito um projeto de capacitação, de formação de professores, gestores, da SE, enfim todo mundo empenhado num único objetivo...que era a melhora da qualidade de ensino. Esse projeto de formação... ele envolveu seis fases: a primeira fase envolveu todo mundo...todo mundo se debruçando sobre o Projeto Político Pedagógico...era um embasamento teórico para que realmente esse PPP ocorresse. O que queríamos? Qual era a concepção da rede? Qual era a linha filosófica? O que acreditávamos? E para isso a gente precisava de teoria...Então nesse primeiro momento foi o</p>	<p>Valorização dos Profissionais</p> <p>“Sempre se busca essa valorização...busca valorizar o professor...e nós sabemos que sem o professor nada disso acontece...não adianta você ter um currículo estruturado, você ter uma SE com formadores, um projeto de formação excelente...se você não tem o professor envolvido em tudo isso. Então sempre se buscou pela valorização do professor.”</p> <p>“Então o professor nesse momento de Brasil...ele é muito desvalorizado na verdade...ele é desvalorizado pelos pais, pela escola...ele é desvalorizado por todo mundo. E a partir do momento que a gente conseguir que esse professor acredite nele...que ele faz a diferença na vida do aluno...ai sim, nós vamos ter um professor realmente...envolvido...empenhado...e realmente satisfeito com aquilo que ele faz.”</p>

	<p>embasamento teórico, para que essa proposta pedagógica pudesse estar sendo estruturada. Num segundo momento os professores e as equipes gestoras foram divididos, conforme seu segmento...Então PEBI com PEBI, os PEBII cada um com sua disciplina e as equipe gestoras num outro grupo. O que eles trabalhavam nesse momento...nesse momento eram os conteúdos...Então baseados naquela teoria toda...dentro de cada disciplina como poderia estar trabalhando aquela teoria toda. O que era importante de tudo aquilo. E as equipes gestoras em como estar gerenciando...como estar administrando todo o trabalho dentro da escola...Já num terceiro momento isso foi para a escola mesmo. Então o que que nós tivemos...nós tivemos aí...cada escola definindo o que era importante trabalhar...Então dentro de uma determinada escola o que era importante ser tratado...dentro da realidade de cada escola. Para isso foi feito um levantamento que chegou até a SE e a formação passou a ser dentro da escola, com aquele tema que a escola precisava.”</p> <p>“Os formadores iam também até a escola...no grupo da escola para estar fortalecendo esse trabalho”</p> <p>“E num último momento a formação passou para o Núcleo de formação continuada...Então as Assistente Pedagógicas recebiam essa formação, para poder estar passando para os professores. Então, qual era o foco nesse momento...Nesse momento era a avaliação, eram as estratégias de formação e definindo índices para que a gente pudesse identificar o desempenho...aonde tudo isso estava levando...Essa foi a última fase dentro das formações.”</p> <p>“[...]veio o Fórum de Educação Inclusiva para estar trabalhando com alunos da inclusão...Ocorreram grupos de formação com esse foco...”</p> <p>“Tivemos mais parceria também...trabalhando as questões da leitura da escrita...que permeiam todo esse desenvolvimento escolar. A ideia era fortalecer a equipe, para que a equipe pudesse estar fazendo essa formação dentro da escola.”</p> <p>“A formação de coordenadores...porque tínhamos que formar os coordenadores, pois eles se transformaram em coordenadores de repente. Os diretores se transformaram em diretores, alguns com experiência do Estado...mas muitos</p>	
--	---	--

	<p>não.”</p> <p>“Inclusive a própria supervisão...que na verdade eram professores ou diretores que foram municipalizados que passaram a exercer a função de supervisores, mas que também tinham que aprender a ser supervisores.”</p> <p>“Chegamos num último estágio da USP que era a prática...chegamos no como fazer...Já sabíamos o que queríamos...já sabíamos o que precisa ser feito... agora como fazer...Ai sim, na questão do professor como ele ia fazer tudo aquilo acontecer na sala de aula. E esse era o foco até o final de 2008...quando encerrou essa administração.”</p> <p>“Vejo que nessa época 2001 a 2008 foram elaborados vários documentos...para sistematizar essa questão da formação.”</p> <p>“E ai começamos com o documento 1,2,3...esses documentos iam normatizando essas questões. Então nós tivemos esse documento que definia a formação de salas, tivemos outro com a questão do Projeto Político Pedagógico que norteava essa questão humanista, filosófica...o que aquela escola acredita naquele aluno...Tivemos um momento de implantação das aulas de Educação Física, de Educação Artística de 1ª a 4ª série...do 1º ao 5º ano agora...Também houve um documento que normatizou tudo isso...a interação do professor da sala com esse professor especialista...O documento 4 ele normatizava a questão da alfabetização...”</p> <p>“[...]no Núcleo de formação...existiam as reuniões com as ATs...elas faziam as formações e ouviam diretamente dos professores e dali via o que era necessário estar trabalhando com eles.”</p> <p>“Eu acho que a questão do trabalho com a leitura e escrita foi bastante forte...apesar da rede ainda ter muita dificuldade com essa questão.”</p> <p>“Então nós tínhamos nessa época um acompanhamento nas escolas...então...acontecia o conselho nas escolas tinha sempre um representante da SE...para que na volta...voltar com as impressões daquele conselho...quais eram os problemas que aquela escola estava atravessando...o que aquela escola</p>	
--	--	--

	precisava para poder avançar...”	
Diretora Paixão	<p>Formação Continuada</p> <p>“As formações...muito bem, ou mais ou menos...razoavelmente elas ocorreram...De 2001 a 2008...eram separadas por áreas, depois por disciplinas... A SE tinha os formadores que faziam essas reuniões e muitas coisas eram discutidas ali. Tinham alguns momentos que eu achei muito interessante...como por exemplo os relatos de experiências bem sucedidas. Depois de um tempo na área de Matemática teve muito isso, professores da rede que trabalhavam e davam aquelas propostas ou que criaram algumas metodologias, algumas práticas e eles apresentavam essas propostas.”</p> <p>“Teve muita reflexão. De 2001 a 2008 teve a formação de diretores que eu participei com a USP.”</p> <p>“De 2009 a 2012 o processo só seguiu...foi quando de fato começou a discussão do currículo.”</p> <p>“Acho que a ação efetiva que teve foram as formações para os professores e para os coordenadores.. O que exatamente é a função de coordenador...de assistir aula de acompanhar...de orientar...de verificar se aquilo que eram tratado nas formações se de fato ocorriam na sala de aula. Foi o momento que começaram as avaliações diagnósticas, começaram também as avaliações externas...”</p> <p>“Acho que foi um marco importante a partir 2009 a presença constante dos formações dentro das escolas. Eu senti uma disponibilidade maior dos formadores estarem indo para a escola...sentar com o professor...acompanhar...Eu acho que foi um avanço pedagógico muito grande...”</p> <p>“O que marcou para mim a partir de 2009 foi a mudança de postura muito grande do professor de Educação Física. Aquilo que era trabalhado na Educação</p>	<p>Valorização dos Profissionais</p> <p>“Eu acho que nas duas últimas administrações...eu acho que as questões pedagógicas da escola ela foi levada com seriedade. Eu acho que tivemos um grupo de profissionais bastante capacitados, capazes, envolvidos, com a questão pedagógica.”</p> <p>“Acho que se tem um currículo hoje...foi um trabalho...muito sério...de dedicação...Nem é da SE...mais de algumas pessoas...isso ficou muito claro...algumas pessoas deram o sangue para sair esse currículo.”</p> <p>“Quanto a valorização dos professores acho que temos muito a caminhar...muito...muito...muito...Acho que só o pedagógico, a estrutura pedagógica, o currículo...só isso sem a valorização profissional, salarial, formação ...não caminha sozinha...Ainda temos um longo caminho a percorrer...”</p>

	<p>Física de 2001 até 2008...mudou completamente a Educação Física depois de 2009...O foco da Educação Física que era ir para a quadra e dar uma bola e deixar a criança...Mudou muito...muito...muito, com a questão de espaço, questão lúdica...mudou muito a prática do professor.”</p>	
<p>Diretora Consciente</p>	<p>Formação Continuada</p> <p>“Então de 2001 a 2008 eu lembro que muitos professores chegavam na escola comentando que gostavam das formações...que era um momento que eles podiam trocar, que eles encontravam com outros, às vezes o horário não era tão adequado...depois no outro ano eles pensavam melhor...trocavam um pouco o horário...saíam da sala de aula e colocava substituto...então isso às vezes prejudicava um pouco...Mas a questão do que eles traziam...eu acredito que contribuía sim...eu acho que não teve nada que não fosse coerente...Nenhuma das formações foram invalidas...nas duas gestões.”</p> <p>“Então, a partir de 2001 a 2008 começou a preocupação com a inclusão...”</p> <p>“Então para os temas a gente tinha essa autonomia de sugerir...Isso aconteceu tanto em uma gestão...enquanto em outra...”</p>	<p>Valorização dos Profissionais</p> <p>“Eu acho que o profissional ele está sim sendo valorizado...Teve agora o Plano de Carreira, apesar que não foi totalmente bom...não sei se por questões políticas...É preciso ter mais estudos sobre isso...ter um outro olhar para o professor, porque ao mesmo tempo o que critico...tem professor que dá o sangue pela escola e não está sendo valorizado.”</p> <p>“Eu sempre falo o professor é o único que atende 20 ao mesmo tempo...você vai ao médio...psicólogo...ele vai atender você sozinha...O professor não...você tem que estar ali...atendendo todo mundo...Então eu acho que tem que se valorizar muito o professor. Não sei de que forma...eu acho que está se construindo caminhos...”</p>
<p>Professora Escritora</p>	<p>Formação Continuada</p> <p>“Na gestão de 2001 a 2008 eu percebi uma preocupação grande da Secretaria da Educação Municipal de fazer uma formação continuada desses professores. E aí houve formação com o pessoal da USP. Então vinham os professores da USP, essas reuniões eram assim constantes...eu me lembro que nós fazíamos uma semana de formação antes de começarem as aulas e todos os professores participando. Era o pessoal da USP que agia em cada disciplina...então os professores foram separados por disciplinas, algumas eram por áreas...isso era interessante também, pois nós sabíamos dentro da própria área a ligação entre as disciplinas e a parte pedagógica.”</p>	<p>Valorização dos Profissionais</p> <p>“Isso é uma questão histórica...infelizmente o profissional da educação ele não é valorizado...mas isso é histórico no Brasil...no país...infelizmente...”</p> <p>“Então eu penso que a questão da valorização de ouvir o profissional...eu acho que nós temos uma certa abertura...de forma geral no município. Agora valorizar o profissional em sala de aula...eu não vejo essa valorização tão crescente assim...não é tão diferente de uma gestão para outra...não vejo...”</p>

<p>“[...]depois nós tivemos várias formações também...que eram do PPP (Projeto Político Pedagógico) então nós estudávamos o que era um PPP...Algumas reuniões na própria escola...mas a maioria no Núcleo de Formação...que se chamava Oficina Pedagógica. Foi interessante também...nós não sabíamos o que era um PPP...formato...como fazer...e trabalhava em todas as instâncias...tanto os professores, quantos os envolvidos nesse processo...os pais, os funcionários, os gestores...isso foi bastante interessante.”</p> <p>“Era muito difícil reunir todos os professores...por conta do próprio trabalho...muitas aulas...Surgiram então os HTPC’s...mas era ainda muito pouco tempo...”</p> <p>“Eu acho que o nível das formações que nós tivemos até 2008...desse pessoal que veio com uma proposta de fora...o pessoal da USP...o pessoal da Universidade de Brasília...foi um ganho sim...foi muito positivo...Porque nós vislumbramos assim, uma forma diferente...agradável de trabalhar com a Educação e de trabalhar dentro das disciplinas...isso foi efetivo...foi um ganho efetivo que nós tivemos.”</p> <p>“Essas formações mudaram muito a minha prática de sala de aula...eu penso que sempre está se reciclando...se modificando e eu percebo isso e o aluno percebe essa diferença...e ele gosta dessa diferença.”</p> <p>“Até 2008 essas discussões todas com esse pessoal que vinha de fora...foi realmente uma coisa que eles trouxeram para a cidade...que seria interessante...explicavam como deveria ser colocado. Nós recebíamos uma apostila dessas formações...de cada formação...com cada profissional...nós tínhamos uma apostila...era encadernada, entregue para o professor...o material já vinha pronto...”</p> <p>“Acho que foi um ganho...nós somos muito ouvidos nessa formações...as formadoras elas têm uma abertura grande para discutir algumas coisas...algumas dúvidas...são muito abertas. Pra que todos possam opinar...para que todos possam opinar...acho que foi um ganho em 2012...”</p> <p>“[...]embora eu acho que até 2008 nós tivemos formações excelentes que nunca</p>	<p>“Eu percebo na administração mais recente...um certo endurecimento em relação a valorização do professor...eu não acho que o professor é valorizado como deveria. E isso eu também considero que é a questão política. Acho que a política pública ela não valoriza o profissional...e isso é no Brasil inteiro e em Itatiba não é diferente...”</p> <p>“Eu sei que a Educação faz parte da política...eu sei disso...e tem que fazer...mas ela tem que ser valorizada...num nível muito diferente do que está hoje...eu penso assim...”</p>
--	---

	<p>mais nós tivemos...profissionais excelentes favorecendo encontros com escritores...com o pessoal da USP...o pessoal de Brasília...excelente...a maneira de trabalhar conosco...nós tínhamos contato direto com os formadores dessas instituições. Nós tivemos formações muito produtivas até 2008...eu acho que foram essas experiências que nos deu bagagem para que nós implantássemos o currículo...sem dúvida...”</p>	
<p>Professora Comprometida</p>	<p>Formação Continuada</p> <p>“Nós tivemos cursos com a USP de 2001 a 2008. A USP veio para Itatiba para aplicar curso...as vezes era na escola...não tinha aula e a gente fazia formação...as vezes era em momentos separados...Tratávamos sobre o currículo...que na verdade a gente tinha que construir...a gente não tinha construído. Era muito solto....digamos...as pessoas trabalhavam aquilo que elas achavam dentro daquela série, mas assim, quando havia mudança de um aluno para outra escola...percebia-se muita diferença no trabalho...trabalhavam conteúdos diferentes...e não era baseado em gêneros era bem diferente nesse sentido.”</p> <p>“O curso de Língua Portuguesa não era tão bom, quanto a formadora de Inglês...ela parecia ser mais próxima dos professores no sentido de perceber mais como era a realidade da sala de aula. Porque as vezes eles vêm com a teoria, mas na prática não é bem daquele jeito que funciona.”</p> <p>“Eu me lembro que em 2001 nós íamos para as formações (com a USP) aos sábados...muita gente nem gostava...porque eram aos sábados...mas tinha certificação...então o pessoal fazia por conta do ponto. Depois quando eles fizeram em horário de aula o pessoal...gostou...porque daí era um período que a gente estava descansado...que você vai lá...e pode se concentrar...naquilo que eles querem passar...eles falavam muito sobre situações problemas na escola...não era só o currículo que era falado nessa época da USP.”</p> <p>“E daí a partir de 2009, a gente ia no horário do HTPC...era um período assim, que a gente estava mais cansado...Mas mesmo assim, é produtivo...porque a formadora era excelente. Então ela trazia muitas dicas legais...dicas que uso até hoje...inclusive...E essas discussões acabaram fazendo que a gente fizesse o</p>	<p>Valorização dos Profissionais</p> <p>“Eu acho que de 2001 a 2008 nós fomos valorizados até certo ponto...pois nós tivemos formações.”</p> <p>“Mas após 2008 em 2009 eu percebo uma maior valorização do professor, porque foi levado em conta...aquilo que a gente pensava...na hora de fazer as formações. Como eu já disse no momento de construir o currículo...nossa participação foi bem maior...”</p>

	<p>currículo.”</p> <p>“Eu senti muita mudança no meu trabalho com os alunos...principalmente com os gêneros textuais...mudou muito a minha prática...se comparar como eu trabalhava anteriormente. Então muitas vezes eu trabalhei a gramática pela gramática...porque eu não sabia como trabalhar de um jeito diferente...Hoje a gente insere a gramática no texto...é contextualizada...mais assim, eu fazia da maneira que eu tinha aprendido na escola.”</p>	
Professor Engajado	<p>Formação Continuada</p> <p>“No começo nós tivemos formação bem específica da área com professoras formadoras...depois veio a USP. Eu lembro que tínhamos com um pessoal da USP para a EJA...foi muito bom...”</p> <p>“Nesse período (2001 a 2008) nas formações nós discutíamos atividades extras, a fim de mostrar para os alunos diversas formas de apresentar o conteúdo, jogos...sempre preocupando com o conteúdo...porque a gente tem também as avaliações externas que medem a rede.”</p> <p>“Mas eu acho que na 2ª gestão (2009 a 2012) o trabalho foi mais fechado...eu acho que sem querer...continuou o trabalho da 1ª gestão...porque a 1ª tinha que colocar uma rede em ordem...tinha que fazer o Regimento Escolar acontecer...se preocupar com o concurso público...os projetos...tinha vários olhares, mas faltou talvez aí um fechamento...Porque na de 2009 a 2012 deixou bem claro é assim que nós vamos trabalhar. Tanto é que já colhemos muitos frutos...”</p> <p>“Então na 1ª gestão (2001 a 2008) o curso da USP tinha vários temas e a gente escolhia...que tema a gente se dedicava para fazer...eu me lembro também que por escola os professores escolhiam de acordo com a realidade...Parava-se um dia de aula com a USP para estudar...era muito legal...bacana...o Drº da USP ia até a escola. Tivemos palestras maravilhosas...”</p> <p>“Na 2ª gestão (2009 a 2012) nós tivemos a participação dos professores da USF (Universidade São Francisco) e assim destravou muita coisa ajudou muito. A formadora dava muitos links, sugestões de acordo com a realidade...era</p>	<p>Valorização dos Profissionais</p> <p>“Na primeira gestão a gente sempre foi valorizado financeiramente...sempre teve aumento ano a ano...as gratificações...mas não se teve uma preocupação com o plano de carreira...não se teve.”</p> <p>“Na segunda gestão...eu vou falar pra você assim...no começo foi difícil...porque era um novo Prefeito, mas teve depois uma preocupação no plano de carreira, mas esse plano de carreira...minha filha...foi um tiro complicado...estava de uma forma...depois finalizou de outra forma...todo mundo participou...tinha as comissões...Mas assim...eu sinto que teve uma mudança no fechamento dele...”</p> <p>“A jornada de trabalho (gestão 2009 a 2012)...ela ficou um pouco melhor sim...tem horário de formação, mas poderia ter sido melhor....poderia ter sido melhor sim! Entre as duas gestões posso destacar como valorização o espaço de formação dentro do horário de trabalho...isso é muito diferente. O espaço de formação ...você senta...vê seu semanário com mais atenção...trocar ideias com seus colegas de área...a pelo menos a cada uma semana...ou duas semanas...isso é muito bom...”</p>

	<p>fantástica.”</p> <p>“As duas gestões tiveram situações positivas...mas cada uma em seu período. Como eu disse a 1ª estava construindo uma rede...e a 2ª a rede já estava pronta era só tocando o barco pra frente...”</p>	
<p>Professor Realista</p>	<p>Formação Continuada</p> <p>“As formações eu acho que elas são importantes a partir do momento que você começa a direcionar o trabalho realizado. Eu falo isso na minha área na Educação Física a gente brinca...a gente fala que tem uns professores que eram os “rola bola”...então chegam na aula...não prepararam nada...não sabe o que vai fazer...então simplesmente joga a bola para a molecada...é futebol de manhã, à tarde, à noite e de madrugada...tá tudo certo...Não tem uma supervisão vamos dizer assim, mais direta...e ninguém sabe o que está acontecendo...e de repente pode até ser escrito qualquer outra coisa no diário de classe...como se estivesse fazendo um trabalho fantástico e na verdade não está fazendo nada.”</p> <p>“Então as formações que antigamente eram mais esporádicas...eram mais direcionadas para determinados esportes...”</p> <p>“De 2001 a 2008...eu participei de algumas formações da USP...depois eu me afastei para o projeto já citado...e participava das formações de lá...Pelo projeto a gente fez um ano de formação, para poder implantar o projeto aqui depois. Então as primeiras formações eu não participei muito...As formações da USP aconteciam no Núcleo de Formação...então tinha muita teoria...nessas primeiras...pelo menos nessas que eu assisti.”</p> <p>“Então eu professor acho que de 2009 a 2012...não menosprezando as anteriores, mas acabam sendo mais validas para nós, porque pelo menos é o que a gente escuta nessas formações que os professores sentem muita falta dessa parte prática. Não adianta você implantar um currículo...vamos fazer dança...como? Se eu não sei dançar como eu vou ensinar o meu aluno a dançar? Se eu não sei uma parada de três apoios ou uma parada ou uma parada de mão...como eu vou ensinar o meu aluno a fazer? Alguém tem mostrar para ele para ter uma ideia pelo menos...para ele ver o que está fazendo de errado ou não. Então por isso</p>	<p>Valorização dos Profissionais</p> <p>“Olha eu acho particularmente que eu como profissional...eu me valorizei...através das formações, de todo estudo que a gente faz...do próprio projeto que eu participei...onde eu evolui bastante o meu trabalho...trouxe isso depois pra sala de aula...eu acho isso muito legal...Mas acho que ainda falta um pouquinho não só aqui, mas no país inteiro a valorização do profissional...do professor como profissional...ai a gente não tem...”</p> <p>“Agora a valorização e reconhecimento desse trabalho...ainda não teve...”</p>

	<p>que eu acho que hoje em dia tá mais específico...mesmo a gente tendo parte de teria dentro das formações, mas não é uma área tão grande ...a gente acaba indo mais para a parte prática mesmo...foi uma montagem de unidade didática...como trabalhar...o povo não está acostumado com isso...”</p> <p>“É como eu falei...eu tive essa facilidade porque desde 2006 ou 2005 quando a gente começou a formação para poder trabalhar no Projeto Mais que Esporte...a gente já aprendia lá a fazer unidade didática...”</p> <p>“As formações de 2009 a 2012 aconteciam quinzenalmente de terça e quarta...quem não podia num dia...ia no outro no horário do HTPC, onde era debatido esse currículo e tudo que era conversado a formadora compilava tudo e ai sim saiu o documento de Educação Física.”</p> <p>“Então inicialmente na primeira parte (2001 a 2008) foi o pessoal da USP que veio pra cá fazer a formação...Então era noturno...se não me engano no Centro de Formação e das que participei não eram separadas por área...”</p> <p>“Eu acho que a Educação Física...mudou...inclusive os profissionais novos eles são mais abertos, para tudo isso que está sendo feito...porque é trabalhoso...você estudar...você fazer a unidade didática...você colocar as expectativas...você pensar em como você vai avaliar aluno...o que você vai avaliar do aluno ...se a sua atividade contempla o que você está querendo avaliar...se contempla as suas expectativas... E o pessoal mais antigo é contra isso...”</p> <p>“Como eu falei anteriormente a gente faz todas essas formações se não tem ninguém acompanhando...como garantem que eu tô colocando em prática isso...e o município tem muitos professores de Educação Física. Como é que sabem se o que está sendo feito, o dinheiro que foi gasto com formador...com material para formação...para distribuição de currículo para professor...está sendo realmente útil? Está sendo realmente empregado? A gente conhece profissionais que entregam, mas será que todos fazem isso...Então eu acho que precisa ter um pouco mais de acompanhamento de todo esse trabalho feito. A gente tá falando aqui de 10 anos...mais de 10 anos de trabalho...de formação...então alguma coisa os professores evoluíram...”</p>	
--	--	--

Sujeitos	Categoria	Subcategoria
<p>Secretário da Educação 2001 a 2008</p>	<p>Política Curricular “Então o currículo ele não deve ser engessado...mas foi uma luta nossa de construir...”</p> <p>“Olha na verdade fizemos encontros...eu vejo assim, as grandes coordenadoras foram as ATP’s das disciplinas...foram elas...tanto do ciclo I, quanto do ciclo II...Elas que encaminhavam...elas que traziam e o que que a USP nos ajudou...a sistematizar...Mas até o eixo final quem tinha saber técnico eram as ATP’s. Então elas articularam o currículo...”</p> <p>“Imprimimos o currículo...conseguimos imprimir com o logotipo... a gente até fez um pouco parecido com o do Estado...o nome do Prefeito...aquelas coisas todas...tinha uma introdução e foram entregues para as escolas...mas já era final de gestão...Eu sei que algumas escolas trabalharam...valorizaram...tinha uma sistematização...Eu me lembro que fizemos uma apresentação no final de ano com todos esses orientadores da USP, junto com a equipe...com as ATP’s sistematizando essa questão.”</p> <p>“Cada documento tinha números...e do currículo era 14...”</p> <p>“Nós achávamos que a gente tinha que construir um currículo próprio e eu continuo achando isso.”</p>	<p>Participação Docente “eu não sei hoje...fico te devendo se houve uma grande participação...porque você conhece os professores, né... Eles estão sempre prontos pra criticar...É assim mesmo...somos professores também...”</p> <p>“Eu entendo que naquele momento foi pra escola...se não está errada a minha memória...e um grupo de professores vieram até as ATP’s ajudar nessa sistematização...eu acho que foi esse o processo...mas eu fico te devendo uma resposta mais completa”</p> <p>“Então...a participação docente nesse processo ficou a cargo desse subgrupo de professores.”</p> <p>“Então eu vejo assim, naquele momento...eu acho que a gente atingiu uma parcela...eu nunca achei que atingia todo mundo.”</p> <p>Apostilar o ensino “Olha eu pessoalmente sou contra o “apostilamento” e eu talvez nem seja compreendido... e naquele momento o Prefeito também...”</p> <p>“Apostilar é querer fazer de uma escola pública uma escola particular...não dá certo. Dá muito mais trabalho não apostilar...construir o currículo... revisar o currículo...implantar...implementar...e monitorar. É muito mais desgastante...os resultados mais demorados...com essa cobrança das avaliações externas...”</p> <p>“Então eu pessoalmente, quando cheguei na rede de volta...eu valorizei muito o currículo...Porque eu vi muitas críticas, mas eu não sou um adepto de apostilas. Talvez seja uma visão limitada...mas eu prefiro construir o currículo.”</p>

<p>Secretária de Educação 2009 a 2012</p>	<p>Política Curricular</p> <p>“Então o nosso foco em termos pedagógicos foi no investimento curricular, no processo de formação e da avaliação da aprendizagem.”</p> <p>“Nós fomos vendo num corpo de professores de Universidades renomadas, com experiência...nós trouxemos esses profissionais para conversar, para participar dos encontros de formação com os professores e estabelecer um diálogo...entre o documento que se tinha, a prática que eles tinham e o que nós queríamos...para construir junto com eles o nosso documento curricular...que foi publicado então, em 2012. Foi construído ao longo de 2009, 2010, 2011 e 2012...os quatros primeiros anos de minha gestão. Ele foi um processo bastante dinâmico, dialógico, participativo...e com mudanças constantes...todo ano a gente avaliava....”</p> <p>“Nós identificamos em 2009 que por mais que tivesse uma história, tivesse um documento 14...nós observávamos que alunos que saia de uma escola e ia para outra escola...os professores falavam parece que veio de outra cidade. Nós não percebíamos...nós não identificávamos presença de uma unidade...que representasse uma rede...uma unidade...uma identidade...Sou aluno da rede municipal de ensino! Ou professor da rede municipal de ensino! Então o nosso trabalho foi também pensando em desenvolver uma identidade...um sentido...uma unidade. Tal forma que nós tivéssemos uma clareza do que o município esperava por ano de matrícula do aluno e por disciplina.”</p> <p>“Então, nesse movimento de diálogo com os professores, com os especialistas, com a literatura...é como se fosse um currículo nosso de formação. Uma troca de saberes e de experiência... construindo o nosso fazer pedagógico...e registrando em documento orientador, para que o professor na sua prática do dia a dia pudesse garantir essa unidade...os direitos de aprendizagem...que nós chamamos em nosso documento de expectativas de aprendizagem...com conteúdos definidos...tempos mais ou menos definidos ao longo do ano...divididos por bimestres. Com clareza do que se espera para cada disciplina.”</p> <p>“O currículo tem um formato ...foi construído dialogado...tem algumas inspirações teóricas.”</p>	<p>Participação Docente</p> <p>“Mas nós sentimos a necessidade de ouvir os professores, os gestores e fazer uma análise da situação do ponto de vista das pessoas que fazem a educação na escola, para ir entendendo o ponto de vista deles. Fazer um diálogo entre o que os especialistas falam...o que eles vivem e o que nós podemos implementar.”</p> <p>“Mas nós não podemos generalizar...o mesmo investimento foi feito para todos os professores...hoje nós temos em torno de 1300 professores...Mas não posso dizer que 1300 professores participaram com a mesma intensidade...com a mesma motivação...com o mesmo amor...com a mesma força de vontade...das formações e levaram para a sala de aula. Mas uma boa parte leva e consegue resultado.”</p> <p>“E fazia alterações partindo do ponto de vista do professor...do que os professores sentiam...e como eles avaliavam, para que a gente pudesse investi no ano seguinte...de modo a acrescentar a dar sentido para o fazer docente em cada área do conhecimento.”</p> <p>“Então, o diálogo constante entre o processo formativo e a vivência dentro da realidade da escola pública.”</p> <p>“Então, quem fez parte de todo esse processo foi: a equipe da SE, capitaneados pela Diretora de Programas e Eventos, os professores formadores que foi montada uma equipe na SE, com professores de todas as áreas, inicialmente os especialistas...pois aos poucos foram transferindo formação...segurança...e uma série de coisas para que o município...os formadores e os professores se sentissem protagonistas...donos desse currículo, para que uma vez apropriados ninguém tira-se deles.”</p> <p>“Alguns diretores...não vamos dizer que todos participaram ativamente desse processo...”</p> <p>“Num processo de interação, de movimento...de construção coletiva.”</p>
--	--	---

	<p>“Então, para Língua Portuguesa, Matemática, Ciência, História e Geografia o documento tem a mesma carinha, com as expectativas de aprendizagem, divididos por bimestres e o que se espera, para que o professor se organize...e que se espera que os alunos aprendam nos períodos bimestrais do ano letivo. Cada professor recebeu o seu impresso, tem a versão digital disponível no site da Prefeitura.”</p>	<p>“Nós fomos com a cara e com a coragem construindo esse documento e o melhor junto com as pessoas que fazem a educação na sala. Agora, que a gente tem decepções...a gente tem...nem sempre acontece aquilo que a gente imaginava que acontecesse...mas faz parte do processo educativo. O importante é que a gente vá e veja o que está acontecendo e procure novos investimentos pra promover novos avanços.”</p> <p>Apostilar o ensino</p> <p>“Nós até pesamos no ano passado todinho...nós recebemos diversas empresas...nós avaliamos diversos materiais...nós até quisemos...mas nós ficamos assim...primeiro nós temos todo um trabalho construído...como que você vai agora fazer um negócio desse...só se tiver alguma coisa que venha ao encontro daquilo que nós construímos ...para não se jogar um trabalho fora. Mas como processos licitatórios são uma caixa de surpresa...ganha o mais barato...você nunca sabe qual será comprado. Então, ficamos com receio, mas nós vimos sim alguns sistemas que vem ao encontro do trabalho que nós realizamos sem ferir toda essa construção que eu acho maravilhosa...que é importante... que é grandiosa.”</p> <p>“Então, nós não adotamos por enquanto por essas questões. Não sei algum dia a gente vai ter uma orientação para poder adquirir aquele material específico...ai a gente pode até conversar.”</p>
Supervisora Sabedoria	<p>Política Curricular</p> <p>“Mas o currículo não é um estudo de um tempo...Ele é o produto de uma reflexão que começou bem antes...Então nós temos professores desde o concurso de 2001 e quando o currículo se deu em 2012...ele participou desde 2001 com os conhecimentos que ele adquiriu...não foi o momento que nasceu o currículo...Eu vejo o currículo como um grande momento de reflexão da rede.”</p>	<p>Participação Docente</p> <p>“[...]posso dizer que a troca entre os pares que mais funcionou em termos de formação.”</p> <p>“Depois desse momento de formação inicial que vinha pela FAFE/USP, mas quem decidiam eram os formadores externos que passavam para os nossos formadores internos da rede. Mas o professor ele não tinha uma</p>

<p>“E a sistematização também foi muito importante...porque eu sei o que eu tenho que fazer...onde eu tenho que chegar. E aí eu tenho que mostrar o meu caminho.”</p> <p>“Nós tivemos o documento 14, que foi o primeiro documento...mas nós sentimos que os professores não tinham se enxergado naquele documento...de uma forma ou de outra eles não se apropriaram do documento...Na verdade eles participaram das formações que alguém pensou...então não foi um currículo pensado por eles. Foi um currículo colocado para eles...vejo assim...Então, eles não se apropriaram...não era algo deles...”</p> <p>“Eu me lembro...volto a falar de Educação Física que eles não se enxergavam, dentro do que tinha sido feito.”</p> <p>“O documento 14 foi impresso...chegou nas escolas como um documento da SE, mas não foi feito um estudo entre os diretores, nem entre os supervisores... foi um documento...Não vimos significado.”</p> <p>“Eu acho que a sistematização de 2009 a 2012 foi importantíssima...foi como um marco ...como o fechamento de um estudo...uma reflexão...”</p> <p>“O documento 14 foi importante porque em cima dele refletiu-se...somos nós? E a nossa cara? Essa é nossa rede? E a partir disso não...tem coisas que nós concordamos...tem coisas que não nos servem...Então nós fizemos o outro...e esse outro sim...”</p> <p>“Eu acho fantástico o Currículo de História que eu acompanhei bem...as propostas dadas para os professores...Acompanhei bastante a formação de Educação Física...os estudos que nós tivemos para a construção a base teórica foi muito boa...o professor que orientou foi muito bom...Então houve um crescimento dos professores...”</p> <p>“Sobre a estrutura do currículo ...ele é dividido por bimestre que é bem claro...Vou falar do currículo da Educação Física...tem conteúdos divididos por semestres, mas não é o conteúdo só pelo conteúdo...ele tem várias conexões...várias sugestões...Então trabalha a interdisciplinaridade, então</p>	<p>voz ativa...aí eu quero formação...disso...disso...daquilo...Ao contrário nós tivemos algumas disciplinas com discussões homéricas, porque eles traziam uma prática que os professores não aceitavam. Posso citar o caso de Educação Física que nós tivemos problemas muito grandes, porque eles vinham de uma concepção e a FAFE/USP trouxe outra concepção de Educação Física e não era aceito...nós tivemos embate muito grande...”</p> <p>“[...] depois com o outro grupo (2009) nós retomamos a questão do currículo...aí sim, os professores se sentiram parte, se apropriaram. Quem fez parte desse movimento de construção do currículo até hoje defende o currículo...se enxerga dentro do currículo...é muito interessante ver a diferença desses professores...”</p> <p>“Com certeza houve a participação docente 2009 a 2012. Eu tenho de vários professores não só desde momento último, mas que participaram da rede como um todo e eu posso citar o caso de uma professora de Língua Portuguesa...ela participou de todos os momento e ela é uma das pessoas que defende muito o currículo...o que está posto...o currículo que esta formalizado na rede. E ela se apropriou o currículo...ela é uma pessoa que vive o currículo e ela dá um retorno muito bom para o currículo...É uma das pessoas que mais defende o currículo que se enxerga mesmo dentro do currículo.”</p> <p>“Fora isso nós temos outros professores também que vieram nesse movimento que participaram de 2009 a 2012...e eu vejo um retorno muito bom...que eles sabem até onde ele vai.”</p> <p>“Então volto a falar mesmo dos professores não é a construção do conhecimento de cada um...mas a construção entre os pares.”</p> <p>Apostilar o ensino</p> <p>“Porque na primeira gestão...como eu disse...estávamos tateando e não havia interesse em apostilar o ensino...porque os apostilados eles não traziam a concepção construtivista que se buscava.”</p>
--	--

	<p>trabalha outras questões do corpo...que não estão ali como conteúdo, mas como complementação desse conteúdo...os links que foram abertos...alias você abre um leque de opções para se trabalhar com aluno...”</p>	<p>“Nessa gestão 2009 a 2012 posso dizer no ano passado, anteriormente eu vejo assim, a apropriação do conhecimento pelo professor...da produção do material pelo professor, dando sentido a realidade onde ele está...por isso o não “apostilamento”...”</p> <p>“Não sou contra o apostilado...talvez o apostilado municipal...por a gente vê a dificuldade de se trabalhar a rede como um todo porque livros a gente não todos iguais...então acaba o professor xerocando...dando as atividades de acordo que ele acha que está certo...Então...um documento único seria muito interessante em termos de município...”</p> <p>“Nós adaptamos o currículo ao sistema ou sistema de ensino é o nosso currículo? Vale a pena?”</p> <p>“Eu sei a nossa rede hoje...pede um sistema de ensino. Até por conta dessas mudanças...muitos gestores trazem para nós que seria mais fácil o acompanhamento...principalmente do coordenador que tem todos os seguimentos...com o sistema seria mais fácil de enxergar até onde ir...”</p> <p>“Desde que a gente tenha uma linha dentro da SE...que eu não vejo bem definida hoje!”</p>
<p>Supervisora Encantada</p>	<p>Política Curricular</p> <p>“No PEBII tivemos o documento 14 que sistematizava também essas questões...Então quais eram as expectativas de aprendizagem para o 6º ano em História, em Matemática, em Geografia...nas diversas disciplinas...Na questão da Língua...também a questão da Avaliação Diagnóstica, o que ia ser feito...sugestões de textos, tinha os conteúdos e o que se espera para um 6º ano...E a partir daí acho que podemos dizer que foi uma questão de um início de um currículo mais estruturado. Precisava de ajustes...lógico sempre tudo precisa de ajustes...mas as coisas não podem ser ajustas a todo o momento...”</p> <p>“A partir de 2009 houve uma reformulação do currículo do 6º ao 9º que realmente era necessário, houve uma questão da questão dos índices, dos resultados...disso</p>	<p>Participação Docente</p> <p>“Então as pessoas diretamente ligadas às formações eram os supervisores, as ATP’s, o próprio Secretário, os diretores, os chefes...então todo mundo se envolvia com essa questão da formação e a partir das visitas realizadas na escola, das conversas dos questionamentos, daquilo que os professores traziam nos horários de formação...levantava-se as questões que deviam ser trabalhadas com a rede...que necessitava de um trabalho maior dentro da rede...2001 a 2008.”</p>

	<p>tudo ser mais refletido dentro da escola. Acho que esse foram pontos positivos do trabalho de 2009 a 2012. Principalmente na questão do 6º ao 9º que isso ficou bem claro.”</p>	<p>“E o professor estar participando da construção desse currículo 2009 a 2012...isso fez com que ele incorpora-se aquilo melhor. Ele se sente coautor, porque ele tem agora os instrumentos que ele precisava ter para poder estar participando mais ativamente e ai ele já consegue discernir se aquilo é necessário...ele consegue avaliar melhor...Isso foi um ponto positivo...Acho que isso levou a um crescimento da rede.”</p> <p>“Então eu posso dizer que era um grupo que decidia isso, mas era baseado naquilo que a gente via...que era observado de 2001 a 2008.”</p> <p>“Como já falei do documento (2001 a 2008) 14...participavam todas as pessoas da SE, participavam todas as pessoas do Núcleo de formação, tínhamos essas assessorias externas...trabalhávamos na maioria das vezes com comissões de professores. Então não todos os professores.”</p> <p>“A partir de 2009 os professores participavam da formação e nesses momentos eles discutiam as questões do currículo...Eles fizeram vamos dizer uma revisão do documento 14 e foram construindo um novo currículo...teve a participação docente...durante as formações. Eles participavam o que eles achavam...com as experiência que eles tinham...junto daquilo que já tinham vivenciado...eles já tinham testado um currículo e eles já podiam opinar se aquilo era possível...se aquilo era possível. E ai veio essa reorganização...esse novo currículo...vamos dizer assim...”</p> <p>“Do 6º ao 9º como já disse anteriormente os professores se sentem coautores desse currículo e quando as pessoas se sentem coautoras daquilo...elas fazem de tudo para aquilo dar certo...”</p> <p>“E os comentários dos professores...eles dizem que conseguem se enxergar dentro disso. Então esse é um ponto muito positivo...Eles conseguem se ver dentro do processo e vê que faz parte daquele resultado.”</p> <p>Apostilar o ensino</p>
--	--	--

		<p>“Na minha opinião não apostilou por causa de todo esse processo...todo esse processo de formação na rede...todo esse processo de construção...Você não consegue achar ou você não consegue casar um material apostilado com todo esse processo de construção.”</p> <p>“O material apostilado ele é um pacote pronto...que na minha opinião não cabe em todas as escolas da mesma forma...o conteúdo sim, mas a maneira que ele deve ser desenvolvido isso pode variar de escola para escola.”</p> <p>“Eu sou uma pessoa que não sou a favor da apostila...porque é o momento que você engessa todo mundo...”</p> <p>“Mas pela a história da rede de Itatiba...eu não vejo aonde consiga casar um material apostilado. Acho que nós estaríamos fazendo uma ruptura num processo que tem muito ainda a caminhar...mas que trará bons resultados.”</p>
Diretora Paixão	<p>Política Curricular</p> <p>“E em 2012 quando os currículos ficaram prontos norteou o trabalho de vez. É claro para todos os professores da rede o que cada um precisa fazer...o que ele espera do aluno...como é que ele faz avaliação daquela sala...o que ele tem que fazer no 1º, 2º, 3º e 4º bimestre. Graças a todo esse movimento o professor sabe o que fazer na sala de aula.”</p>	<p>Participação Docente</p> <p>“Acho que vai muito da postura de cada professor ... Acho que temos na rede uma parcela de professores bastante envolvidos...preocupados e dedicados com a questão da Educação.”</p> <p>“Então eu acho com toda essa formação, com toda essa cobrança que se tem de fato por melhor que possa ser a formação as coisas acontecem dentro da sala de aula e nem sempre acontecem. É assim surpreendente que só estando na sala de aula... acompanhando...que de fato você vê se está acontecendo ou não. Porque as vezes o papel aceita qualquer coisa...o professor pode escrever que ele está fazendo, mas esse acompanhamento sistemático dentro da sala de aula é que te mostra a realidade.”</p> <p>“Eu lembro quando era de 2001 a 2008 era meio que imposto pela SE, até porque estava se construindo esse espaço...E alguém tinha que ter essa iniciativa. E acho que como tinha questionamentos de alguns</p>

		<p>professores e até avaliação de como isso foi acontecendo...isso melhorou e se tornou um espaço mais democrático.”</p> <p>“Acho que de 2009 até 2012 na hora que você está construindo o currículo você amarra essas questões...mas acho ainda que o professor tanto de 2001 a 2008, quanto de 2009 a 2012 , mais acentuado a partir de 2009 essa oportunidade de opinar é maior.”</p> <p>“Os professores poderiam opinar nos temas...alguns temas eram considerados pertinentes e outros não.”</p> <p>“Então nas formações os professores tiveram a oportunidade de opinar, de sugerir, de criticar...eu acho que o professor teve um espaço muito bom...de 2009 a 2012. Considero que a SE estava mais articulada, mais preparada...para poder fazer esse trabalho.”</p> <p>Apostilar o ensino</p> <p>“Quanto a questão de não ter apostilado...não sei porque não...eu acho se tem um trabalho pedagógico de currículo, de matriz...de tudo pronto construído e se isso está pronto e está feito...”</p> <p>“Eu acho que é algo bom ...que norteia bem o trabalho...”</p> <p>“Eu acho se tivesse a apostila para todos os alunos eu acho que seria o fechamento de um trabalho pedagógico de bom tamanho...minha opinião.”</p>
Diretora Consciente	<p>Política Curricular</p> <p>“Agora a partir de 2009 foi quando construiu o novo currículo...foram feitos momentos diferentes, onde os professores foram lá e fizeram sua formação...foram construindo e até que surgiu em 2012 o documento que chegou para todas as escolas...Nele mostra o que trabalhar, como trabalhar e garantiu um trabalho mais unificado...Porque antes um aluno saia de uma escola e ia para outra...os conteúdos não batiam...Então também foi uma contribuição muito grande...Então eu acho que começou lá (2001 a 2008) e chegou até aqui</p>	<p>Participação Docente</p> <p>“Eu acho que assim, de 2001 a 2008 foi feito com os coordenadores, formadores, com os professores também...e de 2009 a 2012 os professores participaram mais...Em 2001 2008 ouviam os professores, mas não ali participando...porque essa questão de dar sugestões tem gente que participa e tem outros que não...E em 2009 houve mais uma participação efetiva dos professores...”</p>

	<p>(2009 a 2012) com o currículo construído. Acho que tudo foi valido...tudo foi se construindo...”</p> <p>“Agora tem o documento pra seguir...o que eu percebi que alguns professores seguiam o currículo direitinho...todo trabalho que era feito na formação eles me mostravam...falavam “apliquei na sala e deu certo”...”Nossa que bacana”...Então eu vi um lado e vi ou outro...Só que as vezes você se decepciona com o outro lado, porque são pessoas que não eram para estar fazendo esse tipo de papel...Mas acredito que o currículo trouxe muita contribuição...Ninguém pode falar que não existe uma linha...existe...você segue se você quiser.”</p>	<p>“Com a questão da satisfação dos professores sempre tinham alguma coisa pra reclamar...sempre nada tá bom...e parece que nunca contenta 100%...então contentes, satisfeito...parece que nunca estão...e tem uma outra questão existe o currículo agora, mas tem gente que fecha a porta e faz o que quer...não segue...”</p> <p>Apostilar o ensino</p> <p>“Eu acho assim, apostila você engessa e nem tudo aquilo é garantia de que é uma coisa de qualidade...Apostilar...alguns professores podem ver isso como um negócio pronto que não precisa fazer mais nada...Então eu acho que o município está amadurecendo a ideia...se vai ser válido ou não...”</p>
Professora Escritora	<p>Política Curricular</p> <p>“Teve um documento...14...chegou em CD para cada professor...nós recebemos em CD com esse currículo que era montado. A escola recebeu no final de 2008...não sei se a escola reproduziu...”</p> <p>“Com a nova gestão de 2009 a 2012...ai houve a implantação do currículo mesmo...na Língua Portuguesa através dos gêneros...eu acho que isso foi um ganho...porque é uma maneira de trabalhar que a gente percebe que tem uma sequência lógica...uma sequência bem interessante...que vai desenvolvendo ao poucos a capacidade de leitura e de produção. Não deixou o que se tinha...foi realmente estudado o que a gente podia aproveitar e colocar isso nos gêneros.”</p> <p>“Foi em 2012 que houve a implantação do Currículo Municipal de todas as disciplinas. Mas em Língua Portuguesa eu me lembro que nós fazíamos muitas reuniões entre SE e professores...discutíamos muito e vieram as formadoras para falar sobre “Bakhtin” que é baseado nesse estudo dele...e que nós achamos que realmente era interessante.”</p> <p>“Então no meio desse processo que foi um ganho da implantação do currículo de 2009 a 2012, da escolha desses gêneros...foi um ganho...isso pra mim é muito</p>	<p>Participação Docente</p> <p>“De 2001 a 2008 as coisas já estavam prontas ...tinha um currículo que apresentavam... lógico que se discutia, mas meio que pronto. Algumas coisas a gente opinava...mas em sua maioria já vinha pré-estabelecia...meio que prontas...Depois dentro do processo das próprias formações eles abriam e perguntavam...o que a gente achava...se isso ou aquilo não seria interessante naquele momento ou não...algumas coisas davam abertura, mas a maioria vinha pronta. Eu me lembro que teve uma reunião na Oficina Pedagógica em que a gente fez pequenos grupos para discutir questões do currículo...ouve uma abertura relativa.”</p> <p>“Então a partir de 2009 os professores deveriam formar o currículo municipal...ai era exatamente ...vieram as formações par a gente entender o trabalho com gênero...e isso foi bem aceito pelo grupo. E ai nós montamos o currículo foi um trabalho dos professores da cidade...muitas reuniões...ouvindo muito as pessoas...e isso eu acho foi um ganho muito grande.”</p> <p>“Até 2008 nós não participávamos da elaboração desse material. Nós tínhamos só a discussão como deveria aplicar...mas foi o pessoal da USP</p>

	<p>positivo. Mas eu não vejo resultado positivo no final do processo. Olha...eu atribuo isso a questão da política...porque existe uma política que exige um número ou uma porcentagem grande de promoções do aluno...de ser promovido...de trabalhar contra o nível de repetência...é certo mesmo...você não precisa repetir...para dizer que você ensinou...não é isso que o professor quer...mas o professor não tem uma liberdade de realmente dizer esse aluno sabe...ele tem competência...e esse aluno não sabe...não tem competência...ele não pode ir para a série seguinte...porque tem certas coisas básicas que ele não domina...tem certo pré-requisito que ele não tem ainda. E eu não vejo isso acontecer”</p> <p>“Também várias coisas nesse meio tempo surgiram...a questão das práticas de Educação Física que modificaram muito a visão...que antes o aluno ficava com bola na quadra e de repente tem um currículo...tudo isso foi um ganho...Efetiva na sala de aula...eu penso que na gestão de 2009 é a questão do currículo ...isso foi efetivo na sala de aula.”</p> <p>“Esse currículo...ele continua sendo discutido nas formações que nós temos...esse que foi implantado em 2012. E nós continuamos discutindo esse currículo...e este ano mesmo em todas as formações...ele está em modificação constante.”</p> <p>“Esse documento de 2012 tem as expectativas de aprendizagem que nós temos que atingir por bimestre , tanto na parte de leitura...quanto na produção escrita. Tudo discriminado o que nós temos que atingir por bimestre.”</p> <p>“Já no documento 14 nós tínhamos uma relação de conteúdos e os objetivos...tantos os gerais...quanto os específicos...que nós tínhamos que atingi no ano. Mas tinha uma certa abertura que não precisava ser naquele bimestre...era um bloco só...”</p> <p>“O documento de 2012 cada professor recebeu o currículo mesmo...impresso...de todos os anos...independente se você dá aula no 6º...7º...nós recebemos do 6º ao 9º ano.”</p>	<p>que trouxe...isso eu me lembro bem...Tenho várias apostilas daquela época...Tem sugestões muito interessantes...tem algumas coisas que são agradáveis, mas que nós fizemos...não!”</p> <p>“A partir de 2009 começou ser um pouco mais efetiva essa participação docente...eles chamavam grupos de professores...para darem opiniões para dizer o que achavam do currículo e se discutia nas formações e a gente colocava no papel. E aí eles agregavam todos os grupos de professores e apresentava no final...o que estava e o que a gente achava. Alguns conteúdos a gente discutia e levava para a sala...para ver se dava resultado. E aí nós trocávamos experiências...e aí nós começamos a montar por bimestre...porque antes era por ano...Por bimestre onde todos tivessem a mesma linguagem na sala de aula.”</p> <p>“Eu me sinto parte de todo esse processo...a todo momento eu procurei participar...procurei sempre conhecer antes...não adianta a gente criticar...”</p> <p>Apostilar o ensino</p> <p>“Esse foi um pedido que nós fizemos...agora tem visões diferentes...Tem professor que pensa que apostilar o ensino é engessar...você engessa...você vai lá dá aula com a apostila tal e acabou...você não tem liberdade de fazer outras coisas. Tem professor que acha que isso é um ganho...”</p> <p>“Eu não sei dizer porque não se apostilou...mas eu acredito que seja a questão financeira...já que nós temos uma variedade de materiais muito produtivos que nós montamos nessa formações.”</p>
--	--	---

	<p>“Então com o currículo o impacto na sala de aula foi outro...”</p> <p>“Então foi isso...essa bagagem...que favoreceu que nós tivéssemos...digamos assim, a competência para poder implantar um currículo. Então eu não considero que de 2001 a 2008 foi imposto...uma coisa negativa...não...foi negativo...Pelo contrário traziam-se as correntes pedagógicas que estavam em voga e nós só conhecemos por conta dessas formações...então eu acho que foi muito produtivo sim... É que até 2008 nós não tínhamos assim, vou dizer uma competência para falar se isso é produtivo ou isso não é...porque nós não conhecíamos essas linhas todas. E foram trazidas nessa época de 2001 a 2008.”</p> <p>“E a partir de 2009 nós já tínhamos essa experiência e nos favoreceu que nós tivéssemos como implantar um currículo na rede de Itatiba.”</p> <p>“A implantação do currículo dá pra gente mais segurança...porque você sabe até onde você pode ir...que coisas você pode explorar dentro do gênero... que o outro gênero que está lá na frente depende desse...Essa visão do todo com a implantação do currículo...foi muito válido.”</p>	
<p>Professora Comprometida</p>	<p>Política Curricular</p> <p>“Nós fazíamos antigamente o Plano de Ensino...todo início de ano você tinha que sentar e fazer o seu Plano de Ensino...o que você ia trabalhar naquele ano...o que você achava importante...De 2001 até 2008 mais ou menos...que a gente tinha que entregar todo início de ano. E esse Plano era baseado em documentos nacionais...então era muito abrangente...não tinha uma coisa fixa...um conteúdo fixo para cada série...igualzinho para todo mundo...”</p> <p>“Quando a gente construiu o nosso a partir de 2009...nós vimos direitinho que seria trabalhado em cada ano...Então facilitou imensamente o nosso trabalho...a gente não precisa mais fazer os planos de ensino...um alívio isso...todo mundo fala a mesma língua...todo mundo tem que seguir aquilo ali...tem que dar conta...”</p> <p>“ De 2001 a 2008 não tínhamos um currículo como nós temos hoje...eu me lembro desse plano de ensino e me lembro de formações que a gente discutia o que seria deixado...ou tirado...mas era muito baseado em livros didáticos.”</p>	<p>Participação Docente</p> <p>“A partir de 2009 as formações eram voltadas para por o currículo em prática...montar um currículo, onde nós participamos muito mais...nós palpitávamos...decidíamos. Nós escolhemos sobre os gêneros que queríamos trabalhar. E a partir daí nós construímos um currículo.”</p> <p>“Na gestão de 2001 a 2008 as coisas vinham prontas...e a gente discutia.”</p> <p>“Eu acho que no começo não se perguntava muito o que a gente queria saber ou não...De 2001 a 2008...eles planejavam de acordo com que eles sentiam que era necessidade...”</p> <p>“Agora de 2009 a 2012 nós fazíamos uma avaliação da formação ...então levavam muito em consideração o que o professor pensava. Dessa forma começou a aparecer o que a gente sentia falta...e isso foi incorporado...era colocado nas formações. Os professores eram ouvidos</p>

	<p>“Nós não tínhamos um documento oficial...só fomos receber no final de 2008 o documento 14...nós recebemos um CD...eu recebi na escola. Quem fechou esse documento foi o pessoal que trabalhava na SE...”</p> <p>“Do documento 14 para o Currículo de 2012 houve uma mudança muito grande...por causa dos gêneros...isso em Língua Portuguesa...”</p> <p>“No de Inglês até 2008 a gente se baseava muito nos livros e a partir de 2012...nós passamos a opinar mais e deixamos sem vínculo com livro didático...nós criamos um Currículo próprio. Nós recebemos uma versão impressa, cada professor tem a sua...foi publicado...é muito diferente do documento 14.”</p> <p>“O Currículo de 2012 tem uma parte dos aspectos linguísticos...o que trabalhar sobre a língua...o que trabalhar em leitura...a produção de texto...as expectativas de aprendizagem...os conteúdos...é dividido por bimestres e é articulado aos gêneros. E o de Inglês também é dividido por bimestres...com seus respectivos conteúdos...tem algumas sugestões de trabalho interdisciplinar...atividades que a gente pode usar com outra disciplina.”</p> <p>“Eu acho esse currículo 2012 muito bom...estou muito satisfeita...mas assim, logicamente que precisa ser revisto de tempos em tempos...não é algo rígido...”</p>	<p>de 2009 a 2012...”</p> <p>“De 2001 a 2008 eu não me lembro de fazer nenhuma avaliação sobre as formações.”</p> <p>“E a partir de 2009 nós participamos da construção do currículo...eu me sinto parte...nós discutimos cada item que iria sendo colocado...A formadora perguntava se a gente devia manter ou tirar ou colocar no lugar...quanto aos conteúdos...O que era mais importante...”</p> <p>“Foi uma participação docente foi efetiva...diferente que até 2008 não era dessa forma.”</p> <p>Apostilar o ensino</p> <p>“Eu não sei exatamente, o porquê, mas eu penso que é algo difícil de ser feito...você encontrar um material que siga...mais ou menos o nosso currículo...Já foi feito um levantamento se nós gostaríamos se o ensino fosse apostilado ou não...isso foi agora recentemente. Até 2012...nunca foi falado em apostila...”</p>
Professor Engajado	<p>Política Curricular</p> <p>“Então na primeira gestão de 2001 a 2008 foi o documento 14...ele norteou os trabalhos de todos os segmentos...”</p> <p>“Depois disso tudo, já no final do mandato surgiu o documento 14...a gente participou indiretamente da construção desse documento...não foi uma coisa tão próxima. Era sempre proposto um estudo...a gente se reunia uma vez por bimestre, onde foi vendo a necessidade da rede e construído um princípio de um currículo...algumas ideias norteadoras que todo mundo tinha que seguir...que eu lembro era isso.”</p>	<p>Participação Docente</p> <p>“Na segunda gestão (2009 a 2012) eu destaco a participação...nós participamos mesmo da formação do currículo. No caso nós decidimos que era bimestralmente...quais assuntos, quais situações eram pertinentes...quais habilidades seriam desenvolvidas...”</p> <p>“O grande marco da participação docente foi de 2009 a 2012...a gente viu o produto final acontecendo...tudo foi decidido coletivamente...”</p> <p>“É uma rede (2009 a 2012) que se preocupa com a opinião do</p>

<p>“Já de 2009 a 2012 o trabalho foi bem diferente nós tivemos a parceria da USF, tivemos formadores e daí a gente sentou para discutir o currículo mesmo...Foi traçado aí...o currículo de Matemática...e de todas as outras áreas também...”</p> <p>“Mas só voltando um pouquinho na gestão anterior também teve antes do documento 14 um material com os conteúdos...tipo um currículo mínimo.”</p> <p>“Como eu disse é uma rede grande...precisa de um norte e aí esse norte foi mais afunilado entre 2009 a 2012... achei que ficou muito bom esse documento...ele está até hoje...”</p> <p>“Eu vou começar pela 2ª (2009 a 2012) é o currículo...é um documento que todo professor tem e isso foi formidável. Porque a gente recebe aluno de mudanças de bairro...e não batia...as vezes vinha com o conteúdo super distante...agora não...o aluno chega...ele continua a matéria...é um espetáculo!!! E isso é da 2ª gestão...o currículo é claro e as diretrizes são claras...”</p> <p>“Da 1ª gestão (2001 a 2008) eu acho que é assim, como foi um processo de construção...eu acho que demorou um pouco para que isso...realmente fosse colocado no lugar...”</p> <p>“Eu senti muita mudança em minha prática...foi fantástico...uma delas é seguir uma linha...dentro do bimestre temos as expectativas de aprendizagem,...a gente sabe o que tem que alcançar com os alunos. Eu acho que essa forma de sistematizar, de organizar...a gente fazia no nosso semanários...mas talvez valorizava mais uma coisa...do que outra...agora não...a gente consegue valorizar tudo...é um sistema espiral...”</p> <p>“O documento 14 chegou de forma encadernado...e aí a gente começou a estudar com os professores...ele chegou em 2008...bem no final da gestão. Que até então a gente estudava, estudava e a equipe gestora...ia ministrando isso na escola. Eu me lembro que esse documento chegou encadernado...era um livro...e tinha um CD no final. Foi disponibilizado dos dois jeitos...se não me engano...se não me falha da memória foi assim...dessa forma.”</p> <p>“Quanto ao currículo de 2012... nós sentamos no ano de 2009 inteiro...a gente se</p>	<p>professor...eu penso dessa forma...A opinião e o trabalho do professor...e acompanha dando subsídios.”</p> <p>“Quanto a participação dos professores nesse processo de 2001 a 2008...as coisas vinham meio que prontas...”</p> <p>“A partir de 2009 esse documento 14 foi reavaliado e chegou-se a conclusão...vou falar o que eu acho...que precisaria mudar! E aí todo mundo sentou e debruçou...todas as áreas debruçaram e estudaram...e falaram não...nós vamos reconstruir...Eu acho que aí a reconstrução ficou mais clara...Porque o professor participou de uma outra maneira...o professor buscou...o professor participou melhor...”</p> <p>“Comparando 2001 a 2008 entre 2009 a 2012...nós tivemos muito mais oportunidade a partir de 2009...foi a mão na massa...a gente trabalhou muito mais. Foi como eu disse...foi um processo...Eu acho que nas duas gestões tivemos lados positivos...mas eu ressalto a segunda...essa gestão foi mais do que a primeira.”</p> <p>“O nível de satisfação é muito gratificante...você aplicar uma coisa que você participou...Você obter aquele retorno do aluno...pensando que você planejou aquilo. Você fez parte daquilo...o sucesso vem...é claro que a cada um a seu tempo. Cada um tem a sua maneira de aprender...mais é gratificante. Eu me sinto realizado em 2009 a 2012...não que na primeira gestão isso não ocorra...mas no segundo período foi mais gratificante.”</p> <p>Apostilar o ensino</p> <p>“Então eu tenho duas sugestões: a primeira porque é um custo alto e a segunda porque a desculpa foi porque não acharam um sistema adequado.”</p> <p>“Agora apostilar...eu trabalho com sistema de apostila em um colégio particular...eu acho bacana...só que assim, não é do dia para a noite...e apostilar de uma vez também não dá certo...tem que ser gradativo...”</p>
---	---

	<p>reunia quase todas as terças-feiras...eu me lembro que era no prédio antigo da Secretaria de Educação...nós começamos por montar o 1º bimestre e aplicamos na sala. Depois durante as formações nós discutíamos que tinha dado certo o que não tinha...registramos...Depois montamos o 2º bimestre e aplicamos em sala de aula...deu certo isso....isso e isso...Então cada bimestre a gente ia montando e ai no final do ano...o que deu certo e o que não deu certo. E a gente foi finalizando esse documento. Nos anos de 2010 a 2012 nós continuamos esse trabalho e fomos testando...”</p> <p>“E o documento curricular (de 2012) hoje ele é norteador de nossa rede...se não tivesse ele ficaria pior...não é cada uma faz o que quer...não é bem por ai ... a gente tem que seguir aquilo e acabou...não tem que discutir. E isso é um ganho de 2009 a 2012...é um ganho significativo...acho que não tivesse esse documento...nossos índices seriam piores ainda...”</p> <p>“Quanto ao nível de satisfação sobre o documento curricular de 2012...vou falar na Matemática...está todo mundo satisfeito...porque está todo mundo trabalhando junto...eu vejo essa satisfação...Agora em outras áreas...eu vejo que o pessoal de Humanas nunca se entende...Português...Ciências...trabalham sempre juntinhos...mas História e Geografia eu vejo o sucesso não chegou lá ainda...porque o povo é um pouco teimoso. Mas Português, Matemática e Ciências está rodando certinho.”</p>	<p>“Mas apostilar é inovador! Eu acho que ao longo prazo pode ser que isso aconteça.”</p>
<p>Professor Realista</p>	<p>Política Curricular</p> <p>“[...]hoje está sendo mais direcionada...a gente já construiu um currículo...já atualizou esse currículo...em cima do currículo a gente tenta montar as unidades didáticas...Então você tem as suas unidades independente do tempo...do trabalho de cada áreas, mas contemplando o currículo que você tem...Então eu acho que tudo isso veio a facilitar o trabalho do professor...”</p> <p>“O que eu vejo de problema na implantação do trabalho direto nosso...ainda é a cabeça dos alunos. Eles acham que a Educação Física não é pra isso...que a Educação Física é pra jogar bola...porque muitos anos foi isso...porque meu irmão era assim...Então fica difícil de você dar duas aulas seguidas por exemplo de ginástica, de dança...”</p>	<p>Participação Docente</p> <p>“Então nessa segunda fase de (2009 a 2012) a montagem do currículo foi feita pelos professores...”</p> <p>“Agora de 2010 em diante onde houve a publicação do currículo eram as áreas específicas...Eu me sinto parte, porque era discutido com os professores e o que o professores decidiam era que ia ser feito...Lógico que não existe a unanimidade, mas o que a maioria foi o que foi feito. Da mesma forma quando foi repensado...foi atualizado esse currículo...também foi discutido com os profissionais da área. E pelo que eu escuto isso aconteceu não só na Educação Física, mas em todos os componentes curriculares.”</p>

<p>“Não tive contato com o documento 14 da gestão de 2001 a 2008, por conta que estava no Projeto... E de 2010 em diante participei da construção do currículo.”</p> <p>“Fechamos por semestre...então deixava um pouquinho mais livre...pro professor poder trabalhar...Ai se ele quer fazer...dois meses de basquete ou dois meses de vôlei...porque de repente os alunos gostam muito de vôlei...ou se ele quer inverte principalmente por não gostar...para forçar que eles conheçam melhor...então dai deu um pouco mais de liberdade.”</p> <p>“Então foi um currículo que nós fomos testando...começamos em 2010 e ai a gente foi...a gente ia para as formações...a gente refez...em 2012 foi publicado. E ai agora estão querendo atualizar esse currículo. A gente está fazendo outras estratégias...aprimorando um pouco mais...alguns áreas que não são de domínio comum...lutas, danças...então dá um pouco mais de bagagem para o professor poder trabalhar com essas atividades diante dentro do currículo.”</p> <p>“Quanto ao nível de satisfação eu aprendi uma coisa no Projeto...que a gente nunca termina o documento...a gente está sempre atualizando...porque a gente está sempre estudando e evoluindo...Então eu acho que o documento é importante...acho que ele é um norte para os professores...para os professores que estão começando se pegar o currículo ele já sabe o que tem que fazer...como deve proceder nas aulas...Então eu acho que é uma coisa boa...”</p> <p>“Sobre o formato do currículo...foi feito a encadernação...ele fala sobre o que vai ser trabalhado...nas áreas...ai ele vem com um quadro onde você tem por semestres...o que vai ser trabalhado o que tem que ser contemplado...por ano...então por exemplo...primeiro semestre no 6º ano são jogos de bola com as mãos e luta...então o que você pode trabalhar paralelo a isso tem subtemas para você trabalhar...por exemplo frequência cardíaca...inclusão de alunos no esporte, enfim são subtemas que podem ser trabalhos com esses conteúdos. São detalhadas também as expectativas de aprendizagem para serem atingidas por meio desses conteúdos...Então você tem uma série de expectativas, para quando você vai montar sua unidade didática vai te facilitar...Então eu acho que é uma coisa bem completa. E tem também sugestões de atividades para serem feitas com os alunos.”</p>	<p>Apostilar o ensino</p> <p>“Acho que não teve interesse...eu sinceramente eu não sei o porquê que eles não apostilaram...foi levantada essa possibilidade...agora eu não sei porque...Olha eu sou a favor, mas eu já escutei de vários colegas que são contra...eles acham que a apostila vai só direcionar o trabalho...tem que trabalhar só aquilo...não te dá liberdade...”</p>
---	---

ANEXO E – Roteiro das Entrevistas**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO****FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Programa de Pós-graduação: Mestrado em Didática, Teorias de ensino e Práticas
escolares

Projeto de Pesquisa: “Diferentes olhares acerca dos processos de participação docente na política curricular em Itatiba (2001-2012)”

Roteiro de entrevista com Secretário Municipal de Educação de Itatiba

- 1) Apresentação do Secretário de Educação (nome, idade, origem, formação acadêmica, tempo de magistério, tempo de trabalho como Secretário no município, experiência profissional em outros cargos do magistério e em outras áreas, enfim conte sua trajetória pessoal e profissional...).
- 2) A partir de 1999 o ensino do 1º ao 9º foi municipalizado, por meio de um convênio com o Governo do Estado de São Paulo. Que tipo de mudanças eram esperadas em relação ao ensino e à gestão da Educação?
- 3) Quais são as vantagens de se municipalizar o ensino do 1º ao 9º? Que objetivos pretendidos pela municipalização foram implementados durante sua gestão?
- 4) Quais foram às rupturas ocorridas no processo de implantação da lei de municipalização do ensino quanto, às questões relativas à administração e parte pedagógica?
- 5) Que ações concretas nas instâncias: externa e interna à escola foram implementadas pelo governo municipal, durante sua gestão, com o propósito de melhorar a qualidade da educação pública municipal?
- 6) Durante sua gestão, que ações concretas foram priorizadas pelos recursos do FUNDEB (FUNDEF) e que justificativas fundamentaram essas prioridades?
- 7) Dentro das ações formativas que o município desenvolveu, quais são as mais efetivas (que deram resultados diretamente na sala de aula) em sua opinião?
- 8) Quem decidia sobre quais as ações formativas que seriam utilizadas? Baseadas em quais critérios?

- 9) Como foi construída a política curricular e sua implementação em sua gestão? Quem fez parte desse processo? A SME tem algum retorno sobre a satisfação dos professores? Qual o impacto na sala de aula?

Preâmbulo: Em sua opinião, por que o município não apostilou o ensino?

- 10) Como você avalia o impacto das ações implementadas durante sua gestão para avançar na valorização dos profissionais da escola?

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Programa de Pós-graduação: Mestrado em Didática, Teorias de ensino e Práticas escolares

Projeto de Pesquisa: “Diferentes olhares acerca dos processos de participação docente na política curricular em Itatiba (2001-2012)”

Roteiro de entrevista com Supervisora do Ensino Fundamental de Itatiba

- 1) Apresentação da Supervisora do Ensino Fundamental (nome, idade, origem, estado civil, filhos, formação acadêmica, tempo de magistério, tempo de trabalho como Supervisora, experiência profissional em outros cargos do magistério e em outras áreas, enfim conte sua trajetória pessoal e profissional...).
- 2) A partir de 1999 o ensino do 1º ao 9º foi municipalizado, por meio de um convênio com o Governo do Estado de São Paulo. Que tipo de mudanças eram esperadas em relação ao ensino e à gestão da Educação?
- 3) Em sua opinião, quais são as vantagens de se municipalizar o ensino do 1º ao 9º? Que objetivos pretendidos pela municipalização foram implementados, durante a gestão de 2001 a 2008 e de 2009 a 2012?
- 4) Que ações concretas nas instâncias: externa e interna à escola foram implementadas pelos governos municipais (2001 a 2008 e 2009 a 2012), durante sua vivência enquanto supervisora, com o propósito de melhorar a qualidade da educação pública municipal?

- 5) Dentro das ações formativas que o município desenvolveu (de 2001 a 2008 e de 2009 a 2012), quais foram as mais efetivas (que deram resultados diretamente na sala de aula) em sua opinião?
- 6) Quem decidia sobre quais as ações formativas que seriam utilizadas? Baseadas em quais critérios?
- 7) Tendo como referência as duas últimas gestões municipais: como se deu o processo da política curricular? E quem participou desse processo? A SME tem algum retorno sobre a satisfação dos professores? Qual o impacto na sala de aula?

Preâmbulo: Em sua opinião, por que o município não apostilou o ensino?

- 8) Como você avalia o impacto das ações implementadas nas últimas gestões municipais, para avançar na valorização dos profissionais da escola?

Preâmbulo: Qual o papel da supervisão nesse processo?

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Programa de Pós-graduação: Mestrado em Didática, Teorias de ensino e Práticas
escolares

Projeto de Pesquisa: “Diferentes olhares acerca dos processos de participação docente na política curricular em Itatiba (2001-2002)”

Roteiro de entrevista com Diretora do Ensino Fundamental de Itatiba

- 1) Apresentação da Diretora do Ensino Fundamental (nome, idade, origem, estado civil, filhos, formação acadêmica, tempo de magistério, tempo de trabalho como Supervisora, experiência profissional em outros cargos do magistério e em outras áreas, enfim conte sua trajetória pessoal e profissional...).
- 2) A partir de 1999 o ensino do 1º ao 9º foi municipalizado, por meio de um convênio com o Governo do Estado de São Paulo. Que tipo de mudanças eram esperadas em relação ao ensino e à gestão da Educação?
- 3) Em sua opinião, quais são as vantagens de se municipalizar o ensino do 1º ao 9º? Que objetivos pretendidos pela municipalização foram implementados, durante a Gestão de 2001 a 2008 e da Gestão 2009 a 2012?

- 4) Que ações concretas nas instâncias: externa e interna à escola foram implementadas pelos governos municipais (2001 a 2008 e de 2009 a 2012), durante sua vivência enquanto diretora, com o propósito de melhorar a qualidade da educação pública municipal?
- 5) Dentro das ações formativas que o município desenvolveu (de 2001 a 2008 e de 2009 a 2012) , quais foram as mais efetivas (que deram resultados diretamente na sala de aula) em sua opinião?).
- 6) Quem decidia sobre quais as ações formativas que seriam utilizadas? Baseadas em quais critérios?
- 7) Tendo como referência as duas últimas gestões municipais (2001 a 2008 e 2009 a 2012): como se deu o processo da política curricular? E quem participou desse processo? ? Você enquanto gestora escolar tem algum retorno sobre a satisfação dos professores? Qual o impacto na sala de aula?

Preâmbulo: Em sua opinião, por que o município não apostilou o ensino?

- 8) Como você avalia o impacto das ações implementadas nas últimas gestões municipais, para avançar na valorização dos profissionais da escola?

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Programa de Pós-graduação: Mestrado em Didática, Teorias de ensino e Práticas
escolares

Projeto de Pesquisa: “Diferentes olhares acerca dos processos de participação docente na política curricular em Itatiba (2001-2012)”

Roteiro de entrevista com Professor do Ensino Fundamental II de Itatiba

- 1) Apresentação do Professor do Ensino Fundamental II (nome, idade, origem, estado civil, filhos, formação acadêmica, tempo de magistério, tempo de trabalho como Professor efetivo, experiência profissional em outros cargos do magistério e em outras áreas, enfim conte sua trajetória pessoal e profissional...).
- 2) A partir de 1999 o ensino do 1º ao 9º foi municipalizado, por meio de um convênio com o Governo do Estado de São Paulo. Como você percebe a municipalização do Ensino Fundamental?

- 3) Que ações concretas nas instâncias: externa e interna à escola foram implementadas pelos governos municipais (de 2001 a 2008 e de 2009 a 2012), durante sua vivência enquanto professor efetivo, com o propósito de melhorar a qualidade da educação pública municipal?
- 4) Dentro das ações formativas que o município desenvolveu (de 2001 a 2008 e de 2009 a 2012), quais foram as mais efetivas (que deram resultados diretamente na sala de aula) em sua opinião?
- 5) Quem decidia sobre quais as ações formativas que seriam utilizadas? Baseadas em quais critérios? Você sentiu mudanças em sua forma de trabalhar com os alunos? Como?
- 6) Tendo como referência as duas últimas gestões municipais: como se deu o processo da política curricular? E quem participou desse processo? Qual o seu nível de satisfação, quanto a esse documento? Qual o impacto na sala de aula?

Preâmbulo: Em sua opinião, por que o município não apostilou o ensino?

- 7) Como você avalia o impacto das ações implementadas nas últimas gestões municipais, para avançar na valorização dos profissionais da escola?

ANEXO F - Transcrições das Entrevistas

Transcrições das Entrevistas com os Secretários

Elis: Elisângela Sales Teixeira

SE: Secretário da Educação – 2001 a 2008

Elis: Apresentação do Secretário da Educação (nome, idade, origem, formação acadêmica, tempo de magistério, tempo de trabalho como Secretário de Educação, experiência profissional em outros cargos do magistério e em outras áreas, enfim conte sua trajetória pessoal e profissional...).

S.E: Minha formação inicial foi na área da Psicologia... Eu na verdade entrei em uma faculdade de Medicina, mas desisti e isso foi uma grande tristeza para minha família, onde resolvi fazer Psicologia. A Psicologia não tinha uma atuação, ou você era psicólogo clínico ou educacional ou organizacional, mas o forte da minha geração era a Psicologia Clínica. Então, lá nos meus estágios eu optei pela Psicologia Escolar...alunos com dificuldade de aprendizagem...alunos com necessidades especiais...Logo no 1º ano da Faculdade eu comecei a dar aula no Ensino Médio...e me formei... Continuei dando aula...trabalhei em clínica. Depois eu fiz Pedagogia, fiz História, fiz um curso sobre a formação de deficientes mentais. Há pouco tempo fiz Ciências Sociais e fechei um ciclo na área de humanas. Então sempre tive esse interesse... muito feliz como professor, fui por muitos anos professor do Ensino Médio...E depois, quando eu me efetivei no cargo de História no Ensino Médio...eu dei aula na USF de Psicologia...eu só trabalhei por 2 anos no ensino fundamental na disciplina de História. Prestei o concurso, fui diretor de escola por vinte e tantos anos, onde acumulei o cargo por um tempo. Fiz meu Mestrado na área de Metodologia de Ensino...Trabalhei durante 30 anos como professor universitário. Atualmente sou Supervisor de Ensino do Estado e respondo pela Diretoria de Ensino em uma das Regionais do Estado de São Paulo. Em minha trajetória eu tive alguns afastamentos, onde fui por 10 anos, dois no primeiro mandato e oito anos Secretário da Educação do Município de Itatiba. Fui um tempo Diretor de Educação de Morungaba. **Elis:** Qual é a origem do senhor? **SE:** Sou natural de Itatiba, tenho 63 anos e estou no magistério há 40 anos. Fiz a PUC de Campinas, não defendi a minha dissertação de Mestrado, porque me tornei Secretário... Primeiro comecei na UNIMEP e depois continuei na São Francisco...e fui trabalhando. Fui também muitos anos diretor da APAE de Itatiba...eu acumulei...trabalhei acho que uns vinte e tantos anos...Enfim, eu fui estagiário, diretor, supervisor, presidente ... foi um período muito rico da minha vida. E depois, quando eu ingressei como diretor eu deixei a APAE. Então, passei, transitei por esses locais...Trabalhei em várias faculdades na área de História, na área da Psicologia Escolar, nos cursos de Licenciaturas...E sempre acho que a Educação é uma área bastante desafiadora, pra gente. A gente faz muita coisa e sempre tem muito por fazer. Mas é uma coisa que me encanta, eu fico muito feliz, quando eu vejo que aqueles alunos aprendem...Militei muito na escola pública e milito ainda, e quando eu vejo que o professor avança...quando eu vejo a liderança de um diretor...E eu acredito que nesse espaço você tem que ter

essa visão administrativa e na hora que você vai para a questão do suporte pedagógico. E eu acho que o que diferencia uma escola é a questão pedagógica. Essa é uma grande função da escola, enfim na vida de todos nós.

Elis: A partir de 1999 o ensino do 1º ao 9º foi municipalizado, por meio de um convênio com o Governo do Estado de São Paulo. Que tipo de mudanças eram esperadas em relação ao ensino e à gestão da Educação?

SE: Bom, a primeira coisa naquele momento era que as decisões sobre a Educação...elas estariam mais próximas se a Educação fosse municipalizada. O Estado tinha uma rede muito grande, muitos alunos, muitas escolas, muitos professores...Então, ao municipalizar acreditava-se que o poder de decisão...ele seria muito mais próximo e mais rápido. E que isso melhoraria a qualidade da Educação. Isto estava previsto também na Constituição de 88, então era uma questão que dependia de regulamentação e na proposta do governo do Estado naquele momento que era o Mario Covas...eles então, operacionalizaram essa legislação. Nos primeiros 5 anos os professores foram cedidos...os municípios não tinham que retornar o dinheiro para o Estado...veio dinheiro do Estado para construir escolas...materiais...então, foi assim, uma grande mudança. Mas eu acho que os municípios não ficaram atentos que ao assumirem a municipalização... eles também seriam responsáveis pela manutenção, construção de prédios, compras de livros para as bibliotecas das escolas, salários dos professores, devolutiva para o Estado do dinheiro investido naqueles professores e com o decorrer do tempo tudo isso aconteceu e eu particularmente, trabalhei, lutei...sempre acho que a gente faz alguma coisa e não dá pra fazer tudo. Eu acho e na minha opinião na época...eu lutei muito...fui até muito...não posso dizer perseguido, mas bastante discriminado, porque eu achava que deveria se municipalizar de 1ª a 4ª série...que hoje é do 1º ao 5º. E investir na Educação Infantil que nós sempre tivemos dificuldade de recursos financeiros. Mas muitas Prefeituras e inclusive a de Itatiba ela fez a municipalização até o 9º ano e o que cada Prefeito pensava era no cifrão. Quanto que cairia de dinheiro na conta da Prefeitura, mais uma vez venceu a questão de mercado e não acredito que melhoramos a educação. Nós fragmentamos mais...porque o menino chega pra nós na 1ª série do Ensino Médio com uma defasagem ou no 6º ano com uma defasagem muito grande e nós temos ainda (isso vem lá) da maneira como ocorreu a municipalização...Lógico que o político não vê isso...quem vende essas ideias ele não vê, mas eu vejo que ainda tem uma grande divisão em qual escola é boa, em qual escola não é boa...se a rede municipal ou se é rede estadual que eu acho que é uma grande bobagem. Estejamos onde estivermos na municipal ou estadual o cidadão é um só. O pai confunde...ele vai reclamar da escola do Estado na Prefeitura e vem na Diretoria de Ensino reclamar da escola municipal e os personagens ele não sabe quem são...E é uma pena...eu tenho lutado muito nisso de juntarmos forças...mas é muito difícil...algumas Prefeituras hoje compram sistemas de ensino e querem fazer da escola pública uma escola particular...que não é papel nosso. Na militância da

escola pública, não é fazer o que a escola particular faz...Por isso que na Constituição está previsto o funcionamento das duas, tem espaço para as duas. Quer dizer que a escola pública deveria atender as classes populares e os filhos de todos...que é o que a gente não faz. E a escola particular...ela gosta muito do rostinho da criança para mostrar, quantos entraram para a Universidade... Eu quero falar de uma fala de Miguel Arroyo “a gente não é formador de mercadorias...a gente é educador...” Então, eu acho que a municipalização é um avanço parcial...Eu não consigo ver que a gente avançou...Tem decisões? Tem decisões...mas tem município que há ainda diretores que são indicados, supervisores de ensino que são indicados...Que se coloca...tem um discurso muito bonito de autonomia...mas quem se coloca é perseguido...A grande maioria por ingerência do Tribunal de Contas e do Ministério Público tem feito os concursos...mas em alguns municípios eu tenho muita suspeita de corrupção nesses concursos...não sou ninguém pra provar...é suspeita...não estou afirmando categoricamente. Então a municipalização ela tem essa questão da proximidade, mas se nós não tivermos a sensibilidade do gestor municipal e da sua equipe...a gente não avança...Temos problemas na rede estadual, mas temos nas municipais também.

Elis: Quais são as vantagens de se municipalizar o ensino do 1º ao 9º? Que objetivos pretendidos pela municipalização foram implementados durante sua gestão?

SE: Olha eu quero dizer assim, uma coisa que me ocorre na memória...a luta para construir um currículo...Eu vejo a luta da rede estadual e passei por isso de construirmos um currículo realmente e até um fato que ficou muito na minha memória que quando acabamos de fazer o currículo ocorreu a Guerra do Iraque...Acabamos e aquilo era um novo fato...Então o currículo ele não deve ser engessado...mas foi uma luta nossa de construir...uma outra questão que fico sempre falando...será que eu atingi aquele objetivo que era a formação continuada de professores que passou por tantos nomes...reciclagem...Até que a gente conseguiu se encaixar e achar um grupo de “capacitadores”, que não viesse vender só, mas que vivesse o cotidiano da sala de aula. Lógico que em alguns momentos tínhamos que dar o embasamento teórico e depois tentamos ajudar em algumas necessidades específicas e se dispensava as aulas para capacitar os professores. E aqui hoje, passado algum tempo...olhando a distância eu fico pensando...o que foi aplicado de tudo aquilo? Esse é o grande problema da formação continuada...Tentamos fazer projetos talvez até alguns demais...Hoje já não sei se implantaria alguns projetos... Fizemos a reestruturação...já tínhamos tido e tinha acabado...da Oficina Pedagógica, com as Assistente Pedagógicas de cada disciplina, de Educação Especial, de EJA...eu vi a minha luta, quando eu vim como supervisor de ensino...eu vejo a relutância na rede estadual que implantamos lá de observação de sala de aula que as pessoas tinham “ns” mecanismos de fuga e eu insisti...Tivemos uma assessora muito boa...Uma outra coisa que nós fizemos foi valorizar o professor que capacitava para a série...então eu me lembro que o PROFA...as professoras faziam o PROFA de 180 horas, para as vantagens de carreira, mas não queriam pegar a 1ª série... então,

baixamos várias leis... Uma outra coisa adquirimos livros para as escolas, excursões, a questão do meio ambiente, a valorização dos grêmios estudantis...Então eu vejo que a municipalização nos permitiu isso...Construímos escolas com ambientes...eu me lembro da equipe de engenheiros...eu não deixava sair o projeto sem antes consultar o diretor...porque o diretor nunca é ouvido...e eu tive a sorte de trabalhar com um Prefeito que me ouvia. Então, eu acho que não assinar determinadas compras...para outros órgãos fora da Educação...Ter um almoxarifado específico, para que aquilo que fosse da Educação, fosse realmente para a Educação. Até comprei muitas brigas nesse sentido...Então, eu acho que eu tive a sorte de trabalhar com um grupo de pessoas que me permitiram fazer isso e minha experiência me ajudou a gastar o dinheiro corretamente... Que era um grande problema, pois a Educação tem dinheiro carimbado...que precisa ser gasto na Educação. Então criar algumas coisas específicas - o Dinheiro na Escola, além do PDDE do governo federal, repassávamos um dinheiro para as escolas, para elas poderem fazer a manutenção. Essas coisas todas me deixam com muita esperança de uma qualidade melhor do ensino. A hora que eu saio da Secretaria, eu vejo que muitas ações não foram continuadas e foram desfeitas, porque essa é uma cultura do Brasil e eu sempre tive a esperança por onde passei...Você precisa manter aquilo que é bom...alguns projetos foram mantidos e mudados de nomes...Essa coisa da cultura brasileira da destruição. Por isso que a gente nunca tem dinheiro...Uma outra coisa que eu vejo hoje, que eu acho que a gente tinha avançado, mas não posso te dar esses dados concretamente...nós investimos tanto na Educação Especial, quanto na EJA...A EJA me encantava...A Educação Especial tentamos, mas eu vejo que a gente tem um grande problema na Educação Inclusiva nesse país. É difícil, muito bonita a fala...é difícil montar uma equipe técnica...que consegui via saúde... isso pra mim foi uma vitória... sempre pedi uma assistente social, um psicólogo que não pode ser contratado...então veio pela saúde prestar serviços pra gente. Então essas ações, elas foram ações que estavam previstas pela municipalização. Não quero dizer que meu exemplo seja o melhor...muito município tem feito...mas eu quero dizer que naquele momento...porque a gente tem que fazer um apanhado histórico, daquele momento...quem veio antes de mim...também já deixou algumas coisas prontas. Então eu pude fazer algumas coisas...mas eu não gosto de esquecer de quem veio antes.

Elis: (Preâmbulo) Quais foram às rupturas ocorridas no processo de implantação da lei de municipalização do ensino quanto às questões relativas à administração e parte pedagógica?

SE: Então, eu vejo assim, a primeira vez que eu fui Secretário de Diretoria que se transformou em Secretaria e nós tínhamos a Educação Infantil...poucas creches e algumas pré-escola... Nós tínhamos que baixar leis...eu até estranhei...Pois como funcionário do Estado a legislação sai em Diário Oficial e nós tínhamos que bolar: remoção de professores, abertura de classes, fechamento de classes...Você tem que solicitar licitações para os setores competentes...Aí, quando eu saí...eu fiquei 2 anos, veio uma outra pessoa, começou-se a municipalização de 1ª a 4ª série e a própria Prefeitura foi se organizando.

Dai veio um outro prefeito que municipalizou abruptamente ...dormimos de um jeito e acordamos de outro...E as pessoas queriam, porque elas queriam ganhar mais. Eu sempre achava que isso precisava ser feito com muita cautela...não poderia ficar no canto da cotovia, das promessas do canto dos sábias... nada disso... Mas eu me lembro que era diretor de uma escola Estadual... Quando eu volto... essa gestão ela se organiza...ela constrói não em lugares adequados...Quando eu chego essas escolas têm trincas, são em terrenos baixos...com brejos...com trincas...mas ela fez...tinha toda uma legislação... Muito parecida com a do Estado...era esse o modelo nessa gestão que nos antecedeu. Quando eu chego a gente deu um aprimoramento nessa legislação...Fomos criando as nossas leis próprias...já começa a ter um distanciamento do Estado...A gestão antes de nós ela manteve uma distância um grande conflito...Escolas imbricadas, isto é, escolas que funcionavam salas do Estado e do município num mesmo espaço. Uma coisa tão pequena...ia convite de uma inauguração, para a diretora da escola municipal e não para a Estadual. Então existia um clima de muito mal estar nessa separação e o município sempre com mais dinheiro...com mais agilidade...sempre olhando para o Estado com muita indiferença. A gestão com quem eu trabalhei ele já tinha um outro olhar...ele dizia precisamos nos aproximar...e fomos fazendo a nossa legislação...voltamos a construir escolas e tudo isso...Mas ai você já começa a ter um foco a mais para o município. Baixando portarias...decretos...agilizando o funcionamento dos Conselhos...que já tinha no papel...era uma questão difícil...A questão dos gastos: onde que a gente gasta...o que a gente pode fazer...quanto vai ficar uma nova escola...com que período...qual é a projeção do 1º ano...do 2º ano...nós fomos trabalhando por metas...E eu pessoalmente gosto de projetos piloto...então em alguns momentos, por exemplo os livros...nós combinamos que eles seriam adquiridos para as escolas da periferia...ao redor das escolas mais pobres...depois para as escolas do meio da cidade e por último para as centrais...porque elas já tinham um outro acervo. E assim nós fomos fazendo...coisas mínimas, por exemplo liquidificadores grandes para a merenda, batedeiras...Então, a gente foi tomando esses cuidados em como a gente atenderia a rede. Diferente do que o Estado fazia. A gente fez um ou dois concursos de professores...eu lutei muito...e o próprio grupo... porque eu ainda... mesmo o Estado de São Paulo...sendo o único Estado com concurso...não sei se hoje as coisas mudaram...mas eu sou um adepto de concurso. Porque a minha história pessoal...é uma história que eu cheguei...onde cheguei por concurso. Nós tivemos um período com muita interferência política...temos muitos colegas que foram beneficiados em Itatiba...pelo “marinzão”...Eu jamais chegaria onde cheguei... se não fosse por concurso. E eu lutei muito para ter concurso de diretor de escola, supervisor de ensino, psicopedagogo, orientador educacional, que estava no Estatuto do Magistério. Já que eu não poderia contratar assistente social e psicólogo...eu pensei nisso o orientador educacional pode fazer um atendimento melhor com pais...era esse o objetivo. O psicopedagogo ele pode vir...porque naquele momento no Estatuto estava previsto...Lógico que os diretores da época não queriam...porque eram pessoas municipalizadas, fizeram todo um “lobe”, pesquisa...e num primeiro momento...Essa é uma grande frustração que tive... Nós no Estado somos mais resguardados...no município nós não somos...Porque

se você é de uma família que é da oposição você está marcado...não se mede a sua competência...E isso me deixou com o sentimento de muito fracasso...por um bom tempo. Depois algumas pessoas assumiram e tudo, mas eu gostaria de ter deixado isso em ordem. Mas o prefeito com quem eu trabalhei demorou, para tomar atitude e aí já vem a campanha política...os interesses de bastidores.

Elis: Que ações concretas nas instâncias: externa e interna à escola foram implementadas pelo governo municipal, durante sua gestão, com o propósito de melhorar a qualidade da educação pública municipal?

SE: Olha uma grande luta nossa foi aquilo que todo mundo quer... que o aluno aprenda. Eu acho...e eu dizia muito isso...até porque eu frequentava um grupo de pesquisa em uma Instituição de Ensino e a gente tinha a visão de que muitas coisas não chegavam na escola. Então, aqui está um fator externo...E quando chega...que é interno...o menino precisa aprender...Ao mesmo tempo...apesar de eu ter sido uma pessoa muito cobradora...você tem que dar essa força para o professor...porque o aluno que está aí hoje é outro...as cobranças para o professor que está aí...são muitas. Então, eu acho que tudo isso que nós fizemos...era externo...pensado por um grupo que compunha a Secretaria...lógico comandado por mim e com o aval do prefeito...que sempre me ouviu e eu sempre passei para ele...eu levava o problema e as sugestões...era que o menino aprendesse. Que a cidade tivesse uma educação melhor...preparasse melhor esses meninos...Itatiba estava num desenvolvimento...indústrias chegando...bem localizadas...cortadas pelas grandes estradas...só que isso traz também um grande problema social...precisa de posto de saúde...de escola...de transporte... Então, tudo que você fazia era tentar preparar esses meninos...diminuir a questão das drogas...da gravidez precoce...que hoje já está disseminada...Mas esse sonho que eu tive muito como diretor, que eu fui diretor de uma escola de periferia...de dar oportunidade pra aquele menino...sobreviver...Construir a sua vida...Porque a gente que milita na educação...é ponte... É ponte para as pessoas... depois eles caminham...eles constroem suas novas pontes...e nós nos afastamos...um autor diz isso... Um bom educador é ponte... caminha junto com o aluno e depois ele constrói suas novas pontes...Eu acho...que são palavras...pensamentos com chavões...mas que para mim sempre me ajudaram. Porque se você não acredita nisso o que você faz em uma rede pública? Qual é a função do seu cargo? Você é Secretário...vai em uma inauguração...vai em uma coisa...ou outra...Isso é tão efêmero...um dia acaba...como acabou...Eu passei onze anos da minha vida sendo Secretário...e passou...foi muito bom...Então, qual é o legado que você deixa pra quem trabalha com você? O que você construiu de documento, mesmo que o outro não use? Naquele momento você tinha o dever de fazer...tudo! Eu deixei tudo registrado...tudo gravado...entreguei...fui eu que entreguei...mas por exemplo a primeira coisa que eu fiquei sabendo...que a Oficina Pedagógica foi desfeita...onde funcionava...até o nome de uma pessoa muito querida...uma professora que faleceu...que foi nossa colega...tudo aquilo ficou no chão...Você sabe o que é papel...o que é documento...arquivado...não é? Eu até algumas cópias eu levei...eu tirei uma

cópia de um trabalho grande que a gente fez sobre o Grêmio...também sobre a alfabetização...Eu dei uma cópia para o Prefeito que estava saindo...a gravação...deixei uma cópia para a pessoa que estava assumindo o meu lugar...e levei uma... Mas depois...eu falei ai meu Deus, tudo isso está me ocupando um espaço e desfiz de todo esse material...**Elis: O senhor fez um PPP na Secretaria?** **SE:** Sim, construímos juntos...que não era uma coisa constante...como eu era Prof. universitário eu sabia da luta...da importância da proposta pedagógica...na verdade era Projeto Político Pedagógico...fizemos como orientação...eu até implantei isso na Diretoria...A gente tinha uns cadernos...que a gente publicava...e depois a SE fez o seu plano...Fizemos tudo isso com uma previsão de curto, médio e longo prazo...Eu já tinha vivido uma experiência de São Paulo no governo da Eloíza Erundina...eu também como Prof. universitário...que muitas coisas foram construídas...por ela...E o Jânio que a sucedeu... levou isso para uma casa rosada...que não é de Buenos Aires...era em São Paulo...acabou sumindo tudo...E eu tinha até pouco tempo material de EJA...Educação Especial...do governo da Erundina e uma amiga que fez doutorado ...ela diz isso “é tão forte o poder do Estado e da gestão que o grupo não sobrevive” e aquele grupo que ela fazia a pesquisa...ela tentou fortalece-los...mas eles não conseguiram...E eu acho que comigo aconteceu a mesma coisa...tudo aquilo se desfez...Apareceram de novo com outros nomes...outras concepções...que é até natural, não é? Porque a Ciência avança, a pesquisa avança...e eu tenho uma coisa que sempre me deixou muito em paz...que é...eu fiz...quem vem depois de mim que faça melhor. Mas eu vejo que não é essa a preocupação...eu passei por vários locais e tive que recomeçar sempre...porque quem chega quer deixar a sua marca. Eu também talvez tenha o mesmo defeito dos outros...não estou acima do bem e do mal...Mas ali a gente construiu muitas coisas...porque foram 8 anos... E eu volto a dizer que eu tive a oportunidade de trabalhar com uma equipe boa...problemas sempre têm e uma vontade política...precisa ter vontade política para fazer para educação. Assim, como a saúde, como a assistência social...Porque o que tenho visto atualmente é um discurso político e uma prática ruim.

Elis: Durante sua gestão, que ações concretas foram priorizadas pelos recursos do FUNDEB (FUNDEF) e que justificativas fundamentaram essas prioridades?

SE: Sim, a primeira questão quando cheguei...era a formação continuada do professor...você tem um X do dinheiro para fazer formação continuada. E fizemos, custa dinheiro, é difícil achar uma instituição...procuramos uma outra instituição e achamos a Universidade de São Paulo/ USP. Eu pessoalmente gostei muito de trabalhar com esse grupo, porque eles tinham uma qualidade...eles nos ouviam...lógico acadêmicos...pesquisadores...pessoas sérias que vêm com uma proposta e que muitas vezes em cima do que a gente tinha escrito...Mas quando precisou mudar o rumo em alguns momentos em que eu pontuava...eu acompanhava todos...eles também tinham essa capacidade. Isso me deixou assim...uma pena que eu perdi o contato...mas me deixou muito feliz de poder trabalhar com essas pessoas. Pessoas gabaritadas...que nos ajudaram realmente naquilo que eu aprendi...Eu estava muito

acostumado com aquela formação continuada...de palestras, de encontros de uma semana, não...A nossa formação continuada era constante...uma concepção totalmente mudada...de realmente fazer o acompanhamento...tarefas...leituras...Então, uma das prioridades foi essa...Segundo era realmente manter a folha de pagamento...isso é uma coisa que você tem que ter compromisso com as pessoas...Porque o dinheiro vem, mas se você não souber gastar direito...ele acaba! Era um período de muita dificuldade de transporte escolar...então, adquirir condições para o transporte escolar...Porque como se municipalizou todas escolas...o transporte da zona rural...tudo isso é muito complicado...era uma outra prioridade. E implantação de vários projetos que a gente fez...então...essas eram as prioridades dos recursos, né. Mas eu me lembro que logo que eu cheguei...o Prefeito me falou...a nossa prioridade é a formação continuada. Já que municipalizamos nós temos que dar conta...Eu tive e quero deixar registrado em sua pesquisa...o quanto o Prefeito daquela época (2001 a 2008)...eu tenho sempre em minha memória do respeito que ele teve com a Educação. Ele não me fez interferências políticas...lógico que já tínhamos pessoas que tinham sido nomeadas politicamente...Mas em nenhum momento essas pessoas ao darem problemas ele bancou...Lógico que o desgaste foi meu...e era isso mesmo...eu era uma funcionário...ganhava pra fazer... Mas tanto nos projetos...ele foi uma pessoa que na minha concepção impecável...Ele me ouvia e me respeitava...assim como a minha equipe. Ele nunca me disse uma palavra contra uma pessoa da equipe e eu nunca nomeei ninguém sem consultá-lo... Porque eu sabia qual era o meu espaço...é uma questão de educação...de respeito...E conversar com ele não era constrangedor...porque levava o problema e as sugestões.

Elis: Dentro das ações formativas que o município desenvolve ou desenvolveu, quais são as mais efetivas (que dão ou deram resultados diretamente na sala de aula) em sua opinião?

SE: Olha a capacitação...ela tinha três eixos: o primeiro era uma formação geral ...era para todos os professores...discutir educação...e aí vieram vários grupos...Grupos grandes...pessoas adequadas outras não...mas essa era a concepção do papel da escola, do Projeto Político Pedagógico ...de reflexão...Eram encontros para todos de uma maneira reflexiva. No segundo momento era então, por áreas: ciclo I, Língua Portuguesa, Matemática...todas ...Ciências, História, Geografia...E eu gostei muito porque eu dava Metodologia de História e Geografia...e sempre achei essas disciplinas mortas de 1ª a 4ª série. Eu fiquei muito feliz com a postura de algumas professoras que vieram trabalhar com PEBI... Lógico que tivemos muita resistência dos professores...eles queriam e não queriam...E nesse momento nós pagávamos...eles eram remunerados para ir para a capacitação, mas cortamos isso no decorrer do processo. Porque a gente percebeu que o professor não valorizava isso. E o terceiro módulo era que as escolas levantassem temas específicos que elas sentiam necessidade e aí...esse grupo se dividiu da USP e foi às escolas trabalhar os temas que elas quiseram. E aqui nós tivemos que fazer alguns acertos...algumas pessoas vieram muito teoricamente e as escolas reagiam de muita queixa. Eu sempre fui falando com a Coordenadora da capacitação e nesse ponto que eu gostei também da

USP...porque eles foram se adequando, se aprimorando para fazer esse trabalho. Então foram três grandes eixos...e aí tivemos alguns...criamos um da Educação Especial...um Fórum da Educação Especial refletimos e trouxemos pessoas...encontros... foi muito bom...Trouxemos um para diretores de escolas e eram módulos...eu me lembro que no último módulo da nossa gestão era análise de filmes e uma reflexão...Trouxemos para toda a equipe da SE, tanto para supervisores, quanto para assistentes pedagógicos, orientações de como fazer esse trabalho de observação de sala de aula...Como dar devolutivas...e até hoje nós no Estado temos uma resistência e eu aprendi muito com a Assessora que veio...Então foi esse o boneco da capacitação que a gente deu.

Elis: Quem decide ou quem decidia sobre quais as ações formativas que serão ou foram utilizadas? Baseadas em quais critérios?

SE: Olha o primeiro eixo a USP nos apresentou e nós acatamos...Ela veio com a reflexão da Educação...Projeto Político e Pedagógico. O segundo aí já era uma questão do currículo...então, ao chamar algumas pessoas a gente foi vendo essa questão da Matemática, da Língua Portuguesa, de Ciências...cada disciplina tinha um especialista...de Inglês, Educação Física...que era um grande problema...é um problema a Educação Física a mudança da formação do professor ...Então daí, esses especialistas pessoas que tinham livros publicados, específicos das diversas disciplinas eles nos apresentaram e nós batemos o martelo. E o terceiro a escola levantou...Então, foi a USP...e alguns foi a gente que solicitou e outros foram as escolas.

Elis: Quanto ao currículo como se deu a construção e por que o município não apostilou o ensino? E qual foi a participação docente nesse processo? A SME tem algum retorno sobre a satisfação dos professores? Qual o impacto na sala de aula?

SE: Olha na verdade fizemos encontros...eu vejo assim, as grandes coordenadoras foram as ATP's das disciplinas...foram elas...tanto do ciclo I, quanto do ciclo II...Elas que encaminhavam...elas que traziam e o que que a USP nos ajudou...a sistematizar...Mas até o eixo final quem tinha saber técnico eram as ATP's. Então elas articularam...eu não sei hoje Elisângela ficou te devendo se houve uma grande participação...porque você conhece os professores... Eles estão sempre prontos para criticar...É assim mesmo...somos professores também...Eu entendo que naquele momento foi para escola...se não está errada a minha memória...e um grupo de professores vieram até as ATP's ajudar nessa sistematização...eu acho que foi esse o processo...mas eu fico te devendo uma resposta mais completa. Imprimimos o currículo...conseguimos imprimir com o logotipo... a gente até fez um pouco parecido com o do Estado...o nome do Prefeito...aquelas coisas todas...tinha uma introdução e foram entregues para as escolas...mas já era final de gestão...Eu sei que algumas escolas trabalharam...valorizaram...tinha uma sistematização...Eu me lembro que fizemos uma apresentação

no final de ano com todos esses orientadores da USP, junto com a equipe...com as ATP's sistematizando essa questão. Cada documento tinha números...e do currículo era 14...Um grande desafio era ir até as escolas...uma das coisas que eu sinto na formação continuada é a falta de monitoramento...de acompanhamento...Por isso que não dá certo as políticas públicas e cada um quer inventar uma coisa...e eu tenho lutado muito na rede Estadual para ter o acompanhamento...não para fiscalizar ...mas para orientar, acompanhar, sistematizar e se necessário fiscalizar...Mas não precisa ser o primeiro...pode ser o último se as coisas não derem certo. E esse era o desafio nosso...do monitoramento. Então...a participação docente nesse processo ficou a cargo desse subgrupo de professores.

Elis (Preâmbulo) Por que o município não apostilou o ensino? SE: Olha eu pessoalmente sou contra o apostilamento e eu talvez nem seja compreendido... e naquele momento o Prefeito também...Nós achávamos que a gente tinha que construir um currículo próprio e eu continuo achando isso. Há poucos dias eu ouvi de um município – apostilamos...assim todo mundo dá padronizado...- não é verdade...Apostilar é querer fazer de uma escola pública uma escola particular...não dá certo. Dá muito mais trabalho não apostilar...construir o currículo... revisar o currículo...implantar...implementar...e monitorar. É muito mais desgastante...os resultados mais demorados...com essa cobrança das avaliações externas...Com a rotatividade de professores...o não acompanhamento das famílias...porque os meninos gostam da escola...o que eles não gostam é do cotidiano...do aprender... Então dai o professor se desanima...Então eu pessoalmente, quando cheguei na rede de volta...eu valorizei muito o currículo...Porque eu vi muitas críticas, mas eu não sou um adepto de apostilas. Talvez seja uma visão limitada...mas eu prefiro construir o currículo. **Elis: O senhor tem algum retorno da satisfação dos professores? SE:** Olha o retorno...eu vi em muitos professores...coisas boas...Então eu vi que para muitos professores a formação continuada ajudou...Outros camuflaram...e outros não mudaram uma vírgula...É como a vida pessoal você tem momentos gratificantes, outros mais ou menos e outros desagradáveis. E esses que não mudaram foram os que mais criticaram e continuam criticando...porque pra eles nem aquele estava bom...nem esse está bom...nem o próximo estará bom...E vejo com uma certa tristeza...muita gente querendo sair da sala de aula. Então se ele puder agradar politicamente...e isso é uma outra perversidade da municipalização...e ter um cargo...é tudo que ele quer...Nós temos esse problema também no Estado...quero ser professor disso...daquilo...menos ficar na sala de aula...Tá difícil a sala de aula...Mas é o nosso papel...somos oriundos da sala de aula...Estamos nesse cargo... mas a gente não pode esquecer ...que trabalhamos pela sala de aula. Então eu vejo assim, naquele momento...eu acho que a gente atingiu uma parcela...eu nunca achei que atingia todo mundo.

Elis: Como você avalia o impacto das ações implementadas durante sua gestão para avançar na valorização dos profissionais da escola?

SE: Olha eu vejo assim, o que a gente tinha para valorizar... dar condições de trabalho... não conseguimos financeiramente... Era uma política, da qual eu fazia parte que se tinha outras prioridades... Construir escolas, repassar dinheiro, reformar... Ouço dizer hoje, que essas coisas andam muito devagar... Então deu pra aumentar o salário, porque se você não reforma uma escola... você aumenta o salário... Aumentou o cartão lá... a cesta básica do professor... ótimo! Isso não significa que isso melhorou a qualidade do ensino. É um direito... o professor precisava ser uma profissão que ganhasse muito bem. Nós tivemos uma outra prioridade... mandar material para as escolas... essas coisas... Então, financeiramente... eu não consegui. Agora, eu acredito... não sei se eu consegui... que na hora que você capacita esse professor e ele vê esse menino aprendendo... você está dando uma contribuição. Na hora que você tem um projeto piloto numa escola... fizemos depois com a Fundação Ayrton Senna, Ana Moser... e você tem o parceiro... mas você tem que por uma parte do dinheiro... você está dando condições para aquelas crianças aprenderem... Quando você implanta a retomada da Educação Artística... da Educação Física no ciclo I... e Inglês... é sinal que você está ajudando. Ai tem uma polêmica... aonde fica esse professor? Acompanha ou não acompanha? Vai ficar como hora de estudo? Ou não vai? E você não agrada todo mundo... Então ai tem o sentido da valorização... e tem depois as exceções... A Educação é regida por muitas exceções... Então, eu acredito que a valorização era na verdade no nosso tempo de dar essas condições para o professor. Não atendemos uma coisa... é o que passamos no Estado... o número de alunos... porque os professores eles querem um número reduzido de alunos. Que eu acho que em alguns momentos eles tem razão... mas cientificamente isso não prova que a qualidade do ensino é melhor. Não deixamos acontecer a readaptação pelo que eu ouço hoje... tem inúmeros readaptados... Porque ao deixar um... e a força política é muito grande dos aliados do Prefeito... os não aliados não teriam a readaptação... Porque a medicina ainda é um problema... a medicina do trabalho... Então fomos criticados por isso pela questão financeira, pela questão da não readaptação e pode ser isso... as cobranças... eu era um cobrador... Fomos criticados por isso... Eu já acho que a escola precisa ser um espaço organizado... tem que construir a autonomia, mas autonomia não é soberania... O professor não gosta que a gente fale da falta dele... Ele fala da falta do aluno, mas dá dele não! Eu acredito que alguns estão doentes e precisam de tratamento... Mas há um desrespeito... ele liga às 7h... 7h10... pra dizer que não vai... E eu sempre fui muito cobrador nesse sentido... Agora, eu tinha essa concepção... na hora que eu dou essas condições ...que eu repasso orientações para o HTPC ...que aquele lugar é um lugar de estudo... que o coordenador cada um precisa fazer o seu papel... Ligo na escola e o diretor precisa estar lá... Abro a escola noturna pra EJA e o aluno precisa estar lá... porque é dinheiro público... o motorista tem que pegar o menino... a estrada tem que ter passado a máquina... a gente estava cumprindo realmente o papel da Educação. Eu pensei nesses anos que fui Secretário e continuo pensando... que a Educação ela é uma coisa muito importante na vida dos alunos. E um professor faz uma diferença enorme... E temos professores que marcaram... E eu quando ficava perto dos alunos da EJA e eles abraçavam o paraninfo... e falava eu estou aqui porque a senhora me incentivou... eu estou me formando porque é graças a senhora... eu via a dignidade daquele

professor e aí tudo bem no mundo capitalista ela precisa de dinheiro, mas acima de tudo ela é valorizada...ela tem uma história...aquela professora e aquele aluno. E ela ajudou-o a chegar até aquele ponto...Seja no 9º ano ou seja no 5º ou seja na EJA...ou nós aqui na rede Estadual no Ensino Médio.

Elis: Elisângela Sales Teixeira

SE: Secretária da Educação – 2009 a 2012

Elis: Apresentação do Secretário da Educação (nome, idade, origem, formação acadêmica, tempo de magistério, tempo de trabalho como Secretário de Educação, experiência profissional em outros cargos do magistério e em outras áreas, enfim conte sua trajetória pessoal e profissional...).

S.E: Eu tenho 52 anos, sou nascida e criada em Itatiba, sou pedagoga, tenho Mestrado e Doutorado na área da Psicologia. O Mestrado é em Psicologia Educacional e o Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento. Tenho 30 anos no Magistério... um pouco mais...na Secretaria de Educação este é o 7º ano, como Secretária da Educação do Município. Experiências em cargos do Magistério em outras áreas...está dando aí 32 anos de carteira assinada...Eu fui uma criança criada em casa de pais professores, tios professores, sempre fui muito ligada à família e acho que sempre tive vocação por gostar do Magistério. E fiz a licenciatura em Matemática, para depois fazer Pedagogia e antes mesmo de entrar na Universidade eu trabalhava em uma escola particular como secretária. Me envolvia muito nas questões pedagógicas ajudando os professores às vezes naquelas matrizes de atividades que eles faziam, ou na organização da biblioteca, nas reuniões pedagógicas em pautas...ia me envolvendo...me envolvendo...me envolvendo, quando vi estava participando quase que como uma assistente de coordenação, fui fazendo cursos e me tornei coordenadora pedagógica. Fui desenvolvendo, fazendo cursos paralelos e orientações. E fui desenvolvendo estudos e atuando na área da Educação sempre...desde menina.

Elis: A partir de 1999 o ensino do 1º ao 9º foi municipalizado, por meio de um convênio com o Governo do Estado de São Paulo. Que tipo de mudanças eram esperadas em relação ao ensino e à gestão da Educação?

SE: Então eu não participei desse movimento, mas a gente sabe pela história e por documentos que é um processo, um regime de colaboração, de integração, um programa de integração do Estado e Município, para que o município assumisse a gestão da educação do Ensino Fundamental. De certa forma se responsabilizando técnico administrativo e pedagogicamente pela gestão do 1º ao 9º. Que mudanças eram esperadas...eu imagino que o Estado esperava que o município assumisse tudo! Todas as responsabilidades da educação nesse segmento de ensino. Mudanças em termos de orçamento, mudanças na administração de vida dos professores, mudanças na questão de matrículas, acho que uma série de questões tiveram que sofrer adaptações, para contemplar todo esse processo de

colaboração. Mas vejo que mudanças sempre são bem-vindas, quando se visa a qualidade da Educação. Todo processo eu entendo assim, todo processo de descentralização ele promove ganhos qualitativos. Hoje, se você observar o Ensino Médio e o Ensino Fundamental daqui do município...se fosse tudo do Estado, talvez nós não tivéssemos os ganhos qualitativos, indicadores...o crescimento profissional dos professores... na qualidade...tudo do 6º ao 9º ano...se fosse do Estado. Porque a gente não tem visto esse mesmo avanço no Ensino Médio. Então a descentralização, o que esperavam e eu acredito nisso, o que se esperava um avanço em qualidade também. Uma descentralização é um investimento em qualidade. Uma vez que o município pode acompanhar com mais atenção, com mais foco e acompanhamento direto naquela modalidade de ensino que está sobre sua responsabilidade, mais diretamente. Ele pode atuar e acompanhar mais diretamente, avaliar mais diretamente...responder mais diretamente...por aquele segmento que é de sob sua responsabilidade.

Elis: Quais são as vantagens de se municipalizar o ensino do 1º ao 9º? Que objetivos pretendidos pela municipalização foram implementados durante sua gestão?

SE: Eu acredito que na época ...e até hoje a gente ouve falar...que houve desvantagem...porque os professores tinham um salário melhor e tinha que dividir a fatia do bolo...com professores que agregaram no grupo. Então isso que em termos de prédio público...que por um período tiveram que conviver Estado e Município junto e depois quando separou soltaram até rojão...uma série de coisas pitorescas...históricas...casos que se contam na cidade. Mas eu vejo como vantagem se tiver recursos financeiros...condições de fato do regime de colaboração acontecer de formar eficiente ...eu vejo com bons olhos a municipalização...porque nós temos mais próximos do município, tanto a responsabilidade, quanto a autonomia...pra se poder trabalhar como a gente acredita. De uma forma mais descentralizada...mais independente, para que se possa adotar o livro que ser quer...utilizar a formação...desenvolver os processos formativos do modo como o município quer... fazer o acompanhamento, a supervisão...as visitas...Então a descentralização...eu vejo como uma das vantagens é...o investimento na qualificação do processo pedagógico.

Elis: Quais foram às rupturas ocorridas no processo de implantação da lei de municipalização do ensino quanto às questões relativas à administração e parte pedagógica?

SE: Acho que não é uma questão de ruptura...mas de dinamismo, complexidade e avanços...sem medo de encarar o que vem pela frente. Acho que isso é importante, porque a gente pode dizer que não tinha um Plano de Carreira...O 1º Plano de Carreira do município foi em 1989...meu pai era Coordenador na época não tinha Secretário de Educação...era Coordenadoria de Ensino... Era um plano voltado para a Educação Infantil...os professores da Educação Infantil tinham destaque...tinha uma formação que vinha da UNICAMP de altíssimo nível...daí teve todo um processo histórico ali de formação. Depois

veio mais pra frente o processo de municipalização... a criação do Sistema de Ensino...eu vejo sempre como um avanço...mas cada vez que ocorre uma mudança.. quem está na gestão e quem sofre o impacto dessas mudanças...sempre acaba se queixando...sentindo algumas perdas...Mas nós temos que pensar no bem da maioria e qual é a maioria no nosso olhar...é no aluno...no educando...no estudante. E quando a gente visa o desenvolvimento, a aprendizagem desse estudante e as condições para que ele tenha uma melhora formação...a municipalização...o sistema de ensino...toda a estrutura que acompanha esse processo ela pode complicar a vida do gestor...trazer problemas políticos...trazer problemas sociais por um determinado período....mas a médio e longo prazo ela reflete em ganhos para o processo formativo, para esses educandos e dos educadores.

Elis: Que ações concretas nas instâncias: externa e interna à escola foram implementadas pelo governo municipal, durante sua gestão, com o propósito de melhorar a qualidade da educação pública municipal?

SE: Nós assumimos um processo já em franco desenvolvimento , com história, com um documento curricular construído sim, com assessoria de profissionais que deram formação a professores multiplicadores. Nós temos uma história de formação...uma história de desenvolvimento...uma série de coisas. Mas nós sentimos a necessidade de ouvir os professores, os gestores e fazer uma análise da situação do ponto de vista das pessoas que fazem a educação na escola, para ir entendendo o ponto de vista deles. Fazer um diálogo entre o que os especialistas falam...o que eles vivem e o que nós podemos implementar. Então o nosso foco em termos pedagógicos foi no investimento curricular, no processo de formação e da avaliação da aprendizagem. Então essas três frentes nós pegamos como pontos, com focos concretos para investimento da gestão de políticas públicas municipais...para que se pudesse investir em trabalhos ao longo desses anos...então em termos pedagógicos. Em termos de valorização do magistério nós trabalhamos bastante em questão da participação dos professores também, sempre numa abordagem dialogada, democrática, por mais que os professores reclamem...falem que o processo não foi democrático...ele foi...nós temos depoimentos...atas que mostram a participação efetiva de representante das categorias de vários representantes da sociedade itatibense. Então nós fizemos a construção do novo plano de carreira. Nós tínhamos que atuar na frente pedagógica...no que diz respeito pedagógico nessas três frente que eu falei e na da valorização. Então, dois pontos, pra mim, da gestão...da Secretaria da Educação de 2009 a 2012...no caso até hoje...esses dois pontos são fundamentais. No investimento do pedagógico e na valorização do professor. Porque o avanço pedagógico também depende do reconhecimento social e financeiro do trabalho do professor...das condições...carga horária...condições de estudo...de locomoção...Enfim, todas as condições de valorização financeira, do reconhecimento do seu trabalho e a parte pedagógica.

Elis: Durante sua gestão, que ações concretas foram priorizadas pelos recursos do FUNDEB (FUNDEF) e que justificativas fundamentaram essas prioridades?

SE: Então, o FUNDEB hoje, nesses últimos anos ele tem sido usado exclusivamente, para a folha de pagamento. Porque nós investimos bastante na valorização do magistério...desde a Creche até o 9º ano. Então a mudança estrutural que houve nas condições de trabalho do antigo “educador de creche” que hoje é Professor do desenvolvimento infantil...nós estamos falando mais do 6º ao 9º aqui...mas é importante dizer faz parte do corpo docente...que faz parte do quadro do magistério hoje...Então esse é um impacto de uma mudança que a política municipal aderiu, né...Defendeu e que algumas pessoas podem criticar, mas nem sempre foram beneficiadas com a mesma proporção. Mas foi um processo equânime de justiça de Itatiba, para que as pessoas que estavam em uma situação menos favorecidas pudessem ser consideradas profissionais da educação que realmente são e fazem parte do quadro do magistério. Então, todo o valor que vem do FUNDEB ele vai diretamente para a folha de pagamento e ainda o município usa recursos próprios, para complementar essa folha de pagamento. Dado ao aumento que se teve nos investimentos com o profissional da educação. Então, o FUNDEB pra nós é voltado para folha.

Elis: Dentro das ações formativas que o município desenvolve ou desenvolveu, quais são as mais efetivas (que dão ou deram resultados diretamente na sala de aula) em sua opinião?

SE: Olha o processo formativo que partiu do diagnóstico tanto da aprendizagem do aluno, quanto como do diagnóstico da situação do professor. Colocando essas duas situações em diálogo promoveu momentos de formação...pontos formativos...cursos...oferta de atividades...Enfim, atividades que possibilitassem ao professor...um crescimento pessoal e profissional...de modo que ele aproveitasse esse enriquecimento para sua ação direta na sala de aula. Esperávamos isso, investimos nisso... E isso nós observamos em boa parte dos professores e nos resultados de aprendizagem dos alunos. Mas nós não podemos generalizar...o mesmo investimento foi feito para todos os professores...hoje nós temos em torno de 1300 professores...Mas não posso dizer que 1300 professores participaram com a mesma intensidade...com a mesma motivação...com o mesmo amor...com a mesma força de vontade...das formações e levaram para a sala de aula. Mas uma boa parte leva e consegue resultado. Foi significativo o avanço da aprendizagem do 1º ao 5º ano... Semana passada saiu o resultado da ANA (Avaliação Nacional da Alfabetização) e a gente tem visto que as políticas adotadas para o ciclo da alfabetização...tanto para a formação do professor, como para os alunos...e esse diálogo entre essas duas coisas...ele tem surtido um efeito. Tanto o Ler e Escrever, a adoção do PNAIC, as formações que nós temos daqui da própria rede...junto com professores da própria casa...que são líderes nas suas áreas de atuação e desenvolvem um trabalho junto com os outros professores. Isso tudo já tem mostrado reflexo no desempenho dos alunos. E isso está acontecendo também gradativamente ao

longo dos 9º anos do Ensino Fundamental. Como eu falei em uma das questões que você me fez Elis...no início você sabe, pois você participou de todo o processo...Você foi protagonista atuante, importante em todo esse processo e nós temos que destacar isso. Porque você foi uma líder nesse processo de construção do currículo e de coordenação...responsável pelo processo de formação dos professores do 6º ao 9º no município...nesse período de 2009 a 2012. Então você sabe que avaliamos, identificamos o que os professores queriam? O que eles enxergavam? Que necessidades eles sentiam? E nós fomos buscar em nomes...em especialistas...em pessoas que tinham um trabalho reconhecido...E algumas das vezes profissionais indicados pelos próprios professores. Alguns eu indiquei...alguns você indicou...Nós fomos vendo num corpo de professores de Universidades renomadas, com experiência...nós trouxemos esses profissionais para conversar, para participar dos encontros de formação com os professores e estabelecer um diálogo...entre o documento que se tinha, a prática que eles tinham e o que nós queríamos...para construir junto com eles o nosso documento curricular...que foi publicado então, em 2012. Foi construído ao longo de 2009, 2010, 2011 e 2012...os quatro primeiros anos de minha gestão. Ele foi um processo bastante dinâmico, dialógico, participativo...e com mudanças constantes...todo ano a gente avaliava....E fazia alterações partindo do ponto de vista do professor...do que os professores sentiam...e como eles avaliavam, para que a gente pudesse investir no ano seguinte...de modo a acrescentar e dar sentido para o fazer docente em cada área do conhecimento. Nós definimos sim a leitura como linha mestra de todas as áreas do conhecimento, mas para cada área tinham especialistas e professores nossos aqui da rede como líderes...para multiplicar esse conhecimento...acompanhar...fazer visitas em loco...formações constantes a cada quinze dias...isso é muito importante de se falar...foi um processo intenso e chegamos a construir...sequências didáticas com os professores...planos de aula...para que eles pudessem desenvolver e se desdobrar o currículo em ações para o dia a dia da sala de aula.

Elis: Quem decide ou quem decidia sobre quais as ações formativas que serão ou foram utilizadas? Baseadas em quais critérios?

SE: Sempre partindo das avaliações...tinha uma equipe na Secretaria da Educação com uma responsável que por coincidência era você a Diretora de Eventos e Programas que coordenava o Programa de formação do 6º ao 9º...Então a cabeça de formação do município e as ideias claro nós discutíamos juntos e sempre baseado na literatura, nos estudos...Mas fundamentalmente partindo da percepção que nós tínhamos do que os professores sentiam daquilo que viviam na prática da formação e da realidade de sala de aula. Então, o diálogo constante entre o processo formativo e a vivência dentro da realidade da escola pública.

Elis: Quanto ao currículo como se deu a construção e por que o município não apostilou o ensino? E qual foi a participação docente nesse processo? A SME tem algum retorno sobre a satisfação dos professores? Qual o impacto na sala de aula?

SE: Bom, acho que até já fui colocando essa questão da construção da política curricular...Nós identificamos em 2009 que por mais que tivesse uma história, tivesse um documento 14...nós observávamos que alunos que saia de uma escola e ia para outra escola...os professores falavam parece que veio de outra cidade. Nós não percebíamos...nós não identificávamos presença de uma unidade...que representasse uma rede...uma unidade...uma identidade...Sou aluno da rede municipal de ensino! Ou professor da rede municipal de ensino! Então o nosso trabalho foi também pensando em desenvolver uma identidade...um sentido...uma unidade. Tal forma que nós tivéssemos uma clareza do que o município esperava por ano de matrícula do aluno e por disciplina. Então, nesse movimento de diálogo com os professores, com os especialistas, com a literatura...é como se fosse um currículo nosso de formação. Uma troca de saberes e de experiência... construindo o nosso fazer pedagógico...e registrando em documento orientador, para que o professor na sua prática do dia a dia pudesse garantir essa unidade...os direitos de aprendizagem...que nós chamamos em nosso documento de expectativas de aprendizagem...com conteúdos definidos...tempos mais ou menos definidos ao longo do ano...divididos por bimestres. Com clareza do que se espera para cada disciplina. E uma coisa que foi feita e que você capitaneou muito bem que foi o trabalho interdisciplinar. Nós sempre pensamos em aprendizagem significativa, com conteúdos que façam algum sentido na vida do aluno e que os conhecimentos sirvam para resolver alguns problemas na situação de vida. E que os professores pudessem de modo articulado tentar dar algum sentido para aqueles conteúdos daquele ano de matrícula. Então o trabalho com a interdisciplinaridade foi muito interessante em 2011...foi um ano intenso de discussões de reuniões quinzenais com os professores do 6º ao 9º de todas as áreas do conhecimento, a fim de buscar sentido para aqueles conteúdos do 6º ao 9º buscando a interdisciplinaridade. O currículo tem um formato ...foi construído dialogado...tem algumas inspirações teóricas...como já falado inicialmente a rede já tinha um histórico de formação...teve formações filosóficas, sociológicas...políticas...Mas nós percebemos a necessidade grande do professor de querer discutir sobre o que fazer na sala de aula...o seu “metiê”, o seu dar aula. O que vai trabalhar...Então, as nossas formações e o nosso currículo ...o nosso movimento curricular...nosso estudo procurou destacar principalmente essas questões. Então, para Língua Portuguesa, Matemática, Ciência, História e Geografia o documento tem a mesma carinha, com as expectativas de aprendizagem, divididos por bimestres e o que se espera, para que o professor se organize...e que se espera que os alunos aprendam nos períodos bimestrais do ano letivo. Cada professor recebeu o seu impresso, tem a versão digital disponível no site da Prefeitura...Hoje, nesse movimento contínuo os professores e toda a equipe continuam com o mesmo documento, mas fazendo uma reavaliação. Então, quem fez parte de todo esse processo foi: a equipe da SE, capitaneados pela Diretora de Programas e Eventos, os professores formadores que foi montada uma equipe na SE, com professores

de todas as áreas, inicialmente os especialistas...pois aos poucos foram transferindo formação...segurança...e uma série de coisas para que o município...os formadores e os professores se sentissem protagonistas...donos desse currículo, para que uma vez apropriados ninguém tirasse deles. E isso a gente espera que já esteja bem incorporado e acho que está...a ponto de querer fazer algum tipo de adequação. A equipe gestora e os coordenadores de cada ano...aqui infelizmente a equipe de coordenadoras é rotativa...e todo ano a gente começa do zero, com formações para coordenadoras e eles têm que se inteirar de todas as propostas, de todas as formações pra poder acompanhar o trabalho dos formadores...esse é o trabalho...é um desafio...é um problema que nós temos que encarar. E ainda não temos uma solução definitiva para esse enfrentamento...então, todo ano investimento nisso...Mas eles foram importantes naquele momento do processo. Alguns diretores...não vamos dizer que todos participaram ativamente desse processo...Então esses foram os principais atores do documento curricular. Num processo de interação, de movimento...de construção coletiva. Você vê que interessante as discussões de hoje...que estamos vendo na mídia sobre o Currículo da Base Nacional Comum é o que a gente passou...A gente viveu exatamente o que eles estão falando para o Brasil. E a gente fica até feliz! Então, a gente vê que nós iniciamos um processo adiantado...nós chegamos e vimos que precisávamos de uma base municipal comum...dessa identidade...dessa unidade. Nós fomos com a cara e com a coragem construindo esse documento e o melhor junto com as pessoas que fazem a educação na sala. Agora, que a gente tem decepções...a gente tem...nem sempre acontece aquilo que a gente imaginava que acontecesse...mas faz parte do processo educativo. O importante é que a gente vá e veja o que está acontecendo e procure novos investimentos pra promover novos avanços. **Elis: Dentro desse movimento todo...você tem algum retorno da satisfação dos professores? SE:** Olha, eu acho que a última avaliação feita em termos de satisfação...das formações e tudo...foi você que fez em 2012...A gente fez mais informal, mas tá na hora da gente fazer sim...mais pontual, agora pra gente vê...o grau de satisfação. O que a gente tem é devolutivas informais...em visitas que a gente faz nas escolas...o que os supervisores falam...devolutivas dos formadores...Eu vejo que a gente amadureceu muito...por conta da participação docente...

Preâmbulo Elis: Com todo esse processo...por que o município não apostilou o ensino? SE: Então, uma vez que você vê o professor protagonista de tudo isso...ele estuda...ele faz proposta...ele está ali criando sequências didáticas...Nós temos sequências didáticas produção muito interessante dos nossos professores. Nós até pesamos no ano passado todinho...nós recebemos diversas empresas...nós avaliamos diversos materiais...nós até quisemos...mas nós ficamos assim...primeiro nós temos todo um trabalho construído...como que você vai agora fazer um negócio desse...só se tiver alguma coisa que venha ao encontro daquilo que nós construímos ...para não se jogar um trabalho fora. Mas como processos licitatórios são uma caixa de surpresa...ganha o mais barato...você nunca sabe qual será comprado. Então, ficamos com receio, mas nós vimos sim alguns sistemas que vem ao encontro do trabalho que nós realizamos sem ferir toda essa construção que eu acho maravilhosa...que é importante... que é grandiosa. Ela valoriza...é um reflexo da valorização do

professor...reconhecimento que ele é um profissional importante...que tem potencial... que pode fazer coisas diferentes. Então, nós não adotamos por enquanto por essas questões. Não sei algum dia a gente vai ter uma orientação para poder adquirir aquele material específico...ai a gente pode até conversar.

Elis: Como você avalia o impacto das ações implementadas durante sua gestão para avançar na valorização dos profissionais da escola?

SE: Então, eu acredito que foi grande a valorização...se a gente pegar o salário o quanto que era... as formações...os eventos...mas ainda o professor é insatisfeito...Então, a gente fica sempre, né...se tem um retorno da satisfação do professor...o professor vai ser um eterno insatisfeito. Tem muita gente que vem...que agradece...que fala que agora tem um terço...que tem gratificação por mérito...tem a licença prêmio em pecúnia...têm vários benefícios que não tinham, que agora têm...Agora têm uns que se calam...uns que continuam reclamando...mas você pode dar o mundo e fundo...e vai ter gente desconte. Então é muito difícil avaliar o grau de satisfação...Precisaríamos desenvolver instrumentos de pesquisas ...com critérios...pra gente poder avaliar isso de uma forma mais fidedigna. O impacto disso na sala de aula...eu vejo que tudo de certa forma refletiu nos indicadores de desempenho na melhoria da aprendizagem. O nosso nível de alfabetização melhorou muito nos anos iniciais, no 5º ano também... No 6º ao 9º está melhorando ano a ano, mas se a base melhora...vai indo...Então esse impacto é gradativo...não é de uma hora pra outra que a gente faz a coisa acontecer.

Transcrições das Entrevistas com as Supervisoras

Elis: Elisângela Sales Teixeira

Supervisora Sabedoria

Elis: Apresentação da Supervisora do Ensino Fundamental (nome, idade, origem, formação acadêmica, tempo de magistério, tempo de trabalho como Supervisora, experiência profissional em outros cargos do magistério e em outras áreas, enfim conte sua trajetória pessoal e profissional...).

S.S.: Tenho 53 anos de idade, são 35 anos na Educação, comecei bem cedo, já nasci professora, sempre quis trabalhar na Educação desde pequena. Alfabetizei uma pessoa quando tinha 09 anos, quando eu brincava de escolinha. Sou de Itatiba, fiz o magistério aqui em Itatiba na então escola “Manuel Euclides de Brito”. Comecei a dar aulas numa 2ª série com 18 anos na periferia de Campinas, numa escola muito difícil. Foi uma experiência muito rica, tive 6 anos de experiência na Prefeitura de Campinas, como professora efetiva e sempre trabalhando na periferia. Onde conheci várias comunidades e vários problemas sociais. Mas sempre me identifiquei muito com a escola pública. Nunca pensei em trabalhar numa escola particular. Gosto do serviço público. Depois me efetive no Estado por opção, por ter filha pequena e acabei deixando a Prefeitura de Campinas. Onde acabei me

arrependendo, pois tinha muito curso com a UNICAMP e muita coisa da minha bagagem devo à Campinas. E aqui em Itatiba trabalhei em duas escolas “Manuel Euclides de Brito” e depois “Chico Peroba”. Depois de um bom tempo que fui fazer Pedagogia, fui primeira colocada no vestibular aqui na USF (Universidade São Francisco), fiz o curso, não achei difícil, pois na verdade eu fiz ao contrário de muitas pessoas que tem a teoria e não tem a prática...eu tinha a prática e coloquei na teoria... eu dei uma justificativa para a minha prática...Eu sou uma pessoa que gosta muito de ler, gosto muito de estudar, gosto muito da parte legal, gosto muito da gestão, mais até do que a parte pedagógica. Sempre fui uma pessoa que gosta de trabalhar com a gestão. Sempre nesse caminho, depois fui convidada para ser coordenadora do “Chico Peroba”, indicada pelos pares (pelos colegas). Fiquei um ano na coordenação designada e depois o Secretário da Educação na época em 2003 me convidou para ser diretora da escola “Chico Peroba”. Tive apenas um ano de experiência na coordenação, a princípio o susto foi muito grande. Eu pedi uma semana pra pensar, mas ele não me deu muita opção. Assim, tentei até indicar colegas, para eu ter mais experiência, queria ter mais experiência na gestão, para pegar uma direção...de uma escola central, uma escola de nome, uma escola que passava por uma reforma muito grande, com salas adaptadas em outras escolas...era um desafio muito grande. Mais daí, eu tive a fala de um supervisor da época que falou “ que é como um filho se a gente não experimentar, a gente numa vai poder dizer se gosta ou não. E eu resolvi aceitar o desafio... No primeiro ano foi muito difícil... Mas acho que a partir do 2º ano...eu consegui implantar o que eu acreditava em termos de gestão na escola “Chico Peroba”. E aí em 2007, o mesmo Secretário da Educação me convidou, para ficar na supervisão, para trabalhar com ele na Secretaria de Educação. Era também uma experiência muito diferente, a princípio...eu não imaginava que seria convidada para a supervisão...Mas aceitei o desafio...eu gosto de desafios... E me propus a fazer um trabalho, como fiz no “Chico Peroba” de gestão participativa, de trabalho...estudo de aprofundamento da rede. Era designada como supervisora e assim depois, eu me aposentei de professora do Estado e hoje sou uma supervisora concursada. E eu tenho paixão pela Educação, eu adoro o que faço, pois adoro pessoas. Mais do que tudo em Educação você tem que gostar de gente...gostar de pessoas, principalmente quem trabalha com a escola pública. Você tem que acreditar na promoção do ser humano pela Educação... Esse é o meu lema.

Elis: A partir de 1999 o ensino do 1º ao 9º foi municipalizado, por meio de um convênio com o Governo do Estado de São Paulo. Que tipo de mudanças eram esperadas em relação ao ensino e à gestão da Educação?

S.S.: Olha...é fácil falar sobre esse assunto, porque eu estava em sala de aula, quando foi municipalizado do 1º ao 5º ano...a minha escola foi a 1ª escola a ser municipalizada em Itatiba e inclusive eu fui uma das pessoas que esteve com a comitiva do então Secretário para assinar o convênio, junto ao Governo do Estado. Nós estávamos muito esperançosos em relação ao 1º ao 5º ano, confesso a você que era por conta de uma verba que viria a mais...nós ganharíamos a mais...a

diferença salarial na época seria um bom dinheiro e nós tínhamos a esperança de estar mais próximos ano governo do município. Então nós achávamos do 1º ao 5º muito esperançosos...ao contrário do 6º ao 9º ano...a 5ª a 8ª série na época, porque não aceitavam sair do Estado...porque nós ficamos municipalizados a serviço do município e o professor da 5ª a 8ª ele queria ficar no Estado. Então houve um atrito muito grande...do 1º ao 5º, mas de 5ª a 8ª que depois foi municipalizado também.

Elis: Em sua opinião, quais são as vantagens de se municipalizar o ensino do 1º ao 9º? Que objetivos pretendidos pela municipalização foram implementados, durante a gestão de 2001 a 2008 e de 2009 a 2012?

S.S.: Vou ter um olhar de supervisão agora, não mais pessoal...Mas eu vejo que a municipalização ela é um caminho sem volta...ela é a gestão de uma lei que diz que nós temos que descentralizar os processos. Ela faz parte da descentralização... a LDB ela é clara quando ela dá autonomia aos municípios, aos sistemas de ensino e também a escola na gestão financeira...na gestão pedagógica, na gestão dos recursos humanos. Então, eu sou a favor da municipalização...eu sou a favor de tudo que trabalhe com a realidade, que esteja próximo da realidade. O princípio da municipalização ele é muito válido...ele é muito importante e eu acredito nele. Só que quando você parte de uma lei, você parte de princípios e você vai coloca-los na prática. Na prática você se depara com diversas dificuldades. Vendo como supervisora...primeiro que nem todos estão preparados para esta autonomia ...pra esta gestão democrática que se pede. Para que o município consiga dar conta do que é da função dele, que foi delegada até por conta da municipalização...ele teria que trabalhar a autonomia dos sujeitos que nele atuam. Eu só acredito numa autonomia com conhecimento...Então nenhum pai, nenhum professor, nenhum diretor vai ser um ser autônomo...ele vai dar conta da leitura da sua realidade...das intervenções da sua realidade...se ele não tiver um conhecimento muito grande a respeito da realidade...a respeito das normas legais...a respeito das intervenções que ele pode fazer. Quando eu digo de normas legais...eu digo de LDB, de Diretrizes Curriculares Nacionais, Diretrizes do próprio município, Lei Orgânica, Leis municipais, mas principalmente atividade fim da escola – que é o ensino e aprendizagem. Então, quando eu não conseguir ter meus sujeitos bem formados e capacitados...eu não consigo dar conta da municipalização do ensino...como ela deve ser feita. Além de tudo...nos municípios nós temos o problema da questão política... Então é muito próximo do governo municipal...se confunde muito a escola pública como propriedade pública...muitas vezes privada...é meu...é minha...Não, é do povo é pública. E confunde-se também muitos direitos de deveres...muitas soluções são dadas como de forma caseira...sem se prestar muito pelo legal. O grande risco da municipalização é virar um canteiro...minha escola...meu espaço... não é isso! A municipalização é muito séria...ela é muito importante para a população e ela tem que dar conta dos problemas daquele setor onde a escola está, daquele município, onde nós estamos. De 1º ao 9º eu vejo um complicador muito grande, eu acho que em Itatiba nós municipalizamos muito depressa...Nós deveríamos ter tido uma municipalização do 1º ao 5º aprofundada...bem enraizada...com

diretrizes...com metas...com ações pontuais...com grupos fortalecidos no conhecimento. Para depois ir expandindo aos poucos...até por conta que no início pensou que a questão financeira seria muito benéfica para o município. Que quanto mais alunos ele tivesse mais renda ele teria...E nós vimos que não é assim, porque quanto mais aluno eu tenho principalmente de 6º ao 9º... nós temos uma demanda de gastos maior...e esta demanda ela acaba ficando de uma certa forma...maior o gasto...do que o recebimento. Então eu acho que a princípio houve um engano dos municípios em querer abraçar tudo. Itatiba correu esse risco e ainda corre um risco muito grande...tentando abraçar de 6º ao 9º. Se fosse só do 1º ao 5º seria mais fácil, para nós estarmos com uma política pública educacional mais consolidada.

Elis (Preâmbulo): Você acha que os objetivos pretendidos pela municipalização foram alcançados? S.S.:

Num primeiro momento a Secretaria de Educação como um todo...ela teve que se organizar enquanto sistema...porque para ser municipalizado todo o município precisa de um sistema. Então, nós vamos mexer em documentos antigos...a gente vai deparar com leis de 1998 e 1999. Foi quando o município foi obrigado a criar por conta da municipalização. Eu vejo um primeiro momento de criação, depois um momento de apropriação...porque nós tivemos que colocar os professores que eram do Estado no município e eles vinham de um trabalho do Estado, com orientação no Estado...nós não tínhamos a princípio um grupo formador...nós só tínhamos Educação Infantil...Então nós precisávamos fortalecer o município, para que acontecesse um trabalho...Eu vejo o primeiro momento legalizar...regularizar a rede. Segundo momento abertura de concurso público...a entrada de professores municipais e a necessidade de se pensar em trabalhar com essa formação do professor que veio de uma rede estadual ...de uma linha de trabalho diferente...com o professor que estava entrando na nossa rede municipal...e os dois trabalhando juntos na mesma escola. Com experiências diferentes, com visões diferentes...com contrato de trabalho diferentes. E eu vi num primeiro momento uma busca muito grande...eu participei como professora, enquanto coordenadora, enquanto diretora dos grupos de estudos da FAFE/ USP. Nós trabalhávamos com o Projeto Político Pedagógico...eles vieram até Itatiba...nós participamos de capacitações, de formações...Nós trouxemos formações também de grupos externos...até para que nós tivéssemos um conhecimento de uma rede maior...de uma visão maior de conhecimentos que a rede não dispunha. Foi um período de adquirir conhecimentos...absorver o novo...para que nós tivéssemos bagagem para formar a nossa própria opinião. Se colocar perante os conhecimentos trazidos por outros. Então foi o momento da rede e se estruturar. Mas eu vejo que a rede ainda não se estruturou, porque a todo momento nós temos mudanças de direção, mudanças de coordenador, nós temos mudanças na base...não digo nem na SE...eu vejo mudanças da base...muitas salas com professores afastados...com contratados que não tem vínculo com a escola, no outro ano eles mudam...coordenadores que mudam todo ano...é um processo de concurso ainda... ele não é concursado...Então faz muita falta um coordenador que dê andamento a uma linha pedagógica. Foi um ganho muito grande os diretores estarem efetivos, mas também trouxe um grupo de diretores muito diferentes ..com visões diferentes...com municípios diferentes que não participaram do processo de implantação da rede...então eles precisaram ser capacitados e agora num

último momento nós estamos com um grupo de supervisão diferente. Então é um grupo que também está se apropriando...O concurso de diretores foi em 2008 e assumimos em 2010 e da supervisão foi só a partir de 2012. Então o grupo de supervisão eu acho que nem se consolidou ainda, enquanto grupo. Porque nós tínhamos outro grupo dentro da SE que eram pessoas designadas...afastadas de seus cargos de origem para trabalhar na supervisão. E eu estava desde 2007 e eu acompanhei esse processo de mudança. E o grupo da FAFE/ USP eu me lembro bem de ter participado enquanto coordenadora em 2001, 2002, até 2008 nós tínhamos esse grupo de formação...não só para professores, mas para gestores. Eles iam pra escola e cada escola discutia uma temática que achava importante. Após as formações com a USP nós voltamos o nosso olhar para a escola. E cada diretor com seu grupo elegeu um tema...eu me lembro de temas transversais, de valores, gestão democrática...E eu me lembro muito bem, quando a formadora trouxe a fala do Prof. Vitor Paro – das dificuldades internas e externas de uma gestão democrática. E nós pensávamos em fazer uma gestão democrática já chamando a comunidade...em reuniões...já envolvendo todos. E aí nós descobrimos que nós enquanto escola não éramos uma comunidade democrática...Então como você pode pedir participação do outro, se eu não me sinto parte da minha própria escola. E nós começamos esse trabalho em 2006...foi um trabalho muito interessante e paralelo a esse trabalho nas escolas...nós tínhamos as formações externas também com grupos da FAFE/USP. Eu acompanhava na época a formação de Inglês e de Língua Portuguesa. E a EJA que também acompanhei...Eu acredito que trouxe muito conhecimento até para gente enxergasse o que eles traziam e qual era a nossa realidade...Acho que foi o momento mais rico da rede...Esse momento de conhecimento...Depois desse momento inicial...que eu acho que plantaram-se as sementes e aí começou a mexer a terra e aí nós começamos a perceber isso serve pra nós e isso não serve pra nós. E lembro de vários embates de professores com os formadores e aí a rede começou a crescer e a querer alguma coisa própria. Então não servia mais um formador...alguém externo só trazendo alguma coisa...Então num segundo momento o formador da USP trazia para o formador da rede esse formador da rede passava para os professores. Até o momento que nós conseguimos através de grupos de estudos e a Prof.^a Elisângela fazia com os nossos formadores refletissem junto aos professores, o que era importante para os nossos alunos...o que era importante para a nossa realidade. E esses grupos de estudos o supervisor acompanhava, os diretores, os coordenadores que foi o que gerou nosso currículo...Mas o currículo não é um estudo de um tempo...Ele é o produto de uma reflexão que começou bem antes...Então nós temos professores desde o concurso de 2001 e quando o currículo se deu em 2012...ele participou desde 2001 com os conhecimentos que ele adquiriu...não foi o momento que nasceu o currículo...Eu vejo o currículo como um grande momento de reflexão da rede.

Elis: Que ações concretas nas instâncias: externa e interna à escola foram implementadas pelos governos municipais (2001 a 2008 e 2009 a 2012), durante sua vivência enquanto supervisora, com o propósito de melhorar a qualidade da educação pública municipal?

S.S.: Nossa, são tantas coisas...a começar pelo HTPC que foi um pedido da rede...dar um novo significado para o HTPC como um horário de estudo, com horário de formação. Aprender a olhar os problemas na escola...com olhar que a escola tem que ter e não com um olhar de punição. Não com um olhar de ver o aluno somente o indisciplinado...somente problema ficar nessa lamentação. Mas nós tivemos muitos momentos ricos de discutir: a aprendizagem, metodologias, práticas exitosas...Nós tivemos práticas muito boas na rede...que foram levantadas...muitas trocas...muitas discussões com os grupos de gestores para amadurecer as intervenções...as ações. Vejo que a rede amadureceu bastante...mas amadureceu em termos de estudos...em termos de olhar para a própria rede...em termos de olhar a realidade...Mas ainda temos que dar mais profissionalização para esse olhar. Nós temos ainda esse caminho para trilhar. Vejo assim, como ponto positivo os encontros com os professores...garantir essa troca entre o pares...na escola apesar de você ter HTPC...é preciso ter um encontro entre os pares...Os professores de Língua...discutindo com os problemas da língua...os de Matemática discutindo os problemas de Matemática...do currículo...Porque entre os pares cada um se coloca...um cresce com o outro...nessa interação... e a gente consegue também no caso da equipe gestora...Algumas reuniões que nós tivemos que a gente garante o diretor e o coordenador num mesmo espaço discutindo...também é muito enriquecedor. Não posso esquecer de dizer também da construção da prática do olhar do coordenador ...do trabalho dentro da escola...foram feitas várias reuniões para dar significado ao papel. A princípio nós não tínhamos definido o papel do coordenador...Quando fui coordenadora eu não tinha uma definição do que era realmente o meu papel. A gente via por experiência...é mais um orientador do grupo de professores do que realmente um formador. Alguém que acompanha o pedagógico, alguém que dá suporte pedagógico. A gente acaba sendo um apagador de incêndio porque a gente não sabe direito a função da gente...essa é a grande verdade. Porque a partir do momento que a gente ocupa um espaço e a gente de conta do que é nosso trabalho...as outras questões até disciplinares elas acabam até diminuindo...porque muitas das questões que chegam em nossas mãos já deveriam ter sido evitadas com um bom trabalho desde a sala de aula...desde a rotina, gestão de sala de aula...não só o conteúdo pelo conteúdo, mas a coordenação orientando se apropriando como um todo e ajudando o professor enquanto líder na sala de aula. Eu acho que começou na gestão anterior...vejo no trabalho enquanto supervisora eu acompanhava as pautas dos coordenadores...eu acompanhava os registros de HTPC's já tinha um movimento de formação dos próprios formadores, com o coordenador...passando a formação dos professores...orientando na forma como eles tinham que acompanhar a escola e dar as devolutivas. E na gestão de 2009 a 2012 foi mais sistematizada....vejo que depois de 2009 nós tivemos uma sistematização dos conhecimentos...produzindo documentos...pautas...produzindo orientações do papel de cada um...antes momento de construção e depois como um momento de consolidação. Poderíamos dizer que hoje nós estaríamos num momento de avaliação e de reorganização. É um movimento contínuo...você vai, volta e reorganiza...está faltando esse movimento agora.

Elis: Dentro das ações formativas que o município desenvolveu (de 2001 a 2008 e de 2009 a 2012), quais foram as mais efetivas (que deram resultados diretamente na sala de aula) em sua opinião?

S.S.: Na minha opinião foi quando nós colocamos os professores da mesma disciplina dialogando e depois levando para a escola o diálogo das formações. Então como eu já disse...quando você coloca professores da mesma disciplina você fala a mesma linguagem...você consegue traçar em termos de rede...um currículo...uma linha...um trabalho a seguir e nessa troca um aprende com o outro. Depois você leva pra escola e você capacita o coordenador como foi feito pra ele enxergar as diversas disciplina e como ele vai alinhar, por exemplo num 9º ano que ele vê Geografia, em Historia, em Língua, Matemática. Como que eu vou fazer esse entrelaçamento...porque atrás de tudo isso tem uma linha pedagógica...uma linha de condução...um trabalho que tem que conduzir as ações dentro da escola. Ele tem que ser coerente, ele tem que ser continuo ...porque se houver rupturas...quebra-se o elo...Por isso que esse momento nós estamos precisando reavaliar e retomar essas questões que ficaram pendentes. Volto a falar que o fato da rede não ter um coordenador que dê continuidade e na escola não ter alguém que fique vários anos...ele quebra essa corrente. Porque até um outro coordenador chegar e fazer esse alinhavo vai demorando. Até a questão de documentação...a questão de portfólio...a questão de vida do aluno...rompe-se vários elos...Então, eu vejo que isso é prejudicial. Mas voltando ao ganho com certeza, posso dizer que a troca entre os pares que mais funcionou em termos de formação. E a sistematização também foi muito importante...porque eu sei o que eu tenho que fazer...onde eu tenho que chegar. E ai eu tenho que mostrar o meu caminho.

Elis: Quem decidia sobre quais as ações formativas que seriam utilizadas? Baseadas em quais critérios?

S.S.: Era a equipe pedagógica que decidia a partir do que a rede pedia...Não tinha a participação docente...era a SE que detectava alguns problemas ou ela via em outros municípios algumas ações...em outros grupos ela via alguém e trazia situações ou trazia momentos que seriam bons...para nossa rede e ai traziam os formadores externos. Mas não era perguntado ao professor o que queria...Até porque nós não tínhamos uma rede...nós não tínhamos nem como dizer nosso 6º ao 9º é bom. Porque nós estávamos começando um 6º ao 9º ...nós não tínhamos como falar que nosso 1º ao 5º é bom...porque o 1º ao 5º a princípio ele tinha acabado de sair da rede estadual. Então nós construímos, nós fomos trazendo de fora não ouvindo o professor. Só depois que nós fomos pra escola, depois daquele momento com a FAFE/USP nós fomos pra escola ouvir o tema que a escola precisava. Mas não em termos de formação pontual pedagógico do professor, mas em termos de escola gestão de escola...Depois desse momento de formação inicial que vinha pela FAFE/USP, mas quem decidiam eram os formadores externos que passavam para os nossos formadores internos da rede. Mas o professor ele não tinha uma voz ativa...ai eu quero formação...disso...disso...daquilo...Ao contrário nós tivemos algumas disciplinas com discussões homéricas, porque eles traziam uma prática que os professores não aceitavam. Posso citar o caso de Educação Física que nós tivemos problemas muito

grandes, porque eles vinham de uma concepção e a FAFE/USP trouxe outra concepção de Educação Física e não era aceito...nós tivemos embate muito grande...Algumas ideias, algumas propostas que eram colocadas para a rede não eram aceitas. Do 1º ao 5º posso dizer das dificuldades de se implantar o Ler e Escrever, o Construtivismo, as propostas de alfabetização diferenciada, as práticas, de dar um sentido as práticas que eram feitas... Então, eram discussões muito grandes que a gente tinha. E depois que nós começamos a trabalhar com as formações mais pontuais com os professores, com a equipe...ouvindo o professor...Depois de 2005 que nós começamos a ter os resultados do IDEB, começaram aparecer resultados do IDESP...tivemos uma avaliação municipal...quando nós começamos a nos debruçar sobre a produção dos alunos...os portfolios, as hipóteses de escrita...ai começou um novo movimento na rede...foi um movimento de avaliar o que estava sendo feito. Ver os resultados dos alunos a partir dessa avaliação que nós começamos ver e ouvir o que o professor precisava em termos de informação. A princípio pela SE, mas depois ouvindo mais os professores. E sendo...um professor formando o outro...Com quem deu certo, porque deu certo e aprendendo a olhar os resultados. Mas não mais um olhar classificatório em 1º, 2º ou 3º, mas sim com olhar de aprendizagem...um olhar formador...vou olhar pro meu resultado o que ele quer dizer no meu contexto... na minha escola...porque meus alunos estão assim...Então, todo esse movimento gerou movimento de formação, de capacitação dos professores. Eu vejo que eles cresceram muito a partir dessas discussões. Então, a partir de 2009...foi um momento de sistematizar, de ter um olhar mais profissional...porque nós começamos a fazer a partir de 2005 e nós não discutíamos resultados nem de IDEB...nem de IDESP...Então a partir de 2009 de olhar os resultados de perceber a nossa escola...a produção de nossos alunos...ai nós começamos um movimento de profissionalização dos dados até...

Elis: Tendo como referência as duas últimas gestões municipais: como se deu o processo da política curricular? E quem participou nesse processo? A SME tem algum retorno sobre a satisfação dos professores? Qual o impacto na sala de aula?

Preâmbulo: Em sua opinião, por que o município não apostilou o ensino?

S.S: Nós tivemos o documento 14, que foi o primeiro documento...mas nós sentimos que os professores não tinham se enxergado naquele documento...de uma forma ou de outra eles não se apropriaram do documento...Na verdade eles participaram das formações que alguém pensou...então não foi um currículo pensado por eles. Foi um currículo colocado para eles...vejo assim...Então, eles não se apropriaram...não era algo deles...Eu me lembro...volto a falar de Educação Física que eles não se enxergavam, dentro do que tinha sido feito. O documento foi impresso...chegou nas escolas como um documento da SE, mas não foi feito um estudo entre os diretores, nem entre os supervisores... foi um documento...Não vimos significado. Agora, depois com o outro grupo (2009) nós retomamos a questão do currículo...aí sim, os professores se sentiram parte, se apropriaram. Quem fez parte desse movimento de construção do currículo até hoje defende o currículo...se enxerga dentro do currículo...é

muito interessante ver a diferença desses professores...Agora o que acontece em nossa rede é isso...é muita mudança. De 2012 pra cá nós tivemos muitos professores que se efetivaram agora...Então eles não participaram daquele processo de construção do currículo...Então eles estão recebendo um documento que eles sabem que foi feito pelos colegas, mas eles não participaram...Por isso que eu volto a falar...seria esse movimento agora...de avaliação, de retomada e de até de apropriação do próprio currículo...Eu acho que a sistematização foi importantíssima...foi como um marco ...como o fechamento de um estudo...uma reflexão...O documento 14 foi importante porque em cima dele refletiu-se...somos nós? E a nossa cara? Essa é nossa rede? E a partir disso não...têm coisas que nós concordamos...tem coisas que não nos servem...Então nós fizemos o outro...e esse outro sim...Agora com esses professores novos...talvez a gente crescesse mais ainda em termos de currículo...Eu acho fantástico o Currículo de História que eu acompanhei bem...as propostas dadas para os professores...Acompanhei bastante a formação de Educação Física...os estudos que nós tivemos para a construção a base teórica foi muito boa...o professor que orientou foi muito bom...Então houve um crescimento dos professores...Então, quando o orientador trazia João Batista Freire para discutir com os professores...os nossos professores daquele momento...eles conseguiam discutir de igual pra igual...era a mesma linguagem...estava totalmente alinhado...Então, foi muito interessante esse movimento que eu acompanhei bastante na Educação Física. Aconteceu isso em Língua, em Matemática, mas agora é o momento de retomar como eu disse o currículo por conta dessas mudanças que nós tivemos na rede...de direção, de supervisão, de coordenação de os professores também. Sobre a estrutura do currículo ...ele é dividido por bimestre que é bem claro...Vou falar do currículo da Educação Física...tem conteúdos divididos por bimestres, mas não é o conteúdo só pelo conteúdo...ele tem várias conexões...várias sugestões...Então trabalha a interdisciplinaridade, então trabalha outras questões do corpo...que não estão ali como conteúdo, mas como complementação desse conteúdo...os links que foram abertos...alias você abre um leque de opções para se trabalhar com aluno...Eu me lembro de uma discussão muito grande de lutas...Então a principio se perguntavam...mas trabalhar com lutas...colocar lutas no currículo. Você trabalhos fantásticos trabalhando a questão do corpo, do espaço, a questão do limite, a questão do eu e do outro...então não é lutas por lutas, é uma coisa mais profunda. Então não é conteúdo pelo conteúdo...ele é mais dinâmico....sistematizado...ele vai além...ele é contextualizado melhor dizendo. Com certeza houve a participação docente. Eu tenho de vários professores não só desde momento último, mas que participaram da rede como um todo e eu posso citar o caso de uma professora de Língua Portuguesa...ela participou de todos os momento e ela é uma das pessoas que defende muito o currículo...o que está posto...o currículo que esta formalizado na rede. E ela se apropriou o currículo...ela é uma pessoa que vive o currículo e ela dá um retorno muito bom para o currículo...É uma das pessoas que mais defende o currículo que se enxerga mesmo dentro do currículo. Fora isso nós temos outros professores também que vieram nesse movimento que participaram de 2009 a 2012...e eu vejo um retorno muito bom...que eles sabem até onde ele vai. Mas como eu disse essa questão não é a mesma...não é o mesmo retorno... de todos os professor que

chegaram na rede. Alguns falam que bom que tem um currículo....porque eu sei até o que eu posso dar...e essa divisão por bimestres favorece bastante. Principalmente que nós temos professores da rede estadual que vem de outras cidades...Tem professor que já chegou pra mim e disse assim “Ai que bom eu tenho documento na mão...eu sei o que eu vou fazer”. Eu já tive vários retornos assim e têm outros que não compreendem bem até onde ir no currículo...a questão das expectativas...mas daí eu tenho alguns coordenadores que estavam na época...isso é a importância da coordenação...Então o coordenador orientando esse professor...acompanhando esse currículo na escola...Então esse retorno tenho tido sim...tenho vários retornos muitos bons. A princípio nós vínhamos de uma linha...eu vou voltar lá no tempo...nós vínhamos de uma linha do Estado que nós tínhamos poucas formações e aí cada um trabalhava como achava certo. Essa é a verdade, não tinha definida uma linha...Depois nós trabalhamos muito a linha Construtivista...muito Piaget...muito estudo nessa linha...de construção do aluno...Mas eu tenho certeza que não foi bem apropriada pela rede...Acho que tivemos vários equívocos nessa tentativa de se colocar o Construtivismo na escola. Vi alguns casos que saia do 8 ao 80 ...esse radicalismo não pode...não é mais assim...tirou o conhecimento do professor...descaracterizou o que ele vinha fazendo e Construtivismo não é isso...o próprio nome diz é uma construção tanto do aluno como do professor. É uma discussão...é uma troca...é uma interação. E a interação só se faz com diálogo...De 2009 para cá...eu vejo uma linha mais Sociointeracionista uma linha que você vai buscar o social...que vai discutir...a contextualizar...Preocupação com o espaço...com o aluno...com a realidade do aluno...com esse propiciar momentos de trocas. Então volto a falar mesmo dos professores não é a construção do conhecimento de cada um...mas a construção entre os pares. Essa relação passa para os alunos também...nas propostas em trabalho em grupos, nos seminários, nas propostas que o próprio currículo contempla...nas trocas entre os pares...entre os pares de alunos...entre professor e aluno. Então eu vejo esta linha Sociointeracionista. Mas volto a falar que é uma concepção que precisa ser estudada...precisa ser aprofundado... Assim, como o Construtivismo foi porque senão nós temos os equívocos. Vejo também uma preocupação muito grande na rede com muitas pessoas até que tem uma certa fluência na rede com uma certa liderança com um pensamento de volta ao tradicional ...na tentativa de se voltar as práticas tradicionais ...sem contextualizar...sem dizer a que veio...Então não sei se é um movimento em termos de sociedade...que está refletindo na escola...e eu vejo essa perda hoje...Até a questão do currículo algumas pessoas com dificuldade de implantar...porque tem dificuldade de trabalhar o diálogo a aceitação da opinião do outro. **Elis (Preâmbulo): Com todo esse trabalho...por que o município não apostilou o ensino? S.S.:** Porque na primeira gestão...como eu disse...estávamos tateando e não havia interesse em apostilar o ensino...porque os apostilados eles não traziam a concepção construtivista que se buscava. Todos os documentos não traziam e sempre houve esse desejo de construir um documento próprio que fosse a identidade do nosso município. Nessa gestão posso dizer no ano passado, anteriormente eu vejo assim, a apropriação do conhecimento pelo professor...da produção do material pelo professor, dando sentido a realidade onde ele está...por isso o não “apostilamento”...Quando você compra uma apostila você

não compra a ideia de um grupo...você compra uma metodologia de um grupo pensante que quer vender o material e que não flexibilizar esse material para o seu município, para sua realidade. Participei em 2009, fui em vários encontros que apresentaram apostilados, sei de vários municípios que trabalham com apostilado...Não sou contra o apostilado...talvez o apostilado municipal...por a gente vê a dificuldade de se trabalhar a rede como um todo porque livros a gente não todos iguais...então acaba o professor xerocando...dando as atividades de acordo que ele acha que está certo...Então...um documento único seria muito interessante em termos de município...e no ano passado fizemos vários estudos de documentos de sistemas de ensino já prontos...Mas é muito difícil você encontrar um sistema de ensino que seja próximo ao nosso currículo. Porque nós teríamos que estar com duas questões...que eu acho que são cruciais hoje...Nós adaptamos o currículo ao sistema ou sistema de ensino é o nosso currículo? Vale a pena? Então se nós adotarmos um sistema de ensino dependendo das linhas que a gente adote...ele traz todo um estudo uma metodologia...ele traz todo um estudo...ele traz cabeças que pensaram na construção desse sistemas até nas palavrinhas que eu vou colocar ...qual texto que eu vou colocar...Eu compro o pensamento de um outro...eu não estou trabalhando o pensamento do meu professor...e aí vou ter que pensar...esse sistema de ensino vai dar conta da minha rede? Eu sei a nossa rede hoje...pede um sistema de ensino. Até por conta dessas mudanças...muitos gestores trazem para nós que seria mais fácil o acompanhamento...principalmente do coordenador que tem todos os seguimentos...com o sistema seria mais fácil de enxergar até onde ir...principalmente do 1º ao 5º ano que as vezes os professores veem e não sabem direito até onde ele pode ir. Depende muito de uma escola e de outra...e às vezes sou diretora dessa escola e a minha coordenadora é X no outro ano eu mudo de escola...muda a minha coordenadora...Então aquela linha que a gente tinha de trabalho muitas vezes se rompe...vem outros pensamentos...outras discussões...ou a gente retoma a mesma discussão dos anos anteriores...parece que a gente não cresce. Então o sistema ajudaria bastante nesse sentido...mas mesmo que a gente tenha um sistema...em cima desse sistema nós temos que dar a cara de nosso município...da nossa escola...Eu só vou acreditar no sistema de ensino...quando ele é pensado e discutido...quando ele é apropriado e tem críticas pelo professor. Não críticas no sentido de negativo...mas um olhar crítico...Desde que a gente tenha uma linha dentro da SE...que eu não vejo bem definida hoje!

Elis (Preâmbulo): Para finalizar como você enxerga seu papel de supervisora em todo esse processo?

S.S.: Primeiro é entender esse movimento...compreender o lugar onde estou...compreender o momento em que o país passa...o papel do supervisor não é um olhar de sistema ...ele é um olhar de compreender os movimentos do MEC, os movimentos do Estado. Porque nós estamos inseridos dentro dessas esferas maiores...compreender a questão legal...compreender a questão pedagógica...os movimentos pedagógicos que estão vindo...o currículo nacional que está por vir...Compreender os resultados das avaliações das escolas que eu supervisiono...do município como um todo...Buscar a ajudar a escola nessa leitura...de evasão...de repetência...o que esses dados representam...o que

representa você ter um currículo...um eixo norteador...e depois desse eixo norteador ao lado do seu trabalho...a exigências do IDEB, do IDESP...como que tudo isso vai casando dentro da escola? Como os professores conseguem alinhar o seu trabalho... a sua prática a essas questões que muita vezes são penosas pra eles. Não é fácil você lidar com indicadores...não é fácil ser avaliado...não é fácil avaliar em termos de rede. Enquanto supervisora eu tento fazer essa leitura com minhas escolas...quem é esse sujeito...quem é esse aluno que tem esse rendimento X...quais a causas desse rendimento? O que nós podemos fazer por ele. Enquanto supervisora hoje eu digo que a maior dificuldade é trabalhar as relações interpessoais ...principalmente se a gente quer construir uma linha de diálogo entre disciplinas, entre equipes gestoras, entre SE...Porque esse espaço de discussão tem que ser garantido...com muita profissionalização e quando você vai para as relações interpessoais você vê muito o pessoal... e acaba muito assim...eu penso...eu acho...não é eu penso...eu acho...É eu posso...eu devo...eu preciso...então a gente precisa profissionalizar as falas, as relações, os acordos...porque pode isso...porque não pode...mas tudo dentro de um profissional...Eu vejo muito a questão da municipalização...volto a falar...muito pelo pessoal...muito pelos acordos...muito ainda por estar próximo o governo...muitas pessoas extrapolando até os direitos que elas têm...Achando que devem burlar as vezes...tentar um jeitinho...forçando as vezes os próprios governantes ...as autoridades a dar um jeitinho...jeitinho na vaga da creche...a dar um jeitinho pro aluno passar de ano...a dar um jeitinho para vaga mais próxima da casa. Então, eu acho que a municipalização também trouxe esse lado...de estar confundindo um pouco... a questão da autoridade...a questão de direitos e deveres...Então eu acho que é um caminho ainda...sinto que nós estamos amadurecendo nesse caminho...mas a gente tem um longo caminho a percorrer. Não sei se vou percorrer todo...espero por mais uns 10 anos...

Elis: Como você avalia o impacto das ações implementadas nas últimas gestões municipais, para avançar na valorização dos profissionais da escola?

Preâmbulo: Qual o papel da supervisão nesse processo?

S.S: Muito difícil...como municipalizou...na municipalização você trata de vários sujeitos...têm algumas pessoas que consideram a valorização somente na questão do dinheiro ...então eu vou ganhar mais...então sou valorizado...Então nós temos essa questão da valorização...acho que é um leque muito grande...vai muito da concepção do que seja a valorização. Para mim, eu penso que valorização é você conseguir colocar as suas opiniões as suas ideias...É você ter o reconhecimento do seu trabalho...Você ter alguém que vê o que você faz...Isso pra mim é valorizar...Você ser percebido...além...lógico das condições materiais, das condições físicas que você tem que ter, os recursos que você tem quer ter para você poder desenvolver uma boa aula. Mas ser valorizado, também é você ter condições de estudar, você ter espaço de estudo, você ser agraciado mesmo com cursos que possam fazer parte de seu crescimento...enquanto profissional. Eu vejo vários movimentos nesse sentido...Acho que não está acabado precisamos mais ainda...de voltar a ter mais encontros de discussão...de formação...trazer agora, talvez mais pessoas de fora...trazendo mesmo as novidades das universidades...das grande

pesquisas, porque isso alimenta a nossa prática...ela dá sentido a prática...Nós estamos num momento de mudanças, nossos alunos são bem diferentes...de quando começamos na municipalização...o mundo mudou...as tecnologias estão aí...Então ensinar os professores a trabalhar com elas...ter uma diversidade de ideias de pessoas e de opiniões, tudo isso é valorização do professor.

Elis: Elisângela Sales Teixeira

Supervisora Encantada

Elis: Apresentação da Supervisora do Ensino Fundamental (nome, idade, origem, formação acadêmica, tempo de magistério, tempo de trabalho como Supervisora, experiência profissional em outros cargos do magistério e em outras áreas, enfim conte sua trajetória pessoal e profissional...).

S.E.: Fui supervisora no período de 2002 a 2008, eu já estou no magistério há 28 anos, 23 anos no magistério estadual e há 28 anos no magistério municipal. Comecei na Educação Infantil no município, minha primeira experiência foi no município, e depois de 5 anos eu comecei a trajetória no Estado, como PEBI de 1ª a 4ª série. O magistério sempre me encantou...na verdade eu tinha uma tia que era professora de Letras...que era assim maravilhada pela profissão...você sentia nela, nas palavras, quando ela contava...um amor por aquilo que ela fazia...isso foi me encantando...Desde pequena eu brincava de escolinha...eu reproduzia as questões da escola...era uma escola tradicional da escola.. no centro da cidade..., onde passava um servente que ficava na porta servindo cafezinho...até isso eu punha nas minhas brincadeiras...E conforme foi passando...eu optei pelo Magistério. Fiz o magistério aqui na cidade mesmo, na escola “Manuel Euclides de Brito”...Sou nascida aqui em Itatiba, tenho 48 anos de idade. E depois de um tempo, que me formei no magistério comecei a dar aula e depois fiz Pedagogia com habilitação para direção, depois fiz a habilitação para supervisão e logo após fiz Pós Graduação em Psicopedagogia. Fiz vários cursos de especialização muitos na área de alfabetização que é a área que eu mais gosto...que eu me encontrei e fiz alguns cursos na questão da gestão...que também fiquei bastante tempo...enfim fiz várias coisas nesse sentido. Quando eu me efetivei nos dois cargos...depois de um tempo tive uma experiência em escola estadual, como vice-diretora e a partir daí comecei a ser afastada para vice- direção ou direção. Até que cheguei na supervisão! Foram quase 7 anos na supervisão da Secretaria da Educação, onde eu ficava mais com a parte de projetos educacionais, mas tinha também duas escolas que eu acompanhava, pois a visão da supervisão não pode estar fora da realidade escolar. Pois se você só supervisiona projetos e outras questões...você não tem o pé na escola...e esse pé na escola faz toda a diferença na hora de ajudar a escola no assuntos principalmente pedagógicos. Então, nesse ponto na época a Secretaria da Educação, a administração não abria mão disso...então eu tinha as duas escolas e fazia parte de vários projetos educacionais...foram vários projetos que vieram para o município nessa época...E cuidava também da Oficina Pedagógica que nós tínhamos aqui no município...que era o lugar onde aconteciam as formações. Nela nós tínhamos profissionais da rede afastados para exercer papel de

formadores...tínhamos formadores da 1ª a 4ª (1º ao 5º) e também das disciplinas específicas da 5ª a 8ª (6º ao 9º).

Elis: A partir de 1999 o ensino do 1º ao 9º foi municipalizado, por meio de um convênio com o Governo do Estado de São Paulo. Que tipo de mudanças eram esperadas em relação ao ensino e à gestão da Educação?

S.S.: Para poder responder a sua pergunta vou pegar lá no comecinho dessa municipalização...A primeira ideia da municipalização lá em 1996, ela começou com a 1ª a 4ª série...e quais escolas foram municipalizadas? As escolas que ofereciam um ensino de 1ª a 4ª série, porque na época existia uma divisão das escolas...umas atendiam da 1ª a 4ª...outras de 5ª a 8ª série...era uma questão do Estado. E teve início com seis escolas...que seriam escolas piloto...em agosto de 1996 foram municipalizadas essas seis escolas. Para que...o que esperava-se? Tanto o governo do Estado, quanto o governo do município...esperavam que com o acompanhamento mais próximo a qualidade do ensino melhoraria. As prefeituras estando próximas...porque o Estado é algo maior que era difícil estar gerenciando essa aprendizagem. Então iniciaram com essas seis para ver se isso realmente acontecia...No ano seguinte já aumentaram para mais escolas e depois de um tempo começou a 5ª a 8ª série também. E aí quando começou da 5ª a 8ª também o município começou a gerenciar um sistema muito maior...E aí ele teve eu se estruturar para isso. Você gerenciar o ensino de 1ª a 4ª série é uma coisa...agora abraçar todo o ensino da 1ª a 8ª é outra coisa. Mas na época avaliaram que isso era necessário de acontecer...mesmo por uma questão de continuidade de ensino. Quando você traz essa supervisão da aprendizagem mais próxima...você consegue trabalhar com isso e a oferecer aos professores aquilo que sua região...que sua realidade necessita. Então, a partir daí que foram traçadas as ações e aí que começa a surgir a questão da formação de professores...não que o Estado não tivesse...ele oferecia, mas era uma formação muito mais espaçada...período de tempo maior...você era convocada...mas muito distante. E a realidade de cada lugar fica difícil de você estar respeitando ou trabalhando com isso. Então esperava-se ou espera até hoje...que melhore...que as crianças aprendam realmente...e que os professores possam ser capacitados para lidar com a aprendizagem dentro da escola. Eu acredito que o esperado era exatamente isso. Vejo que isso aconteceu...eu acredito que sim...Se nós avaliarmos a questão de antes de 1996 e depois de 1996...a gente consegue trazer uma formação para o professor mais próxima...você consegue ouvir o professor...é mais próxima esta troca. Claro que tem que haver uma abertura para isso...as pessoas têm que estar abertas para isso...Mas você consegue atingir o professor e você consegue oferecer aquilo que eles estejam precisando naquele momento...

Elis: Em sua opinião, quais são as vantagens de se municipalizar o ensino do 1º ao 9º? Que objetivos pretendidos pela municipalização foram implementados, durante a gestão de 2001 a 2008 e de 2009 a 2012?

S.S.: Nós temos dois pontos ali pra tá olhando: a questão pedagógica, que é a essência e o objetivo de tudo isso e a questão administrativa, que é a questão funcional. Com essa municipalização o que aconteceu os funcionários...professores do Estado foram cedidos para o município e isso trouxe alguns...não diria problemas...mas trazem algumas questões que ficam difíceis de serem trabalhadas...o professor nesse momento...eu me incluo nisso...ele é um profissional do Estado...mas ele não está no Estado...ele está no município e ele não é do município, mas ele está no município. Então essa questão em alguns momentos ficava difícil de estar gerenciando, isso causava algumas coisas na parte administrativa...não na parte pedagógica...Na parte pedagógica são profissionais municipais ou municipalizados isso não influi...Agora na questão pedagógica eu vejo grandes avanços...ainda se eu comparar com antes da municipalização...claro que para acontecer precisou de todo um trabalho de estruturação da rede municipal...inclusive com plano de carreira....que não existia...com Sistema Municipal de Educação...toda uma legislação que precisou existir...para que isso acontecesse. E dentro disso a SE do município...ela teve que se organizar...A partir do momento que você vai gerenciando tudo isso...você tem que ter um norte, uma linha mestra que você tem que nortear as pessoas. Então foram criados vários documentos, vários estudos para tentar normatizar essa rede. Existiu um início de formação anterior a isso...claro que era um início pequeno, mas existia algumas tentativas...Mas é isso que você falou a gestão termina começa outra e aquilo acaba se perdendo um pouco, depois retoma ... até as pessoas se apurarem...A SE começou nessa época eu ainda não era supervisora...mas eu participei enquanto Diretora de escola. A SE fez uma opção por um curso de formação, inclusive foi a USP que deu essa formação para os professores... Era feito direto para os professores...com profissionais da USP. Qual o objetivo disso? Capacitar o professor, para que ele pudesse depois estar auxiliando na construção de um currículo. Para construir um currículo você não pode ter somente aquele conhecimento que você tem...Você tem que primeiro instrumentalizar as pessoas...passar um conhecimento para as pessoas...não que elas não tivessem não é isso...mais você tentar passar uma linha que vai ser seguida. E foi um trabalho muito grande de formação que aconteceu na rede. Professores de todas as disciplina, professores de História, tinham uma formação específica com os profissionais...os diretores de escola era específico sobre gestão...Então era cada um em sua área (2001 a 2008). Essa assessoria da USP direto com os professores foi feita por um tempo...depois isso passou a ser feito dos profissionais da USP direto para os formadores da rede...isso foi um segundo momento. Dai os formadores faziam as formações para os professores. Num primeiro momento pensou-se fazer direto com professores para realmente dar esse conhecimento específico da área. Nesse período já começou a ser pensado o currículo que a rede teria que ter um currículo. Partiu-se primeiro de um Projeto Político Pedagógico...todas as escolas na verdade sempre tiveram que fazer...que a gente chama até hoje de PPP da escola...mas a SE tinha que ter um norte também...Então a SE ter que elaborar o seu...que enquanto SE pensava para as escolas...pensava-se para o município. Inclusive a definição de que linha nós íamos estar seguindo...o que era importante...o que a SE desejava alcançar ...a missão da SE foi um período que foi elaborado tudo isso para que a gente poder estar passando

tudo isso pra escola. Porque se você não tem como você vai querer que uma escola faça. Então foi um trabalho grande ..Tinha tudo definido...as diretrizes...o que esperava-se...isso de 2001 a 2008...Existia a definição...ao final do 9º ano...o que os alunos deveriam estar sabendo? No final do 5º...porque era aquela questão do 1º ao 4º ...Enquanto que a gente esperava de aprovação...Qual era a meta de aprovação? Que ações que teriam que ser feitas...o que precisaria para o trabalho...A partir de 2009...eu vejo que as coisas elas precisam ser aprimoradas...isso não resta dúvida...ainda mais e educação. A educação não é uma coisa estática...as vezes o que é ótimo hoje...amanhã já não é mais...O que aconteceu...acho que é o normal...é o que deveria ter acontecido mesmo...As coisas foram trabalhadas aprimoradas...Existia um currículo...existia...então o currículo foi repensado...revisado...aprimorado...Como vai ter que ser daqui alguns anos de novo...e vai ter que ser novamente...Então as coisas continuaram...principalmente do 1º ao 5º ano as coisas foram acontecendo numa sequência...Claro que algumas coisas essa equipe não julga necessário...a outra julgava...acho que é uma questão de ponto de vista de cada um. Mas a essência das formações foi mantida...ela foi sendo aprimorada. Na gestão de 2001 a 2008 existia uma questão de índices...mas não numa questão...mas é que quando isso aparece...como é novo...uma questão de análise de índice de desempenho...as pessoas veem como uma cobrança ...como se você está cobrando alguma coisa...como se fosse um ranking e a ideia não é essa...a ideia de uma análise de índice...é para você vê como está sua escola, para você poder trabalhar com os professores, com os alunos, com a equipe gestora...as questões que as vezes estão falhas ou precisam de maior investimento. Essa questão eu achei que ela foi bem trabalhada, agora de 2009 a 2012. Inclusive...eu vou citar...você fazia as formações nesse sentido. Isso norteou bastante o trabalho...eu estava na escola nesse período como vice- diretora...nós usamos todas as orientações...que você passou nessa questão de análise dos alunos...aqueles abaixo do básico...que habilidade falta...o que que a gente precisa investir...Isso é uma coisa que foi bem trabalhada ...acho que as escolas se apossaram disso...realmente arregaçaram a manga e trabalharam em cima disso...Não vendo isso como uma cobrança ...vendo como uma ajuda acho que apresentaram avanços e isso eu posso dizer pela escola que eu estava no momento. E não é a análise fria desse dado, por isso que a municipalização ajuda nisso ...porque você está próximo da escola...as vezes a escola faz um trabalho excelente, mas ela tem alguns problemas que na hora de fazer uma avaliação externa...aquele índice...não alcança o índice que é tido como índice adequado...Mas quando você está acompanhando a escola...você ver tudo que interferiu para que tudo acontecesse e isso é muito importante...as pessoas vezes fazem o máximo de tudo...e não chegam naquilo...mas se você conseguir...ter um olhar...comparar sua escola com ela mesma...não com comparar com a do vizinho...comparar com ela mesma você consegue ver o avanço. E a importância de se ter uma hierarquia próxima para que possa estar vendo que esse trabalho aconteceu...para estar elogiando aquela equipe...para estar incentivando...para estar junto...Principalmente nos problemas que a questão do Estado...é que estava longe...então se você tinha um problema...você não tinha como recorrer a Jundiaí...você está com o problema ali...na hora. Nisso facilitou muito. Eu vejo sim... que o

município...se você olhar os índices progrediu muito...Precisa melhorar ainda mais...precisa...precisa aprimorar muitas coisas...precisa...Talvez as coisas não tenham sido feitas como deveriam ser...pode ser...Mas a importância de a gente saber que no momento...aquilo ajudou...aquilo auxiliou...Lógico que vieram outros para aprimorar...virão outros que irão aprimorar ainda mais...As coisas mudam...a legislação muda...o pedagógico muda...muitas coisas são descobertas...muitas coisas pesquisadas. E a partir daí poder estar trabalhando no ensino. O importante que sempre em Educação é nunca desprezar a história...porque a história ela tem um motivo de existir. É fácil hoje em 2015...eu avaliar que em 1924 foi feita uma coisa que não era pra ser feita...Mas eu não estava lá naquele momento para ver se aquilo não foi a melhor coisa a ser feita. Então em Educação a importância de você construir essa história...que essa história não se perca. Que as pessoas possam ver que teve uma construção.

Elis: Que ações concretas nas instâncias: externa e interna à escola foram implementadas pelos governos municipais (2001 a 2008 e 2009 a 2012), durante sua vivência enquanto supervisora, com o propósito de melhorar a qualidade da educação pública municipal?

S.S.: A Gestão de 2001 a 2008 ela tinha uma missão.. vamos dizer assim...a municipalização ela ocorreu a partir de 1996 e até 1999..Nesse período foi estruturada toda a rede, então a questão de legislação, o plano de carreira...o sistema de ensino...tudo isso foi implementado em documentos legais. Qual era o desafio agora? Era realmente melhorar a qualidade de ensino...Para isso então, várias ações foram pensadas para que isso acontecesse. Mas num primeiro momento era necessário que a parte teórica ficasse bem forte dentro da rede. O que a rede buscava, qual era o nosso objetivo? O que a rede municipal de Educação de Itatiba, enquanto Sistema de Educação, o que ela buscava em seus alunos...o que ela gostaria de formar. E a partir disso começou a procura por instituições que pudessem estar fornecendo isso e foi aí que nós chegamos a USP...a Universidade de São Paulo que apresentou um plano de trabalho que veio ao encontro do que a rede esperava. Então foi feito um projeto de capacitação, de formação de professores, gestores, da SE, enfim todo mundo empenhado num único objetivo...que era a melhora da qualidade de ensino. Esse projeto de formação... ele envolveu seis fases: a primeira fase envolveu todo mundo...todo mundo se debruçando sobre o Projeto Político Pedagógico...era um embasamento teórico para que realmente esse PPP ocorresse. O que queríamos? Qual era a concepção da rede? Qual era a linha filosófica? O que acreditávamos? E para isso a gente precisava de teoria...Então nesse primeiro momento foi o embasamento teórico, para que essa proposta pedagógica pudesse estar sendo estruturada. Num segundo momento os professores e as equipes gestoras foram divididos, conforme seu segmento...Então PEBI com PEBI, os PEBII cada um com sua disciplina e as equipes gestoras num outro grupo. O que eles trabalhavam nesse momento...nesse momento eram os conteúdos...Então baseados naquela teoria toda...dentro de cada disciplina como poderia estar trabalhando aquela teoria toda. O que era importante de tudo aquilo. E as equipes gestoras em como estar gerenciando...como estar administrando todo o trabalho dentro da escola...Já num terceiro momento isso foi para a escola mesmo. Então o que que nós tivemos...nós

tivemos aí...cada escola definindo o que era importante trabalhar...Então dentro de uma determinada escola o que era importante ser tratado...dentro da realidade de cada escola. Para isso foi feito um levantamento que chegou até a SE e a formação passou a ser dentro da escola, com aquele tema que a escola precisava. Seria um pouco hoje, fazendo uma analogia o PDDE...que ele traz os pontos forte e os pontos fracos da escola. Então seria trabalhar com aquele grupo...o que precisaria para a escola estar melhorando...O que escola achava que precisava para poder se fortalecer enquanto grupo e consequentemente melhorar a aprendizagem. Numa próxima fase voltamos para o Projeto Político Pedagógico...agora com todo esse embasamento teórico...Agora depois de ter visto tudo isso, a questão das disciplinas dentro dessa parte teórica, a questão das fraquezas da escola...como que a escola ia articular tudo isso dentro do seu Projeto. Então essa formação ocorreu também dentro da escola. Os formadores iam também até a escola...no grupo da escola para estar fortalecendo esse trabalho. E num último momento a formação passou para o Núcleo de formação continuada...Então as Assistentes Pedagógicas recebiam essa formação, para poder estar passando para os professores. Então qual era o foco nesse momento...Nesse momento era a avaliação, eram as estratégias de formação e definindo índices para que a gente pudesse identificar o desempenho...aonde tudo isso estava levando...Essa foi a última fase dentro das formações. Junto a tudo isso vieram ações, veio o Fórum de Educação Inclusiva para estar trabalhando com alunos da inclusão...Ocorreram grupos de formação com esse foco...então os professores tinham alunos deficientes auditivos...eles tinham formação adequada para poder trabalhar...A inclusão ela é muito bonita no papel...mas ela é muito difícil para ser colocada em prática...o professor precisa de subsídios para isso. Tivemos mais parceria também...trabalhando as questões da leitura da escrita...que permeiam todo esse desenvolvimento escolar. A ideia era fortalecer a equipe, para que a equipe pudesse estar fazendo essa formação dentro da escola. A formação de coordenadores...porque tínhamos que formar os coordenadores, pois eles se transformaram em coordenadores de repente. Os diretores se transformaram em diretores, alguns com experiência do Estado...mas muitos não. Muitos deixaram de ser professores e se transformaram em diretores...então precisava ter uma formação, para ter um acompanhamento para isso...Inclusive a própria supervisão...que na verdade eram professores ou diretores que foram municipalizados que passaram a exercer a função de supervisores, mas que também tinham que aprender a ser supervisores. Então um momento de construção, de crescimento da rede. Um momento que todo mundo estava aprendendo...era uma constante aprendizagem...E para aprender a gente precisa da teoria. Não pode focar somente a prática. Chegamos num último estágio da USP que era a prática...chegamos no como fazer...Já sabíamos o que queríamos...já sabíamos o que precisa ser feito... agora como fazer...Ai sim, na questão do professor como ele ia fazer tudo aquilo acontecer na sala de aula. E esse era o foco até o final de 2008...quando encerrou essa administração. Se você olhar a rede...eu consigo ver uma evolução muito clara. Foram fases que precisavam ser passadas, para que as pessoas pudessem ter condições para estar decidindo o que eu quero para meu aluno, o que eu quero para minha aula, como eu vou fazer...Mas tudo isso dentro de uma teoria...em Educação tudo deve estar embasado em uma

teoria. Senão nós fazemos por fazer e isso não leva a crescimento nenhum. O professor tem muita experiência que tem que ser aproveitada ao máximo...mas também precisa lembra-lo que tudo que ele faz está baseado na parte teórica. E essa parte teórica tem que estar ligada com a concepção que a escola tem...Assim, você consegue caminhar...Vejo que nessa época foram elaborados vários documentos...para sistematizar essa questão da formação. Então nós começamos com a questão de formação de sala...que é uma questão super simples, mas que dentro de uma concepção ela tem que ser formada de uma determinada forma. Se eu acredito que meu aluno aprendem com a interação com o outro...eu não posso ter uma sala homogênea...eu tenho que criar uma sala heterogênea...Então algumas questões que parecem tão simples que foram sendo normatizadas...E aí começamos com o documento 1,2,3...esses documentos iam normatizando essas questões. Então nós tivemos esse documento que definia a formação de salas, tivemos outro com a questão do Projeto Político Pedagógico que norteava essa questão humanista, filosófica...o que aquela escola acredita naquele aluno...Tivemos um momento de implantação das aulas de Educação Física, de Educação Artística de 1ª a 4ª série...do 1º ao 5º ano agora...Também houve um documento que normatizou tudo isso...a interação do professor da sala com esse professor especialista...O documento 4 ele normatizava a questão da alfabetização...era o documento que trazia a questão das expectativas de aprendizagem, as avaliações diagnósticas, as orientações para o professore, o mapas de alfabetização que nesse momento tiveram um peso maior. Isso tudo ajudava e ajuda até hoje...isso vai dando segurança para o professor...E com isso vai construindo a rede. No PEBII tivemos o documento 14 que sistematizava também essas questões...Então quais eram as expectativas de aprendizagem para o 6º ano em História, em Matemática, em Geografia...nas diversas disciplinas...Na questão da Língua...também a questão da Avaliação Diagnóstica, o que ia ser feito...sugestões de textos, tinha os conteúdos e o que se espera para um 6º ano...E a partir daí acho que podemos dizer que foi uma questão de um início de um currículo mais estruturado. Precisava de ajustes...lógico sempre tudo precisa de ajustes...mas as coisas não podem ser ajustas a todo o momento...Em Educação tudo é muito lento...a gente não consegue dizer que em 1 ano deu certo ou não deu certo. Então as coisas... elas precisam ter um tempo se aquilo dá certo ou não. Mas foi um início de se estar pensando...se estruturando a rede. Tudo tem que estar embasado e as pessoas tem que ter segurança no que elas fazem. Senão acaba se perdendo e se perdendo o processo. E esse documentos foram importantes de estar dando um norte que ao nosso ver era papel da SE...qual era o papel da SE era de nortear as ações. Estar junto, ouvir...mostrar o caminho...Nós tínhamos na época um Secretário muito presente, ele participava muito dessas questões pedagógicas...e nós tínhamos reuniões semanais ou quinzenais com os setores. Havia reunião com supervisores, onde nós levávamos as nossas impressões das visitas que fazíamos...Então os problemas que aconteciam na escola...aonde estavam as dificuldades dos diretores naquele momento. Então ali nós discutíamos e dali saiam as ações de formação. Se eu sei que na rede a maior parte está com problema em um determinado assunto...é ali que vamos trabalhar. Assim também era no Núcleo de formação...existiam as reuniões com as ATs...elas faziam as formações e ouviam diretamente dos

professores e dali via o que era necessário estar trabalhando com eles. As vezes nas questões que o professor levanta você consegue perceber a concepção que ele tem...e aonde a gente tem que estar trabalhando...porque nem sempre ele sabe verbalizar aquilo que é a dificuldade dele...As vezes ele não está conseguindo atingir um determinado conteúdo...por exemplo...mas o problema dele não está naquele conteúdo...mas em alguma coisa lá trás. Então era nesse momento que a equipe se reunia e eram norteadas as ações, que era necessário estar trabalhando com a rede. Nesse momento tínhamos um documento o PPP e inclusive estudávamos Ilma Passo...vários autores que falavam sobre isso...Para que a gente pudesse estar auxiliando as escolas na construção de seu próprio Projeto Político Pedagógico. A partir de 2009...vejo que as pessoas tem olhares diferentes para um mesmo assunto, é claro que muitas coisas que foram deixadas...precisassem ser aprimoradas...precisassem ser reformuladas...serem mudadas...Isso é o tempo que vai mostrando e os resultados que a rede vem alcançando. Acho que nada melhor para se basear do que os resultados...a partir de uma análise dos resultados a gente pode ver se está dando resultados positivos ou se a gente precisa mudar os rumos das coisas. E nesse período eu já não dentro da SE...então eu não posso te dizer como isso foi pensado, articulado...Mas posso te dizer de dentro da escola...Então houve uma reformulação do currículo do 6º ao 9º que realmente era necessário, houve uma questão da questão dos índices, dos resultados...disso tudo ser mais refletido dentro da escola. Acho que esse foram pontos positivos do trabalho de 2009 a 2012. Principalmente na questão do 6º ao 9º que isso ficou bem claro. E o professor estar participando da construção desse currículo...isso fez com que ele incorpora-se aquilo melhor. Ele se sente coautor, porque ele tem agora os instrumentos que ele precisava ter para poder estar participando mais ativamente e aí ele já consegue discernir se aquilo é necessário...ele consegue avaliar melhor...Isso foi um ponto positivo...Acho que foi levou a um crescimento da rede.

Elis: Dentro das ações formativas que o município desenvolveu (de 2001 a 2008 e de 2009 a 2012), quais foram as mais efetivas (que deram resultados diretamente na sala de aula) em sua opinião?

S.S.: Eu acho que a questão do trabalho com a leitura e escrita foi bastante forte...apesar da rede ainda ter muita dificuldade com essa questão. Conseguiu-se que a leitura e a escrita não fique só com o professor de Língua. Isso é uma questão que vem sendo trabalhada ao longo dos anos e que ficou forte na escola. A gente consegue ver hoje o professor de História, de Geografia...preocupados também com essa questão do ler do interpretar, porque todo mundo começou a ver que isso não pode ficar somente na mão de um professor. Inclusive numa dessas etapas da USP...houve uma formação para professores que ensinava todos professores a trabalhar com todos os gêneros. Eu me lembro muito de uma ATP da época ensinando os professores sobre a produção de um cartaz...que é uma coisa tão simples...mas colocando quais são as regras...para se montar um cartaz. Isso passando por todas a rede...de um seminário...de um debate...então isso foi uma coisa que fortaleceu bastante na questão da rede no 6º ao 9º. A questão da Inclusão também teve um avanço significativo. Então eu acredito que esse foram os pontos mais marcantes...um caminhar mesmo...

Elis: Quem decidia sobre quais as ações formativas que seriam utilizadas? Baseadas em quais critérios?

S.S.: Nós tínhamos com já falei anteriormente a SE com as reuniões de acompanhamento das escolas. Então as pessoas diretamente ligadas às formações eram os supervisores, as ATP's, o próprio Secretários, os diretores, os chefes...então todo mundo se envolvia com essa questão da formação e a partir das visitas realizadas na escola, das conversas dos questionamentos, daquilo que os professores traziam nos horários de formação...levantava-se as questões que deviam ser trabalhadas com a rede...que necessitava de um trabalho maior dentro da rede. Então nós tínhamos nessa época um acompanhamento nas escolas...então...aconteciam o conselho nas escolas tinha sempre um representante da SE...para que na volta...voltar com as impressões daquele conselho...quais eram os problemas que aquela escola estava atravessando...o que aquela escola precisava para poder avançar...E aí nós socializávamos tudo aquilo...e a partir daí levantávamos os assuntos e o que precisava estar sendo trabalhado em cada disciplina, ou em cada escola ou com o diretor...para que pudessem ser organizadas nas formações. E tínhamos esse mesmo grupo das USP que acompanhava nas escolas e depois nós tínhamos uma reunião também... Porque para gente ver se aquela ação que aquele formador trouxe era realmente para a escola. Ele conseguiu suprir aquilo que a escola precisava? Na maioria das vezes sim...mas algumas vezes não...Aí era o momento com a equipe da formação da USP. Não era isso que a escola queria...e era o momento de redirecionar o caminho. Era um momento muito de reorganizar, de reavaliar...sempre reorganizando e reavaliando para que as coisas não saíssem daquilo que era programado. Então eu posso dizer que era um grupo que decidia isso, mas era baseado naquilo que a gente via...que era observado. Não posso lhe dizer de 2009 a 2012, mas ficou muito claro que a questão do 6º ao 9º era o currículo, que era um anseio que foi trabalhado todas as ações que permeiam o currículo. Acho que isso ficou bem claro na questão da formação e do 1º ao 5º continuou na linha que já vinha seguindo...que foram aprimorados com novos estudos que apareceram...

Elis: Tendo como referência as duas últimas gestões municipais: como se deu o processo da política curricular? E quem participou nesse processo? A SME tem algum retorno sobre a satisfação dos professores? Qual o impacto na sala de aula?

Preâmbulo: Em sua opinião, por que o município não apostilou o ensino?

S.S.: Como já falei do documento (2001 a 2008) 14...participavam todas as pessoas da SE, participavam todas as pessoas do Núcleo de formação, tínhamos essas assessorias externas...trabalhávamos na maioria das vezes com comissões de professores. Então não todos os professores. Porque todos nós conseguíamos ouvir na questão na hora da formação levantava-se. Mas alguns professores que tivessem uma história dentro da rede...esses eram chamados para estar auxiliando na elaboração desse currículo...desses documentos...dessas fichas avaliativas... Então

ouvíamos os professores dentro dessa comissão...E também nas formações que aquilo era apresentado e os professores podiam opinar sobre aquilo. Mas era ainda um momento de construção...Era um momento que as pessoas precisavam...ter um conhecimento teórico maior...para ai sim elas poderem realmente participando desse processo. A partir de 2009 os professores participavam da formação e nesses momentos eles discutiam as questões do currículo...Eles fizeram vamos dizer uma revisão do documento 14 e foram construindo um novo currículo...teve a participação docente...durante as formações. Eles participavam o que eles achavam...com as experiência que eles tinham...junto daquilo que já tinham vivenciado...eles já tinham testado um currículo e eles já podiam opinar se aquilo era possível...se aquilo era possível. E ai veio essa reorganização...esse novo currículo...vamos dizer assim...Mas ainda a gente pode perceber algumas coisas...como por exemplo a área de Matemática ...mesmo a formadora...mesmo a pessoa que estava orientando colocando para os professores que aquele currículo era demais para ser atingido...eles continuaram batendo o pé...que aquele currículo era possível...E ai precisou testar e ver que aquilo não era possível...Então você imagine isso a seis anos atrás...se era possível as pessoas já sentarem...saídas de uma rede Estadual e já montar da cabeça um currículo...para a rede. Era necessário caminhar...E agora após esse caminhar as pessoas estão fortalecidas para isso, então elas conseguem ver o que é possível...o que não é possível e isso vai ser sempre essa revisão...esse ir e vir e essa busca...por alguma coisa. Do 6º ao 9º como já disse anteriormente os professores se sentem coautores desse currículo e quando as pessoas se sentem coautoras daquilo...elas fazem de tudo para aquilo dar certo...Essa é a visão que a gente costuma usar...Se a pessoa se sente parte ou se vê naquele processo ela consegue...ou se empenha muito mais...ou ela consegue buscar muito mais um resultado positivo. E os comentários dos professores...eles dizem que conseguem se enxergar dentro disso. Então esse é um ponto muito positivo...Eles conseguem se ver dentro do processo e vê que faz parte daquele resultado. Se você participou...se você opinou...é porque você acredita naquilo. E a questão principal da Educação é você acreditar...a partir do momento que você acredita que aquilo é possível...você vai buscar os meios para que aquilo se torne possível. Então isso foi muito benéfico para a Educação...

Elis (Preâmbulo): Com todo esse trabalho, porque o município não apostilou o ensino? S.S.: Na minha opinião por causa de todo esse processo...todo esse processo de formação na rede...todo esse processo de construção...Você não consegue achar ou você não consegue casar um material apostilado com todo esse processo de construção. Porque a Educação ela acontece se você acreditar nela. Ela acontece se você investir nela e ela acontece se as pessoas se sentirem coautoras de tudo aquilo. O material apostilado ele é um pacote pronto...que na minha opinião não cabe em todas as escolas da mesma forma...o conteúdo sim, mas a maneira que ele deve ser desenvolvido isso pode variar de escola para escola. Cada escola busca o seu caminho e a melhor forma disso estar acontecendo. Eu sou uma pessoa que não sou a favor da apostila...porque é o momento que você engessa todo mundo....e você não consegue...dentro desse “engessamento” que você faz com o conteúdo com as habilidades...com as competências...você não consegue atingir que você se propôs lá no começo...Eu

não posso falar numa rede que constrói o conhecimento...se eu tenho o conhecimento engessado que eu vou estar passando para os meus alunos. Então eu acredito que a questão da apostila ela perpassa uma questão de concepção de conhecimento. Como eu acredito que se dá o conhecimento...Se eu acredito que o conhecimento se dá com a construção, com a interação...nem sempre o material apostilado ele favorece isso. Principalmente a questão de prazos...você tem prazos para estar dando determinados conteúdos...para estar chegando lá...e nem sempre o seu aluno chega naquele momento. Então você tem uma gama muito maior de atividades, de sugestões ...um leque muito maior pra você conseguir tornar aquele seu aluno...aquilo que você espera... se você espera que ele saiba pensar, interpretar, que ele saiba compreender... E o material apostilado nem sempre ele traz isso. A rede ela tem que ter uma linha de trabalho...ela tem que ter aquilo que ela quer chegar...aquilo que ela precisa. Agora o material... as formas como chegar ...você vai se basear na concepção que se tem e você vai buscar...só que nem sempre você consegue aprender da mesma forma que eu...e essa forma de aprender o professor tem que ter a liberdade de poder estar usando dentro da sala. Eu não acredito num apostilado...agora existem experiência em outros lugares que o apostilado dá resultado...existe! Mas pela a história da rede de Itatiba...eu não vejo aonde consiga casar um material apostilado. Acho que nós estaríamos fazendo uma ruptura num processo que tem muito ainda a caminhar...mas que trará bons resultados.

Elis: Como você avalia o impacto das ações implementadas nas últimas gestões municipais, para avançar na valorização dos profissionais da escola?

Preâmbulo: Qual o papel da supervisão nesse processo?

S.S.: Olha várias ações foram implantadas umas com sucesso outras nem tanto. Sempre se busca essa valorização...busca valorizar o professor...e nós sabemos que sem o professor nada disso acontece...não adianta você ter um currículo estruturado, você ter uma SE com formadores, um projeto de formação excelente...se você não tem o professor envolvido em tudo isso. Então sempre se buscou pela valorização do professor, mas se pensarmos em termos de Brasil...de Estado...ainda temos muito a caminhar nessa questão...muitas vezes nós achamos que demos um passo para frente...mas na verdade depois dois ou três para trás...E o professor precisa sentir nesse momento que ele é uma peça fundamental dentro da escola. E que as pessoas estão ali para auxiliá-lo em seu trabalho. Para que existe o diretor, o coordenador, o assistente técnico pedagógico, o supervisor, o Secretário da Educação...ou tudo isso se não for para auxiliar o professor...a desenvolver um bom trabalho na sala de aula. O próprio administrativo da escola...para que ele existe? Ele existe para auxiliar a parte administrativa, para auxiliar para a vida do professor, na vida do aluno...para que tudo ocorra bem...para que consigamos chegar no objetivo...que é a qualidade de ensino...que é que o aluno aprenda. Senão não adianta ter tudo isso. Então o professor nesse momento de Brasil...ele é muito desvalorizado na verdade...ele é desvalorizado pelos pais, pela escola...ele é desvalorizado por todo

mundo. E a partir do momento que a gente conseguir que esse professor acredite nele...que ele faz a diferença na vida do aluno...ai sim, nós vamos ter um professor realmente...envolvido...empenhado...e realmente satisfeito com aquilo que ele faz. Eu pelo menos nunca vi um professor que não fique feliz, quando o aluno dela aprenda...Você fica muito triste se martirizando, quando o seu aluno não aprende...mas quando ele aprende...que você consegue ver que ele conseguiu aprender tudo aquilo...não tem quem não fique feliz. Então são algumas ações talvez, para que o professor consiga se enxergar...se valorizar dentro desse processo. Para que a gente consiga ver aí profissionais envolvidos...mais envolvidos...porque muitas vezes os resultados não são aqueles que a gente espera. Mas nós temos que olhar o processo. Muitas vezes aquela sala não conseguiu aquele resultado, mas como ela estava lá no começo...como ela está hoje...Um pequeno avanço de um aluno já é muito...já é bastante para o professor se sentir melhor. Essas pequenas coisas tem que ser valorizadas. Claro que perpassamos por uma questão de salários...de Plano de Carreira...de muitas coisas que não vem ao encontro de tudo isso...Mas ainda estão no magistério as pessoas que abraçaram essa causa. E esperamos que toda essa turbulência passe e que a gente possa novamente reencontrar o prumo e o caminho para uma Educação de qualidade. O supervisor, assim como o ATP, assim como diretor...o que ele tem que ser...ele tem que funcionar como um parceiro mais experiente...A questão do supervisor ele tem que ser aquele que está na escola...para auxiliar o diretor...É um parceiro mesmos...é aquele que você pode dividir...é aquele que você pode contar com ele...e que ele tenha um olhar mais experiente que você...para que? Para ele poder ajudar a crescer...Fazendo uma analogia com os alunos...se você colocar dois alunos na mesma hipótese de escrita juntos...eles não vão avançar...porque nenhum deles tem a condição necessária para ajudar o outro avançar...Então as pessoas que estão nesse papel de liderança...de chefia...é isso que elas têm que ter...elas tem que ser o parceiro mais experiente. Ser parceiro...está realmente para ajudar...para partilhar... Aquela supervisão de fiscalização...isso já caiu por terra há muito tempo. O supervisor é aquele que auxilia principalmente nas questões pedagógicas...é claro que para isso ocorra ele tem que cuidar do administrativo também, mas ele precisa estar junto com o diretor, junto com o grupo...ele tem que se fazer parte da equipe. Porque só quando as pessoas sentirem que ele faz parte daquele grupo...é que ele vai conseguir contribuir dentro desse processo. Porque senão ele vai ser sempre aquela pessoa que veio na escola para ver se está tudo certo e voltar para a SE. As pessoas não vão conseguir vê-lo como parceiro...E essa questão de estar sempre compartilhando mesmo...Nós tínhamos uma formadora que dizia sempre isso “você tem que ser o parceiro mais experiente...então se ele tem um problema você tem que estudar antes...você tem que buscar uma solução...porque você tem que ajudar. Não adianta você estar junto com ele no mesmo...porque aquilo ele já pensa algumas...você tem que contribuir . E estar junto mesmo...estar ajudando...Eu acho que esse modelo de supervisão de que cheguei com minha bolsa...olho os documentos e faço uma ata...esse modelo já está muito ultrapassado. O supervisor hoje, ele precisa fazer parte da escola mesmo...e se sentir responsável pelas coisas que acontecem na escola. Eu não estava lá, mas eu sou daquele grupo e aquela escola tem um

problema...aquele problema é do supervisor também...Então vamos juntos procurar uma saída. Eu acho que esse foi o maior aprendizado que eu tive enquanto supervisora ...que você não é superior...você é um colega que está lá...para auxiliar o grupo.

Transcrições das Entrevistas com as Diretoras

Elis: Elisângela Sales Teixeira

Diretora de escola: Paixão

Elis: Apresentação da Professora (nome, idade, origem, formação acadêmica, tempo de magistério, tempo de trabalho como Professora, experiência profissional em outros cargos do magistério e em outras áreas, enfim conte sua trajetória pessoal e profissional...).

D.P. Tenho 57 anos, estou no magistério há 37 anos...Escolhi o magistério por paixão...desde pequena...desde menina...sempre sonhei ser professora. Me formei no Magistério no Anchieta em Jundiaí, me casei e vim pra Itatiba...não fui trabalhar no magistério, porque era recém formada...e já depois de dois anos comecei a dar aula. Trabalhava bastante...em muitas escolas e naquela época...em zona rural que na época a gente não pegava muito aula na cidade...era difícil...Aliás comecei no “Chico Peroba” que sorte...foi uma licença. Depois andei por Itatiba, Morungaba e Várzea...bastante tempo. No ano de 2000, eu fui convidada pelo Prefeito para ser diretora de escola...foi quando eu assumi a escola “Agenor Vedovello”...lá eu fiquei por 7 anos e depois fui diretora do “Júlio” por mais 3 anos. Faz 5 anos que estou como Orientadora Educacional.

Elis: A partir de 1999 o ensino do 1º ao 9º foi municipalizado, por meio de um convênio com o Governo do Estado de São Paulo. Que tipo de mudanças eram esperadas em relação ao ensino e à gestão da Educação?

D.P.: Na época da municipalização os professores não foram ouvidos...A municipalização foi uma decisão política acertada entre o Prefeito da época, entre o delegado de ensino e o governo do Estado. Foi imposto isso para nós...várias reuniões foram feitas e na época eu era conselheira estadual da APEOESP e eu fui uma das pessoas que lutou muito para que a municipalização não viesse. Primeiro as coisas não eram bem colocadas, nós não fomos consultados, o critério de ficar ou não ficar na municipalização...era um critério político...não avaliava a qualidade profissional de ninguém...era uma decisão extremamente política. Tanto é que com o passar do tempo algumas pessoas foram excluídas da municipalização. E até hoje não conseguiram retornar para Itatiba e estão em cidades vizinhas. O que era proposto era que o município estando mais próximo, facilitaria o acompanhamento, a sistematização, a formação dos professores, a questão da manutenção dos prédios públicos, como vinha via Secretaria do Estado...esperava-se anos para isso...A proposta era que isso proporcionaria a melhoria do ensino. Tantas outras propostas haviam sido feitas e nada disso havia acontecido. Esta era

a proposta...nos preocupava muito a questão da vida funcional dos professores. Porque você ficava com o seu cargo, enquanto professor com seu salário do Estado e a Prefeitura arcava com a diferença salarial do Estado para o município. Então nesse momento cada município o professor tinha um salário...porque os município onde ocorreu a municipalização a Prefeitura pagava o salário dos professores. Então com a municipalização algumas cidades recebiam uma quantia alta inicialmente e outras recebiam pequenas. Só que tudo isso que nós recebemos nunca foi incorporado no nosso salário...na nossa vida. Então nós tivemos um prejuízo de vida funcional muito grande. O Estado pagava um salário e a Prefeitura pagava a diferença...nessa diferença, qualquer licença que você tivesse você deixava de ganhar essa gratificação. Então isso você não carregou para sua vida. Então naquele momento você tinha dinheiro na conta, mas quando você aposentava tinha apenas o salário do Estado que como sempre ainda está bastante defasado. Considerei a municipalização foi feita, quando assinou o convênio eu e mais uma outra colega fomos proibidas de assinar o convênio por uma questão política. Porque a gente reclamou muito do processo, do questionamento e houve uma investigação entre aspas, feita por parte da Diretoria de Ensino vasculhando a nossa vida. Na tentativa de encontrar qualquer reclamação, qualquer queixa, qualquer processo, qualquer denúncia...que esse seria um motivo de você não ficar na municipalização. Na minha vida funcional encontraram apenas muitas greves, porque toda vida eu fiz todas, com uma reposição que a gente fazia integralmente aos sábados e que eu havia feito. Sem argumentos eles nos aceitaram na municipalização e nós ficamos. A medida que o tempo foi passando, aí começou...uma professora que foi cortada da municipalização...e outra que foi cortada...acho que num total de quatro. E a hora que você era cortado da municipalização...você ia para a atribuição a nível de Diretoria de Ensino. Então ali entravam todas as cidades da Diretoria: Itatiba, Jundiaí, Louveira, Morungaba, Campo Limpo, Várzea, Cajamar...E em Itatiba não sobrou nenhuma escola que tivesse uma sala da 1ª a 4ª...então você ia trabalhar numa cidade vizinha...sem nunca ter a possibilidade de retornar. E tem pessoa que vive nessa situação...pois não se aposentou e até hoje não conseguiu voltar. E as cláusulas da municipalização não permite por exemplo que na mudança de prefeito que tenha outra leitura...ele traga de volta alguém que foi tirado. Então quem foi tirado por questões políticas daquela época amargam até hoje. Com a política, ou porque falou alguma coisa questão gostaram, ou porque o Secretário da época achou que tal pessoa não tinha postura adequada. Em 1999 num primeiro momento eu e mais uma amiga fomos impedidas de assinar...e como não encontraram nada ficou muito evidente que era pelas denúncias que a gente fazia ...por delatar que era uma forma do governo do Estado colocou de tirar toda a sua responsabilidade. Porque ele transferiu a responsabilidade para o município o que era dele...Nós passamos num concurso, para sermos funcionárias do Estado e não para ser do município depois. Quanto com a questão pedagógica considero que com o passar dos anos houve um avanço. Porque as formações do Estado eram bastante esporádicas, a nível de Diretoria de Ensino...nem sempre acontecia aqui. E na hora que foi para o município começou um processo bacana em relação a isso. Ai

se ajustava em questão de HTPC...de horários de formação e começaram essas e com o passar do tempo houve um avanço.

Elis: Em sua opinião, quais são as vantagens de se municipalizar o ensino do 1º ao 9º? Que objetivos pretendidos pela municipalização foram implementados, durante a gestão anterior e agora com a nova Gestão Municipal?

D.P.: Gostaria somente de completar...quando coloquei que os professores não foram ouvidos...qual era o impasse que a gente vivia enquanto diretor de uma escola, onde você tinha um grupo de professores que era municipalizado e grupo de professores que era municipal...Para favorecer a municipalização os professores que eram municipalizados escolhiam aulas antes dos municipais. Isso já gerava um clima ruim...a própria jornada de trabalho era diferente...então era bastante complicado você exigir...cobrar...ou programar...ou fazer um planejamento de trabalho...por exemplo da 1ª a 4ª série da sua escola um dos profissionais fazia o mesmo trabalho com salários diferentes. De 2001 a 2008 eu senti esse avanço na questão de formação. As formações aconteciam no horário de HTPC, ou no período contrário...eu acho que houve um momento de reflexão muito boa da rede sobre as propostas. Então naquele momento houve vários cursos, várias ideias, várias formações e todo mundo se alinhou a uma proposta de trabalho da Secretaria de Educação....que até então não tinha...o município tomava com da Educação Infantil...que era a pré-escola e algumas escolas rurais. Então, não tinham salas da 1ª a 4ª série na rede municipal na zona urbana. Acho que isso foi bastante positivo...foi se construindo...se retomou muito a questão do Construtivismo, mas nesse momento que se começou a surgir um documento das expectativas de aprendizagem...foi o início disso...E isso se estendeu...acho que isso avançou muito hoje...Quanto ao PEBII a proposta era a mesma, a ideia era a mesma, os objetivos eram os mesmos...mas eu não vi tanto resultado, quanto do PEBI...Porque o PEBI estava em uma escola...era um grupo...era mais fácil de você juntar...Na hora que entra o PEBII era muito difícil de conciliar um horário de formação...tinham algumas pessoas que conseguiram conciliar. Foi bastante conflituoso...Se tivéssemos ficado no Estado acredito que não teríamos avançado tanto no PEBI, mas acho que temos um longo caminho a percorrer. Acho que o magistério precisa de uma valorização verdadeira. Acho que cada governo que assume tem uma leitura de Educação, mas de verdade a Educação não é levada a sério. Acho que só se fala nisso nas campanhas a nível Municipal, Estadual e Federal que o futuro do Brasil é investir na Educação. Mas não vejo de fato acontecendo na rede pública. Todo mundo sabe...é feito esse discurso a 40 anos...todo mundo faz e nada acontece.

Elis: Que ações concretas nas instâncias: externa e interna à escola foram implementadas pelo governo municipal (anterior e atual), durante sua vivência enquanto diretora, com o propósito de melhorar a qualidade da educação pública municipal?

D.P.: As formações...muito bem, ou mais ou menos...razoavelmente elas ocorreram...De 2001 a 2008...eram separadas por áreas, depois por disciplinas... A SE tinha os formadores que faziam essas reuniões e muitas coisas eram discutidas ali. Tinham alguns momentos que eu achei muito interessante...como por exemplo os relatos de experiências bem sucedidas. Depois de um tempo na área de Matemática teve muito isso, professores da rede que trabalhavam e davam aquelas propostas ou que criaram algumas metodologias, algumas práticas e eles apresentavam essas propostas. Nós recebíamos materiais na escola e os professores gostavam...sentiam-se acolhido...era prazeroso. A vantagem da municipalização é essa proximidade...quando você tinha uma dúvida...você tinha que ir na diretoria de ensino buscar o formador...ninguém ia. Na hora que você tinha dentro da Prefeitura o coordenador de área...você podia ir lá marcar uma hora...e eu senti que existiu pequeno esse movimento do professor ir até lá pedir ajuda. Nesse momento foi quando apareceram as salas de recuperação de ciclos...onde se pensava no perfil do professor para dar aula nessa salas...Teve muita reflexão. De 2001 a 2008 teve a formação de diretores que eu participei com a USP. Foi muito boa, foi um ano inteiro...De 2009 a 2012 o processo só seguiu...foi quando de fato começou a discussão do currículo.

Elis: Dentro das ações formativas que o município desenvolve (gestão anterior e gestão atual), quais são as mais efetivas (que dão ou deram resultados diretamente na sala de aula) em sua opinião?

D.P.: Acho que a ação efetiva que teve foram as formações para os professores e para os coordenadores.. O que exatamente é a função de coordenador...de assistir aula de acompanhar...de orientar...de verificar se aquilo que eram tratado nas formações se de fato ocorriam na sala de aula. Foi o momento que começaram as avaliações diagnósticas, começaram também as avaliações externas...Esse é um processo que foi se aprimorando ao longo dos anos. Acho que foi um marco importante a partir 2009 a presença constante dos formações dentro das escolas. Eu senti uma disponibilidade maior dos formadores estarem indo para a escola...sentar com o professor...acompanhar...Eu acho que foi um avanço pedagógico muito grande...E em 2012 quando os currículos ficaram prontos norteou o trabalho de vez. É claro para todos os professores da rede o que cada um precisa fazer...o que ele espera do aluno...como é que ele faz avaliação daquela sala...o que ele tem que fazer no 1º,2º,3º e 4º bimestre. Graças a todo esse movimento o professor sabe o que fazer na sala de aula.

Elis: Quem decide ou quem decidia sobre quais as ações formativas que serão ou foram utilizadas? Baseadas em quais critérios?

D.P.: Acho que vai muito da postura de cada professor ... Acho que temos na rede uma parcela de professores bastante envolvidos...preocupados e dedicados com a questão da Educação. Acho que é

um grupo de pessoas que segura a Educação, ou que carrega ou reflete. E tem uma parcela que vai como vai...Então eu acho com toda essa formação, com toda essa cobrança que se tem de fato por melhor que possa ser a formação as coisas acontecem dentro da sala de aula e nem sempre acontecem. É assim surpreendente que só estando na sala de aula... acompanhando...que de fato você vê se está acontecendo ou não. Porque as vezes o papel aceita qualquer coisa...o professor pode escrever que ele está fazendo, mas esse acompanhamento sistemático dentro da sala de aula é que te mostra a realidade. É assim que eu vejo...essa é uma questão que ocorreu nas duas gestões. Eu lembro quando era de 2001 a 2008 era meio que imposto pela SE, até porque estava se construindo esse espaço...E alguém tinha que ter essa iniciativa. E acho que como tinha questionamentos de alguns professores e até avaliação de como isso foi acontecendo...isso melhorou e se tornou um espaço mais democrático. Acho que de 2009 até 2012 na hora que você está construindo o currículo você amarra essas questões...mas acho ainda que o professor tanto de 2001 a 2008, quanto de 2009 a 2012, mais acentuado a partir de 2009 essa oportunidade de opinar é maior. E acho que é assim, na hora que você tem uma equipe na SE pequena escolhida politicamente você trabalhava e fazia o que era mandado ou colocado pela leitura política do Secretário da Educação da época. Depois de 2009 a 2012 foram professores tirados de dentro da rede...claro escolhidos politicamente...tinha que ser...e o professor se afastava...então eles vieram para a SE com uma vivência da sala de aula. Então eram pessoas que o próprio trabalho delas lhes dava bagagem para construir isso...Acho que isso foi bastante interessante...bastante produtivo...Os professores poderiam opinar nos temas...alguns temas eram considerados pertinentes e outros não.

Elis: Como você avalia o impacto das ações implementadas nas últimas gestões municipais, para avançar na valorização dos profissionais da escola?

D.P.: Eu volto um pouco naquilo que eu coloquei antes...Eu acho que nas duas últimas administrações...eu acho que as questões pedagógicas da escola ela foi levada com seriedade. Eu acho que tivemos um grupo de profissionais bastante capacitados, capazes, envolvidos, com a questão pedagógica. Acho que se tem um currículo hoje...foi um trabalho...muito sério...de dedicação...Nem é da SE...mais de algumas pessoas...isso ficou muito claro...algumas pessoas deram o sangue para sair esse currículo. Quanto a valorização dos professores acho que temos muito a caminhar...muito...muito...muito...Acho que só o pedagógico, a estrutura pedagógica, o currículo...só isso sem a valorização profissional, salarial, formação ...não caminha sozinha...Ainda temos um longo caminho a percorrer...

Elis: Tendo como referência as duas últimas gestões municipais: como se deu a construção do currículo e por que o município não apostilou o ensino? E qual foi a participação docente nesse

processo? Você enquanto gestora escolar tem algum retorno sobre a satisfação dos professores? Qual o impacto na sala de aula?

D.P.: Eram os Parâmetros Curriculares que a gente recebia de todas as disciplinas e acho que esse documento foi a base para se chegar no currículo depois. Então era em cima daquilo que os coordenadores efetivamente acompanhavam na sala de aula e depois passou a ser as expectativas de aprendizagem. Não tinha um currículo definido...eram os Parâmetros Curriculares não me lembro de um currículo definido. O que marcou para mim a parti de 2009 foi a mudança de postura muito grande do professor de Educação Física. Aquilo que era trabalhado na Educação Física de 2001 até 2008...mudou completamente a Educação Física depois de 2009...O foco da Educação Física que era ir para a quadra e dar uma bola e deixar a criança...Mudou muito...muito...muito, com a questão de espaço, questão lúdica...mudou muito a prática do professor. Então nas formações os professores tiveram a oportunidade de opinar, de sugerir, de criticar...eu acho que o professor teve um espaço muito bom...de 2009 a 2012. Considero que a SE estava mais articulada, mais preparada...para poder fazer esse trabalho. Eu penso que os professores pensam mais na sua vida funcional, no que na questão pedagógica. Então eu acho assim...se o professores pudessem voltar atrás...se eles pudessem decidir...eles diriam não pela municipalização. Porque as administrações municipais as propostas pedagógicas passam e o professor tem o reflexo de uma vida inteira da questão salarial. Muita gente perdeu muita coisa ou deixou de ganhar...Acho que esse é um lado do professor...ele pensa na sua vida, na sua aposentadoria...no seu plano de saúde...o que você perde ...eu acho que ele diria não...Mas aqueles que conseguem...aquela parte comprometida...preocupada...aquele que não é professor...aquele que é educador ...faz toda a diferença entre ser professor e ser educador...Esse consegue ver na municipalização e na atuação dos profissionais da SE um grande avanço. É assim que eu vejo. Quanto a questão de não ter apostilado...não sei porque não...eu acho se tem um trabalho pedagógico de currículo, de matriz...de tudo pronto construído e se isso está pronto e está feito...eu acho que é uma pergunta pra se fazer para a Secretária da Educação...eu achava que isso sairia...Eu acho que é algo bom ...que norteia bem o trabalho...Como eu disse antes...por mais formação...por mais isso...por mais aquilo...as coisas acontecem dentro da sala de aula. E a hora que você tem uma apostila, a hora que você tem um questionamento você fecha essa questão porque ele não poder dizer que ele vai ter que realizar. E acho que isso é um material que seria bastante interessante. Que quando você pega os livros por exemplo, que a gente faz a escolha no final do ano...eles não estão de acordo com a nossa proposta...então o livro é um complemento...mas ele não está de acordo...não é a nossa proposta...As vezes você escolhe um e vem outro...as vezes falta...Eu acho se tivesse a apostila para todos os alunos eu acho que seria o fechamento de um trabalho pedagógico de bom tamanho...minha opinião.

Elis: Elisângela Sales Teixeira

Diretora de escola: Consciente

Elis: Apresentação da Professora (nome, idade, origem, formação acadêmica, tempo de magistério, tempo de trabalho como Professora, experiência profissional em outros cargos do magistério e em outras áreas, enfim conte sua trajetória pessoal e profissional...).

D.C. Tenho 52 anos, sou de Minas Gerais...Comecei fazendo Magistério e parti para a área fazendo Pedagogia. Desde 1980 que eu exerço a profissão de professora...Então eu comecei lecionando para a 1ª a 4ª série e escolhi essa profissão porque me identificava muito com criança...Desde criança eu brincava de escolinha...eu tinha alunos imaginários...Então a minha vida era essa...eu sempre quis ser professora. Gostava mais de criança pequena, porque me identificava muito com criança pequena...na questão de cantar...de brincar...de sentar no chão...de alfabetizar...o início de minha carreira foi com crianças menores...E com o passar dos anos peguei até a 4ª série...dei aula para 1º, 2º, 3º ano...e mais 1º ano que é alfabetização, também pré escolar e maternal. Vim pra Itatiba e trabalhei um tempo com Educação Artística ...foi assim em carácter excepcional, não havia professora substituta na época...Logo prestei o concurso e passei...trabalho desde 1997 como concursada até os dias de hoje...Fui convidada para ser coordenadora pedagógica em 1998 e desde lá estou afastada de sala de aula. Gosto muito da coordenação pedagógica...me identifico muito com a área pedagógica...Então de estar criando atividades diferentes...proporcionar eventos...o que envolve o pedagógico me atrai muito...gosto muito dessa parte aí... A direção foi um convite que o Secretário da Educação da época viu que eu estava exercendo a função de coordenadora pedagógica e ao mesmo tempo...fazendo boa parte de direção...porque a escola estava sem diretora na época...Acabei sendo convidada para assumir a direção de uma escola grande com quase mil alunos, onde foi um desafio pra mim...porque não entendia da parte burocrática, administrativa, mas me confiaram esse papel e desde aí eu me encantei também pela direção de escola...com o trabalho que tinha. Em 2008 prestei o concurso para a direção e em 2010 eu assumi o cargo de direção...Então de 2010 até os dias de hoje sou concursada como diretora. Mas eu me identifico mais com as questões pedagógicas. Mesmo na direção a gente acaba se identificando mais com essa parte aí...Mas assim, tenho exercido um trabalho bem consciente...focando realmente a parte da aprendizagem...valorização dos professores...valorização das crianças...respeito os pais...porque acho que momento que você coloca seu filho na escola...o pai também tem que ser ouvido. Procuro fazer um trabalho com parceria com todos para que a gente consiga resolver a questão de todo mundo. Fiz três Pós- graduações, porque me senti desatualizada na época...a primeira foi de Psicopedagogia, depois eu fiz de Inclusão e de Gestão Escolar...para poder estar mais por dentro e atualizada. Pra vencer melhor a profissão.

Elis: A partir de 1999 o ensino do 1º ao 9º foi municipalizado, por meio de um convênio com o Governo do Estado de São Paulo. Que tipo de mudanças eram esperadas em relação ao ensino e à gestão da Educação?

D.C.: Eu penso que os municípios tomariam conta das escolas e se melhoraria a questão de agilidade mesmo dos problemas do município e ficaria uma coisa mais direcionada. Então os problemas daquele município seriam resolvidos com a gestão do município. Não teria que ser uma coisa que demorasse mais, porque o Estado pensa uma coisa maior...o município seria para os problemas que tem ali...na comunidade sua...o que são as necessidades do município. Penso que seria isso. Como com 1ª a 4ª série e depois acabou municipalizando tudo. Foi uma das primeiras cidades do Estado de São Paulo que municipalizou todo o seu Ensino Fundamental. Eu achei que por um lado foi bom...porque pegou os professores Estado...igualou o salário...tinha gratificação para o professor do Estado... então conseguiu acolher os professores do Estado...e esses professores municipalizados tinham sua sala de aula dentro do município... não precisava se deslocar...porque todos foram atendidos. Eu acho que foi uma questão...para aquele momento seria para melhorar a educação...a intenção era essa melhorar a educação do município. Eu acredito que em certa parte foi bom...Muitos professores do Estado que trabalhavam em outro município estavam elogiando naquele momento a municipalização.

Elis: Em sua opinião, quais são as vantagens de se municipalizar o ensino do 1º ao 9º? Que objetivos pretendidos pela municipalização foram implementados, durante a gestão anterior e agora com a nova Gestão Municipal?

D.C.: Era previsto ao meu ver...ter um currículo próprio...um documento próprio para aquele município...De 2001 a 2008 então junto com os professores foram estudando para se ter uma identidade própria ...nessa gestão foi tentada várias maneiras de se criar um currículo para aquele momento ali...eu acredito que foi conseguido...entendeu...fiz muito estudo...Foram trazidas pessoas de outros municípios...algumas ideias foram trazidas de outras cidades que tinham municipalizado. Na época foi feita uma parceria com a USP...para poder trazer as formações para os professores e aí essas formações estariam trabalhando primeiro com alguns formadores...tirados das salas de aula e foram capacitados esses formadores...para que eles fossem multiplicadores dos professores, dos diretores, dos coordenadores...então foi feito também com todas essas pessoas já citadas...para depois estarem trabalhando nas escolas. Na época tinha até alguns cursos que foram dos PCNs...tinha o PCN em Ação...tinham também as reuniões pedagógicas...dentro do calendário escolar...tinha-se um dia só para reunião pedagógica. Onde reunia pais, professores, alunos...aquelas reuniões eram produtivas...porque os pais vinham pra escola...trabalhavam as questões do currículo...das disciplinas que estariam trabalhando...então foram feitos vários encontros com os pais dentro da escola nessa época. O pai estava conhecendo o trabalho que estava sendo feito...Só que não foi dada continuidade...Depois teve

uma parada e ai mudou de novo...ai tentaram novamente...tiveram um outro olhar...outras ideias...mas eu acho que o caminho estava correto depois ele parou...na mesma gestão...Em cada escola tinha um foco...um tema diferente...na minha era sobre gestão...eu achava bacana...Para a alfabetização tinha o PROFA que capacitou todos os professores que trabalhavam com a alfabetização...Então até nós fizemos o curso...para poder estar acompanhando todas essa mudança tinha acontecido...então estava no caminho certo...penso eu ...depois deu uma quebrada...não sei se foi por questão política...não sei...tudo isso ainda na gestão de 2001 a 2008. Depois teve formação com as formadoras do próprio município...então os professores saiam durante o período de aula...traziam todas as ideias para aplicar em sala de aula...e estava se construindo o currículo...então para os professores estava sendo bom de um lado...porque estava se criando um currículo para se trabalhar todo mundo igual. Já em 2009 começou o estudo com outra gestão...com a USF...pegou tudo aquilo lá engavetou...penso eu que foi isso...Pegou um pouco do que tinha sido bom...e foram estudar novamente para poder fazer os currículos...com ajuda, participação do professores...cada professor de cada área foi convidado ...foi feito um estudo para se criar um currículo para cada área. Foi discutido até sobre avaliação...como avaliar...que requisito usar para a avaliação...que ferramentas foram usadas para fazer avaliação...Isso foi vantajoso...acredito que todos puderam participar...dar suas ideias...contribuições...expectativas de aprendizagem...e fez-se o documento único para a rede atendendo do 1º ao 9º de todas as disciplinas. Já existia um documento...me recordo que foi feito um documento na gestão anterior...Chamado documento 14...que chegou nas escolas no final de 2008...ele estava bom...eu acredito que não teria que descartar totalmente o documento...Então foi feito um trabalho disso...só que chegou outro governo e ele quis fazer diferente...tinha um outro foco...não sei...Eu não sei porque eu não estava lá...não sei como que rola...toda essa questão ai...

Elis: Que ações concretas nas instâncias: externa e interna à escola foram implementadas pelo governo municipal (anterior e atual), durante sua vivência enquanto diretora, com o propósito de melhorar a qualidade da educação pública municipal?

D.C.: Então as ações internas...eu acredito que a gente sempre exerce...dentro da nossa realidade escolar...Então vamos supor...eu tenho uma escola...então eu tenho que fazer a identificação da minha escola...com os pais...ver o que ela precisa...quais são as prioridades...de conhecer a minha comunidade...em toda a escola que eu vou...procuro fazer um questionário...ver com os professores...qual a realidade dos meus alunos...ver onde está situada a minha escola...onde eu tenho que atender...que expectativas tenho que esperar daquela escola...e ali fazer um trabalho em conjunto com os professores ...quanto com o pai...com professor e a realidade de cada aluno...E a gente faz todo ano um documento que é um plano de gestão...dentro dessa visão...do que espero para os meus alunos...que aluno eu tenho...e o que eu espero para eles. E a gente faz avaliações diagnóstica...para gente conhecer cada sala...e o eu posso esperar daquele ano...com aquele aluno. Na época de 2001 a

2008 tinha o reforço escolar e a gente teria que trabalhar as dificuldades do aluno...fazia avaliação diagnóstica ...depois do primeiro bimestre os alunos que estavam em defasagem de aprendizagem trabalhavam com esse reforço escolar...com essa recuperação...em cada bimestre...e nós também em cada escola em 2005 ou 2006 ...a gente atendia alunos no período contrário. A gente escolhia um grupinho de alunos que entendia mais... para ajudar os alunos que tinham mais dificuldades. Então além do reforço a gente tinha esse projeto na escola...e internamente a gente tinha formações...a gente tinha até autorização dos pais...para os alunos voltarem no período contrário...e por ser aluno (monitor) da própria turma quem dava aula...os alunos gostavam mais...do que o reforço que era com professor contratado, para essa função. A gente tinha também o projeto leitura que ajudava bastante, com empréstimos de livros... que levavam para casa...Colocávamos muitos alunos em projetos da Prefeitura, na época tinha Construindo Caminhos, SOS animal...então tinha vários projetos que a escola que eu dirigia...era sempre foco nos projetos...Era uma escola grande e os alunos tinham que ter uma atividade pra fazer...Então eles voltavam em período contrário, participavam desses projetos...gincanas e eles gostavam muito, eles acabavam ganhando, porque na sala de aula o rendimento deles era baixo...Mas eles participavam desses projetos e isso os animava. Começaram a valorizar mais a escola, os estudos...e isso fez com que avançasse um pouco a nota deles...que tivesse interesse pelos estudos, pela escola e isso criou um vínculo maior de pertencimento...Essa era uma escola difícil e as crianças não se interessavam muito pelo estudo. Então esse projetos foram criando vida para a escola. Eram projetos alguns internos e outros da Secretaria da Educação...Agora, quanto às ações externas na época a gente tinha aquela avaliação externa...a Prova Brasil...sempre teve. Em 2004 eu participei de um curso de Gestão que somente duas escolas fizeram aqui em Itatiba. Fizemos uma avaliação diagnóstica para ver o nível que os alunos estavam, depois no final do ano com desenvolvimento que foi passado pra gente...que a gente tinha que ficar criando ações, fazendo reuniões com os professores e trabalhando alguns projetos implementados ali...naquele ano...e depois fizemos uma avaliação final para ver o resultado de todo esse trabalho. E houve um avanço muito grande, porque esse projeto foi dando vida também para a escola. É a participação do pais, parcerias com a empresas do bairro, proporcionar atividade diferente no final de semana – que a escola começou a participar também do Programa Escola da Família. Então a gente teve ajuda de três empresas que colocaram a sua contribuição, onde nós conseguimos desenvolver esses projetos. Tinha esporte, recreação, artesanato...e veio junto a escola da família. E isso dentro da escola a gente trazia também, durante o período de aula...e daí os alunos colocavam em prática em período contrário...os seus dons. Então foi tudo assim, um trabalho em conjunto internamente...e a externa que eu me lembro na época era mais a Prova Brasil...Com a questão dos projetos minha escola era muito assessorada...a gente recebia muitos...Então eu não posso reclamar porque isso acabou trazendo um benefício muito grande dentro da escola...Eles participaram desses projetos...Então a gente fala...nossa tem mais um projeto...mas isso só teve vantagem na época. Porque cada projeto que entrava lá a gente dava a vida

para aquele projeto. Então as crianças participavam de tudo que era gincana...projeto de meio ambiente, a Estação Ciências, eles participavam de tudo...e acabam se envolvendo com aquilo...

Elis: Dentro das ações formativas que o município desenvolve (gestão anterior e gestão atual), quais são as mais efetivas (que dão ou deram resultados diretamente na sala de aula) em sua opinião?

D.C.: Então de 2001 a 2008 eu lembro que muitos professores chegavam na escola comentando que gostavam das formações...que era um momento que eles podiam trocar, que eles encontravam com outros, às vezes o horário não era tão adequado...depois no outro ano eles pensavam melhor...trocavam um pouco o horário...saíam da sala de aula e colocava substituto...então isso às vezes prejudicava um pouco...Mas a questão do que eles traziam...eu acredito que contribuía sim...eu acho que não teve nada que não fosse coerente...Nenhuma das formações foram invalidadas...nas duas gestões. Eu lembro até da fala de uma professor que ela disse “Nossa eu não sabia lidar com essa criança surda!” “E agora estou aprendendo!”. Tanto que fizemos a formatura e a última música cantamos com gesto...por que ela era surda e muda... E a formação trouxe um olhar para esse trabalho, pois o professor não é formado para trabalhar com inclusão...Então p professor não tinha uma ferramenta e eu também não tinha...e foi isso que me deu vontade de fazer a Pós sobre inclusão. A inclusão aconteceu...foi jogada e o professor tinha que dar conta. Então, a partir de 2001 a 2008 começou a preocupação com a inclusão...E as professoras chegavam e falava “Nossa eu não sabia como falar com esse alunos e agora estou sabendo...” Na questão das disciplinas também ouvi muitas coisas boas, muito positivas...O professores traziam ideias novas, traziam ferramentas novas para trabalhar na sala aula e eu podia acompanhar junto com a coordenadora...na época a gente não tinha coordenadora de 6º ao 9º...era uma só para a escola toda. E mesmo assim a gente consiga estar atendendo os professores. Não tinha... a gente trabalhava com os PCN's ...então a gente tinha o PCN de cada disciplina e a gente conseguia acompanhar um pouco a formação de 6º ao 9º. Então pra mim foi muito boa, porque cada professor se afastou da sala...porque tinha feito um bom trabalho na sala...e estava contribuindo para outros professores... Então eram realmente professores que tinham se destacado para poderem dar essas formações. Eu acredito que não teve nenhum ponto negativo...Agora a partir de 2009 foi quando construiu o novo currículo...foram feitos momentos diferentes, onde os professores foram lá e fizeram sua formação...foram construindo e até que surgiu em 2012 o documento que chegou para todas as escolas...Nele mostra o que trabalhar, como trabalhar e garantiu um trabalho mais unificado...Porque antes um aluno sai de uma escola e ia para outra...os conteúdos não batiam...Então também foi uma contribuição muito grande...Então eu acho que começou lá (2001 a 2008) e chegou até aqui (2009 a 2012) com o currículo construído. Acho que tudo foi valido...tudo foi se construindo...

Elis: Quem decide ou quem decidia sobre quais as ações formativas que serão ou foram utilizadas? Baseadas em quais critérios?

D.C.: Eu acho que da própria Secretaria vinha pedindo sugestões para os professores...sempre no final de cada ano...perguntavam o que gostariam de trabalhar...que ponto gostariam de atacar...Então sempre a gente fazia uma avaliação no final do ano e nessa avaliação a gente pensava no que deu certo e o que não deu...que sugestões para o ano seguinte...Então para os temas a gente tinha essa autonomia de sugerir...Isso aconteceu tanto em uma gestão...enquanto em outra...

Elis: Tendo como referência as duas últimas gestões municipais: como se deu a construção do currículo e por que o município não apostilou o ensino? E qual foi a participação docente nesse processo? Você enquanto gestora escolar tem algum retorno sobre a satisfação dos professores? Qual o impacto na sala de aula?

D.C.: Eu acho que assim, de 2001 a 2008 foi feito com os coordenadores, formadores, com os professores também...e de 2009 a 2012 os professores participaram mais...Em 2001 2008 ouviam os professores, mas não ali participando...porque essa questão de dar sugestões tem gente que participa e tem outros que não...E em 2009 houve mais uma participação efetiva dos professores...Com a questão da satisfação dos professores sempre tinham alguma coisa pra reclamar...sempre nada tá bom...e parece que nunca contenta 100%...então contentes, satisfeito...parece que nunca estão...e tem uma outra questão existe o currículo agora, mas tem gente que fecha a porta e faz o que quer...não segue...professores que não vão em formação...que se acham o máximo...que não precisam participar de nada... E por que não seguir? Por que não participar das formações? Estava sendo oferecido, então era um momento de estar indo e dando sugestões e depois não tinha o que reclamar...Agora tem o documento pra seguir...o que eu percebi que alguns professores seguiam o currículo direitinho...todo trabalho que era feito na formação eles me mostravam...falavam “apliquei na sala e deu certo”...”Nossa que bacana”...Então eu vi um lado e vi ou outro...Só que as vezes você se decepciona com o outro lado, porque são pessoas que não eram para estar fazendo esse tipo de papel...Mas acredito que o currículo trouxe muita contribuição...Ninguém pode falar que não existe uma linha...existe...você segue se você quiser. Agora por que se eu tô numa escola particular eu sigo e no público eu não sigo? É essa questão que fica uma interrogação...Então isso me decepciona um pouco, porque eu acho que se a gente quer um trabalho de qualidade...você tem que seguir...Porque na escola particular você segue...gostando ou não...E por que que aqui não quer seguir? E aí falam que deu certo, que não deu resultado...que é isso ou aquilo...só fazem críticas...E por que não segue pra ver se dá certo ou não? Por que que existe essa diferença? Então isso não entra na minha cabeça! Porque eu sou muito comprometida, sou muito honesta...e eu não gosto de ver coisa desse tipo...da pessoa ter um documento a seguir e fazer completamente diferente...parece que tem duas personalidades...não dá, ou você é ou você não é! Ser sincero em dizer “Não estou contente com você como diretora...ou com o governo...mas eu sou profissional que está desenvolvendo o trabalho...eu tenho que dar conta disso,

porque é o meu aluno que está ali...querendo que seja trabalhado tudo com ele”. Porque se no outro ano não trabalhar aquilo...vai faltar para o aluno...Eu penso assim, se o meu filho está com um profissional que não está trabalhando direito...ele vai ter problema lá na frente...Ele seja de escola pública ou de escola particular...não é...Tem que estar garantido para ele o currículo...Então enquanto profissional todo mundo tem que ter esse compromisso com a educação...com o aluno que está lá dentro. Se não eu preciso mudar de profissão e fazer outra coisa...E isso me desgastou!

Elis (Preâmbulo): Em sua opinião, por que o município não apostilou. D: Eu acho assim, apostila você engessa e nem tudo aquilo é garantia de que é uma coisa de qualidade...Apostilar...alguns professores podem ver isso como um negócio pronto que não precisa fazer mais nada...Então eu acho que o município está amadurecendo a ideia...se vai ser válido ou não...Porque na escola particular você tem apostila, mas tem toda uma cobrança...se não fizer tá fora! No município tem que pensar muito se vai apostilar ou não...para não ficar uma coisa muito mecânica

Elis: Como você avalia o impacto das ações implementadas nas últimas gestões municipais, para avançar na valorização dos profissionais da escola?

D.C.: Eu acho que o profissional ele está sim sendo valorizado...Teve agora o Plano de Carreira, apesar que não foi totalmente bom...não sei se por questões políticas...É preciso ter mais estudos sobre isso...ter um outro olhar para o professor, porque ao mesmo tempo o que critico...tem professor que dá o sangue pela escola e não está sendo valorizado. Então ainda precisa ter um olhar diferente para o professor...porque senão o professor vai desanimar mesmo...Porque a gente tem que pensar no nosso aluno...tem que pensar na escola...no professor...tem que pensar enquanto profissional...mas o professor tem que ser valorizado como pessoa também...está trabalhando com pessoas...porque não é fácil...Eu sempre falo o professor é o único que atende 20 ao mesmo tempo...você vai ao médico...psicólogo...ele vai atender você sozinho...O professor não...você tem que estar ali...atendendo todo mundo...Então eu acho que tem que se valorizar muito o professor. Não sei de que forma...eu acho que está se construindo caminhos...

Transcrições das Entrevistas com os Professores

Elis: Elisângela Sales Teixeira

Professora: Escritora

Elis: Apresentação da Professora (nome, idade, origem, formação acadêmica, tempo de magistério, tempo de trabalho como Professora, experiência profissional em outros cargos do magistério e em outras áreas, enfim conte sua trajetória pessoal e profissional...).

PE: Eu tenho 53 anos de idade, estou na Educação há 33 anos, na Prefeitura de Itatiba há 15 anos, escolhi ser professor porque já era um sonho de criança, desde muito pequena eu sempre tive esse sonho de ser professora e escolhi exatamente a área de Língua Portuguesa por conta da minha identificação com a escrita que eu gosto muito de escrever e com leitura. Eu sou uma leitora contumaz. Então, eu acho que escolhi isso porque está na minha maneira de ser. Eu não consigo me ver sem ler...sem escrever...Eu escrevo não só pela profissão, mas por gosto...eu gosto de escrever...Já tive algumas poesias e crônicas publicadas em alguns concursos e continuo escrevendo. **Elis: E você é daqui mesmo de Itatiba?** **PE:** Sou, nascida em Itatiba, criada...E sempre ministrei aulas aqui. Ministrei aulas em Morungaba por 1 ano e meio e em Jundiá por alguns dias apenas. Sou efetiva na Prefeitura há 15 anos como Professora de Língua Portuguesa desde 2001.

Elis: A partir de 1999 o ensino do 1º ao 9º foi municipalizado, por meio de um convênio com o Governo do Estado de São Paulo. Como você percebe a municipalização do Ensino Fundamental?

P.E.: A princípio eu estava na rede Estadual e como professora estadual eu fiquei municipalizada...é o que se chamava na época. Passei a trabalhar no município...então no mesmo prédio que eu trabalhei 25 anos da minha vida...funcionava manha e tarde o ensino fundamental e manhã e noite o ensino médio. E eu trabalhava nos dois, tanto municipalizada, quanto no Ensino Médio. E a princípio eu fiquei apreensiva, fiquei com muito medo da municipalização. Primeiro porque eu não conhecia o que era e segundo por causa da parte política...eu não sabia se politicamente isso ia ser bom ou não para a Educação em si. Então nós vivemos esse processo de transição não só eu, mas muitos colegas com certo medo. Porque não sabíamos se atingiria o objetivo que seria de uma intervenção direta na Educação. O município está muito mais próximo do que o governo Estadual e que essas verbas todas de política pública seriam realmente usadas para o desenvolvimento da Educação. Foi um período muito complicado, conturbado...Existiram algumas reuniões...eu me lembro que eu participei de duas ou três na Câmara Municipal de Itatiba, veio um representante do Estado, representantes da cidade e todos os professores da rede para explicar o que seria a municipalização. Mas nós percebemos que já era uma coisa implantada...então isso ficou muito complicado na nossa cabeça na época. Mas depois com o desenvolvimento, com o decorrer dos anos...eu fui percebendo que parecia uma coisa boa. Uma coisa interessante que se agiria diretamente...não teria toda aquela distancia entre o professor na sala de aula e o Estado de São Paulo....com os Secretários enfim...O que encurtaria esse caminho e que as verbas seriam colocadas diretamente na cidade. Ficou tudo mais próximo...nós achávamos que seria um ganho isso. Enfim, no decorrer do próximo começaram as formações...No Estado eu participava de formação em Jundiá...de Língua Portuguesa...a formadora era excelente, pois ela tinha muita vivência de sala de aula...mas não era todo mês...era mais espaçado. Para outras disciplinas era muito mais rara formação. Com a municipalização ficou muito mais próximo essa questão de formação. E aí começou-se a procurar um caminho para saber qual era a cara da Educação de Itatiba...que nunca se pensou

nisso. Se pensava na Educação no Estado, mas na cidade de Itatiba...qual era a cara da Educação...Então isso começou a partir da municipalização...eu acho que isso foi um ganho. Ai teve várias formações da época que vinha do Projeto Ipê que era do Estado...anterior a municipalização que muita coisa que começou a ser aproveitada nas formações que nós tínhamos...ai entraram os PCN's ...em ação que nós participamos...tinha muita coisa interessante. Então a gente percebeu que Itatiba começou a tomar um rumo...de uma identidade de Educação. Isso eu achei que foi positivo. Ai tem a questão pública que realmente eu sabia que dependendo do gestor...dependendo do Prefeito, do Secretário nós teríamos ai uma influência política e isso realmente aconteceu...e acontece até hoje. Eu acho que isso acontece em qualquer lugar e tem essa intervenção direta da própria cidade. Então teve coisas muito positivas, mas também teve coisas negativas.

Elis: Que ações concretas nas instâncias: externa e interna à escola foram implementadas pelos governos municipais (de 2001 a 2008 e de 2009 a 2012), durante sua vivência enquanto professor efetivo, com o propósito de melhorar a qualidade da educação pública municipal?

P.E.: Na gestão de 2001 a 2008 eu percebi uma preocupação grande da Secretaria da Educação Municipal de fazer uma formação continuada desses professores. E ai houve formação com o pessoal da USP. Então vinham os professores da USP, essas reuniões eram assim constantes...eu me lembro que nós fazíamos uma semana de formação antes de começarem as aulas e todos os professores participando. Era o pessoal da USP que agia em cada disciplina...então os professores foram separados por disciplinas, algumas eram por áreas...isso era interessante também, pois nós sabíamos dentro da própria área a ligação entre as disciplinas e a parte pedagógica. Então isso eu achei muito interessante. Tinha professores excelentes...depois nós tivemos várias formações também...que eram do PPP (Projeto Político Pedagógico) então nós estudávamos o que era um PPP...Algumas reuniões na própria escola...mas a maioria no Núcleo de Formação...que se chamava Oficina Pedagógica. Foi interessante também...nós não sabíamos o que era um PPP...formato...como fazer...e trabalhava em todas as instâncias...tanto os professores, quantos os envolvidos nesse processo...os pais, os funcionários, os gestores...isso foi bastante interessante. E ai eu acho que a cidade começou a ter uma cara na Educação...Nós tivemos formações excelentes que eu me lembro...muito boas mesmo...um material excelente...uma visão diferente e ai a gente começou a pensar um pouquinho no currículo. Porque nós tínhamos lá uma orientação dos PCN's , o próprio da Língua Portuguesa se a gente ler o documento na íntegra ele é aberto demais...ele é muito aberto. Então quando nós tínhamos transferência de um aluno dentro do próprio município nós percebíamos que era muito diferente os conteúdos. O documento dava margem para você trabalhar conteúdos muito diferentes dentro da mesma disciplina. Então em Língua Portuguesa você trabalhava texto...mas que gêneros textuais...nós não tínhamos a ideia do gênero ainda. Então a gente procurava fazer alguma coisa que a gente sabia que era importante para que o aluno soubesse, mas era muito deixado em aberto... em que bimestre eu vou trabalhar um

conteúdo...por exemplo receita/culinária...em que conteúdo eu vou trabalhar isso num 6º ano...mas se eu não trabalhar receita e trabalhar com bula...não é também um texto instrucional? Então isso estava em aberto, então era muito a escolha do professor...e isso causava alguns transtornos para os alunos, quando se transferiam de uma escola para outra...a gente percebia... “ah, nesse bimestre eu não estou trabalhando isso...eu estou trabalhando outra coisa”...E isso na Matemática era mais complicado ainda, porque é uma disciplina lógica e isso tem um pré-requisito para poder avançar. Então, isso nos deixava um pouco inseguros. Ai já se começou a pensar em uma coisa que pudesse ter uma linha de trabalho. Ainda nós não tínhamos a questão do gênero implantada como nós temos agora. Mas nós já tínhamos uma noção e começamos a formar esse currículo, mas foi um processo demorado de muito a longo prazo. Porque até reunir todos os grupos de professores...para se fazer uma listagem...sempre a gente acha que faltava alguma coisa ou tinha alguma coisa que era a mais. Então foi um processo demorado de colocação desse currículo...vamos dizer oficial na cidade. Nós conseguimos algum avanço nessa área...Eu me lembro de algumas formações específicas que nós tivemos com um pessoal de Brasília (2003) que veio para cá...foi uma formação muito prazerosa. Um pessoal que trouxe umas ideias mais abertas, uma questão de relacionamento entre os professores...foi muito gratificante. Então uni, trabalhar a interdisciplinaridade que eu achei interessante. Era muito difícil reunir todos os professores...por conta do próprio trabalho...muitas aulas...Surgiram então os HTPC's...mas era ainda muito pouco tempo...A gestão de 2001 a 2008 fazia muitas parcerias e muitos projetos também... Ai a gente já sentiu uma coisa negativa...porque tudo que era projeto na cidade caia na Educação...precisava lá falar sobre vacinação, coleta seletiva de lixo...tudo caia na Educação...Não que isso seja importante...é importante lógico...é uma questão de cidadania...de ética...enfim...Mas isso acabou pesando muito...onerando muito a Educação. Que tudo que fosse para o município caia na Educação...de todas as áreas. E a gente acabava que entre aspas sacrificar um pouco o nosso conteúdo em função de trabalhar certos projetos. E isso fica muito mais evidente na área de Língua Portuguesa...Porque é a disciplina que mais tem aula a escola...então cai sempre na Língua Portuguesa. Um outra coisa que eu achei um pouco pesado dessas parcerias...era assim...teve uma época em que o professor de Português era obrigado a trabalhar o empreendedorismo (não tinha escolha)...eu achei isso o fim da picada...Porque eu tinha que ensinar o meu aluno a fazer relógio de parede...o que isso tem a ver com a minha disciplina de Língua Portuguesa...e eu não tinha escolha...era obrigado...porque eu tinha mais aulas...Quer dizer que daí você acaba sacrificando, para trabalhar uma coisa que estava sacrificando...lógico que eu não podia transmitir para o aluno que eu não estava contente com aquilo...lógico que não...isso seria antiético...Mas eu não estava contente, porque isso não fazia parte de minha formação. Isso era um projeto que tinha que colocar em algum lugar...porque o município fez a parceria com o SEBRAE. Eu fui muito combativa...e ai a gente acaba ficando meio que marcada...Quando você fala o que você pensa...nem sempre as pessoas gostam que você fale...pra mim isso configurou como um ato político mesmo. Não só esse, mas esse é o que eu me lembro mais. Outros projetos, outras parcerias que também foi mais ou menos nesse nível...esse implanta e tem que

trabalhar...Ai eu via que isso tem a ver com a municipalização. É o lado negativo da municipalização ao meu ver. Com a nova gestão de 2009 a 2012...ai houve a implantação do currículo mesmo...na Língua Portuguesa através dos gêneros...eu acho que isso foi um ganho...porque é uma maneira de trabalhar que a gente percebe que tem uma sequência lógica...uma sequência bem interessante...que vai desenvolvendo ao poucos a capacidade de leitura e de produção. Não deixou o que se tinha...foi realmente estudado o que a gente podia aproveitar e colocar isso nos gêneros. Foi em 2012 que houve a implantação do Currículo Municipal de todas as disciplinas. Mas em Língua Portuguesa eu me lembro que nós fazíamos muitas reuniões entre SE e professores...discutíamos muito e vieram as formadoras para falar sobre “Bakhtin” que é baseado nesse estudo dele...e que nós achamos que realmente era interessante. No momento de transição de uma administração e outra que houve um problema sério com análise linguística...que em Língua Portuguesa isso é uma briga eterna...ah pode dar gramática...não pode dar gramática...como que vou trabalhar só gênero e não trabalho gramática...isso foi uma confusão meio grande também...até esfriarem os ânimos e a gente conseguir tomar o rumo...uma linha que equilibre as coisas. Nunca se falou que não pode dar gramática...era o jeito...o modo de se colocar a gramática que é grande nó na Educação e principalmente em Língua Portuguesa. Uma porque os alunos acham chato muitas regras...e aí a gente começou nas formações a discutir uma forma mais prazerosa de trazer essa gramática dentro dos gêneros que que fosse eficaz. Agora nós conseguimos nessa parte que estamos falando a partir de 2009 tudo isso? Não nós não conseguimos. Quer dizer que tem muita coisa que precisa ser ajustada ainda...eu não vejo o aluno sair no 9º ano com uma competência leitora e escritora do jeito que está no papel...eu não vejo isso...eu não vejo essa Educação eficaz no sentido de trazer o mínimo para o aluno. Eu acho que o aluno não tem que ter o mínimo...ele tem que ter o necessário...para que ele consiga se expressar e ler com competência. Tanto ler como escrever...e eu não vejo isso acontecer. Então no meio desse processo que foi um ganho da implantação do currículo, da escolha desses gêneros...foi um ganho...isso pra mim é muito positivo. Mas eu não vejo resultado positivo no final do processo. Olha...eu atribuo isso a questão da política...porque existe uma política que exige um número ou uma porcentagem grande de promoções do aluno...de ser promovido...de trabalhar contra o nível de repetência...é certo mesmo...você não precisa repetir...para dizer que você ensinou...não é isso que o professor quer...mas o professor não tem uma liberdade de realmente dizer esse aluno sabe...ele tem competência...e esse aluno não sabe...não tem competência...ele não pode ir para a série seguinte...porque tem certas coisas básicas que ele não domina...tem certo pré-requisito que ele não tem ainda. E eu não vejo isso acontecer. Eu vejo que o professor e a escola é obrigada a ter um nível de aprovação tal...o número do IDEB tal e por isso você trabalha...então você trabalha pelos níveis...pelo nível de aprovação...pelo nível que tem poucas desistências...você tem que pedir pelo amor de Deus para trazer esse aluno...porque cai o número do IDEB e todo mundo...fica bitolado nesses números e que eu nunca concordei com isso. E isso é política realmente lavada...descarada...A política da aprovação!

Elis: Dentro das ações formativas que o município desenvolveu (de 2001 a 2008 e de 2009 a 2012), quais foram as mais efetivas (que deram resultados diretamente na sala de aula) em sua opinião?

P.E.: Eu acho que o nível de formações que nós tivemos até 2008...desse pessoal que veio com uma proposta de fora...o pessoal da USP...o pessoal da Universidade de Brasília...foi um ganho sim...foi muito positivo...Porque nós vislumbramos assim, uma forma diferente...agradável de trabalhar com a Educação e de trabalhar dentro das disciplinas...isso foi efetivo...foi um ganho efetivo que nós tivemos. Também várias coisas nesse meio tempo surgiram...a questão das práticas de Educação Física que modificaram muito a visão...que antes o aluno ficava com bola na quadra e de repente tem um currículo...tudo isso foi um ganho...Efetiva na sala de aula...eu penso que na gestão de 2009 é a questão do currículo ...isso foi efetivo na sala de aula. Agora essa questão desses números que você fica vinculado ...acho que foi péssimo essa questão...Ranking das escolas que tiveram melhores resultados...isso causou um ranço grande...eu acho que ficou pior agora...Foi colocado no jornal as escolas com melhores resultados...Eu acho isso péssimo...Porque nós que estamos na Educação pra gente isso é péssimo...porque a gente ouve pais “eu não quero que meu filho estude naquela escola...porque aquela escola é péssima”...Como é péssima? Não está aqui dentro...não sabe o que se faz...então isso eu acho muito ruim...Então eu acho que nessa administração estão muito piores esses comentários...

Elis: Quem decidia sobre quais as ações formativas que seriam utilizadas? Baseadas em quais critérios? Você sentiu mudanças em sua forma de trabalhar com os alunos? Como?

P.E.: De 2001 a 2008 as coisas já estavam prontas ...tinha um currículo que apresentavam... lógico que se discutia, mas meio que pronto. Algumas coisas a gente opinava...mas em sua maioria já vinha pré-estabelecia...meio que prontas...Depois dentro do processo das próprias formações eles abriam e perguntavam...o que a gente achava...se isso ou aquilo não seria interessante naquele momento ou não...algumas coisas davam abertura, mas a maioria vinha pronta. Eu me lembro que teve uma reunião na Oficina Pedagógica em que a gente fez pequenos grupos para discutir questões do currículo...ouve uma abertura relativa. Tínhamos uma Oficina Pedagógica...eu cheguei trabalhar lá em 2001 e 2002...como coordenadora de área de Língua Portuguesa e o que a gente recebia muito na Oficina...é que o professor tinha uma angústia muito grande...porque ele percebia que a parte escrita era um problema para o aluno ..e com que a gente desenvolveria essa parte escrita. Então lá na Oficina Pedagógica nós tínhamos uma certa liberdade sim, nós que trabalhávamos lá dentro das áreas ...de tentar melhorar para o professor ...essa angústia...então trazer atividades práticas...pra mim foi um ganho muito grande esses dois anos...quando trabalhei lá. Porque eu tinha liberdade pra fazer pesquisa...para participar de grupos em outras cidades que tinham municipalizado também ...que faziam parte...Itatiba era um polo...Mas eu fui várias vezes em outra cidade...Valinhos, Holambra, São

Paulo, Arthur Nogueira...pra gente conhecer que tipo de trabalho se fazia lá...como a gente poder trabalhar unido no sentido de abrir esses horizontes...de procurar novas técnicas...Então pra mim foi um ganho muito grande. A oficina pedagógica não existiu mais...a partir de 2009...Eu trabalhei apenas por dois anos...porque não aceito contato político...e a gente tem que lidar com isso trabalhando lá. Então você tem que ter a cara da SE ...então eu não me disponho a isso...então eu preferi voltar para a sala de aula. Outra coisa também é que a sala de aula te dá o retorno imediato da sua ação...E lá Oficina Pedagógica, onde eu tive que me afastar da sala de aula para trabalhar lá ...o que eu percebia era que tinha um a distancia muito grande. Então eu sabia o que os professores vinham e relatavam pra mim...mas eu não sabia a reação efetiva do aluno dentro da sala de aula. E isso me causava uma angustia .Eu sempre gosto de estar no processo...de saber o que está acontecendo. Com o olhar de professor...e não com o olhar de quem está fora...Eu sempre que possível gostava de visitar as escolas...de conversar com os professores...nunca me coloquei lá como uma Assistente Pedagógica que era algo acima dos professores. Eu sou professores...então eu sempre me coloquei assim...Mas eu ficava intrigada porque que certas coisas não davam certo...então eu queira...estar dentro da sala para saber exatamente o que acontecia. Então eu preferi ficar fora da SE, mas ficas na sala de aula. Então a partir de 2009 os professores deveriam formar o currículo municipal...ai era exatamente ...vieram as formações par a gente entender o trabalho com gênero...e isso foi bem aceito pelo grupo. E ai nós montamos o currículo foi um trabalho dos professores da cidade...muitas reuniões...ouvindo muito as pessoas...e isso eu acho foi um ganho muito grande. Embora eu ache que o currículo ele deve ser uma coisa aberta que a gente possa mexer. Como hoje a gente já percebe que os gêneros que a gente está trabalhando poderiam ser substituídos por outros gêneros que surgem. Porque as coisas na Língua Portuguesa mudam muito rápido, por conta da tecnologia da informação, da informática mesmo...ela traz uma necessidade de você trabalhar até outros gêneros. Essas formações mudaram muito a minha prática de sala de aula...eu penso que sempre está se reciclando...se modificando e eu percebo isso e o aluno percebe essa diferença...e ele gosta dessa diferença. Você trabalhar por exemplo com a parte tecnológica...colocar alguma coisa no Datashow...isso mais atrativo...Então eu não pensava nisso antes...porque nós não tínhamos isso...Então isso surge e você encaixa essa tecnologia nos gêneros que você trabalha e isso dá um super resultado...é mais prazeroso...é menos maçante...então isso é uma coisa positiva. A forma de trabalhar eu acho que a gente vai modificando com a prática, quando você tem uma prática muito grande de sala de aula...então você vai se desenvolvendo junto dos alunos e você vai modificando a sua prática. E isso não é questão de uma disciplina...é uma questão de cada profissional. Profissional que queira encher a lousa de ponto...como se chamava antigamente...dar o ponto...ele não vai conseguir mesmo...hoje estão numa era absolutamente diferente. Então a gente tem que se modificar...e eu acho que nós tivemos essa abertura grande com essa implantação do currículo. Esse currículo...ele continua sendo discutido nas formações que nós temos...esse que foi implantado em 2012. E nós continuamos discutindo esse currículo...e este ano mesmo em todas as formações...ele está em modificação constante. O que eu acho que falta muito...por exemplo você vai na

formação...você discute os gêneros que estão sendo trabalhados...algumas experiências produtivas...troca muito ricas de experiências...e muitos desses documentos não estão na mão do professor. Dizem que vão compilar todo esse material...as sugestões de atividades e todos os professores vai ter isso em mãos...para começar no ano que vem...e até agora no ano que vem não chega nunca. Mas nós temos...pelo menos para nós já um banco de atividades muito grande.

Elis: Tendo como referência as duas últimas gestões municipais: como se deu o processo da política curricular? E quem participou desse processo? Qual o seu nível de satisfação, quanto a esse documento? Qual o impacto na sala de aula?

P.E.: Até 2008 essas discussões todas com esse pessoal que vinha de fora...foi realmente uma coisa que eles trouxeram para a cidade...que seria interessante...explicavam como deveria ser colocado. Nós recebíamos uma apostila dessas formações...de cada formação...com cada profissional...nós tínhamos uma apostila...era encadernada, entregue para o professor...o material já vinha pronto...Nós não participávamos da elaboração desse material. Nós tínhamos só a discussão como deveria aplicar...mas foi o pessoal da USP que trouxe...isso eu me lembro bem...Tenho várias apostilas daquela época...Tem sugestões muito interessantes...tem algumas coisas que são agradáveis, mas que nós fizemos...não! Nós não recebemos o currículo...nós recebemos o material que era trabalhado nas formações. Teve um documento...14...chegou em CD para cada professor...nós recebemos em CD com esse currículo que era montado. A escola recebeu no final de 2008...não sei se a escola reproduziu... A partir de 2009 começou ser um pouco mais efetiva essa participação docente...eles chamavam grupos de professores...para darem opiniões para dizer o que achavam do currículo e se discutia nas formações e a gente colocava no papel. E aí eles agregavam todos os grupos de professores e apresentava no final...o que estava e o que a gente achava. Alguns conteúdos a gente discutia e levava para a sala...para ver se dava resultado. E aí nós trocávamos experiências...e aí nós começamos a montar por bimestre...porque antes era por ano...Por bimestre onde todos tivessem a mesma linguagem na sala de aula. Que um aluno que viesse de um bimestre para o outro ele não ia repetir aquilo. Então aí nós começamos a montar por bimestre...eu achei bem positivo. Esse documento tem as expectativas de aprendizagem que nós temos que atingir por bimestre, tanto na parte de leitura...quanto na produção escrita. Tudo discriminado o que nós temos que atingir por bimestre. Já no documento 14 nós tínhamos uma relação de conteúdos e os objetivos...tantos os gerais...quanto os específicos...que nós tínhamos que atingi no ano. Mas tinha uma certa abertura que não precisava ser naquele bimestre...era um bloco só... O documento de 2012 cada professor recebeu o currículo mesmo...impresso...de todos os anos...independente se você dá aula no 6º...7º...nós recebemos do 6º ao 9º ano. E nós temos lá uma sequência e que eu considero que inda precisa ser mexido...tem algumas coisas que ainda precisam ser mexidas...por exemplo no 9º ano eu acho que fica o ano inteiro só em cima de dissertação e argumentação...Então se a gente joga-se um pouquinho disso para os outros anos...acho que o 9º ano conseguiria trabalhar um pouco melhor. Eu penso nisso...e alguns gêneros que de repente podem ser

substituídos. Acho que foi um ganho...nós somos muito ouvidos nessa formação...as formadoras elas têm uma abertura grande para discutir algumas coisas...algumas dúvidas...são muito abertas. Pra que todos possam opinar...para que todos possam opinar...acho que foi um ganho em 2012...Então com o currículo o impacto na sala de aula foi outro...embora eu acho que até 2008 nós tivemos formações excelentes que nunca mais nós tivemos...profissionais excelentes favorecendo encontros com escritores...com o pessoal da USP...o pessoal de Brasília...excelente...a maneira de trabalhar conosco...nós tínhamos contato direto com os formadores dessas instituições. Nós tivemos formações muito produtivas até 2008...eu acho que foram essas experiências que nos deu bagagem para que nós implantássemos o currículo...sem dúvida...a gente não pode dizer que foi tudo imposto ...não foi tudo imposto de jeito nenhum...Então mais foi isso que nos deu bagagem para que nós pudéssemos dizer...isso é produtivo...isso não é produtivo...vamos colocar no currículo...não vamos colocar aquilo...Então foi isso...essa bagagem...que favoreceu que nós tivéssemos...digamos assim, a competência para poder implantar um currículo. Então eu não considero que de 2001 a 2008 foi imposto...uma coisa negativa...não...foi negativo...Pelo contrário traziam-se as correntes pedagógicas que estavam em voga e nós só conhecemos por conta dessas formações...então eu acho que foi muito produtivo sim... É que até 2008 nós não tínhamos assim, vou dizer uma competência para falar se isso é produtivo ou isso não é...porque nós não conhecíamos essas linhas todas. E foram trazidas nessa época de 2001 a 2008. E a partir de 2009 nós já tínhamos essa experiência e nos favoreceu que nós tivéssemos como implantar um currículo na rede de Itatiba. Eu me sinto parte de todo esse processo...a todo momento eu procurei participar...procurei sempre conhecer antes...não adianta a gente criticar...tem gente que fala que o pessoal da USP tem outra cabeça...eu acho que não eles foram fundamentais para que nós tivéssemos essa competência que eu estou dizendo...Então eu acho que o impacto na sala de aula...da implantação do currículo tornou muito mais claro na nossa cabeça e da pra gente muito mais segurança. A implantação do currículo dá pra gente mais segurança...porque você sabe até onde você pode ir...que coisas você pode explorar dentro do gênero... que o outro gênero que está lá na frente depende desse...Essa visão do todo com a implantação do currículo...foi muito válido.

Elis (Preâmbulo) : Em sua opinião, por que o município não apostilou o ensino?

P.E.: Esse foi um pedido que nós fizemos...agora tem visões diferentes...Tem professor que pensa que apostilar o ensino é engessar...você engessa...você vai lá dá aula com a apostila tal e acabou...você não tem liberdade de fazer outras coisas. Tem professor que acha que isso é um ganho...você já tem a apostila...o aluno tem acesso a apostila...então o material está com ele...e isso favorece muito de você ter liberdade de trabalhar na sala de aula de uma forma mais ampla...você não tem que colocar lá o que ele tem que estudar ou procurar no livro tal...Porque os livros adotados nem sempre eles seguem um currículo municipal...lógico...Os livros que foram adotados no município eles foram pensados os que tem uma abrangência maior...mas ele não tem tudo. E é isso que a gente faz nas formações hoje...a gente prepara esse material. Então houve uma discussão grande de apostilar o ensino Eu acho de na

segunda gestão essa discussão foi um pouquinho maior. Eu não sei dizer porque não se apostilou...mas eu acredito que seja a questão financeira...já que nós temos uma variedade de materiais muito produtivos que nós montamos nessa formações. Também mais uma vez tem a questão política, porque cada gestor público ele tem uma linha raciocínio e que se aquilo não estiver de acordo com a linha dele ...ele realmente não vai fazer nenhum esforço de colocar em prática...aquilo que é pedido. Mas eu penso que esse materiais que nós produzimos se o aluno tivesse acesso a eles seria muito mais proveitoso. Porque hoje nós dependemos de xerox...a cota é muito pequena...Essa produção é mais atual...em 2012 nós já começamos algumas coisas. Essa discussão do apostilamento foi depois até de 2012...

Elis: Como você avalia o impacto das ações implementadas nas últimas gestões municipais, para avançar na valorização dos profissionais da escola?

P.E.: Isso é uma questão histórica...infelizmente o profissional da educação ele não é valorizado...mas isso é histórico no Brasil...no país...infelizmente...Então eu penso que a questão da valorização de ouvir o profissional...eu acho que nós temos uma certa abertura...de forma geral no município. Agora valorizar o profissional em sala de aula...eu não vejo essa valorização tão crescente assim...não é tão diferente de uma gestão para outra...não vejo...O profissional ainda é obrigado a pegar um número excessivo de aula...se ele quiser ter um salário no mínimo desce...Eu percebo na administração mais recente...um certo endurecimento em relação a valorização do professor...eu não acho que o professor é valorizado como deveria. E isso eu também considero que é a questão política. Acho que a política pública ela não valoriza o profissional...e isso é no Brasil inteiro e em Itatiba não é diferente...Então dizer assim que as escolas de Itatiba conseguiram o prêmio tal...mas quem é o profissional de Itatiba que fez esse prêmio acontecer...esse profissional tem que ser valorizado. É esse professor que implantou com a criança...e eu não vejo isso...eu vejo que “Ah... a Secretaria conseguiu isso!!!” “Ah...o Prefeito ganhou o prêmio tal...” Quem é o profissional que foi lá com o Prefeito receber o prêmio?...Não foi...Então isso eu acho que é uma desvalorização. Então eu penso que você trabalhar certas coisas para que o seu município tem um destaque é interessante? Claro que é interessante...porque você mora nesse município...você trabalha nesse município...porque o aluno é desse município...Mas a de ser valorizar o profissional que realmente age dentro da sala de aula. Esse profissional tem que ser valorizado...esse profissional tem que ser incentivado cada vez mais. E eu não vejo isso acontecer. Ainda continuam as ações externas caindo na escola ...tem a semana do cuidado do bebê...e vai pra escola...é a semana do trânsito...vai pra escola...é tudo a escola...Então a gente tem que ter uma certa liberdade ...de trabalhar aquilo que é preciso trabalhar...e também ter uma certa liberdade de dizer esse aluno tem condições...aquele não tem condições...E não ficar preso em números...em índices...e ou eu acho muito injusto também essa questão de números...se tantos alunos desistirem...se tantos alunos se mudarem...cai o número de produção da escola. Não tem nada a ver

uma coisa com a outra. Não tem nada a ver com número de alunos aprovados, com o nível de ensino...para mim isso é massacrante...e isso é política. Então enquanto o ensino estiver a mercê das políticas públicas...vai continuar no que estamos...Então vamos continuar no 9º ano tendo alunos que não sabem ler convenientemente bem...vamos ter alunos no 9º ano que não sabem escrever um texto base. Porque nós estamos a mercê da política pública. Então isso na Educação é péssimo...Eu sei que a Educação faz parte da política...eu sei disso...e tem que fazer...mas ela tem que ser valorizada...num nível muito diferente do que está hoje...eu penso assim...

Elis: Elisângela Sales Teixeira

Professora: Comprometida

Elis: Apresentação da Professora (nome, idade, origem, formação acadêmica, tempo de magistério, tempo de trabalho como Professora, experiência profissional em outros cargos do magistério e em outras áreas, enfim conte sua trajetória pessoal e profissional...).

P.C.: Eu sou professora da rede de Itatiba, leciono desde 1998, mas não era da municipal era do Estado. Tenho 38 anos de idade, sou de Itatiba. Comecei a dar aulas, então, por acaso, assim na verdade. Eu me formei em Letras pela Universidade São Francisco. E fiz o curso porque era apaixonada pela leitura e principalmente pelo Inglês...Foram três anos de Universidade...E, quando me formei já trabalhava numa escola de idiomas. Isso também me impulsionou a dar aulas. Lá escola de idiomas eu vi como eram as aulas e me interessei...No Estado eu trabalhei com o Ensino Médio, onde fiquei até 2000. Em 1999, eu comecei num projeto que a Prefeitura tinha aqui na época, que era um projeto de aulas de reforço de Língua Portuguesa...eu tinha uma amiga que era secretária de uma escola e ela perguntou se eu não estava interessada em dar essas aulas do projeto...E aí eu acabei pegando esse projeto...foram dois ou três meses e depois disso acabaram surgindo na metade do ano algumas aulas livres que um professor de Língua Portuguesa tinha deixado em uma outra escola. E foi a partir daí 1999 que comecei a dar aula na Prefeitura. No ano 2000 surgiu a oportunidade de fazer o concurso público, eu me efetivei...e acabei me efetivando, para minha própria surpresa em Português e Inglês...na época eu achava que teria que escolher um dos cargos, mas acabei podendo ficar com os dois. Foi assim, uma batalha, é difícil porque você tem que trabalhar dois períodos...são muitas aulas, mas eu gostei bastante disso...Voltando um pouquinho, sobre porque escolher essa profissão, quando eu era criança eu brincava com as minhas bonecas...eu colocava elas sentadas e fingia que estava dando aula para elas. Então, o que eu aprendia na escola...eu queria ensinar pra minhas bonecas. Então aí já...é algo que tá dentro de mim...já há muito tempo...essa vontade de ensinar. E eu acabava aprendendo com isso também...não só fingia que estava ensinando, mas estava aprendendo na verdade bastante. E é o que acaba acontecendo na sala de aula hoje em dia...A gente ensina, mas acaba aprendendo muito com os alunos também.

Elis: A partir de 1999 o ensino do 1º ao 9º foi municipalizado, por meio de um convênio com o Governo do Estado de São Paulo. Como você percebe a municipalização do Ensino Fundamental?

P.C.: Eu vejo assim, antes como era o Estado que controlava, era mais distante tudo o que a gente tinha que fazer...o poder estava mais longe...digamos assim. Agora, depois da municipalização tudo que era feito na escola assim...nós tínhamos que responder diretamente para a Prefeitura. E a Prefeitura tomando conta das escolas...eu acho que ficou bem mais próximo...uma relação bem mais próxima...Mas ao mesmo tempo foi difícil, porque a Prefeitura assumiu todas as escolas daí...apenas 4 que ficaram para o Estado. Então foi algo assim, muito grande...e houve assim, um período de adaptação. Acredito que foi bem feita a municipalização...que acabou sendo boa. Penso que foi uma vantagem pois tudo que temos que fazer está bem próximo. É a Secretaria de Educação de Itatiba que controla...não é mais o governo do Estado...que seria mais distante. Penso que foi uma loucura...pois é muita coisa para administrar ao mesmo tempo...tem que tomar conta de muita coisa ao mesmo tempo. Então é complicado isso...talvez deveria ter sido aos poucos...talvez fosse melhor...foi de uma vez...Então não tem mais como voltar isso...eu acho que foi complicado como já disse...Mas acho que foi bom...porque todo mundo fala a mesma língua. Todo mundo está numa mesma rede...dá uma continuidade...

Elis: Que ações concretas nas instâncias: externa e interna à escola foram implementadas pelos governos municipais (de 2001 a 2008 e de 2009 a 2012), durante sua vivência enquanto professor efetivo, com o propósito de melhorar a qualidade da educação pública municipal?

P.C.: Eu me lembro de muitas formações...desde sempre eu participo das formações. Quando eu comecei era uma formadora da própria rede...os professores que faziam formação comigo...já se aposentaram até...nós fazíamos na Oficina Pedagógica...isso foi quando eu me efetivei(2001)...antes eu não me lembro de ter formação. Nós tivemos cursos com a USP...A USP veio para Itatiba para aplicar curso...as vezes era na escola...não tinha aula e a gente fazia formação...as vezes era em momentos separados...Tratávamos sobre o currículo...que na verdade a gente tinha que construir...a gente não tinha construído. Era muito solto....digamos...as pessoas trabalhavam aquilo que elas achavam dentro daquela série, mas assim, quando havia mudança de um aluno para outra escola...percebia-se muita diferença no trabalho...trabalhavam conteúdos diferentes...e não era baseado em gêneros era bem diferente nesse sentido. O curso de Língua Portuguesa não era tão bom, quanto a formadora de Inglês...ela parecia ser mais próxima dos professores no sentido de perceber mais como era a realidade da sala de aula. Porque as vezes eles vêm com a teoria, mas na prática não é bem daquele jeito que funciona. A partir de 2009 as formações eram voltadas para por o currículo em prática...montar um currículo, onde nós participamos muito mais...nós palpitávamos...decidíamos. Nós escolhemos sobre os gêneros que queríamos trabalhar. E a partir daí nós construímos um currículo. Na gestão de 2001 a 2008 as coisas vinham prontas...e a gente discutia. Eu me lembro que em 2001 nós íamos para as formações (com a USP) aos sábados...muita gente nem gostava...porque eram aos sábados...mas tinha

certificação...então o pessoal fazia por conta do ponto. Depois quando eles fizeram em horário de aula o pessoal...gostou...porque daí era um período que a gente estava descansado...que você vai lá...e pode se concentrar...naquilo que eles querem passar...eles falavam muito sobre situações problemas na escola...não era só o currículo que era falado nessa época da USP. E daí a partir de 2009, a gente ia no horário do HTPC...era um período assim, que a gente estava mais cansado...Mas mesmo assim, é produtivo...porque a formadora era excelente. Então ela trazia muitas dicas legais...dicas que uso até hoje...inclusive...E essas discussões acabaram fazendo que a gente fizesse o currículo. Então era dentro do horário do HTPC...então foi assim... Eu acredito que a qualidade da Educação do município vem crescendo...e isso se deve pela experiência...porque antes não era municipalizado...então a gente começa experimentando as coisas...eu também fui experimentando com o tempo...porque eu não tinha prática nenhum antes...então você vai experimentando as coisas...você vai melhorando...Por isso com certeza eu acredito que está melhorando sim...

Elis: Dentro das ações formativas que o município desenvolveu (de 2001 a 2008 e de 2009 a 2012), quais foram as mais efetivas (que deram resultados diretamente na sala de aula) em sua opinião?

P.C.: Eu me lembro de atividades que foram sugeridas pra gente aplicar em sala de aula. São atividades de vários anos têm coisas que perpetuam e a gente usa bastante. Eu acredito que são as dicas que eles dão pra gente...as práticas...quando você escuta que o colega está fazendo em sala de aula e você também coloca em prática...então as trocas de experiências ajudam bastante...isso aí ficou marcado...e algumas atividades que foram sugeridas também...Nas duas disciplinas em Língua Portuguesa e Inglês...e nas duas gestões.

Elis: Quem decidia sobre quais as ações formativas que seriam utilizadas? Baseadas em quais critérios? Você sentiu mudanças em sua forma de trabalhar com os alunos? Como?

P.C.: Eu acho que no começo não se perguntava muito o que a gente queria saber ou não...De 2001 a 2008...eles planejavam de acordo com que eles sentiam que era necessidade...Agora de 2009 a 2012 nós fazíamos uma avaliação da formação ...então levavam muito em consideração o que o professor pensava. Dessa forma começo a aparecer o que a gente sentia falta...e isso foi incorporado...era colocado nas formações. Os professores eram ouvidos de 2009 a 2012...De 2001 a 2008 eu não me lembro de fazer nenhuma avaliação sobre as formações. Eu senti muita mudança no meu trabalho com os alunos...principalmente com os gêneros textuais...mudou muito a minha prática...se comparar como eu trabalhava anteriormente. Então muitas vezes eu trabalhei a gramática pela gramática...porque eu não sabia como trabalhar de um jeito diferente...Hoje a gente insere a gramática no texto...é contextualizada...mais assim, eu fazia da maneira que eu tinha aprendido na escola. Então você segue modelos...E nas formações você aprende outros modelos...então aí você muda sua prática...porque você vê que pode ser diferente para melhor.

Elis: Tendo como referência as duas últimas gestões municipais: como se deu o processo da política curricular? E quem participou desse processo? Qual o seu nível de satisfação, quanto a esse documento? Qual o impacto na sala de aula?

P.C.: Nós fazíamos antigamente o Plano de Ensino...todo início de ano você tinha que sentar e fazer o seu Plano de Ensino...o que você ia trabalhar naquele ano...o que você achava importante...De 2001 até 2008 mais ou menos...que a gente tinha que entregar todo início de ano. E esse Plano era baseado em documentos nacionais...então era muito abrangente...não tinha uma coisa fixa...um conteúdo fixo para cada série...igualzinho para todo mundo...Tinham coisas que eram comuns a todos...mas muita coisa também...por exemplo: Ah eu gosto de trabalhar poemas...vou dar poema no 7º ano...hoje em dia não é mais assim...Então isso melhorou bastante...Quando a gente construiu o nosso a partir de 2009...nós vimos direitinho que seria trabalhado em cada ano...Então facilitou imensamente o nosso trabalho...a gente não precisa mais fazer os planos de ensino...um alívio isso...todo mundo fala a mesma língua...todo mundo tem que seguir aquilo ali...tem que dar conta...As vezes tem sala que não tem...tem sala que dá...a gente sabe que é aquilo ali que deve ser seguido. Então facilitou bastante o nosso trabalho. De 2001 a 2008 não tínhamos um currículo como nós temos hoje...eu me lembro desse plano de ensino e me lembro de formações que a gente discutia o que seria deixado...ou tirado...mas era muito baseado em livros didáticos. Depois de algum aquele conteúdo que a gente programava caía por terra...porque aquele livro não seria mais utilizado na rede. Nós não tínhamos um documento oficial...só fomos receber no final de 2008 o documento 14...nós recebemos um CD...eu recebi na escola. Quem fechou esse documento foi o pessoal que trabalhava na SE...E a partir de 2009 nós participamos da construção do currículo...eu me sinto parte...nós discutimos cada item que iria sendo colocado...A formadora perguntava se a gente devia manter ou tirar ou colocar no lugar...quanto aos conteúdos...O que era mais importante...Do documento 14 para o Currículo de 2012 houve uma mudança muito grande...por causa dos gêneros...isso em Língua Portuguesa...No de Inglês até 2008 a gente se baseava muito nos livros e a partir de 2012...nós passamos a opinar mais e deixamos sem vínculo com livro didático...nós criamos um Currículo próprio. Nós recebemos uma versão impressa, cada professor tem a sua...foi publicado...é muito diferente do documento 14. O Currículo de 2012 tem uma parte dos aspectos linguísticos...o que trabalhar sobre a língua...o que trabalhar em leitura...a produção de texto...as expectativas de aprendizagem...os conteúdos...é dividido por bimestres e é articulado aos gêneros. E o de Inglês também é dividido por bimestres...com seus respectivos conteúdos...tem algumas sugestões de trabalho interdisciplinar...atividades que a gente pode usar com outra disciplina. Foi uma participação docente foi efetiva...diferente que até 2008 não era dessa forma. Eu acho esse currículo muito bom...estou muito satisfeita...mas assim, logicamente que precisa ser revisto de tempos em tempos...não é algo rígido...Logo nós temos que nos reunir para fazer algumas modificações. E na sala de aula a gente usa tudo que a gente aprende nas formações...e o currículo está aí...e a gente segue.

Elis (Preâmbulo): Em sua opinião, por que o município não apostilou o ensino?

P.C.: Eu não sei exatamente, o porquê, mas eu penso que é algo difícil de ser feito...você encontrar um material que siga...mais ou menos o nosso currículo...Já foi feito um levantamento se nós gostaríamos se o ensino fosse apostilado ou não...isso foi agora recentemente. Até 2012...nunca foi falado em apostila...

Elis: Como você avalia o impacto das ações implementadas nas últimas gestões municipais, para avançar na valorização dos profissionais da escola?

P.C.: Eu acho que de 2001 a 2008 nós fomos valorizados até certo ponto...pois nós tivemos formações. Antigamente a gente não tinha formação, mas com o surgimento das formações...eu acho que eles valorizaram a gente nesse sentido...de nos fornecer essa formação. Na verdade é algo que eles tem que fornecer mesmo...que é obrigatório...Mas após 2008 em 2009 eu percebo uma maior valorização do professor, porque foi levado em conta...aquilo que a gente pensava...na hora de fazer as formações. Como eu já disse no momento de construir o currículo...nossa participação foi bem maior...as formadoras faziam uma avaliação da formação...então nós éramos levados em consideração...aquilo que a gente pensava era levado em consideração. E isso eu não percebia na gestão de até 2008...Então nesse sentido o professor foi mais valorizado a partir de 2009.

Elis: Elisângela Sales Teixeira

P.E.: Professor Engajado

Elis: Apresentação do Professor (nome, idade, origem, formação acadêmica, tempo de magistério, tempo de trabalho como Professor, experiência profissional em outros cargos do magistério e em outras áreas, enfim conte sua trajetória pessoal e profissional...).

P.E.: Tenho 38 anos, sou da cidade de Jales, me formei na faculdade particular na região mesmo. Hoje completo mais de 18 anos de magistério e só aqui na Prefeitura Municipal de Itatiba sou efetivo desde 2001. E minha experiência sempre foi com a área de Matemática, acumulo cargo com a Rede Estadual e também tenho algumas aulas na escola particular. Eu gosto do que faço...procuro fazer o melhor para meus alunos.

Elis: A partir de 1999 o ensino do 1º ao 9º foi municipalizado, por meio de um convênio com o Governo do Estado de São Paulo. Como você percebe a municipalização do Ensino Fundamental?

P.E.: A principio eu achei muito ousado, porque a maioria dos municípios da região são de 1º ao 5º..Itatiba foi inovadora de absorver uma rede enorme de mais de 20 escolas...Mas assim, eu acredito de que quando o governo municipal...se aproxima do 6º ao 9º é somente para trazer melhorias...porque quanto mais próximo a melhoria é melhor ainda...o desenvolvimento é melhor ainda. No caso a Prefeitura assumindo uma rede do 6º ao 9º...eu acho que só tende a trazer melhorias para a população.

Diferente de uma rede Estadual, Federal que tudo é longe...no municipal não...tudo é muito próximo...os professores são do município...há uma preocupação realmente com os alunos...eu penso só nos alunos...Eu acho que essa preocupação o retorno é melhor. O retorno é melhor para a família, para a comunidade...quem ganha com isso são os alunos. No Estado tudo é muito longe...é muito frio o tratamento...Aqui não...é tudo muito próximo...o pai acompanha melhor...apesar mediante as circunstancia que nós estamos passando hoje...mas o acompanhamento ainda é diferenciado. Eu acho que é inovador...ainda temos Prefeituras engatilhando...algumas devolvendo...como Jundiaí devolveu para o Estado... Campo Limpo Paulista entrou no processo de devolução...devolve o 6º ao 9º. O 1º ao 5º é da rede municipal mesmo...não tem como fugir...Jundiaí eu sei que devolveu...o 6º ao 9º. Mas é diferente...a preocupação ela é diferenciada...principalmente com IDEB...com Fluxo...o conselho tutelar é mais próximo...enfim...a comunidade escolar ganha com isso...eu acho bacana...diferente do Estado.

Elis: Que ações concretas nas instâncias: externa e interna à escola foram implementadas pelos governos municipais (de 2001 a 2008 e de 2009 a 2012), durante sua vivência enquanto professor efetivo, com o propósito de melhorar a qualidade da educação pública municipal?

P.E.: Então na primeira gestão de 2001 a 2008 foi o documento 14...ele norteou os trabalhos de todos os seguimentos...No começo nós tivemos formação bem específica da área com professoras formadoras...depois veio a USP. Eu lembro que tínhamos com um pessoal da USP para a EJA...foi muito bom...Depois disso tudo, já no final do mandato surgiu o documento 14...a gente participou indiretamente da construção desse documento...não foi uma coisa tão próxima. Era sempre proposto um estudo...a gente se reunia uma vez por mês, onde foi vendo a necessidade da rede e construído um princípio de um currículo...algumas ideias norteadoras que todo mundo tinha que seguir...que eu lembro era isso. Já de 2009 a 2012 o trabalho foi bem diferente nós tivemos a parceria da USP, tivemos formadores e daí a gente sentou para discutir o currículo mesmo...Foi traçado aí...o currículo de Matemática...e de todas as outras áreas também...Mas só voltando um pouquinho na gestão anterior também teve antes do documento 14 um material com os conteúdos...tipo um currículo mínimo. Na segunda gestão (2009 a 2012) eu destaco a participação...nós participamos mesmo da formação do currículo. No caso nós decidimos que era bimestralmente...quais assuntos, quais situações eram pertinentes...quais habilidades seriam desenvolvidas...Como eu disse é uma rede grande...precisa de um norte e aí esse norte foi mais afinado entre 2009 a 2012...fui achei que ficou muito bom esse documento...ele está até hoje...Nas escolas a preocupação da equipe gestora...eu passei por várias direções...toda a equipe gestora é preocupada em ajudar o professor a enfrentar...o dia a dia. Seja ela no livro que a gente estuda...por exemplo aquele livro que nós estudamos “Aula nota 10”...até hoje eu aplico técnica em sala de aula. Eu acho que deixar claro para o aluno, fazer o mapeamento...algumas técnicas que eu aplico...e isso é uma preocupação interna na escola. Então a equipe gestora se

preocupa com seu corpo docente...em ajudar ao professor a enfrentar os desafios da sala de aula. Então além do trabalho externo...tem o interno que é da equipe gestora que é importantíssimo...O grande marco da participação docente foi de 2009 a 2012...a gente viu o produto final acontecendo...tudo foi decido coletivamente...Depois disso veio a Avaliação Municipal que agregou e norteou mais ainda os trabalhos. É uma rede que se preocupa com a opinião do professor...eu penso dessa forma...A opinião e o trabalho do professor...e acompanha dando subsídios.

Elis: Dentro das ações formativas que o município desenvolveu (de 2001 a 2008 e de 2009 a 2012), quais foram as mais efetivas (que deram resultados diretamente na sala de aula) em sua opinião?

P.E.: Eu vou começar pela 2ª (2009 a 2012) é o currículo...é um documento que todo professor tem e isso foi formidável. Porque a gente recebe aluno de mudanças de bairro...e não batia...as vezes vinha com o conteúdo super distante...agora não...o aluno chega...ele continua a matéria...é um espetáculo!!! E isso é da 2ª gestão...o currículo é claro e as diretrizes são claras...Da 1ª gestão (2001 a 2008) eu acho que é assim, como foi um processo de construção...eu acho que demorou um pouco para que isso...realmente fosse colocado no lugar...Nesse período nas formações nós discutíamos atividades extras, a fim de mostrar para os alunos diversas formas de apresentar o conteúdo, jogos...sempre preocupando com o conteúdo...porque a gente tem também as avaliações externas que medem a rede. Mas eu acho que na 2ª gestão (2009 a 2012) o trabalho foi mais fechado...eu acho que sem querer...continuou o trabalho da 1ª gestão...porque a 1ª tinha que colocar uma rede em ordem...tinha que fazer o Regimento Escolar acontecer...se preocupar com o concurso público...os projetos...tinha vários olhares, mas faltou talvez aí um fechamento...Porque na de 2009 a 2012 deixou bem claro é assim que nós vamos trabalhar. Tanto é que já colhemos muitos frutos...

Elis: Quem decidia sobre quais as ações formativas que seriam utilizadas? Baseadas em quais critérios? Você sentiu mudanças em sua forma de trabalhar com os alunos? Como?

P.E.: Então na 1ª gestão (2001 a 2008) o curso da USP tinha vários temas e a gente escolhia...que tema a gente se dedicava para fazer...eu me lembro também que por escola os professores escolhiam de acordo com a realidade...Parava-se um dia de aula com a USP para estudar...era muito legal...bacana...o Dr. da USP ia até a escola. Tivemos palestras maravilhosas...As formações de Matemática eram assim...sempre voltadas para Matemática...cada um na sua...quando era com o professor da rede...também... Na 2ª gestão (2009 a 2012) nós tivemos a participação dos professores da USF (Universidade São Francisco) e assim destravou muita coisa ajudou muito. A formadora dava muitos links, sugestões de acordo com a realidade...era fantástica. As duas gestões tiveram situações positivas...mas cada uma em seu período. Como eu disse a 1ª estava construindo uma rede...e a 2ª a rede já estava pronta era só tocando o barco pra frente...Mas sempre a gente teve a opção do que a

gente queria fazer. Eu me lembro de um formador em 2010 que ele sempre terminava a formação pedindo sugestão...É sempre consultado...não é assim pronto e acabou...Eu senti muita mudança em minha prática...foi fantástico...uma delas é seguir uma linha...dentro do bimestre temos as expectativas de aprendizagem,...a gente sabe o que tem que alcançar com os alunos. Eu acho que essa forma de sistematizar, de organizar...a gente fazia no nosso semanários...mas talvez valorizava mais uma coisa...do que outra...agora não...a gente consegue valorizar tudo...é um sistema espiral...

Elis: Tendo como referência as duas últimas gestões municipais: como se deu o processo da política curricular? E quem participou desse processo? Qual o seu nível de satisfação, quanto a esse documento? Qual o impacto na sala de aula?

P.E.: Então nessa época eu estava como diretor de escola...me afastei e fiquei por dois anos na direção. O documento 14 chegou de forma encadernado...e aí a gente começou a estudar com os professores...ele chegou em 2008...bem no final da gestão. Que até então a gente estudava, estudava e a equipe gestora...ia ministrando isso na escola. Eu me lembro que esse documento chegou encadernado...era um livro...e tinha um CD no final. Foi disponibilizado dos dois jeitos...se não me engano...se não me falha da memória foi assim...dessa forma. Porque acho que todas as escolas têm esse documento. Os professores receberam em CD...eu tinha também. E lá contemplava o que...o que cada disciplina podia fazer para agregar nas atividades...quanto a divisão do documento não me lembro mais. É assim, eu tive esse buraco...eu acompanhei esse documento como diretor e não como professor. Quanto a participação dos professores nesse processo...as coisas vinham meio que prontas...A partir de 2009 esse documento 14 foi reavaliado e chegou-se a conclusão...vou falar o que eu acho...que precisaria mudar! E aí todo mundo sentou e debruçou...todas as áreas debruçaram e estudaram...e falaram não...nós vamos reconstruir...Eu acho que aí a reconstrução ficou mais clara...Porque o professor participou de uma outra maneira...o professor buscou...o professor participou melhor, né...Apesar de na primeira gestão poder optar o que fazer...na segunda além de optar a gente fez o novo documento...e isso foi super gratificante. Quanto ao currículo de 2012... nós sentamos no ano de 2009 inteiro...a gente se reunia quase todas as terças-feiras...eu me lembro que era no prédio antigo da Secretaria de Educação...nós começamos por montar o 1º bimestre e aplicamos na sala. Depois durante as formações nós discutíamos que tinha dado certo o que não tinha...registramos...Depois montamos o 2º bimestre e aplicamos em sala de aula...deu certo isso...isso e isso...Então cada bimestre a gente ia montando e aí no final do ano...o que deu certo e o que não deu certo. E a gente foi finalizando esse documento. Nos anos de 2010 a 2012 nós continuamos esse trabalho e fomos testando... Comparando 2001 a 2008 entre 2009 a 2012...nós tivemos muito mais oportunidade a partir de 2009...foi a mão na massa...a gente trabalhou muito mais. Foi como eu disse...foi um processo...Eu acho que nas duas gestões tivemos lados positivos...mas eu ressalto a segunda...essa gestão foi mais do que a primeira.

Elis (Preâmbulo) Em sua opinião por que no município não apostilou o ensino?

P.E.: Então eu tenho duas sugestões: a primeira porque é um custo alto e a segunda porque a desculpa foi porque não acharam um sistema adequado. Mas eu acho que é um pouco de resistência não lá de cima...mas dos próprios professores...entendeu? Porque nós fomos consultados...no meu grupo de formação foi consultado e algumas pessoas falaram que não gostariam...Essa consulta acontece hoje em dia...De 2001 a 2012 não teve essa consulta...era um outro momento...Naquela época nós tínhamos os livros didáticos...que também era bem próximo do currículo. Agora apostilar...eu trabalho com sistema de apostila em um colégio particular...eu acho bacana...só que assim, não é do dia para a noite...e apostilar de uma vez também não dá certo...tem que ser gradativo...a família muitas vezes não está preparada... e isso não gera ibope...não gera ibope para o Prefeito...como é que um filho tem apostila e o outro não...E o poder público eu achei que tirou o time de campo...eu achei...e a desculpa é assim...eu vejo que alguns professores até apoiaram...não queremos apostilar...porque tem mais liberdade...mas liberdade de cátedra ela só ocorre...num sistema de ensino não existe isso...você tem que seguir as diretrizes do sistema do qual você trabalha...não é verdade Se você trabalha em uma rede particular é aquilo lá que é seu trabalho...a mesma coisa na rede municipal...E o documento curricular (de 2012) hoje ele é norteador de nossa rede...se não tivesse ele ficaria pior...não é cada uma faz o que quer...não é bem por aí ... a gente tem que seguir aquilo e acabou...não tem que discutir. E isso é um ganho de 2009 a 2012...é um ganho significativo...acho que não tivesse esse documento...nossos índices seriam piores ainda...Mas apostilar é inovador! Eu acho que ao longo prazo pode ser que isso aconteça. Quanto ao nível de satisfação sobre o documento curricular...vou falar na Matemática...está todo mundo satisfeito...porque está todo mundo trabalhando junto...eu vejo essa satisfação...Agora em outras áreas...eu vejo que o pessoal de Humanas nunca se entende...Português...Ciências...trabalham sempre juntinhos...mas História e Geografia eu vejo o sucesso não chegou lá ainda...porque o povo é um pouco teimoso. Mas Português, Matemática e Ciências está rodando certinho. O nível de satisfação é muito gratificante...você aplicar uma coisa que você participou...Você obter aquele retorno do aluno...pensando que você planejou aquilo. Você fez parte daquilo...o sucesso vem...é claro que a cada um a seu tempo. Cada um tem a sua maneira de aprender...mais é gratificante. Eu me sinto realizado em 2009 a 2012...não que na primeira gestão isso não ocorra...mas no segundo período foi mais gratificante.

Elis: Como você avalia o impacto das ações implementadas nas últimas gestões municipais, para avançar na valorização dos profissionais da escola?

P.E: Essa é uma pergunta complicada, né! Na primeira gestão a gente sempre foi valorizado financeiramente...sempre teve aumento ano a ano...as gratificações...mas não se teve uma preocupação com o plano de carreira...não se teve. A gente foi...foi...foi...Na segunda gestão...eu vou falar para

você assim...no começo foi difícil...porque era um novo Prefeito, mas teve depois uma preocupação no plano de carreira, mas esse plano de carreira...minha filha...foi um tiro complicado...estava de uma forma...depois finalizou de outra forma...todo mundo participou...tinha as comissões...Mas assim...eu sinto que teve uma mudança no fechamento dele...Pra mim teve...porque a gente acompanhou de longe...não era representante dessa situação...mas não posso dizer que fechou de uma forma negativa, mas fechou de uma forma que poderia ser melhor. A jornada de trabalho...ela ficou um pouco melhor sim...tem horário de formação, mas poderia ter sido melhor....poderia ter sido melhor sim! Entre as duas gestões posso destacar como valorização o espaço de formação dentro do horário de trabalho...isso é muito diferente. O espaço de formação ...você senta...vê seu semanário com mais atenção...trocar ideias com seus colegas de área...a pelo menos a cada uma semana...ou duas semanas...isso é muito bom...

Elis: Elisângela Sales Teixeira

P.R.: Professor Realista

Elis: Apresentação do Professor do Ensino Fundamental II (nome, idade, origem, formação acadêmica, tempo de magistério, tempo de trabalho como Professor efetivo, experiência profissional em outros cargos do magistério e em outras áreas, enfim conte sua trajetória pessoal e profissional...).

P.R: Sou professor de Educação Física do Ensino Fundamental II de 6º ao 9º ano, estou na Prefeitura já há 15 anos, sou de São Paulo, tenho 56 anos, fiquei afastado da área cerca de 20 anos, e em 2000 voltei para Itatiba...onde morei anteriormente... depois voltei...Nessa época peguei 20 aulas substituindo um professor que tinha sido afastado para um projeto...nesse mesmo ano teve o concurso público...eram seis vagas...eu passei em 5º lugar e a partir de 2001 me efetivei na rede. Não tenho outros cargos...trabalhei em um projeto por volta de 5 anos...o Projeto Mais que Esporte que tem até hoje, mas com um perfil um pouco diferente de quando começou...Hoje faz 15 anos que sou efetivo.

Elis: A partir de 1999 o ensino do 1º ao 9º foi municipalizado, por meio de um convênio com o Governo do Estado de São Paulo. Como você percebe a municipalização do Ensino Fundamental?

P.R: Bom, como já falei anteriormente eu trabalho aqui na rede a partir de 2000...então eu peguei o período da municipalização...Eu acho particularmente que foi benéfica municipalização, porque o município acaba tendo um maior controle em cima das escolas. Agora com relação a parte profissional é que não sei...a gente escuta alguns professores que são municipalizados tal...que se sentiam prejudicados por essa municipalização...não sei parece que não tiveram muita opção...ou aceitava ou aceitava. Mas em termos de alunos e para os professores que entraram depois disso...eu acho fantástico...porque fica mais fácil...a gente tem contato mais direto com a Secretaria de Educação e a

própria ação deles é mais dinâmica. Eu acho que foi benéfica a municipalização do Ensino Fundamental.

Elis: Que ações concretas nas instâncias: externa e interna à escola foram implementadas pelos governos municipais (de 2001 a 2008 e de 2009 a 2012), durante sua vivência enquanto professor efetivo, com o propósito de melhorar a qualidade da educação pública municipal?

P.R: Bom, na primeira administração de 2001 a 2008 que foi quando eu comecei, que me efetivei eu acho que a gente tinha...não vou dizer um apoio maior...mas a gente tinha...não sei era o caso das diretoras serem indicadas...vai ver de repente elas tinham mais um pouco de facilidade do que hoje que são concursadas. Então a gente conhece que tem diretoras que tem um pouco mais de capacidade...outras nem tanto e como é concursada...não tem muito como mexer...e antigamente tinha-se essa possibilidade não está dando certo de repente troca. Falo isso porque aconteceu um problema numa escola em 2001 e a diretora foi afastada. Ela tinha acabado de ter sido indicada pelo novo Prefeito e ele acabou tirando ela...Hoje em dia precisa ser uma coisa muito grave para poder tirar a diretora da escola...nesse ponto hoje em dia está um pouquinho pior...vamos dizer assim. Se bem que a gente tem boas diretoras que mereceram passar no concurso que têm capacidade para estar onde estão...e de repente se fossem a parte da política não tivessem conchavos não estariam aqui hoje. Mas enfim, eu particularmente como professor não tive grandes problemas...Eu me afastei durante um período de 2006 até 2010 para o Projeto Mais que Esporte que o Secretário de 2001 a 2008 trouxe para a cidade, depois a gestão de 2009 deu continuidade...é uma parceria com o Instituto Esporte e Educação de São Paulo. Nós tínhamos inicialmente quatro professores (1 coordenadora e 3 professores)...depois esse número aumentou e hoje esse projeto é estendido para as escolas em período integral. Então o número de professores cresceu demais...a visão é outra, porque antigamente era no período contrário a aula...e era aberto para ir quem quisesse e mesmo assim, a gente chegou a ter cerca de 700 alunos em três núcleos aqui por um bom período...sem obrigação de ter que ir...iam porque queriam e gostavam. E hoje em dia esse projeto mudou um pouco esse foco, mas pelo o que a gente escuta é muito é visto pelas diretoras onde ele existe...Eu acho que esse projeto me ajudou crescer um pouco na minha parte profissional, porque tudo que se fala hoje em termos de conteúdo, de unidade didática, currículo... desde 2005 isso era feito nesse projeto. Então eu acho que tem algumas ações que foram trazidas que vieram para melhorar o ensino. Na minha opinião de 2001 pra cá a gente vê uma certa evolução tanto em nível de aula, quanto em nível de escola...que foi legal.

Elis: Dentro das ações formativas que o município desenvolveu (de 2001 a 2008 e de 2009 a 2012), quais foram as mais efetivas (que deram resultados diretamente na sala de aula) em sua opinião?

P.R: As formações eu acho que elas são importantes a partir do momento que você começa a direcionar o trabalho realizado. Eu falo isso na minha na Educação Física a gente brinca...a gente fala que tem uns professores que eram os “rola bola”...então chegam na aula...não prepararam nada...não sabe o que vai fazer...então simplesmente joga a bola para a molecada...é futebol de manhã, à tarde, à noite e de madrugada...tá tudo certo...Não tem uma supervisão vamos dizer assim, mais direta...e ninguém sabe o que está acontecendo...e de repente pode até ser escrito qualquer outra coisa no diário de classe...como se estivesse fazendo um trabalho fantástico e na verdade não está fazendo nada. Inclusive a gente tinha colegas que não gostavam de preencher o diário de classe, porque disseram que não tinha na lei que obrigasse a ele preencher o diário de classe. Enfim, pode ser trabalhoso, mas é uma forma de você direcionar e saber o que você trabalhou, como trabalhou...como foi a reação das crianças...você ter um registro do tem sido feito. E isso o projeto ele trouxe muito e hoje em dia...eles estão tentando trazer o que era dito no Projeto Mais que Esporte, para dentro da sala de aula. Então as formações que antigamente eram mais esporádicas...eram mais direcionadas para determinados esportes...hoje está sendo mais direcionada...a gente já construiu um currículo...já atualizou esse currículo...em cima do currículo a gente tenta montar as unidades didáticas...Então você tem as suas unidades independente do tempo...do trabalho de cada áreas, mas contemplando o currículo que você tem...Então eu acho que tudo isso veio a facilitar o trabalho do professor...O que eu vejo de problema na implantação do trabalho direto nosso...ainda é a cabeça dos alunos. Eles acham que a Educação Física não é para isso...que a Educação Física é pra jogar bola...porque muitos anos foi isso...porque meu irmão era assim...Então fica difícil de você dar duas aulas seguidas por exemplo de ginástica, de dança...Você até consegue uma aula...duas aulas fica complicado...E a forma como passam pra gente nas formações é como se fosse a coisa mais simples e assim o aluno faz ou ele faz...E não é assim...a gente sabe que não é...mesmo porque a gente tem o processo de avaliação...do trabalho feito diante o currículo e tudo mais...e a gente sabe que tem aluno que não gosta, que não pode fazer e ai? Você é tão rigoroso o que você faz com esse aluno? Dá zero...reprova? Eu acho que a gente tem que ver ainda mais hoje em dia com esse negócio de inclusão... a gente não teve informação de como trabalhar com cadeirante, com aluno com síndrome de down , aí de repente é um numa sala de vinte ou trinta...e ai como é que você faz...você vai dar atenção pra ele e larga resto...você dá atenção pro resto e larga ele? Então fica complicado...não sou contra a inclusão, mas eu acho que tem que ter níveis de inclusão...ou então preparação pro professor...para ele poder trabalhar com alunos de inclusão...eu por exemplo tenho um aluno que é cadeirante...ele não sai da cadeira ...o que que eu faço com ele...ele joga queimada e o resto não faz...ele não tem força para acertar uma bola no basquete...Você não tem muito material em escola para poder adaptar...um corda ou um barbante...para amarrar um bambolê numa trave...para que ele possa acertar o bambolê já que não alcança na cesta...então a gente não tem muito material e quando a gente pede não se tem...Então quando falava nas formações como se fosse coisa mais simples... que a gente tivesse um monte de coisas disponíveis e isso é de uns tempos para cá. De 2001 a 2008...eu participei de algumas formações da USP...depois eu me afastei para o projeto já

citado...e participava das formações de lá...Pelo projeto a gente fez um ano de formação, para poder implantar o projeto aqui depois. Então as primeiras formações eu não participei muito...As formações da USP aconteciam no Núcleo de Formação...então tinha muita teoria...nessas primeiras...pelo menos nessas que eu assisti. E hoje em dia não está mais voltada para a parte prática...mais o dia a dia nosso. Então eu professor acho que de 2009 a 2012...não menosprezando as anteriores, mas acabam sendo mais validas para nós, porque pelo menos é o que a gente escuta nessas formações que os professores sentem muita falta dessa parte prática. Não adianta você implantar um currículo...vamos fazer dança...como? Se eu não sei dançar como eu vou ensinar o meu aluno a dançar? Se eu não sei uma parada de três apoios ou uma parada ou uma parada de mão...como eu vou ensinar o meu aluno a fazer? Alguém tem mostrar para ele para ter uma ideia pelo menos...para ele ver o que está fazendo de errado ou não. Então por isso que eu acho que hoje em dia tá mais específico...mesmo a gente tendo parte de teoria dentro das formações, mas não é uma área tão grande ...a gente acaba indo mais para a parte prática mesmo...foi uma montagem de unidade didática...como trabalhar...o povo não está acostumado com isso...É como eu falei...eu tive essa facilidade porque desde 2006 ou 2005 quando a gente começou a formação para poder trabalhar no Projeto Mais que Esporte...a gente já aprendia lá a fazer unidade didática. Já tinha um currículo...ali o currículo do Projeto não foi construído...ele foi enviado...Aí depois com o passar do tempo, a gente foi adaptando o currículo para a nossa realidade, mas já existia um norte...Mas encima desse currículo a gente montava as unidades didáticas...encima delas o plano de aula. E aí sim vinha um supervisor de São Paulo uma vez por mês ou a cada 15 dias...ele assistia uma aula...depois a gente sentava numa mesa e ele perguntava porque você fez isso...porque você fez aquilo...se você fizesse assim...será que não conseguiria o mesmo resultado? Numa forma mais fácil...Então ele não te ensinava a trabalhar, mas ele te dava uns toques do que você estava fazendo...não que estivesse errado...mas que pudesse fazer diferente para atingir o objetivo...Ou as vezes você fazia um trabalho com um determinado objetivo era um sucesso a aula...só que você não atingia o objetivo...porque você acaba se dispersando do que tem em mente...a aula era boa...os alunos adoravam...saíam de contentes, maravilhados...só que o objetivo que você tinha...não tinha atingido...E as vezes você envolvido com a atividade...você não percebia isso...Isso que era legal uma pessoa vindo de fora que analisava e abria seus olhos. Que é uma coisa que aqui não tem...Tem as formações...a gente faz...mas até hoje ninguém foi assistir uma aula minha...para dizer...olha isso aqui não está legal...isso aqui tá bom...beleza...parabéns...Posso passar isso para os outros...não posso...Olha eu vi um colega seu fazendo o mesmo que você fez...só que de uma forma diferente...Trocar essa experiência...disso eu sinto falta...Não adianta você vir aqui...você pega livro que tem um monte de atividade...você vai lá faz as atividades do livro...você não precisa ter formação. Então eu acho que as formações servem para isso...quer dizer, quando a gente está m formação que surge algum assunto que o pessoal vai trocar ideia...acaba sendo legal...Agora, quando só joga e você tem que se virar...ai cada um faz o seu...se é que faz e tá tudo certo. Não tive contato com o documento 14 da gestão de 2001 a 2008, por conta que estava no Projeto... E de 2010 em diante participei da construção do currículo.

Elis: Quem decidia sobre quais as ações formativas que seriam utilizadas? Baseadas em quais critérios? Você sentiu mudanças em sua forma de trabalhar com os alunos? Como?

P.R: Então nessa segunda fase de (2009 a 2012) a montagem do currículo foi feita pelos professores...Então ele era dentro do que tinha e dentro do que era solicitado que fosse trabalhado...Então a gente começou a trabalhar o currículo...via os objetivos dentro de cada área do currículo...quais as estratégias que a gente podia utilizar para atingir os objetivos. Então foi montado um perfil...então a gente tinha esse currículo que na primeira vez tinha...no primeiro bimestre vai trabalhar isso, no segundo isso, terceiro bimestre isso, quarto bimestre isso...então era muito engessado o negócio... Aí a gente conversou, aí no ano seguinte ou dois anos depois...não sei...quando a gente foi reestruturar esse currículo...ai a gente começou a deixar um pouco mais livre...Fechamos por semestre...então deixava um pouquinho mais livre...pro professor poder trabalhar...Aí se ele quer fazer...dois meses de basquete ou dois meses de vôlei...porque de repente os alunos gostam muito de vôlei...ou se ele quer inverte principalmente por não gostar...para forçar que eles conheçam melhor...então daí deu um pouco mais de liberdade. Mas todo esse currículo dessa segunda fase (2009 a 2012) foi construído com a opinião dos professores. As formações aconteciam quinzenalmente de terça e quarta...quem não podia num dia...ia no outro no horário do HTPC, onde era debatido esse currículo e tudo que era conversado a formadora compilava tudo e aí sim saiu o documento de Educação Física. Então foi um currículo que nós fomos testando...começamos em 2010 e aí a gente foi...a gente ia para as formações...a gente refez...em 2012 foi publicado. E aí agora estão querendo atualizar esse currículo. A gente está fazendo outras estratégias...aprimorando um pouco mais...alguns áreas que não são de domínio comum...lutas, danças...então dá um pouco mais de bagagem para o professor poder trabalhar com essas atividades dentro do currículo.

Elis: Tendo como referência as duas últimas gestões municipais: como se deu o processo da política curricular? E quem participou desse processo? Qual o seu nível de satisfação, quanto a esse documento? Qual o impacto na sala de aula?

P.R: Então inicialmente na primeira parte (2001 a 2008) foi o pessoal da USP que veio pra cá fazer a formação...Então era noturno...se não me engano no Centro de Formação e das que participei não eram separadas por área... Agora de 2010 em diante onde houve a publicação do currículo eram as áreas específicas...Eu me sinto parte, porque era discutido com os professores e o que os professores decidiam era que ia ser feito...Lógico que não existe a unanimidade, mas o que a maioria foi o que foi feito. Da mesma forma quando foi repensado...foi atualizado esse currículo...também foi discutido com os profissionais da área. E pelo que eu escuto isso aconteceu não só na Educação Física, mas em todos os componentes curriculares. Quanto ao nível de satisfação eu aprendi uma coisa no Projeto...que a gente nunca termina o documento...a gente está sempre atualizando...porque a gente está sempre estudando e evoluindo...Então eu acho que o documento é importante...acho que ele é um

norte para os professores...para os professores que estão começando se pegar o currículo ele já sabe o que tem que fazer...como deve proceder nas aulas...Então eu acho que é uma coisa boa...eu não vejo o currículo em momento algum negativo...mesmo no início que ele era um pouco mais engessado...mesmo naquele momento ajudou...e outra é uma forma...não sei é esse o termo...mas é uma forma de você equalizar o trabalho. Tornar o trabalho igual para todo mundo. Então não tem essa que você joga futebol...então você vai trabalhar futebol o ano inteiro, com os alunos tá tudo certo...eu sou jogador de vôlei...eu vou trabalhar vôlei o ano inteiro...não eu sou jogador de vôlei...mas vou ter que trabalhar vôlei...basquete...handball...dança...luta...tem que trabalhar o que está proposto no currículo. Então nesse ponto...não tenho nada contra...muito pelo contrário o currículo só veio ajudar o trabalho do professor...Eu acho que as poucas que você acaba entre aspas impondo certos trabalhos pros alunos...porque se você tem que cumprir o currículo não tem como...vocês querem fazer...aula de dança...não é querem vamos fazer...e acabou...Como? Ai cada professor vai determinar como faz...Então o impacto na sala de aula é esse de vez em quando eles ficam meio assim... “professor nós vamos fazer isso?” Vamos porque eu preciso...eu tenho que prestar contas...e tenho que fazer...Então é uma coisa muito difícil para você colocar...é o que eu sempre falei que a implantação do currículo...ela tem que começar lá embaixo...no 1º ano...Porque daí ele sabe que a Educação Física não é o que ele quer...Assim como Matemática, Português, Ciências...não é o que eu quero ...não adianta querer fazer conta de mais se era de vezes...E o professor não vai perguntar pra mim se eu gosto ou não. Então eu acho que a Educação Física durante muito tempo foi meio que nesse ponto deixada de lado...É muito fazer o que os alunos querem e não o que precisaria ser feito. Mas acho que nesse ponto o currículo veio para ajudar...e é uma forma...que dizer nenhum trabalho que é novo você consegue implantar de uma hora pra outra...é uma coisa lenta, mas que aos poucos os alunos estão se acostumando. Eles já sabem que todo ano eles vão ter algumas aulas de dança...de luta...e como o currículo tem aquele período eles já sabem...o que vai acontecer no primeiro bimestre...e assim sucessivamente...então eles também já sabem o que tem...eles já sabem que quando tem uma coisa não dá pra ter outra...Sobre o formato do currículo...foi feita a encadernação...ele fala sobre o que vai ser trabalhado...nas áreas...ai ele vem com um quadro onde você tem por semestres...o que vai ser trabalhado o que tem que ser contemplado...por ano...então por exemplo...primeiro semestre no 6º ano são jogos de bola com as mãos e luta...então o que você pode trabalhar paralelo a isso tem subtemas para você trabalhar...por exemplo frequência cardíaca...inclusão de alunos no esporte, enfim são subtemas que podem ser trabalhos com esses conteúdos. São detalhadas também as expectativas de aprendizagem para serem atingidas por meio desses conteúdos...Então você tem uma série de expectativas, para quando você vai montar sua unidade didática vai te facilitar...Então eu acho que é uma coisa bem completa. E tem também sugestões de atividades para serem feitas com os alunos. Então você pega lá o primeiro semestre como eu falei “Jogos de bola com as mãos”...então você vai fazer queimada...queimada por queimada...com esse jogo se aprende a desviar da bola, tem que ter agilidade, você aprende arremessar, o que vai facilitar mais diretamente no handball, porque o arremesso da queimada é

praticamente o mesmo do handball. Então você acaba ligando algumas brincadeiras e jogos diferentes ao esporte propriamente dito. Então é fazendo essas ligações não só por exemplo com o handball, mas realizar a queimada...diferentes tipo de queimadas...e dali você vai chegando com o jogo de handball...para finalizar a unidade com o jogo de handball. É quando você pode colocar algumas regras, conforme a idade 6º, 7º, 8º, 9º ano você vai dificultando o grau...Então não é porque você põe basquete, vôlei e handball no 6º ano e os mesmos jogos no 9º que você vai trabalhar exatamente a mesma coisa...Para cada ano você tem expectativas diferentes para serem atingidas...e é isso que deixa o currículo mais completo...facilitando o nosso trabalho.

Elis (Preâmbulo): Em sua opinião porque o município não apostilou o ensino?

P.R: Acho que não teve interesse...eu sinceramente eu não sei o porquê que eles não apostilaram...foi levantada essa possibilidade...agora eu não sei porque...Olha eu sou a favor, mas eu já escutei de vários colegas que são contra...eles acham que a apostila vai só direcionar o trabalho...tem que trabalhar só aquilo...não te dá liberdade...Eu acho que não é por aí...a apostila vai ser um norte...como é o currículo para você trabalhar...De repente com exercícios mais específicos, com textos mais direcionados...Eu não sei até que ponto se apostila é ruim ou não...Eu particularmente acho...penso se a apostila fosse ruim grandes escolas particulares não estariam usando a tantos anos...e aí eu falo de escolas conhecidas nacionalmente...Então eu acho que apostila é um livro direcionado...o que precisa só direcionar é o que vai fazer...então se vai ter apostila e livro...não começar projetos no meio do caminho que acabam atrapalhando...o trabalho feito com o currículo...e isso está acontecendo em duas disciplinas importantes para os alunos... Português e Matemática...pegaram um projeto só que o Prof. de Matemática por exemplo...ele tem que parar a aula dele para poder aplicar esse projeto. Agora inclusive questioneei a supervisora...o que é mais importante...o aluno sair com o conteúdo todo... que está saindo do 9ºano e indo pro Ensino Médio ele tem que ter o conteúdo finalizado ou abrir mão do conteúdo para ele poder fazer uma revisão...porque esse projeto nada mais é do que uma revisão do que ele já teve... E é assim ele faz dois ou três capítulos e tem uma prova...eu não sei qual é a importância disso. Porque gastaram o dinheiro comprando o projeto? Comprassem mais tarde para começar a aplicar no início do ano e assim sim, o professor teria que se moldar para conciliar o projeto com o currículo... e não agora no final do ano chega...tem que fazer, pronto e acabou...Então eu acho que isso dificulta...mas eu não sou contra o método apostilado.

Elis: Como você avalia o impacto das ações implementadas nas últimas gestões municipais, para avançar na valorização dos profissionais da escola?

P.R: Olha eu acho particularmente que eu como profissional...eu me valorizei...através das formações, de todo estudo que a gente faz...do próprio projeto que eu participei...onde eu evolui bastante o meu

trabalho...trouxe isso depois pra sala de aula...eu acho isso muito legal...Mas acho que ainda falta um pouquinho não só aqui, mas no país inteiro a valorização do profissional...do professor como profissional...ai a gente não tem...Tem várias ações...vários trabalhos em cima o professor para valorizar e melhorar o trabalho dele. Agora a valorização e reconhecimento desse trabalho...ainda não teve. Como eu falei anteriormente a gente faz todas essas formações se não tem ninguém acompanhando...como garantem que eu tô colocando em prática isso...e o município tem muitos professores de Educação Física. Como é que sabem se o que está sendo feito, o dinheiro que foi gasto com formador...com material para formação...para distribuição de currículo para professor...está sendo realmente útil? Está sendo realmente empregado? A gente conhece profissionais que entregam, mas será que todos fazem isso...Então eu acho que precisa ter um pouco mais de acompanhamento de todo esse trabalho feito. A gente tá falando aqui de 10 anos...mais de 10 anos de trabalho...de formação...então alguma coisa os professores evoluíram...Mas será que entenderam e estão realmente fazendo o trabalho...do jeito que deve ser feito? Ou não? Ou é que nem aluno entendeu. Entendi! Ai vira as costas...o que ele falou? Então é só isso que eu acho...falta um pouquinho mais de acompanhamento...para ter certeza que tudo aquilo que foi feito, que foi investido...está dando retorno.

Elis: Como você a Educação Física...ela evoluiu nesses anos? Mudou?

P.R: Eu acho que sim...mudou...inclusive os profissionais novos eles são mais abertos, para tudo isso que está sendo feito...porque é trabalhoso...você estudar...você fazer a unidade didática...você colocar as expectativas...você pensar em como você vai avaliar aluno...o que você vai avaliar do aluno ...se a sua atividade contempla o que você está querendo avaliar...se contempla as suas expectativas... E o pessoal mais antigo é contra isso...Como eu falei no começo...tem muitos que não querem nem preencher o diário de classe ...você acha que vai fazer tudo isso? Então fica difícil...nesse ponto...Eu acho que o pessoal que está vindo mais novo...não sei se eles já estão tendo isso na faculdade ...estão aceitando de uma forma mais fácil...Então a tendência do trabalho é melhorar...Assim como eu falei...com os alunos tem que começar lá debaixo...Acho que com os professores é a mesma coisa...Não adianta você pegar um professor que de repente a vida inteira “rolou a bola” e nunca ninguém falou nada... E de repente agora você vai fazer isso...isso...ele não vai fazer...vai arrumar uma briga danada e ele não vai fazer. Mas eu acho que no geral a tendência é evoluir e o trabalho é lógico vai trazer resultados melhores para os alunos.